

A LONGA
E SOMBRIA
HORA DO CHÁ
DA ALMA



SEGUNDO LIVRO DA
SÉRIE Dirk Gently

DOUGLAS
ADAMS



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**A LONGA
E SOMBRIA
HORA DO CHÁ
DA ALMA**

Star Books Digital

The logo features a teal-colored graphic element resembling an open book or a stylized bracket positioned beneath the text. To the right of this graphic, there are two small, solid-colored squares: a purple one and a pink one.



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não

era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

A LONGA
E SOMBRIA
HORA DO CHÁ
DA ALMA



DOUGLAS
ADAMS



Título original: *The Long Dark Tea-Time of the Soul*



Copyright © 1988 por Serious Productions Ltd.
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução

Fabiano Morais

preparo de originais

Gabriel Machado

revisão

Rebeca Bolite e Suelen Lopes

diagramação

DTPPhoenix Editorial

capa

Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

adaptação para e-book

Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A176L

Adams, Douglas, 1952-2001

A longa e sombria hora do chá da alma [recurso eletrônico] / Douglas Adams;
tradução de Fabiano Morais. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: The long dark tea-time of the soul
Sequência de: Agência de investigações holísticas dirk gently
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-560-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

16-31278

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Jane

capítulo 1

Não deve ser por acaso que nenhuma língua do planeta tenha criado a expressão “tão belo quanto um aeroporto”.

Aeroportos são feios. Alguns, muito feios. Outros atingem um nível de feiura que só pode ser resultado de um esforço consciente. Como estão cheios de pessoas cansadas, mal-humoradas e que acabaram de descobrir que suas malas foram parar em Murmansk (o aeroporto de Murmansk é a única exceção conhecida a essa regra no geral infalível), arquitetos de todo o mundo buscaram refletir isso em seus projetos.

Quiseram destacar o ar de cansaço e mau humor com formas agressivas e cores enervantes, para que seja mais fácil separar para sempre o viajante de sua bagagem ou dos entes queridos; confundi-lo com setas que parecem apontar para janelas, lojas de gravatas distantes ou para a atual posição da Ursa Menor; e sempre que possível expor as instalações hidráulicas, para indicar que estão funcionando, e ocultar a localização dos portões de embarque, supostamente para indicar o contrário.

Perdida em um mar de luzes ofuscantes e poluição sonora, Kate Schechter estava em dúvida.

Essa mesma dúvida a atormentara durante todo o caminho do centro de Londres até o aeroporto de Heathrow. Ela não era uma pessoa supersticiosa, nem mesmo religiosa, mas apenas alguém que não tinha certeza se deveria ou não pegar um voo para a Noruega. Ainda assim, era fácil acreditar que Deus – supondo que Ele existisse e que fosse remotamente possível que qualquer ser divino capaz de determinar a disposição das partículas durante a criação do Universo também estivesse interessado em controlar o tráfego na rodovia – não queria que ela viajasse para a Noruega. Todos os problemas que tivera com as passagens, para encontrar alguém disposto a

cuidar da gata, depois para encontrar a gata para que a vizinha cuidasse dela, então a infiltração repentina no teto, a perda da carteira, o clima, a morte inesperada da vizinha, a gravidez da gata... Tudo parecia um complô que começara a assumir proporções divinas.

Até mesmo o motorista do táxi – quando ela enfim conseguira pegar um – tinha dito:

– Noruega? O que leva alguém a viajar para a Noruega?

Como ela não respondera imediatamente “a aurora boreal!” ou “os fiordes!”, fazendo cara de dúvida e mordendo o lábio, o taxista continuara:

– Aposto que tem algum homem nessa história arrastando você para lá. Quer um conselho? Mande o sujeito pastar. Vá para Tenerife.

Era uma ideia.

Ir para Tenerife.

Ou mesmo para casa, ousara pensar por um segundo fugaz.

Olhando em silêncio pela janela do táxi para o engarrafamento caótico, pensou que, por mais frio que estivesse ali, não era nada se comparado ao frio da Noruega.

Ou ao da sua própria cidade, que estaria tão cercada de gelo quanto a Noruega naquele momento, com gêiseres de vapor nas calçadas pairando no ar gélido e, então, se dissipando entre as escarpas glaciais da Sixth Avenue.

Bastaria uma breve consulta ao itinerário que Kate havia percorrido ao longo dos seus trinta anos para notar que ela, sem dúvida, era uma típica nova-iorquina: passara a maior parte da vida longe da cidade, embora tivesse morado lá certo tempo. Los Angeles, São Francisco, Europa e um período vagando sem rumo pela América do Sul cinco anos antes, depois que Luke, o homem com quem tinha se casado havia pouco tempo, morrera em um acidente enquanto chamava um táxi em Nova York.

Ela gostava de pensar que Nova York era sua cidade e que sentia falta de lá, mas na verdade a única coisa de que realmente tinha saudades era da pizza. E não de qualquer uma, apenas daquelas que eram entregues em casa. Essa era a genuína. Pizzas que obrigavam você a sair, sentar-se a uma mesa e ficar olhando guardanapos vermelhos não eram de verdade, por mais pepperoni e anchovas que colocassem nelas.

Londres era o seu lugar preferido para morar, exceto, é claro, pelo problema das pizzas, que a levava à loucura. Por que ninguém entregava pizza em casa? Como ninguém conseguia entender que parte essencial da

natureza da pizza era que ela fosse entregue à sua porta em uma caixa de papelão ainda quente, para que você a tirasse do papel que absorve a gordura e a comesse em fatias dobradas enquanto via TV? O que havia de tão errado naqueles ingleses arrogantes e preguiçosos para não entenderem esse simples princípio? Por algum estranho motivo, essa era a única frustração que Kate nunca havia aprendido a simplesmente aceitar e deixar para lá, e pelo menos uma vez por mês ficava muito deprimida, pegava o telefone e pedia a maior e mais extravagante pizza do cardápio (uma pizza com pizza extra em cima, basicamente) e então, com toda a delicadeza, perguntava se eles podiam entregar.

- Se podemos o quê?
- Entregar. Vou lhe dar o endereço.
- Não entendi. A senhora vai vir buscar?
- Não. Vocês não fazem entrega? Meu endereço é...
- Ahn... nós não fazemos isso, senhora.
- Não fazem o quê?
- Ahn, entregas...
- Vocês *não fazem entregas*? É isso que você disse...?

A conversa então descambava para uma briga feia que a deixava exausta e trêmula, mas se sentindo muito, muito melhor na manhã seguinte. Em todos os outros aspectos, Kate era uma das pessoas mais dóceis que você poderia conhecer.

Mas aquele dia estava testando seus limites.

Pegara um terrível engarrafamento na autoestrada. Quando as luzes azuis que piscavam ao longe deixaram claro que o motivo tinha sido uma batida mais à frente, Kate havia ficado ainda mais tensa, olhando pela janela oposta até o táxi enfim passar pelo acidente.

Ao chegarem ao destino, o taxista se irritou porque ela não tinha o dinheiro exato e foi somente depois de muito cavoucar nos bolsos da calça apertada que ele conseguiu encontrar o troco. O céu estava carregado e já se ouviam trovoadas, e agora, parada no meio da área de check-in do Terminal 2 do Heathrow, ela não conseguia encontrar o balcão do seu voo para Oslo.

Permaneceu imóvel por alguns instantes, respirando fundo, tentando se acalmar e não pensar em Jean-Philippe.

Ele era, como adivinhara o taxista, o motivo da viagem para a Noruega, mas também a razão de Kate estar convencida de que esse país não era de forma alguma um bom lugar para ela. Pensar em Jean-Philippe fazia sua cabeça girar, então parecia melhor não pensar nele e simplesmente ir para a Noruega como se já estivesse indo para lá de qualquer maneira. Assim, Kate ficaria muito surpresa ao topar com Jean-Philippe em qualquer que fosse o hotel cujo endereço ele anotara no cartão enfiado no bolso lateral da bolsa dela.

Na verdade, ficaria surpresa ao encontrá-lo ali. Era muito mais provável que se deparasse com uma mensagem dizendo que ele fora chamado de repente para a Guatemala, Seul ou Tenerife e que telefonaria para Kate de lá. Jean-Philippe era a pessoa mais ausente que ela já havia conhecido. Nesse sentido, ele era o ápice de uma série de casos amorosos semelhantes. Desde que perdera Luke para o grande Chevrolet amarelo, Kate desenvolvera uma estranha dependência dos sentimentos um tanto vagos despertados por uma sucessão de homens egocêntricos.

Ela tentou afastar tudo isso da mente, chegando até a fechar os olhos por alguns segundos. Desejou que, quando os abrisse, houvesse uma placa à sua frente com os dizeres “Não seja cega, vá para a Noruega”, que ela seguiria sem nunca mais precisar pensar no assunto ou em qualquer outra coisa. Era assim que supostamente começavam as religiões, refletiu Kate, retomando sua linha de raciocínio anterior, e devia ser por esse motivo que tantas seitas zanzavam pelos aeroportos em busca de novos fiéis, pois sabiam que ali as pessoas estavam em seu momento mais vulnerável e perplexo, dispostas a aceitar qualquer tipo de orientação.

Kate abriu os olhos e, naturalmente, ficou desapontada. Mas, logo em seguida, houve uma brecha momentânea em meio ao grande fluxo de alemães emburrados com inexplicáveis camisas polo amarelas que passava por ali, oferecendo-lhe um vislumbre do balcão de check-in para Oslo. Jogando seu porta-vestidos por sobre o ombro, ela se encaminhou para lá.

Havia apenas uma pessoa à sua frente na fila para o balcão, mas, ao que parecia, estava tendo, ou criando, problemas.

Era um homem grande, com um porte impressionante, mas também definitivamente estranho, e Kate não sabia como lidar com ele. Na verdade, ela não saberia nem dizer o que havia de estranho nele, apenas sentiu-se inclinada a não incluí-lo na lista de coisas em que precisava pensar no

momento. Lembrou-se de ter lido em uma matéria que a unidade central de processamento do cérebro humano tinha apenas sete registros de memória, logo, se você mantivesse sete assuntos na mente ao mesmo tempo e então pensasse em outro, um antigo seria descartado de imediato.

Kate pensou em várias coisas sucessivamente: nas chances de perder o voo; em como aquele dia estava sendo bastante azarado, se é que não se tratava de exagero da parte dela; nos funcionários da companhia aérea, que são de uma grosseria incrível, mesmo mantendo um sorriso simpático no rosto; nas free-shops que poderiam cobrar preços muito mais baixos do que as lojas comuns mas, não se sabia por quê, não faziam isso; numa matéria sobre aeroportos que poderia escrever para uma revista que, talvez, ajudasse a pagar por aquela viagem; na possibilidade de o porta-vestidos machucá-la menos se ela o colocasse no outro ombro; e por fim, completamente a contragosto, em Jean-Philippe, que por si só contava como um conjunto completo de no mínimo sete subtópicos.

O homem que discutia à sua frente foi expulso da mente de Kate no mesmo instante.

Só o anúncio no alto-falante da última chamada para o seu voo a Oslo foi capaz de forçar sua atenção de volta à situação em que se encontrava.

O homem corpulento estava criando problemas porque o assento que fora reservado para ele não era de primeira classe. Logo se descobriu o motivo: ele na verdade não tinha uma passagem para a primeira classe.

O ânimo de Kate se enroscou em posição fetal no fundo do seu peito e ficou ali, grunhindo baixinho.

Então, revelou-se também que o homem na frente dela não tinha passagem alguma, e a discussão passou a variar de forma aleatória e raivosa entre tópicos, tais como a aparência física da atendente no balcão de check-in; suas qualidades pessoais; teorias sobre seus antepassados; especulações sobre o que o futuro poderia reservar para ela e a companhia aérea para qual trabalhava; e finalmente, por puro acaso, o auspicioso tema do cartão de crédito do homem.

Ele não tinha cartão nenhum.

Mais bate-boca, dessa vez devido ao fato de a companhia aérea não aceitar cheques.

Kate lançou um longo olhar assassino para o seu relógio.

– Com licença – interveio ela. – Isso ainda vai demorar muito? Preciso pegar o avião para Oslo.

– Estou resolvendo o problema deste senhor aqui – disse a garota. – Só um segundo que eu já falo com a senhora.

Kate assentiu, deixando educadamente que um segundo se passasse.

– É só que o voo já está partindo – continuou. – Tenho apenas uma mala, trouxe minha passagem, estou com o lugar reservado. Vai levar em torno de trinta segundos. Detesto interromper, mas detestaria ainda mais perder meu voo por causa de trinta segundos. E estou falando de trinta segundos de verdade, não de trinta segundos do tipo “só um segundo”, que poderiam nos prender aqui a noite inteira.

A atendente voltou todo o brilho do seu gloss para Kate, mas, antes que ela pudesse falar, o homem se virou e o efeito do seu rosto foi um tanto desconcertante.

– Eu também quero ir para Oslo – disse ele em uma voz nórdica lenta e irritada.

Kate o encarou. Ele parecia totalmente deslocado no aeroporto; ou melhor, o aeroporto parecia totalmente deslocado ao redor dele.

– Bem – falou ela –, pela maneira como estamos presos aqui, parece que nenhum de nós dois vai conseguir. Será que não podemos resolver isso? Qual é o impasse?

A atendente abriu seu sorriso simpático e morto e respondeu:

– A companhia aérea não aceita cheques, é uma política da empresa.

– Ora, mas eu aceito – retrucou Kate, batendo seu próprio cartão de crédito sobre o balcão. – Pague a passagem deste senhor com este cartão e eu aceitarei um cheque dele. Combinado? – acrescentou ela para o homenzarrão, que a encarava com uma expressão vagarosa de surpresa.

Os olhos dele eram grandes, azuis, davam a impressão de já terem visto um monte de geleiras ao longo da vida. Pareciam extraordinariamente arrogantes e também perplexos.

– Combinado? – repetiu ela com firmeza. – Meu nome é Kate Schechter. Dois C, dois H, dois E e também um T, um R e um S. Desde que estejam todas as letras aí, o banco não vai criar caso quanto à ordem em que apareçam. Eles mesmos nunca sabem direito.

Muito lentamente, o homem inclinou um pouco a cabeça para ela em uma abrutalhada medida de agradecimento. Ele lhe agradeceu por sua

gentileza, cortesia e alguma palavra em norueguês que Kate não entendeu. Disse que fazia muito tempo que não via algo parecido, que ela era uma mulher valorosa, algum outro termo norueguês, e então que lhe devia um favor. Por fim, depois de uma pausa, acrescentou que não tinha um talão de cheques.

– Tudo bem! – exclamou Kate, decidida a não se deixar abalar.

Ela pegou uma caneta no balcão, escreveu algo num pedaço de papel que tirou da bolsa e o entregou para o homem.

– Este é o meu endereço; me envie o dinheiro. Penhore seu casaco de pele se for necessário. Apenas envie o dinheiro para mim, ok? Por incrível que pareça, vou confiar em você.

O homenzarrão pegou o papel, leu as poucas palavras com muita lentidão, dobrou-o com todo o cuidado e guardou-o no bolso do casaco. Em seguida, tornou a fazer uma ligeira medida para ela.

Kate percebeu de repente que a garota do check-in estava aguardando em silêncio por sua caneta para preencher o formulário do cartão de crédito. Kate a devolveu com irritação, entregou-lhe sua própria passagem e se obrigou a assumir uma postura de calma gélida.

Os alto-falantes anunciaram a partida do voo deles.

– Posso ver seus passaportes, por gentileza? – pediu a garota sem a menor pressa.

Kate lhe entregou o dela, mas o homenzarrão confessou que não tinha um passaporte.

– Você *o quê?* – exclamou Kate.

A atendente ficou imóvel, fitando um ponto qualquer do balcão, esperando que alguém agisse. Aquilo não era problema dela.

O homem repetiu, furioso, que não tinha um passaporte. Gritou e esmurrou o balcão com tanta força que ele ficou ligeiramente amassado.

Kate pegou sua passagem, seu passaporte e seu cartão de crédito, tornando a jogar o porta-vestidos por sobre o ombro.

– Essa é a minha deixa – falou, afastando-se.

Sentia que fizera todos os esforços humanamente possíveis para pegar seu voo, mas não era para ser. Deixaria uma mensagem para Jean-Philippe avisando que não iria encontrá-lo, e ele também afirmaria que não poderia vê-la. Ao menos dessa vez os dois estariam ausentes.

Por enquanto, iria apenas esfriar a cabeça. Primeiro compraria um jornal, depois um café. Apesar de ter seguido as placas corretas, não conseguiu encontrar nenhum dos dois. Em seguida, foi incapaz de achar um telefone que funcionasse e resolveu desistir de vez do aeroporto. Apenas saia, disse a si mesma, chame um táxi e volte para casa.

Ela refez o caminho de volta pela área de check-in e, logo antes de chegar à saída, por acaso olhou de volta para o balcão que a havia derrotado – bem a tempo de vê-lo ser lançado para o teto, engolido por uma bola de fogo laranja.

Caída sob uma pilha de escombros, em agonia, mergulhada na escuridão e sufocada pela poeira, tentando sentir os membros, enfim Kate ficou aliviada ao constatar que não tinha sido exagero seu: aquele de fato não era um dia bom. Enquanto pensava nisso, desmaiou.

capítulo 2

As pessoas de sempre tentaram assumir a responsabilidade. Primeiro o IRA, depois a OLP e a empresa fornecedora de gás. Até a companhia estatal de combustíveis nucleares se apressou a emitir um comunicado afirmando que a situação estava totalmente sob controle, que o risco era de um em um milhão, que mal havia vazamento de material radioativo e que o local da explosão daria um ótimo lugar para passear com as crianças ou fazer um piquenique, antes de finalmente ser obrigada a admitir que aquilo não tinha nada a ver com ela.

Não foi descoberta nenhuma causa para a explosão.

Parecia ter ocorrido espontaneamente, por vontade própria. Explicações foram apresentadas, mas a maioria delas consistia em frases que reafirmavam o problema com palavras diferentes, dentro do mesmo princípio que trouxera ao mundo a expressão “fadiga dos metais”. Na verdade, uma expressão muito semelhante foi cunhada para justificar a transição súbita de madeiras, metais, plásticos e concreto para uma condição explosiva: “exasperação estrutural catastrófica não linear”. Em outras palavras – numa declaração de um jovem ministro na TV na noite seguinte, que assombraria o político pelo resto da sua carreira –, o balcão de check-in simplesmente “ficou de saco cheio de estar no lugar onde estava”.

Como em todas as catástrofes do gênero, o cálculo estimado de vítimas variou bastante. Começou em 47 mortos e 89 com ferimentos graves, subiu para 63 mortos e 130 feridos e, por fim, elevou-se até 117 mortos antes de os números serem revisados e baixados novamente. Depois que todas as pessoas foram identificadas, as estatísticas finais revelaram que ninguém tinha morrido. Algumas poucas vítimas estavam hospitalizadas devido a

cortes, escoriações e graus diversos de traumatismo, mas isso era tudo, a não ser que alguém soubesse de uma pessoa que estivesse de fato desaparecida.

Esse era outro aspecto inexplicável da situação. A força da explosão havia sido suficiente para reduzir grande parte da frente do Terminal 2 a escombros, mas todos no edifício tiveram muita sorte, ou foram protegidos da queda de um pedaço de alvenaria por outro, ou então o impacto tinha sido absorvido por suas bagagens. No fim das contas, pouquíssimas malas sobreviveram à tragédia. Muitos questionamentos surgiram no Parlamento, mas nenhum deles era muito interessante.

Kate Schechter ficou alguns dias alheia a tudo isso, ou a qualquer coisa que estivesse acontecendo no seu exterior.

Ela passou esse tempo todo em um mundo particular, no qual estava cercada até onde sua vista alcançava por baús cheios de memórias que ela vasculhava com grande curiosidade e, às vezes, espanto. Ou melhor, pelo menos dez por cento dos baús estavam repletos de lembranças vívidas, e muitas vezes dolorosas ou desconfortáveis, de sua vida passada; nos outros noventa por cento, para sua surpresa, só havia pinguins. À medida que se dava conta de que aquilo não passava de um sonho, percebeu que estava explorando seu inconsciente. Ouvira dizer que os humanos usam apenas cerca de dez por cento do cérebro, e que ninguém sabia ao certo para que servia todo o restante, mas sem dúvida ninguém aventara a hipótese de ser usado para armazenar pinguins.

Pouco a pouco, os baús, as lembranças e os pinguins começaram a ficar indistintos, brancos e turvos, então semelhantes a paredes brancas e turvas, até se tornarem paredes que eram apenas brancas, ou melhor, amareladas, de um branco-sujo, esverdeado, e que confinavam Kate em um quarto pequeno.

O cômodo estava na penumbra. Um abajur se encontrava aceso, mas fora ajustado para irradiar uma luz fraca. O brilho de um poste na rua entrava pelas cortinas cinzentas, formando padrões amarelados na parede oposta. Vagamente, Kate tomou consciência do vulto do próprio corpo deitado debaixo do lençol branco e do cobertor bem estendido. Ficou olhando para si mesma por alguns instantes, aflita, conferindo se estava tudo no lugar antes de se arriscar a mexer alguma parte. Testou a mão direita, que lhe pareceu normal. Um pouco dura e dolorida, mas todos os

dedos reagiram e tudo parecia ter o comprimento e a grossura corretos, além de dobrar nos lugares e direções adequados.

Experimentou um momento de pânico quando não conseguiu localizar de imediato sua mão esquerda, mas então a encontrou pousada sobre a barriga, incomodando-a de uma maneira estranha. Precisou se concentrar por alguns segundos para organizar uma série de emoções perturbadoras e perceber que havia uma agulha presa ao seu braço por um curativo. Isso a abalou bastante. Um tubo transparente, longo e fino serpenteava, emitindo um brilho amarelado por conta da luz do poste, e pendia em uma ligeira espiral de uma bolsa plástica pendurada em um suporte alto de metal. Kate foi tomada momentaneamente pelo medo ao se ver diante daquele aparato, mas, em meio à penumbra, conseguiu decifrar as palavras “solução de glicose a 5%” escritas na bolsa. Obrigou-se a se acalmar e ficou imóvel na cama por alguns instantes antes de dar continuidade a sua investigação.

O tórax parecia intacto. Dolorido e sensível, sim, mas nada acentuado que sugerisse fraturas. O quadril e as coxas doíam e estavam rígidos, mas tampouco exibiam ferimentos graves. Flexionou os músculos da perna direita e depois os da esquerda. Estava quase certa de que torcera o tornozelo esquerdo.

Em outras palavras, pensou Kate, estava tudo perfeitamente bem com ela. Então o que fazia naquele lugar que, a julgar pelo tom insalubre da tinta nas paredes, era um hospital?

Sentou-se na cama, impaciente, e no mesmo instante se viu outra vez na companhia dos pinguins por alguns divertidos minutos.

Quando recobrou a consciência, foi um pouco mais cuidadosa e ficou sossegada na cama, sentindo-se um tanto enjoada.

Revirou com cuidado suas lembranças do ocorrido. Era tudo obscuro e indistinto, e voltava a ela em ondas nauseantes e oleosas, como o mar do Norte. Destroços protuberantes saltavam da massa nebulosa e se juntavam lentamente, formando um aeroporto irritante, que lhe dava dor de cabeça. No meio dele, pulsando como uma enxaqueca, estava a memória de uma explosão de luz rodopiante.

De repente, ficou muito claro para ela que a área de check-in do Terminal 2 do aeroporto de Heathrow tinha sido atingida por um meteorito. Recortado contra o clarão, estava o vulto do casaco de pele do homenzarrão, que devia ter absorvido todo o impacto da catástrofe, sendo reduzido

instantaneamente a uma nuvem de átomos enfim livres para irem aonde bem entendessem. A ideia provocou um tremor profundo e terrível em seu corpo. Por mais enervante e arrogante que ele tivesse sido, Kate simpatizara com o homem. Havia uma estranha nobreza em sua teimosia perversa. Ou talvez, percebeu, ela gostasse de pensar que era nobre porque isso a relacionava às suas próprias tentativas de pedir pizza em um mundo alienígena, hostil e sem entregas. Criar caso diante das mais triviais inevitabilidades da vida podia até ser chamado de nobreza, mas havia outras palavras para isso.

Kate sentiu uma onda repentina de medo e solidão, mas que passou logo; em questão de instantes, sentia-se muito mais calma, relaxada e com vontade de ir ao banheiro.

Segundo seu relógio, mal passavam das três da tarde, mas, de acordo com todo o resto, era noite. Ela deveria chamar uma enfermeira e informar ao mundo que tinha recobrado a consciência. Por uma janela na parede lateral do quarto, podia ver um corredor mal iluminado com uma maca e um cilindro de oxigênio preto e alto, mas nada além disso. O silêncio dominava.

Correndo os olhos pelo quarto, viu duas cadeiras de aço e vinil à espreita nas sombras e um armário e um criado-mudo brancos de madeira compensada. A mesinha ostentava uma pequena fruteira com uma banana solitária. Do outro lado da cama, encontrava-se o suporte para o soro. Uma placa de metal estava afixada à parede desse lado, contendo dois botões pretos e fones de ouvido antigos de baquelita. Um fio conectado a uma campainha se enroscava no pilar lateral da cabeceira da cama. Kate chegou a segurá-lo, mas decidiu não puxá-lo.

Ela estava bem. Podia andar sozinha.

Lentamente, um pouco zozna, apoiou-se nos cotovelos, deslizou as pernas para fora das cobertas e pousou os pés no chão, que estava frio. Percebeu quase no mesmo instante que não deveria fazer isso, pois todas as partes dos seus pés lhe enviavam sinais de alerta que descreviam nos mínimos detalhes a sensação de tocar cada centímetro do chão, como se ele fosse uma coisa estranha e preocupante com a qual jamais tivessem se deparado. Mesmo assim, ela ficou sentada na beirada da cama e obrigou seus pés a aceitarem o chão; era algo com que simplesmente teriam que se acostumar.

O hospital colocara nela uma roupa larga e listrada que lembrava um saco. Após se olhar com mais atenção, decidiu que, na verdade, se tratava de um saco, de algodão, com listras azuis e brancas e aberto nas costas, deixando entrar a brisa noturna gelada. Mangas largas inúteis iam até a metade dos braços. Moveu-os sob a luz, avaliando a pele, esfregando-a e beliscando-a, especialmente ao redor do curativo que mantinha a agulha presa. Em geral, seus braços eram flexíveis e sua pele, firme e suave. Naquela noite, entretanto, mais pareciam pedaços de frango. Passou alguns instantes alisando os antebraços com a mão sem o soro, então tornou a erguer a cabeça, determinada.

Agarrou o suporte da bolsa. Como ele oscilava um pouco menos do que ela, Kate conseguiu usá-lo para se levantar devagar. Ficou parada ali, trêmula. Passados alguns segundos, afastou o suporte, segurando-o à distância de um braço dobrado, como um pastor com seu cajado.

Não tinha conseguido ir para a Noruega, mas pelo menos estava de pé.

O suporte do soro saiu deslizando com as quatro rodinhas independentes e travessas, que se comportavam como quatro crianças aos berros em um supermercado, mas, ainda assim, Kate conseguiu conduzi-lo até a saída à sua frente. Andar aumentava sua tontura, mas também sua determinação de não ceder a ela. Chegou à porta, abriu-a e, empurrando o suporte para fora, contemplou o corredor.

À sua esquerda, portas vaivém com janelas circulares, que pareciam levar a uma área mais ampla, uma enfermaria aberta, talvez. À sua direita, uma série de portas menores ao longo do corredor, que seguia adiante por alguns metros até fazer uma curva abrupta. Uma dessas entradas devia ser a do banheiro. Mas e as outras? Bem, ela só saberia se procurasse pelo banheiro.

As duas primeiras eram armários. A terceira dava num recinto um pouco maior contendo uma cadeira e, provavelmente, era considerado um cômodo, já que a maioria das pessoas não gosta de sentar dentro de armários, nem mesmo enfermeiras, que precisam fazer um monte de coisas que a maioria das pessoas detestaria fazer. Havia também uma pilha de copos de isopor, um monte de creme para café semicongelado e uma cafeteira muito antiga, tudo em cima de uma mesinha, ensopando tristemente um exemplar do jornal *Evening Standard*.

Kate pegou o papel escurecido e úmido para tentar reconstituir parte dos dias que havia perdido. No entanto, como sua tontura dificultava a leitura (além disso, o fato de as páginas do jornal estarem grudadas e empapadas não ajudava), tudo que ela conseguiu compreender foi que não se sabia ao certo o que acontecera. Parecia que ninguém ficara gravemente ferido, mas a funcionária de uma das companhias aéreas continuava desaparecida. A classificação oficial do incidente era catástrofe natural ou “ato divino”.

Boa, Deus, pensou Kate.

Ela largou o que restava do jornal e saiu, fechando a porta.

A próxima que experimentou conduzia a outro quarto pequeno como o seu. Nele também havia um criado-mudo com uma banana solitária em uma fruteira.

A cama estava ocupada. Ela puxou a maçaneta de volta depressa, mas não o suficiente. Algo estranho tinha chamado sua atenção, porém não conseguia dizer o quê. Ficou parada ali com a porta entreaberta, fitando o chão, sabendo que não deveria olhar de novo, mas com a certeza de que acabaria por olhar mesmo assim.

Com cautela, tornou a abrir a porta.

O cômodo estava frio, na penumbra. A temperatura não lhe dava um bom pressentimento em relação ao ocupante. Ela se pôs a ouvir. O silêncio também não lhe parecia nada bom. Não soava como um sono profundo saudável, mas como um silêncio que continha nada além de um barulho de trânsito distante.

Hesitou durante um bom tempo, sua silhueta destacada pela luz no umbral, observando e ouvindo. Ponderou sobre o vulto do enfermo e se ele estava sentindo frio com apenas aquele cobertor fino para aquecê-lo. Ao lado da cama, havia uma pequena cadeira de aço e vinil soterrada por um casaco de pele enorme e pesado. Kate pensou que seria melhor se ele estivesse estendido sobre a cama e seu gélido ocupante.

Por fim, andando da forma mais suave e cautelosa possível, atravessou o quarto até a cama. Deteve-se, encarando o grande homem nórdico. Apesar de estar com os olhos fechados, ele franzia um pouco a testa, como se algo ainda o preocupasse bastante. Essa imagem deixou Kate infinitamente triste. Em vida, o homem tivera o ar de alguém atormentado por dificuldades gigantescas, embora um tanto insondáveis, e o fato de ter encontrado coisas além dessa vida que também o aborreciam era lamentável.

Kate ficou pasma ao notar seu corpo ileso. A pele não exibia um só arranhão. Era áspera e saudável – ou, pelo menos, estivera saudável até muito recentemente. Uma análise mais atenta revelou uma trama de rugas finas que sugeriam que ele não tinha apenas 30 e poucos anos, como Kate imaginara. Talvez até fosse um homem à beira dos 50 anos, saudável e em ótima forma.

Ao lado da porta havia algo inusitado: uma grande máquina de Coca-Cola. Não parecia ter sido instalada ali, pois não estava ligada na tomada e trazia um pequeno adesivo informando estar temporariamente fora de serviço. Passava a impressão de ter sido largada ali sem querer por alguém que agora zanzava pelo hospital perguntando-se em que quarto a havia deixado. Seu painel vermelho com desenhos brancos ondulantes lançava seu olhar vidrado para o cômodo sem oferecer explicações. A única coisa que a máquina comunicava para o mundo exterior era que havia uma fenda onde moedas de diversos valores poderiam ser inseridas, bem como uma abertura pela qual variadas latas poderiam ser entregues se o aparelho estivesse funcionando. Via-se também uma marreta de aparência antiga recostada no equipamento, o que por si só já era estranho.

Kate sentiu o início de uma tonteira, e o quarto começou a rodopiar um pouco, os baús em sua mente se agitando de forma ruidosa.

Então ela percebeu que o barulho não era apenas fruto da sua imaginação. Um som perceptível reverberava pelo quarto: parecia vir de algo pesado batendo e raspando, como um farfalhar abafado. Ele oscilava de acordo com o vento, mas em seu estado de confusão e vertigem, a princípio Kate não soube definir sua origem. Foi então que seu olhar pousou nas cortinas. Encarou-as com o rosto franzido, como um bêbado tentando entender por que a porta estava dançando. Kate se encaminhou com passos incertos até elas e as abriu. Uma águia enorme com círculos desenhados nas asas se debatia contra a janela, fitando o interior do quarto com enormes olhos amarelos, bicando alucinadamente o vidro.

Kate cambaleou para trás, virou-se e tentou sair do quarto. No fim do corredor, as portas com janelas circulares se abriram e dois vultos as atravessaram. Mãos vieram em sua direção enquanto ela se enredava no suporte do soro e começava a girar devagar rumo ao chão.

Quando a deitaram de volta na cama, Kate já estava inconsciente. Meia hora depois, continuava assim. Uma figura perturbadoramente baixa

vestindo um jaleco branco preocupantemente longo apareceu, retirou o homenzarrão em uma maca de rodinhas e retornou após alguns minutos para buscar a máquina de Coca-Cola.

Kate acordou horas depois com um sol invernal entrando pela janela. O dia parecia muito tranquilo e comum, mas ela ainda tremia.

capítulo 3

Mais tarde, o mesmo sol atravessou as janelas do andar de cima de uma casa no norte de Londres, atingindo um homem que dormia em paz.

O quarto em que ele estava era amplo e desarrumado e não se beneficiou muito dessa invasão de luz repentina. O sol se arrastou devagar pelos lençóis e cobertores, como se temesse o que poderia encontrar entre eles, esgueirou-se pela lateral da cama, passou um tanto espantado por alguns objetos espalhados pelo chão, brincou agitadamente com algumas partículas de poeira, iluminou por uns instantes um morcego empalhado pendurado no canto do quarto e fugiu.

Essa aparição era o máximo que o sol se dignava a fazer ali, e durou cerca de uma hora. Durante todo esse tempo, a figura adormecida mal se mexeu.

Às onze da manhã, o telefone tocou e o homem não se mexeu, da mesma forma que não reagira aos toques às vinte e cinco para as sete, às vinte para as sete, às dez para as sete e depois por mais dez minutos consecutivos a partir das cinco para as sete, caindo em seguida em um longo e significativo silêncio, abalado apenas pelo uivo das sirenes de polícia em uma rua vizinha por volta das nove, pela entrega de uma grande espineta de teclado duplo do século XVIII por volta das nove e quinze e pela coleta do instrumento por oficiais de justiça pouco após as dez. Isso não era nada incomum: as pessoas interessadas estavam habituadas a encontrar a chave debaixo do capacho, e o homem na cama costumava dormir durante o processo. Você provavelmente não diria que ele dormia o sono dos justos, mas era justo o sono de alguém que não estava para brincadeira quando se enfiara debaixo das cobertas na noite anterior e apagara a luz.

O quarto não era do tipo que elevava a alma. Luís XIV – um exemplo aleatório – não teria gostado dele: o acharia pouco ensolarado e sem o número suficiente de espelhos. Teria ordenado que alguém apanhasse as meias do chão, guardasse os discos no lugar e talvez tacasse fogo em tudo. Michelangelo ficaria incomodado com as proporções do recinto, que não eram sublimes e tampouco possuíam qualquer tipo de harmonia ou simetria internas, apesar de todas as partes do cômodo estarem igualmente entulhadas de canecas de café velho, sapatos e cinzeiros transbordando, sendo que muitos desses objetos agora partilhavam funções. As paredes eram pintadas quase no mesmo tom de verde; se o renascentista Rafael fosse obrigado a usar essa cor em suas pinturas, preferiria arrancar a mão direita com os próprios dentes. Hércules, por sua vez, se visse o quarto, provavelmente sairia dali para voltar meia hora depois trazendo um rio inteiro para limpar aquela imundície. Ou seja, era uma pocilga, e com certeza continuaria assim enquanto estivesse sob o poder do Sr. Svlad “Dirk” Gently, nascido com o sobrenome Cjelli.

Por fim, Gently se mexeu.

Os lençóis e os cobertores estavam bem enrolados em volta da sua cabeça, mas, de algum lugar na metade da cama, uma mão surgiu devagar, tateando o chão. Habituada ao trajeto, contornou sem problemas uma tigela de algo muito nojento largada ali desde o dia da Aparição de São Miguel Arcanjo, até topar enfim com um maço pela metade de Gauloises sem filtro e uma caixa de fósforos. Os dedos pegaram um cigarro e a caixa e começaram a abrir caminho pelos lençóis enrolados no topo da cama, como um mágico puxando um lenço do qual pretende libertar um bando de pombas.

O cigarro foi enfim introduzido no orifício e aceso. Durante alguns instantes, a própria cama parecia fumar com tragadas profundas. Depois de um longo e ruidoso acesso de tosse, que sacudiu a cama inteira, seu ocupante começou a respirar de forma mais ritmada. E foi dessa maneira que Dirk Gently recobrou a consciência.

Ele ficou algum tempo deitado, esmagado por uma preocupação e uma culpa terríveis que lhe pesavam sobre os ombros. Desejou poder se esquecer daquilo, e teve sucesso imediatamente. Levantou-se da cama e, poucos minutos depois, estava descendo as escadas.

A correspondência sobre o capacho da entrada consistia no de sempre: uma carta grosseira ameaçando cancelar seu cartão American Express, outra oferecendo o mesmo cartão, e algumas contas altamente históricas e fora da realidade. Ele não conseguia entender por que insistiam em enviá-las. O simples custo de envio lhe parecia um bom dinheiro jogado no lixo. Balançou a cabeça, espantado com a malévola incompetência do mundo, jogou os envelopes fora, entrou na cozinha e se aproximou com cautela da geladeira.

Ela se encontrava no canto.

A cozinha era ampla e estava imersa em uma penumbra densa que a luz acesa não ajudou a reduzir, apenas lhe dando um tom amarelado. Dirk se agachou diante da geladeira e examinou com atenção a beirada da porta. Encontrou o que procurava. Na verdade, encontrou mais do que procurava.

Quase no pé da porta, ao longo da fresta estreita que a separava do corpo da geladeira, junto à faixa cinza de borracha isolante, havia um fio de cabelo. Ele estava preso com saliva seca. O próprio Dirk o havia colocado ali três dias antes e conferido várias vezes se continuava no lugar. O que não esperava encontrar era um segundo fio.

Ele franziu a testa, alarmado. Um *segundo* fio?

Estava preso como o primeiro, só que perto do topo da geladeira. Mas não fora ele que o colocara ali. Dirk olhou mais de perto, chegando até a abrir as velhas persianas das janelas da cozinha para lançar um pouco mais de luz sobre a cena.

O sol entrou como uma tropa de policiais dando uma dura, algo que teria abalado qualquer um com alguma sensibilidade estética. Como a maioria dos cômodos na casa de Dirk, a cozinha era grande, ameaçadora e totalmente caótica. Ela desdenhava, com um risinho irônico, de qualquer pessoa que tentasse arrumá-la, afastando-a como se fosse a pequena pilha de moscas mortas que jaziam debaixo da janela, em cima de um monte de caixas de pizza velhas.

A luz revelou a verdadeira natureza do segundo fio de cabelo: grisalho na raiz e tingido com um tom forte de laranja metálico. Dirk crispou os lábios e se pôs a refletir sobre aquilo. Não precisou pensar muito para concluir a quem pertencia o fio – apenas uma pessoa cuja cabeça parecia ter sido usada para extrair óxidos de metal de lixo industrial entrava com

frequência na cozinha –, mas ele se viu forçado a considerar seriamente as implicações da descoberta.

Isso significava que o conflito tácito entre ele e a faxineira havia chegado a um novo e assustador nível. Pelos cálculos de Dirk, agora fazia três meses que a porta da geladeira não era aberta, e ambos estavam determinados a não ser a primeira pessoa a abri-la. A geladeira já não estava apenas parada no canto da cozinha: ela se mantinha à espreita. Dirk se lembrava perfeitamente do dia em que essa mudança ocorrera. Tinha sido cerca de uma semana antes, quando ele tentou usar um truque simples para enganar Elena – esse era o nome da velha louca, que ele gostava de pronunciar como “Elina”, para rimar com “faxina”, porém não apreciava mais isso – e fazê-la abrir a porta da geladeira. O subterfúgio fora contornado com astúcia e quase saíra pela culatra.

Ele recorrera à estratégia de ir à mercearia mais próxima e comprar alguns mantimentos. Nada fora do comum: leite, ovos, bacon, duas musses de chocolate e manteiga. Ele os deixara inocentemente em cima da geladeira como se dissesse: “Ah, quando tiver um tempinho, será que você poderia guardar essas compras na geladeira...?”

Quando voltou naquela noite, seu coração saltou no peito ao ver que os produtos já não estavam no mesmo lugar. Tinham desaparecido! Não apenas colocados de lado ou em uma prateleira, mas sumido de vista. Ela devia ter enfim capitulado, guardando-os. E sem dúvida teria limpado o eletrodoméstico depois de abri-lo. Pela primeira e única vez, seu coração se encheu de ternura e gratidão pela faxineira, e ele estava prestes a escancarar a porta em um gesto de alívio e triunfo quando seu oitavo sentido (da última vez que os contara, Dirk calculara que tivesse onze) o alertou para ter muito, muito cuidado e refletir primeiro se Elena de fato colocara os produtos desaparecidos na geladeira.

Uma dúvida inominável perturbava sua mente enquanto ele se aproximava em silêncio da lata de lixo debaixo da pia. Prendendo a respiração, abriu a tampa e olhou.

Ali, aninhados nas dobras do saco de lixo preto recém-trocado, jaziam os ovos, o bacon, as musses e a manteiga. Duas garrafas de vidro estavam lavadas e alinhadas ao lado da pia, onde seu conteúdo supostamente tinha sido despejado.

Ela se livrara do leite.

Em vez de abrir a porta da geladeira, Elena jogara a comida no lixo. Ele se virou lentamente para encarar aquele monólito branco, sujo e atarracado, e foi nesse exato instante que percebeu, sem sombra de dúvida, que a geladeira começara a espreitar de seu canto.

Preparou um café forte e se sentou, tremendo um pouco. Não tinha sequer olhado diretamente para a pia, mas sabia que, de forma inconsciente, devia ter notado as duas garrafas de leite limpas ali, o que alarmara alguma parte ativa da sua mente.

No dia seguinte, empenhou-se em justificar tudo aquilo para si mesmo. Ele estava ficando paranoico sem necessidade. Só podia ter sido um descuido inocente da faxineira. O mais provável é que estivesse distraída, preocupada com o ataque de bronquite, mau humor ou frescura de seu filho, ou seja lá o que a impedisse regularmente de aparecer para trabalhar ou de fazer alguma diferença caso aparecesse. Outra hipótese era que, por ser italiana, tivesse confundido sua comida com lixo.

Mas o detalhe do cabelo havia mudado tudo. Isso estabelecera que ela sabia muito bem o que estava fazendo. Não abriria aquela geladeira sob nenhuma hipótese, a não ser que Dirk a abrisse antes – e a recíproca era verdadeira.

Elena não vira o fio dele, pois a estratégia mais eficaz teria sido arrancá-lo dali, fazendo-o pensar que ela abria a porta. Agora, Dirk deveria tirar o cabelo dela, na esperança de aplicar o mesmo golpe, mas sabia que isso não daria certo e que os dois estavam presos naquela espiral cada vez mais sufocante, que os levaria à loucura ou à perdição.

Imaginou se não seria melhor contratar alguém para abrir a geladeira.

Não. Ele não estava em condições de contratar ninguém para fazer nada. Havia três semanas, não tinha sequer condições de pagar Elena. Só não a mandara embora ainda porque demissões implicam acertar o que se deve à outra pessoa, algo que ele não tinha como fazer. Sua secretária enfim fora embora por conta própria para trabalhar em algum cargo condenável no ramo de turismo. Dirk tentara zombar do fato de ela ter preferido a monotonia de um contracheque à...

– A *garantia* de um contracheque – corrigira a secretária, com toda a calma do mundo.

– ... à realização profissional.

Ela quase dissera “no lugar de *quê?*”, mas percebera que, se fizesse isso, teria que ouvir a resposta dele, o que fatalmente a enfureceria a ponto de iniciar uma discussão. A secretária percebera pela primeira vez que a única maneira de escapar era não se deixar atrair para um desses embates. Era só não retrucar dessa vez e estaria livre para partir. Ela arriscara. Sentira uma liberdade repentina. Partira. Uma semana depois, ainda no mesmo estado de espírito, casou-se com um comissário de bordo chamado Smith.

Dirk derrubara a mesa da secretária com um chute, depois tivera que levantá-la sozinho, já que ela não retornara.

Ultimamente, o ramo de investigações particulares estava tão agitado quanto uma tumba. Ao que parecia, ninguém queria investigar nada. Para se manter, ele passara a ler mãos em sessões noturnas às quintas-feiras, mas não se sentia confortável fazendo esse trabalho. Até poderia ter suportado a humilhação odiosa e abjeta, afinal, já se habituara a ela em outras circunstâncias – além disso, estava bem disfarçado em sua pequena tenda no quintal dos fundos do pub. Mas Dirk não tolerou porque era absurdamente bom. Ele se odiava por causa disso. Fez de tudo ao seu alcance para enganar as pessoas, mentir para elas, ser ruim naquilo de forma intencional e cínica, porém, por mais que tentasse injetar falsidade em suas leituras, sempre fracassava e acabava por se mostrar certo.

O pior momento de todos foi o resultado da leitura de uma pobre mulher de Oxfordshire que o visitara certa noite. Sentindo-se um pouco maldoso, Dirk havia sugerido à mulher que ficasse de olho no marido, que, a julgar pela linha do matrimônio na mão dela, parecia ter certa tendência a sumir do mapa. O que ele não esperava era que seu marido fosse, na verdade, um piloto de caça e que seu avião tivesse desaparecido em um exercício sobre o mar do Norte apenas duas semanas antes.

Dirk ficou transtornado e procurou tranquilizá-la, sem sucesso. Disse que tinha certeza de que o marido voltaria para ela no momento adequado, que tudo ficaria bem, e assim por diante. A mulher respondeu, um tanto mordaz, que isso não lhe parecia muito provável, uma vez que o recorde mundial de sobrevivência no mar do Norte era de menos de uma hora; portanto, como não havia sinal do marido fazia duas semanas, era um tanto fantasioso imaginar que ele não tivesse batido as botas. E ela estava tentando se habituar à ideia, muito obrigada.

Dirk então perdeu todo o controle e começou a delirar.

Falou que a leitura das mãos dela deixava muito claro que a grande quantia de dinheiro que a mulher receberia em breve não serviria de consolo para a perda do seu muito amado marido, mas que talvez ficasse mais tranquila ao saber que ele tinha partido para aquele grande não sei o quê no céu, que estava flutuando lá na mais macia e branca das nuvens, muito bonito com seu novo par de asas. Dirk se desculpou por dizer tanta bobagem, mas a mulher o havia pegado desprevenido. Por acaso ela gostaria de um chá, de uma vodca ou, talvez, de uma sopa?

A cliente recusou polidamente e revelou que tinha entrado na tenda por engano; estava, na verdade, procurando o banheiro. Mas o que ele comentara mesmo sobre dinheiro?

– Tolice minha – afirmou Dirk. Ele estava em maus lençóis, ainda mais tendo que manter aquele falsete o tempo todo. – Fui inventando à medida que falava. Por favor, aceite minhas mais sinceras desculpas por ter me intrometido de forma tão canhestra em seu luto e deixe-me acompanhá-la até, ahn, ou melhor, mostrar à senhora onde fica o... bem, o que diante das atuais circunstâncias só posso chamar de lavatório, que fica logo à esquerda ao sair da tenda.

Dirk se sentira arrasado com esse encontro, e então horrorizado poucos dias depois ao descobrir que, na manhã seguinte, a mulher recebera a informação de que havia ganhado 250 mil libras na loteria. Ele passou várias horas daquela noite em pé no telhado da sua casa, brandindo o punho contra o céu escuro e gritando “Pare com isso!”, até um vizinho reclamar com a polícia que não conseguia dormir. A polícia enviou uma viatura escandalosa que acabou acordando o restante da vizinhança.

Agora, Dirk estava sentado na cozinha, olhando desanimado para a geladeira. O entusiasmo obstinado de que geralmente dependia para tocar seu dia tinha sido sugado dele logo nas primeiras horas da manhã por todo aquele imbróglio com o eletrodoméstico. Sua força de vontade estava tolhida, enredada por um único fio de cabelo.

O que precisava, concluiu Dirk, era de um cliente. Por favor, Deus, pensou, se existe algum deus, qualquer deus, traga um cliente para mim. Um cliente simples, quanto mais simples, melhor. Ingênuo e rico. Alguém como o sujeito do dia anterior. Ele tamborilou na mesa.

O problema era que, quanto mais ingênuo fosse o cliente, mais Dirk se sentia desonesto lá no fundo da sua boa índole, que vinha constantemente à tona para constrangê-lo nos momentos mais inapropriados. Dirk estava sempre ameaçando derrubar sua boa índole no chão e se ajoelhar com força sobre a sua traqueia, mas ela normalmente vencia disfarçando-se de culpa e autodepreciação, fazendo-o beijar a lona.

Ingênuo e rico. Só para Dirk poder pagar algumas, ou talvez só uma, das suas dívidas mais exorbitantes. Acendeu um cigarro. A fumaça subiu em espiral sob a luz da manhã, pairando junto ao teto.

Como o sujeito do dia anterior...

Ele se deteve.

O sujeito do dia anterior...

O mundo prendeu o fôlego.

Lentamente, sem alarde, ele foi invadido pela certeza de que, em algum lugar, algo pavoroso estava acontecendo. Alguma coisa estava muito errada.

Uma tragédia o rondava em silêncio, esperando que ele a notasse. Sentiu pontadas nos joelhos.

Por puro hábito, Dirk estava pensando que precisava de um cliente. Era o que sempre pensava àquela hora da manhã, mas se esquecera de um pequeno detalhe: ele já tinha um.

Olhou alucinadamente para o relógio – quase onze e meia. Balançou a cabeça para tentar silenciar o zumbido em seus ouvidos, então deu um salto histérico para apanhar o chapéu e o grande sobretudo de couro pendurados atrás da porta.

Quinze segundos depois, tinha saído de casa, cinco horas atrasado, mas indo a toda a velocidade.

capítulo 4

Alguns minutos depois, Dirk parou para decidir qual seria a melhor estratégia a ser adotada. Em vez de chegar com cinco horas de atraso e desconcertado, seria melhor chegar com cinco horas e mais alguns minutos de atraso, porém triunfantemente no comando da situação.

“Queira Deus que eu não esteja muito adiantado!”, seria uma boa frase de abertura, mas ele também precisaria dizer logo em seguida algo tão bom quanto, e não sabia o que poderia ser.

Talvez economizasse algum tempo se voltasse para pegar o carro, mas o lugar não era longe e, além disso, ele tinha uma forte tendência a se perder quando dirigia. Isso se devia em grande parte ao seu método de condução “zen”, que consistia simplesmente em escolher qualquer carro que parecesse saber para onde estava indo e segui-lo. No geral, era mais comum que acabasse se surpreendendo em vez de ter sucesso, mas Dirk julgava valer a pena por conta das poucas vezes em que as duas coisas aconteceram.

Para completar, nem sabia se o seu carro estava funcionando. Era um Jaguar com certa idade, produzido naquele período muito especial da história da companhia em que se faziam carros que precisavam estacionar para ser consertados com mais frequência do que para reabastecer, e muitas vezes tinham que descansar por meses entre uma saída e outra. De uma coisa, no entanto, Dirk tinha certeza: o carro estava sem gasolina e não havia dinheiro ou cartões válidos para encher o tanque.

Portanto, abandonou essa linha de raciocínio, que lhe parecia totalmente infrutífera.

Parou para comprar jornal enquanto pensava melhor na situação. O relógio na banca marcava 11h35. Droga, droga, droga. Ele brincou com a ideia de abandonar o caso. Dar meia-volta e esquecer totalmente o assunto.

Ir almoçar. Aquilo tudo era um poço de complicações, de qualquer maneira. Ou melhor, havia uma complicação em especial, que era não cair na gargalhada. Nada fazia o menor sentido. O cliente era obviamente louco e Dirk não teria sequer cogitado aceitar o caso se não fosse por um detalhe muito importante: 300 libras por dia, mais despesas.

O cliente tinha concordado com esse valor sem pestanejar. E quando Dirk começara seu discurso habitual sobre como seus métodos, por envolverem a interconexão fundamental de todas as coisas, muitas vezes geravam despesas que poderiam parecer, aos olhos de um leigo, não ligadas ao problema em questão, o homem descartara as preocupações como irrelevantes. Dirk gostava disso em um cliente.

A única exigência dele, em meio a esse arroubo quase sobre-humano de condescendência, era que Dirk precisava estar lá, obrigatoriamente, funcional e alerta, sem falta e sem o menor sinal de atraso, às seis e meia da manhã. Em ponto.

Bem, o cliente teria que ser razoável quanto a isso também. Seis e meia da manhã era um horário absurdo; obviamente não havia falado sério. Era quase certo que o homem tinha em mente um civilizado meio-dia. Se ele insistisse em criar caso, Dirk não teria escolha senão começar a apresentar algumas estatísticas muito sérias. Ninguém é assassinado antes do almoço. Ninguém. Estava além da capacidade das pessoas. Você precisava de um bom almoço para aumentar os níveis de glicose e de agressividade. Dirk tinha os números para provar.

Anstey... Esse era o nome do cliente, um homem estranho e intenso de uns 35 anos, com olhos penetrantes, uma gravata amarela estreita e dono de um dos maiores casarões da Lupton Street; Dirk não gostara muito dele, na verdade, e achava que o sujeito parecia estar tentando engolir um peixe. Por acaso Anstey sabia que 67 por cento de todos os assassinos conhecidos demonstraram preferência por fígado e bacon no almoço? E que outros 22 por cento se mostraram divididos entre um *biryani* de camarão e uma omelete? Isso descartava 89 por cento da ameaça de uma só vez e, se descontássemos os comedores de salada e de sanduíche de peito de peru e presunto e começássemos a analisar o número de pessoas dispostas a cometer tal crime sem almoçar absolutamente nada, já entrávamos em valores desprezíveis e que beiravam a fantasia.

Depois das duas e meia, mais próximo das três, era quando você precisava começar a ficar alerta. É sério. Até nos dias bons. Mesmo se não estiver recebendo ameaças de morte de homens gigantescos e estranhos de olhos verdes, após a hora do almoço você precisa ficar atento às pessoas como um falcão. O horário mais perigoso de todos era mais ou menos depois das quatro, quando as ruas começavam a se encher de bandos de editores e agentes em busca de vítimas, enlouquecidos de *fettucine* e *kir*, chamando táxis com uma fúria assassina. Esses eram os períodos que testavam a alma de um homem. Seis e meia da manhã? Esqueça. Dirk já havia esquecido.

Com sua determinação devidamente fortalecida, saiu da banca em direção ao vento cortante da rua e seguiu andando.

– Espero que o senhor pretenda pagar por este jornal, Sr. Dirk – falou o jornaleiro, trotando calmamente atrás dele.

– Ah, Bates – respondeu ele, altivo –, você e suas expectativas... Sempre esperando isto e aquilo. Posso lhe recomendar um pouco de serenidade? Uma vida que carrega o fardo da expectativa é uma vida pesada. Os frutos são a tristeza e a decepção. Aprenda a abraçar a alegria do agora.

– Seriam 20 centavos, senhor – insistiu o homem tranquilamente.

– Vamos fazer o seguinte, Bates, só porque é você. Tem uma caneta para me emprestar? Pode ser uma simples esferográfica.

Bates sacou uma caneta do bolso interno e a entregou para Dirk, que rasgou a ponta do periódico em que o preço estava impresso e escreveu “a pagar” em cima dele. Em seguida, entregou o pedaço de papel para o jornaleiro.

– Devo colocar este com os outros, senhor?

– Coloque-o no lugar que lhe deixar mais alegre, meu caro Bates; eu não poderia desejar outra coisa para você. Por enquanto, adeus, meu bom homem.

– Também espero que o senhor devolva minha caneta, Sr. Dirk.

– Quando o momento for propício para tal transação, meu caro Bates, pode contar com isso. Por ora, ela é necessária para propósitos mais sublimes. Alegria, Bates, grande alegria. Pratique o desapego, Bates, pelo seu próprio bem.

Depois de um último puxão fraco, o homenzinho deu de ombros e arrastou os pés de volta para a banca.

– Espero vê-lo mais tarde, então, Sr. Dirk – falou ele por sobre o ombro, sem entusiasmo.

Dirk fez uma mísera reverência graciosa para as costas do homem, que já se afastava, e seguiu a passos rápidos, abrindo o jornal na página do horóscopo no caminho. “Praticamente tudo que você decidir hoje estará errado”, dizia o horóscopo sem rodeios.

Resmungou, fechando o jornal com raiva. Nem por um instante aceitava a ideia de que grandes pedaços de rocha rodopiantes a anos-luz de distância soubessem algo a respeito do seu dia que você mesmo ignorava. Mas a questão era que “O Grande Zaganga”, um velho amigo que sabia o dia do aniversário de Dirk, sempre escrevia algo em sua coluna com a intenção expressa de irritá-lo. A circulação do jornal passara a ser quase doze vezes menor desde que ele começara a redigir o horóscopo, e só Dirk e o Grande Zaganza sabiam o motivo.

Ele seguiu em frente, folheando rapidamente o jornal. Como sempre, não havia nada de interessante. Um monte de notícias sobre a busca por Janice Smith, a funcionária desaparecida do Heathrow, questionando como ela poderia ter sumido daquele jeito. Publicaram uma última fotografia dela, que a mostrava sentada em um balanço com um rabo de cavalo, aos 6 anos. Havia uma citação do pai, o Sr. Jim Pearce, dizendo que a criança da imagem era bem parecida com a sua filha, mas que ela crescera bastante desde então e geralmente não parecia tão fora de foco. Impaciente, Dirk enfiou o jornal debaixo do braço e continuou andando, os pensamentos voltados para um assunto muito mais intrigante.

Trezentas libras por dia. Mais despesas.

Ele se perguntou por quanto tempo poderia manter o Sr. Anstey refém de seus estranhos delírios de que estava prestes a ser assassinado por uma criatura de 2,15 metros, pelagem desgrenhada, olhos verdes, chifres e que costumava brandir coisas: um contrato redigido em uma língua incompreensível e assinado com sangue, bem como uma espécie de foice. Outra característica marcante desse monstro era que ninguém além do seu cliente tinha conseguido vê-lo – segundo o Sr. Anstey, isso se devia apenas à posição da luz.

Três dias? Quatro? Dirk não se achava capaz de sustentar aquilo por uma semana inteira mantendo uma expressão séria, mas ainda assim já estaríamos falando de algo em torno de mil libras pelo incômodo. Além disso, poderia acrescentar uma geladeira nova à sua lista de despesas aparentemente sem ligação com o caso, mas que eram inegociáveis. Jogar a geladeira velha fora era definitivamente parte da interconexão fundamental de todas as coisas.

Começou a assobiar diante da ideia de chamar alguém para livrá-lo daquele trambolho, virou a esquina na Lupton Street e ficou surpreso ao ver quantas viaturas havia ali. E uma ambulância. Ele não gostou nada daquilo. Não parecia certo. Não combinava nem um pouco com as visões de uma nova geladeira que povoavam a sua mente.

capítulo 5

Dirk conhecia a Lupton Street. Era uma rua larga, ladeada de árvores, com fileiras de casas grandes em estilo vitoriano tardio que se erguiam altas e robustas e não gostavam nada de carros policiais. Quer dizer, não gostavam que aparecessem em grande número, com as luzes piscando. Os moradores dessa rua não tinham nada contra uma elegante viatura solitária, patrulhando com alegria e firmeza – isso mantinha os valores das propriedades alegres e firmes também. Mas, no instante em que começaram a piscar naquele tom apavorante de azul, as luzes não só empalideciam os tijolos salientes e bem-feitos, mas também os valores representados por eles.

Rostos ansiosos olhavam de trás dos vidros das janelas vizinhas, banhados pelas luzes azuis estroboscópicas.

Três viaturas estavam enviesadas na rua de um jeito que transcendia o mero ato de estacionar. A maneira como se encontravam paradas era um sinal inconfundível para o mundo de que a lei estava ali para assumir o controle da situação, e que qualquer pessoa que tivesse assuntos normais, inofensivos e alegres para tratar na Lupton Street deveria simplesmente cair fora.

Dirk subiu a rua às pressas, o suor fazendo a pele pinicar debaixo do sobretudo de couro pesado. Um policial se agigantou à sua frente com os braços abertos, fingindo ser uma barreira de contenção, mas o detetive o afastou com uma enxurrada de palavras para as quais o homem não conseguiu encontrar uma boa resposta imediatamente. Dirk seguiu em direção à casa.

Diante da porta, foi parado por outro policial e estava prestes a brandir um cartão de crédito vencido da Marks & Spencer, girando o punho com um gesto ágil que tinha treinado por horas diante do espelho nas longas

noites em que não havia nada de interessante passando na TV, quando foi surpreendido:

– Seu nome por acaso é Gently?

Dirk pestanejou, desconfiado. Soltou um pequeno grunhido que poderia significar tanto “sim” quanto “não”, dependendo das circunstâncias.

– É que o chefe está procurando pelo senhor.

– Ah, é? – falou Dirk.

– Eu reconheci o senhor por causa da descrição dele – disse o policial, olhando-o de cima a baixo com um sorrisinho irônico. – Na verdade, ele tem usado seu nome de uma forma que algumas pessoas talvez considerassem bastante ofensiva. Chegou até a despachar Big Bob, o Rastreador, num carro para encontrar o senhor. Suponho que ele não o tenha encontrado, levando em conta que o senhor parece razoavelmente bem. A maioria das pessoas que é encontrada por Big Bob chega bastante abalada. Ainda são capazes de nos ajudar com algumas perguntas, mas não muito mais do que isso. É melhor o senhor entrar. Antes o senhor do que eu – acrescentou ele, baixinho.

Dirk examinou a casa. Embora a residência parecesse bem cuidada, limpa e arrumada de tal forma que denotava luxo, as persianas de pinho cru estavam fechadas, passando um ar de devastação repentina.

Estranhamente, uma música parecia vir do porão, ou melhor, apenas um trecho desconjuntado e pulsante que era repetido sem parar. Era como se a agulha tivesse ficado presa em um arranhão do disco e Dirk se perguntou por que ninguém desligava a vitrola ou pelo menos movia a agulha para que o LP pudesse continuar a tocar. A canção não lhe era estranha e o detetive supôs que a tivesse ouvido no rádio recentemente, embora não conseguisse reconhecê-la. O trecho reproduzido oscilava...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

– É melhor o senhor descer até o porão – falou o policial, impassível, como se fosse a última coisa que alguém com a cabeça no lugar desejasse fazer.

Dirk assentiu de modo brusco e pôs-se a subir os degraus até a porta da frente, que estava entreaberta. Ele sacudiu a cabeça e retesou os ombros para

tentar acalmar o turbilhão em seu cérebro.

Entrou.

O hall sugeria uma prosperidade que se impunha sobre um gosto originalmente talhado por uma vida estudantil. O piso era composto de tábuas de madeira envernizadas com várias camadas de poliuretano, enquanto as paredes brancas ostentavam tapeçarias gregas, das caras. Dirk estaria disposto a apostar – embora talvez não a pagar, caso perdesse a aposta – que uma busca meticulosa pela casa revelaria, entre sabe-se lá quais outros segredos, quinhentas ações da British Telecom e uma coleção de álbuns de Bob Dylan completa até o *Blood on the Tracks*.

Havia outro policial parado no hall. Parecia muito jovem e se encontrava um pouco recostado na parede, fitando o chão com o quepe apoiado na barriga. Seu rosto estava pálido e lustroso. Ele lançou um olhar inexpressivo para Dirk, indicando debilmente as escadas que desciam.

O som repetitivo vinha lá de baixo:

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Dirk tremia com uma raiva que se debatia dentro dele, procurando por algo para espancar ou estrangular. Sua vontade era negar efusivamente que aquilo era culpa sua, mas, até alguém tentar afirmar que era, ele não podia fazer isso.

– Há quanto tempo vocês estão aqui? – perguntou, ríspido.

– Chegamos cerca de meia hora atrás – respondeu o rapaz com uma voz pastosa. – Manhã dos infernos. Uma correria só.

– Não venha me falar de correria – retrucou Dirk, embora a frase não fizesse o menor sentido.

Ele desceu as escadas.

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Na outra extremidade, havia um corredor estreito. A porta principal tinha sido arrombada com violência e pendia das dobradiças. Dirk estava prestes a atravessá-la quando uma figura surgiu lá de dentro, bloqueando seu caminho.

– Odeio o fato de você estar envolvido neste caso – falou –, odeio com todas as minhas forças. Diga-me o que você tem a ver com isso para eu saber

exatamente o que estou odiando.

Dirk olhou espantado para o rosto magro e bem cuidado.

– Gilks?

– Não fique parado aí parecendo um daqueles bichos... Como se chamam mesmo? Aqueles que não são focas, que são muito piores do que focas. Uns bichos grandes e gordos. Peixes-boi. Não fique parado aí com essa cara abobalhada de peixe-boi. Por que aquele... – continuou Gilks, apontando para o recinto atrás dele. – Por que aquele... homem tem o seu nome e telefone em um envelope cheio de dinheiro?

– Quan... – começou Dirk, mas se emendou: – Quanta surpresa! O que você está fazendo aqui, Gilks? Como veio parar tão longe de Fenland? Pensei que não fosse achar este lugar úmido o suficiente para você.

– Tem 300 libras ali – insistiu Gilks. – Por quê?

– Talvez se você me deixasse falar com o meu cliente...

– Seu cliente, é? – indagou Gilks, soturno. – Claro. Tudo bem. Por que não vai falar com ele? Estou interessado em ouvir o que você tem a dizer.

Ele recuou, tenso, e gesticulou para Dirk entrar. O detetive concatenou as ideias e entrou no recinto em um estado de compostura calculada que durou pouco mais de um segundo.

A maior parte do seu cliente estava sentada tranquilamente em uma poltrona confortável em frente ao aparelho de som de alta-fidelidade. A poltrona fora posicionada de modo a oferecer a melhor experiência de áudio possível – a cerca do dobro da distância que separava as caixas de som uma da outra, a distância comumente considerada ideal para ouvir em estéreo.

No geral, ele parecia confortável e relaxado, com as pernas cruzadas e uma caneca de café deixada pela metade na mesinha ao seu lado. O detalhe perturbador, no entanto, era que sua cabeça estava pousada bem no meio do disco que girava na vitrola, o braço da agulha batendo contra o pescoço e sendo forçado a voltar o tempo todo para a mesma faixa. Quando a cabeça dava uma volta completa a cada 1,8 segundos, ela lançava um olhar de reprovação para Dirk, como se dissesse: “Está vendo o que aconteceu porque você não foi pontual como eu pedi?” Então girava em direção à parede, depois o encarava outra vez com mais reprovações.

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

O quarto oscilou um pouco ao redor de Dirk, que apoiou a mão na parede para fazê-lo parar de se mover.

– Você estava fornecendo algum serviço específico para o seu cliente? – perguntou Gilks atrás dele, muito baixinho.

– Ahn, nada importante – respondeu Dirk, com a voz fraca. – Nada que tivesse a ver com isso. Não, ele nunca mencionou, ahn, nada parecido com isso. Bem, como você pode ver, estou muito ocupado, acho melhor pegar os meus honorários e ir embora. Você disse que ele deixou o dinheiro para mim?

Dirk se deixou cair em uma cadeira de madeira que havia atrás de si, quebrando-a.

Gilks o ajudou a se levantar, recostando-o na parede. Saiu do quarto por alguns instantes e voltou com um pequeno jarro d'água e um copo em uma bandeja. Ele serviu um pouco, levou o copo até Dirk e jogou a água na sua cara.

– Melhor agora?

– Não – falou Dirk, cuspiendo. – Será que você pode ao menos desligar a vitrola?

– Isso é trabalho para a perícia. Não posso tocar nada até aqueles espertalhões liberarem a cena. Devem ser eles chegando agora. Vá até o quintal tomar um pouco de ar fresco. Algeme-se ao corrimão e se martirize um pouco, eu também não tenho muito tempo. E tente parecer menos verde, ok? A cor não combina com você.

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Gilks deu meia-volta, parecendo cansado e irritado. Estava prestes a subir as escadas para receber os recém-chegados, cujas vozes vinham do térreo, quando parou e olhou por alguns instantes para a cabeça que girava pacientemente na vitrola.

– Sabe de uma coisa? Esses suicidas exibidos, metidos a espertinhos, me encham o saco. Eles fazem de propósito, só para incomodar.

– *Suicídio?* – indagou Dirk.

Gilks olhou ao redor.

– Janelas protegidas com barras de ferro de quase 2 centímetros de espessura. Porta trancada por dentro com a chave ainda na fechadura.

Móveis empilhados contra ela do lado de dentro. Portas envidraçadas que dão para o quintal fechadas com tranca. Nenhum sinal de túnel. Se foi homicídio, então o assassino deve ter parado para fazer um belo trabalho de reconstrução antes de ir embora. O problema é que toda a massa de vidraceiro nas janelas é velha e pintada por cima. Não, ninguém saiu deste quarto e ninguém o arrombou antes de nós, e estou bem convencido de que nós não o matamos.

Gilks fez uma pausa, então prosseguiu:

– Não tenho tempo para perder com este caso. Foi claramente um suicídio; ele só fez de tudo para parecer impossível. Estou quase enquadrando o falecido por desperdiçar tempo da polícia. Vamos fazer o seguinte... – disse ele, olhando para o relógio. – Você tem dez minutos. Se arranjar uma explicação plausível que eu possa colocar no meu relatório, deixo você ficar com as provas que estão dentro do envelope menos vinte por cento de compensação para mim pelo desgaste emocional que me causou não ter lhe dado um murro na boca.

Por alguns instantes, Dirk ficou na dúvida se deveria ou não mencionar as visitas que seu cliente afirmara ter recebido de um estranho gigantesco, violento, de olhos verdes, peludo, que aparecia regularmente do nada vociferando sobre contratos e obrigações enquanto brandia uma foice afiada de quase um metro. Depois de refletir, achou melhor não.

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Ele enfim estava furioso consigo mesmo. Não tinha sido capaz de ficar adequadamente furioso por conta da morte do cliente porque esse era um fardo muito pesado e terrível para suportar. Mas agora fora humilhado por Gilks e, atordoado e perturbado demais para reagir, conseguiu ficar furioso consigo mesmo.

Deu as costas abruptamente para o seu algoz e seguiu em direção ao quintal para ficar sozinho com sua fúria.

O quintal era uma pequena área cimentada nos fundos que dava para o oeste e era quase desprovida de luz, por ser limitada de um lado pela alta parede da casa e, do outro, pelo muro também elevado dos fundos de algum prédio industrial. No meio dele, sabe-se lá por quê, havia um relógio solar de pedra. Se alguma luz incidisse sobre ele, você saberia que era quase meio-

dia, horário de Greenwich. Na falta disso, alguns pássaros estavam empoleirados. Plantas emburradas jaziam em seus vasos.

Dirk enfiou um cigarro na boca e queimou ferozmente uma de suas pontas.

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Muros bem conservados separavam o quintal dos jardins das casas vizinhas de ambos os lados. O da esquerda era do mesmo tamanho que a parede da casa, enquanto o da direita se estendia um pouco mais, aproveitando o fato de que o prédio industrial acabava justamente onde terminava o muro do terreno ao lado. Tudo parecia muito bem cuidado. Nada grandioso ou espalhafatoso, apenas uma sensação de que tudo estava bem e de que a manutenção das casas não era um problema. A fachada da residência à direita, em especial, dava a impressão de ter sido restaurada havia pouco tempo, bem como as janelas, que pareciam ter sido polidas.

Dirk respirou fundo e ficou olhando por alguns instantes para o que conseguia ver do céu, que estava cinza e enevoado. Um ponto negro solitário rodopiava sob as nuvens. Dirk o observou por alguns instantes, feliz por encontrar outro foco para os seus pensamentos que não fossem os horrores do quarto de onde acabara de sair. Ele percebia vagamente a movimentação dentro do cômodo: pessoas estendendo pedaços de cordão de isolamento, tirando fotos, removendo a cabeça decepada.

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não pegue, não, não pegue, nã...

Não p-

Alguém enfim acabou com aquilo, silenciando a repetição irritante, e agora o burburinho de uma televisão distante pairava, sereno, no ar do meio-dia.

Entretanto, Dirk estava tendo muita dificuldade em assimilar tudo o que ocorrera. No momento, tomava consciência de uma sucessão de pancadas fortes e atordoantes na cabeça, que eram golpes de culpa. Mas não aquele tipo de culpa que se manifestava como um ruído de fundo constante, inerente a qualquer ser humano no fim do século XX – com essa culpa Dirk estava bem habituado a lidar. Na verdade, era uma noção chocante de que “esta coisa terrível aconteceu por minha culpa e de mais ninguém”. Todas as

suas estratégias mentais habituais não o ajudavam a fugir do caminho do enorme pêndulo que o atingia. *Plaft*, vinha o pêndulo outra vez, *vupt*, *plaft*, e de novo, *plaft*, *plaft*, *plaft*.

Tentou se lembrar dos detalhes do que seu falecido cliente (*plaft*, *plaft*) tinha dito (*plaft*) para ele (*plaft*), mas era (*plaft*) praticamente impossível (*plaft*) com toda aquela pancadaria (*plaft*). O homem falara (*plaft*) que – Dirk respirou fundo – estava sendo perseguido (*plaft*) por (*plaft*) um monstro gigantesco, peludo e de olhos verdes armado com uma foice.

Plaft!

Dirk tinha sorriso em seu íntimo ao ouvir isso.

Vupt, plaft, vupt, plaft, vupt, plaft!

E pensara: “Que maluco.”

Vupt, vupt, vupt, vupt, plaft!

Uma foice (*plaft*) e um contrato (*plaft*).

Seu cliente não sabia, na verdade não tinha a menor ideia, a que se referia o contrato.

“Claro que não”, pensara Dirk na ocasião (*plaft*).

Mas tinha a vaga impressão de que poderia estar relacionado com uma batata. A história por trás disso era um pouco complicada (*vupt*, *vupt*, *vupt*).

Dirk assentira com toda a seriedade (*plaft*) e fez um tique tranquilizador (*plaft*) em um bloco que mantinha em cima da mesa (*plaft*) justamente para poder fazer tiques tranquilizadores (*plaft*, *plaft*, *plaft*). Naquele momento, ele se orgulhara de ter dado a impressão de fazer um tique em uma caixinha marcada “Batatas”.

Plaft, plaft, plaft, plaft!

O Sr. Anstey prosseguira, dizendo que explicaria melhor a questão das batatas quando Dirk chegasse para fazer o serviço.

Foi então que Dirk prometera (*plaft*), com toda (*plaft*) a tranquilidade (*plaft*) e abanando a mão despreocupadamente (*plaft*, *plaft*, *plaft*), que estaria na casa do cliente às seis e meia da manhã (*plaft*), pois o contrato (*plaft*) vencia às sete.

Dirk se lembrava de ter feito outro tique em uma caixa marcada “Contrato das batatas vence às sete da manhã” (*pla...*).

Ele não aguentava mais aquela pancadaria. Não podia se culpar pelo que havia acontecido. Bem, podia sim. É claro que podia. E se culpava. Era, de fato, culpa sua (*plaft*). Mas a questão era que, se continuasse fazendo isso, não conseguiria pensar com clareza sobre a situação. Teria que cortar aquela coisa terrível (*plaft*) pela raiz – e, se quisesse estar em condições para tanto, precisava dar um jeito de se livrar (*plaft*) da surra.

Uma enorme onda de raiva o invadia à medida que ele refletia sobre a sua situação calamitosa e sobre a confusão em que estava metido. Odiava aquele quintal bem cuidado. Odiava tudo o que havia ali, desde o relógio de sol, passando pelas janelas pintadas com perfeição, até os telhados terrivelmente bem conservados. Queria colocar toda a culpa na pintura e tirá-la dos seus ombros, culpar as pedras do chão revoltante, aquela maldita e nojenta fachada recém-restaurada.

– Com licença...

– O quê?

Ele virou para trás, apanhado de surpresa por uma voz baixa e educada que se intrometia no seu ataque de fúria particular.

– O senhor tem alguma ligação com o...

A mulher girou de leve a mão para indicar toda a desagradável e horrível atividade policial que estava ocorrendo no porão. Seu pulso exibia um bracelete vermelho que combinava com a armação dos óculos. Ela encarava Dirk por cima do muro da casa à direita, com um ar de ligeiro desagrado aflito.

Dirk a fuzilou com os olhos, sem palavras. Ela parecia ter uns 40 anos e era bonita, com um inconfundível quê de anúncio publicitário.

A mulher suspirou, angustiada.

– Sei que deve ter sido algo terrível e tudo o mais, mas o senhor acha que vai demorar muito? Nós só chamamos a polícia porque o barulho daquele disco estava nos deixando malucos. É tudo um pouco...

A mulher o encarou com uma expressão suplicante e Dirk decidiu que ela poderia ser considerada culpada de tudo, assumir toda a culpa enquanto ele desvendava o mistério. Ela merecia, nem que fosse por usar um bracelete daqueles.

Sem responder, Dirk lhe deu as costas e levou sua fúria de volta para dentro da casa, onde ela começou rapidamente a se cristalizar em algo

implacável e eficiente.

– Gilks! Sua teoria do suicida metido a espertinho... Gosto dela. Concordo que é possível. E acho que sei como esse sacana conseguiu fazer isso. Me dê papel e caneta.

Ele se sentou com um floreio à mesa rústica de cerejeira centralizada na parte dos fundos do quarto e esboçou com agilidade uma série de eventos que envolviam diversos utensílios de cozinha, uma luminária de teto pendente com um peso extra e um timing muito preciso, tudo isso sustentado pelo fato essencial de a vitrola ser japonesa.

– Isso deve agradar os seus colegas da perícia – falou Dirk animadamente para Gilks.

Os outros analisaram o esboço, consideraram seus pontos principais e gostaram do que viram. Era simples e implausível, bem o tipo de coisa que um médico-legista que gostasse de férias em Marbella iria adorar.

– A não ser que – acrescentou Dirk, como quem não quer nada – vocês estejam interessados na hipótese de que o falecido tenha firmado algum tipo de contrato diabólico com uma agência sobrenatural, que acabou de vencer, cujo pagamento foi cobrado.

Os peritos se entreolharam e balançaram a cabeça. Pareciam achar que, com a manhã já quase acabando, esse tipo de conversa só serviria para introduzir complicações desnecessárias em um caso que poderia muito bem já estar resolvido antes do almoço.

Dirk deu de ombros, satisfeito, embolsou sua parte das provas e, meneando a cabeça para se despedir dos policiais, voltou a subir as escadas.

Quando chegou ao hall, ficou repentinamente claro para Dirk que o burburinho de programas de TV que ouvira do jardim tinha sido abafado dentro da própria casa pelo som insistente da agulha presa no disco.

Ficou surpreso ao notar que, na verdade, os sons vinham de algum ponto nos andares superiores da casa. Lançando um breve olhar à sua volta para confirmar que não estava sendo observado, parou ao pé da escada e fitou os degraus acima.

capítulo 6

Os degraus eram acarpetados com uma espécie de material de revestimento requintadamente austero. Dirk os subiu a passos leves, passando por plantas requintadamente mortas em um vaso que enfeitava o primeiro patamar, e examinou os dois quartos: também eram requintados e mortos.

O maior deles era o único que revelava qualquer sinal de uso recente. Estava claro que fora projetado para permitir que a luz da manhã brincasse com as flores arranjadas de forma delicada e com os edredons que tinham um enchimento de algo semelhante a feno, mas pairava a sensação de que meias e lâminas de barbear usadas começavam a tomar conta do recinto. Sentia-se ali uma ausência marcante de algo feminino, como a lacuna deixada por um quadro retirado da parede. Havia uma atmosfera de tensão e tristeza, de coisas que precisavam ser tiradas de baixo da cama e jogadas fora.

O quarto era uma suíte, e o banheiro tinha um disco de ouro na parede oposta à privada, concedido pelas quinhentas mil cópias vendidas do LP *Batata quente*, de uma banda chamada Pugilismo e o Terceiro Cuco Autista. Dirk se lembrava vagamente de ter lido parte de uma entrevista com o líder da banda (que na verdade era uma dupla) em um jornal de domingo. O repórter lhe perguntara sobre o nome do grupo, ao que o músico respondera que havia uma história interessante por trás dele, mas, quando fora contada, não se mostrara nada interessante. “Ele pode significar qualquer coisa que você quiser”, acrescentou o líder, dando de ombros no sofá do escritório do seu produtor em algum lugar da Oxford Street.

Dirk se lembrava de ter visualizado o jornalista assentindo educadamente e anotando a informação. Um nó de repulsa se formara no

estômago do detetive, que ele logo desfez com uma dose de gim.

“*Batata quente...*”, pensou Dirk. Foi então que lhe ocorreu, enquanto olhava para o disco de ouro pendurado em sua moldura vermelha, que o LP sobre o qual a cabeça do falecido Sr. Anstey tinha sido colocada era obviamente aquele. *Batata quente... Não pegue... Não pegue a batata quente?*

O que significava aquilo?

Qualquer coisa que você quiser, pensou Dirk, com desgosto.

Ele ainda recordava que Pain, o líder da banda, afirmara que a letra daquela música era mais ou menos a transcrição de uma conversa que ele ou outra pessoa tinha ouvido em um café, uma sauna, um avião ou coisa parecida. Dirk se perguntara como os interlocutores originais se sentiriam ao ouvir suas palavras nas circunstâncias em que acabara de ouvi-las.

Ele se aproximou para olhar melhor a etiqueta no centro do disco de ouro. Na parte de cima, lia-se apenas “ARRGH!” e, abaixo do título, os compositores estavam creditados: “Paignton, Mulville, Anstey”.

Mulville devia ser o integrante que não era o líder. Provavelmente os rendimentos daquele hit haviam fornecido o dinheiro para Geoff Anstey comprar a casa. Quando dissera que o contrato tinha algo a ver com uma batata, ele imaginara que o detetive soubesse do que se tratava. E Dirk pensara que o cliente estava falando sandices. Era muito fácil supor que alguém que falava sobre monstros de olhos verdes com foices também soltasse maluquices ao mencionar batatas.

Dirk suspirou, profundamente aflito. Incomodava-o a precisão com que o quadro estava pendurado na parede. Ele o ajustou um pouco para que ficasse em um ângulo menos perfeito e mais humano. Isso fez com que um envelope deslizesse de trás da moldura. Dirk tentou apanhá-lo no ar antes que caísse no chão, sem sucesso. Com um resmungo, agachou-se para pegá-lo.

Era um envelope relativamente grande, cor de creme, feito de um papel pesado, de qualidade, rasgado de qualquer jeito em uma das pontas e fechado de volta com fita adesiva. Na verdade, parecia ter sido aberto e lacrado várias vezes, com diversas camadas de fita, uma impressão confirmada pela quantidade de destinatários escritos – cada qual riscado com força e substituído por outro.

O último a recebê-lo fora Geoff Anstey. Pelo menos Dirk acreditava ser o último, pois o seu nome era o único que não tinha sido riscado. Analisou os outros, tentando desvendá-los.

Alguns que ele mal conseguia discernir evocavam certas lembranças, mas precisaria examinar o envelope muito mais de perto. Desde que se tornara detetive, queria comprar uma lupa, mas sempre acabava deixando para outra hora. Também não tinha um canivete, então decidiu, relutante, que o mais prudente seria enfiar o envelope em um dos bolsos do sobretudo e investigá-lo mais tarde, quando tivesse privacidade.

Deu uma rápida olhada atrás da moldura para conferir se ela não ocultava mais nenhuma surpresa, mas ficou desapontado. Saiu do banheiro e voltou a explorar a casa.

O outro quarto estava bem arrumado, mas sem alma. Sem uso. Uma cama de pinho, um edredom e uma cômoda velha e surrada que fora revitalizada ao ser mergulhada em um tanque de ácido eram suas principais atrações. Dirk fechou a porta e pôs-se a subir a pequena escada branca e instável que levava ao sótão, de onde vinham os sons de um desenho do Pernalonga.

No topo dela havia um patamar minúsculo. Num dos lados ficava um banheiro tão apertado que só se podia usá-lo permanecendo do lado de fora, enfiando lá dentro apenas o membro que você quisesse usar. A porta estava entreaberta por causa de uma mangueira verde enfiada na torneira de água fria da pia e que saía do banheiro, atravessava o patamar e entrava no único cômodo no topo da casa.

Era um sótão com um teto tão inclinado que uma pessoa de altura mediana só conseguiria ficar ereta em algumas partes do ambiente.

Encurvado diante da porta, Dirk analisou o recinto, apreensivo em relação ao que poderia encontrar ali. No geral, tinha um aspecto sujo. As cortinas estavam fechadas e pouca luz adentrava o local, de modo que o cômodo era iluminado pelo brilho oscilante do coelho do desenho. Uma cama desarrumada com lençóis úmidos e revolvidos estava encaixada sob um ponto particularmente baixo do teto. Parte das paredes e dos trechos quase verticais do teto estavam cobertos de fotos de revistas recortadas de modo grosseiro.

Não parecia haver nenhum tema em comum ou propósito subjacente. Além de uma ou outra imagem de carros de luxo alemães e de algumas

propagandas antigas de sutiã, havia uma fotografia rasgada de um pudim de frutas, parte de um anúncio de seguro de vida e outros fragmentos aleatórios que aparentavam ter sido escolhidos e arranjados com uma indiferença bovina, sem atenção a qualquer sentido que as imagens pudessem ter ou efeito que pudessem surtir.

A mangueira se enroscava pelo chão e dava a volta pela lateral de uma poltrona velha posicionada em frente à televisão.

O coelho se debatia. O brilho de seus movimentos brincava nos braços puídos da poltrona. Pernalonga lutava com os controles de uma aeronave que estava caindo do céu. De repente, ele viu um botão que dizia “piloto automático” e o pressionou. Um armário se abriu e um piloto-robô saiu lá de dentro, analisou brevemente a situação e caiu fora. O avião continuou a despencar rumo ao solo, mas, por sorte, seu combustível acabou antes da colisão e o coelho se salvou.

Dirk também podia ver, ali, o topo de uma cabeça.

O cabelo era escuro, desgrenhado e seboso. Ele o examinou por um bom tempo, apreensivo, antes de entrar lentamente no sótão para verificar ao que a cabeça estava presa, se é que estava. Quando contornou a poltrona, seu alívio foi um pouco abalado pela imagem do corpo vivo a que ela se conectava.

Afundado na poltrona, achava-se um menino.

Devia ter 13 ou 14 anos e, embora nada em sua aparência física indicasse que estivesse doente, definitivamente não estava bem. Seu cabelo caía sem vida, a cabeça pendia inerte sobre os ombros e ele se enroscava na poltrona como se tivesse sido jogado ali de um trem em movimento. Vestia apenas uma jaqueta de couro barata e um saco de dormir.

Dirk ficou olhando para ele.

Quem era aquele menino? O que uma criança fazia ali em cima vendo TV numa casa em que alguém acabara de ser decapitado? Ele sabia o que tinha acontecido? Gilks sabia a respeito dele? O outro detetive nem se dera o trabalho de subir até o sótão? Eram, afinal, vários lances de escada para um policial ocupado com um suicídio traiçoeiro nas mãos.

Depois que Dirk já estava ali havia uns vinte segundos, o menino ergueu os olhos para ele, não deu nenhum sinal de registrar minimamente sua presença e voltou a fixar sua atenção no coelho.

Dirk não estava habituado a causar um impacto tão insignificante nas pessoas. Chegou a conferir se trajava o enorme sobretudo de couro e o chapéu vermelho absurdo e se seu vulto estava devidamente recortado de forma dramática contra a luz que vinha da porta.

Invadido por um desânimo momentâneo, começou a falar “Ahn...”, mas não conseguiu chamar a atenção do menino. Dirk não gostava nada daquilo. O menino estava usando a TV para ignorá-lo de forma maliciosa. Franziu a testa, com a sensação de que uma tensão fumegante crescia no sótão, como se o ar ali ficasse mais carregado e sibilante, deixando-o sem ação. A tensão foi aumentando até ser rompida de repente por um clique abrupto que fez Dirk pular de susto.

O menino se desenroscou como uma cobra lenta e gorda, inclinou-se para o lado por sobre o braço oposto da poltrona e fez alguns procedimentos complexos que Dirk não conseguia ver, mas que percebia agora envolverem uma chaleira elétrica. Quando voltou à sua posição esparramada original, trazia na mão direita uma tigela de plástico com uma gororoba fumegante de aparência borrachuda, que se pôs a comer.

O coelho terminou o que tinha para fazer, dando lugar a um comediante que queria que os espectadores comprassem uma determinada marca de cerveja simplesmente porque ele estava mandando.

Dirk sentiu que era hora de causar uma impressão um pouco melhor. Deu um passo adiante, colocando-se bem no centro do campo de visão do menino.

– Garoto – falou em um tom de voz que esperava ser firme, porém gentil, e nem um pouco condescendente, afetado ou rude –, preciso saber quem...

Antes que pudesse terminar, foi distraído pela visão que sua nova posição lhe oferecia. Do outro lado da poltrona havia duas caixas de papelão grandes pela metade, uma de macarrão instantâneo, outra de barras de chocolate, além de uma pirâmide de latas de refrigerante meio derrubada. Também podia ver a ponta da mangueira, que tinha um redutor de vazão feito de plástico, com a óbvia finalidade de reabastecer a chaleira.

A princípio, Dirk iria perguntar ao menino quem ele era, mas notou seus traços inegavelmente familiares. Estava claro que era filho do decapitado Geoffrey Anstey. Talvez aquele comportamento fosse apenas sua maneira de

lidar com o choque. Ou talvez o garoto de fato não soubesse o que havia acontecido. Ou talvez...

Dirk nem queria pensar.

Na verdade, estava tendo dificuldade em pensar claramente com aquela televisão ao lado, que tentava, em nome de uma marca de pasta de dente, deixá-lo preocupado com algumas coisas que talvez acontecessem dentro da sua boca.

– Olha, detesto perturbá-lo neste que com certeza é um momento muito difícil e doloroso, mas antes de tudo preciso saber se você está ciente de que é um momento muito difícil e doloroso.

Nada.

Muito bem, pensou Dirk, hora de pegar mais pesado. Ele se apoiou na parede, enfiou as mãos nos bolsos como se dissesse “ok, se é assim que você quer”, fitou o chão com gravidade por alguns instantes, então ergueu a cabeça de supetão e olhou firme bem dentro dos olhos do menino.

– Tenho que lhe dar uma notícia, garoto... – falou ele, seco. – Seu pai está morto.

Isso talvez pudesse ter funcionado se, naquele exato instante, não tivesse começado a passar um comercial muito popular e já bem antigo. Aos olhos de Dirk, parecia um exemplo particularmente extraordinário do gênero.

A sequência de abertura mostrava o anjo Lúcifer sendo expulso do paraíso e jogado nas profundezas do inferno, onde então ficava em um lago de fogo até um demônio passar e lhe oferecer um refrigerante chamado *sHades*. Lúcifer pega a lata e experimenta a bebida. Ele dá uma longa golada, vira para a câmera, coloca óculos de sol Porsche Design e diz: “Agora, *sim*, estou pegando fogo!” Em seguida, deita para se bronzear com o brilho das brasas incandescentes que o envolvem.

Nesse momento, uma voz ridiculamente grave e gutural com sotaque americano, que soava como se tivesse ela própria vindo das profundezas do inferno, ou pelo menos de um bar subterrâneo no SoHo ao qual queria voltar o quanto antes para ficar de molho até a próxima gravação, falava: “*sHades*, uma bebida dos infernos...” A lata então girava um pouco para ocultar a inicial “s”, mostrando apenas “*Hades*”.

A teologia do anúncio parecia um pouco confusa, refletiu Dirk, mas o que era um tiquinho a mais de imprecisão em uma peça publicitária tão

hilariante?

Lúcifer olha para a câmera uma última vez e diz: “Esse negócio *caiu do céu...*” Então, para o caso de o espectador ainda estar totalmente anestesiado por tudo aquilo, o plano de abertura de Lúcifer caindo do céu era repetido por alguns segundos para enfatizar o trocadilho.

O menino teve sua atenção capturada pelo comercial, por isso Dirk se agachou entre ele e a tela.

– Ei, você...

O menino esticou o pescoço para olhar por cima do detetive. Teve que reorganizar seus membros na poltrona para conseguir fazer isso enquanto continuava a se empanturrar de macarrão instantâneo.

– Ei – insistiu Dirk.

Ele corria sério risco de perder o controle da situação. O menino não estava meramente vidrado na tela: era como se nada mais fizesse sentido, ou mesmo existisse. Dirk era apenas um objeto sem rosto na frente da televisão. O garoto não parecia lhe querer mal; só desejava que ele parasse de tapar a TV.

– Olha, podemos desligar isso só um instante? – falou Dirk, tentando não soar muito irritado.

O menino não respondeu. Talvez tivesse retesado os ombros, talvez fosse só um dar de ombros. Dirk se virou e não conseguiu descobrir qual botão devia pressionar para desligar o aparelho. Todo o painel de controle parecia dedicado ao simples propósito de manter a si mesmo ligado; não havia nada que dissesse “liga” ou “desliga”. No fim das contas, tirou a TV da tomada e se virou para o menino, que quebrou seu nariz.

Dirk sentiu o septo sendo esmagado pelo impacto da testa do garoto enquanto os dois caíam para trás em cima do televisor, mas o barulho do osso quebrando, bem como seu próprio grito de dor, foi engolido pelos urros coléricos que brotavam da garganta do menino. Dirk se debatia inutilmente para tentar se proteger da fúria do ataque, mas o garoto estava em cima do detetive, com o cotovelo no olho dele, os joelhos golpeando primeiro sua caixa torácica, depois seu queixo e, por fim, seu nariz já traumatizado, atropelando-o na ânsia de religar a TV. O menino então voltou a se acomodar na poltrona e ficou observando, com um olhar sombrio e transtornado, a imagem ser restabelecida.

– Você poderia ter pelo menos esperado o noticiário começar – falou ele com uma voz arrastada.

Dirk o encarou, boquiaberto. Estava enroscado no chão, as mãos aninhando o nariz que sangrava, fitando perplexo aquela criatura monstruosamente apática.

– Hummfff... fffmmm.... uugh! – protestou ele, mas então desistiu por alguns instantes, enquanto tateava o nariz para determinar a extensão do estrago.

Havia sem dúvida uma parte solta que estalava de forma aflitiva entre os seus dedos, e toda a estrutura parecia ter assumido de repente uma forma terrivelmente desconhecida. Pegou um lenço do bolso e o levou ao rosto. O tecido logo ficou empapado de sangue. Dirk se levantou, cambaleante, descartando com um gesto ofertas de ajuda inexistentes, e saiu pisando firme em direção ao banheiro minúsculo. Lá, arrancou com raiva a mangueira da torneira, encontrou uma toalha, encharcou-a de água fria e pôs-se a segurá-la contra o rosto durante alguns minutos, até estancar o sangramento. Olhou para o reflexo no espelho. Seu nariz estava sem dúvida um pouco torto. Tentou bravamente ajeitá-lo, mas sua bravura tinha limites. A dor era insuportável, de modo que ele se contentou em manter a toalha molhada ali um pouco mais e xingar baixinho.

Continuou no banheiro por mais um tempo, apoiado na pia, com a respiração pesada, praticando dizer ferozmente para o espelho: “Agora chega!” O máximo que conseguia produzir era “*A’ora-jega!*”, o que não transmitia autoridade nenhuma. Quando se sentiu preparado o suficiente, ou pelo menos tão preparado quanto conseguiria se sentir no futuro imediato, Dirk retornou, taciturno, para o covil da fera.

Ela estava sentada em silêncio, absorvendo a propaganda de algum dos empolgantes *game shows* que a noite reservava para os espectadores mais aguerridos. Não ergueu a cabeça para olhar quando Dirk voltou ao sótão.

O detetive andou rapidamente até a janela e puxou as cortinas num átimo, meio esperando que a fera se encolhesse aos gritos se exposta à luz do sol, mas sua única reação foi franzir o nariz. Uma sombra esvoaçou pela janela por um instante, mas em um ângulo que não permitiu a Dirk saber sua origem.

Ele se virou para encarar o menino-fera. O noticiário do meio-dia estava começando e o garoto dava a impressão de estar um pouco mais receptivo ao mundo que se encontrava fora do retângulo tremeluzente. Ele ergueu os olhos para Dirk, fitando-o com amargura e cansaço.

– Quequecequêhein?

– Vou dizer o gue eu guero – falou Dirk com firmeza, mas sem grandes esperanças. – Eu guero... ei, esbere un insdande... eu gonhezo ãguela garoda!

– Quequecetafazenoaqui?

– Jjjhhhhh! – fez Dirk, empoleirando-se no braço da poltrona e olhando fixamente para o rosto na tela.

A foto que estava sendo mostrada fora tirada havia cerca de um ano, antes de a garota ter descoberto o gloss corporativo. Seu cabelo era encaracolado, a aparência um tanto descuidada.

– Quenhévocê? Quequetaconteceno? – insistiu o menino.

– Ei, zilênzio – irritou-se Dirk –, esdou dendando ouvir!

O âncora do noticiário dizia que a polícia estava perplexa porque não havia sinal de Janice Smith na cena do acidente. Eles explicavam ainda que não podiam continuar a vasculhar os mesmos locais indefinidamente e apelavam a qualquer pessoa que tivesse alguma pista sobre o seu paradeiro a se apresentar às autoridades.

– Eza é a binha zegredária! É a zenhorida Birze! – exclamou Dirk, estupefato.

O menino não estava interessado na ex-secretária do detetive e tinha desistido de chamar a atenção dele. Desvencilhou-se do saco de dormir e foi arrastando os pés em direção ao banheiro.

Dirk ficou sentado, olhando para a televisão, espantado por não ter se dado conta antes de quem era a garota desaparecida. Por outro lado, era mais do que natural que não tivesse percebido. Ela havia mudado o nome depois de casar, e aquela era a primeira vez que mostravam uma foto para identificá-la. Até então, Dirk não demonstrara nenhum interesse pelo estranho incidente no aeroporto, mas agora ele exigia sua atenção.

A explosão tinha sido oficialmente determinada um “ato divino”.

Mas de que deus?, pensou Dirk. E por quê?

Que deus estaria no Terminal 2 do aeroporto de Heathrow tentando embarcar no voo 15.37 para Oslo?

Depois do marasmo angustiante das últimas semanas, de repente ele tinha um monte de assuntos que o envolviam. Dirk franziu a testa, imerso nos próprios pensamentos por alguns instantes, e mal notou quando o menino-fera se enfiou de volta na poltrona, aconchegando-se no saco de dormir bem a tempo de os comerciais recomeçarem. O primeiro mostrava como um caldo em cubo perfeitamente comum poderia ser o foco natural de uma vida em família normal e feliz.

Dirk se levantou de um salto, mas, no momento em que ia interrogar o menino, sentiu um aperto no peito. A fera estava longe dali, encolhida nas sombras de seu covil, sob a luz bruxuleante, e, por ora, Dirk achou melhor não cutucá-la de novo.

Contentou-se em falar para a criança impassível que logo voltaria, então desceu a escada com passos apressados e firmes, o longo sobretudo de couro esvoaçando alucinadamente atrás dele.

No corredor, encontrou o detestável Gilks.

– O que aconteceu com você? – indagou o policial com rispidez ao ver o nariz roxo e inchado de Dirk.

– Viz abenas o gue vozê disse bara eu vazer: me bardirizei um bougo – falou Dirk inocentemente.

Gilks exigiu saber o que ele tinha feito, então Dirk teve a bondade de explicar que havia uma testemunha lá em cima com informações muito interessantes. Sugeriu que o policial fosse trocar uma palavrinha com ela, mas que seria melhor desligar a televisão antes.

Gilks assentiu bruscamente. Começou a subir a escada, mas Dirk o deteve.

– Dão barece haver algo de'sguisido desda gasa? – perguntou ele.

– O que você disse? – questionou Gilks, irritado.

– Algo'sguisido.

– Algo o *quê*?

– Esguisido! – insistiu Dirk.

– Esquisito?

– Izo besmo, esguisido.

Gilks deu de ombros.

– Como o *quê*?

– Ela barece'sdar dodalmente desbrovida de'sbírido.

– Totalmente desprovida de quê?

– De'sbírido! – Dirk tentou de novo: – Es-bí-ri-do! Izo me barece buido inderezande!

Ele tirou o chapéu educadamente, saiu da casa e ganhou a rua, onde foi atacado por uma águia que veio do céu em um voo rasante, quase jogando-o debaixo de um ônibus de dois andares que seguia na direção sul.

Durante os vinte minutos seguintes, gritos terríveis vieram do andar mais alto da casa na Lupton Street, causando muita tensão entre os vizinhos. A ambulância levou dali os restos mortais superiores e inferiores do Sr. Anstey e, também, um policial com o rosto coberto de sangue. Depois disso, houve um breve momento de tranquilidade.

Então outra viatura parou em frente à casa. Vários comentários do tipo “o Bob chegou” vieram lá de dentro enquanto um policial muito alto e corpulento saía do carro e subia apressado os degraus de entrada. Após alguns minutos e muitos berros, ele reapareceu segurando o próprio rosto, pegou o carro enfurecidamente e saiu cantando os pneus com violência, de forma desnecessária.

Vinte minutos depois, uma van surgiu e outro policial saiu dela carregando um televisor portátil. Ele entrou na casa e, logo em seguida, surgiu conduzindo um rapaz de 13 anos dócil e contente com seu novo brinquedo.

Assim que todos os policiais foram embora, com exceção da patrulha que continuava estacionada em frente à casa para vigiá-la, um vulto alto, peludo e de olhos verdes saiu do seu esconderijo atrás de uma das moléculas do amplo porão.

Ele apoiou sua foice contra uma das caixas de som de alta-fidelidade, mergulhou um dedo longo e retorcido na poça de sangue quase coagulada que se acumulara na vitrola e pressionou-o no rodapé de uma folha de papel grosso e amarelado. Então, desapareceu rumo a outra dimensão, sombria e oculta, enquanto assobiava uma melodia estranha e malévola, retornando apenas por um instante para buscar sua foice.

capítulo 7

Um pouco mais cedo naquela manhã, a uma distância confortável de todos esses acontecimentos, e também a uma distância confortável de uma janela de boas proporções que a luz fria do meio da manhã atravessava, um velho caolho estava deitado em uma cama branca. Um jornal podia ser visto caído no chão, como uma tenda meio desarmada, no exato ponto onde tinha sido atirado dois minutos antes, pouco depois das dez da manhã, de acordo com o relógio no criado-mudo.

O quarto não era grande, mas estava mobiliado com um bom gosto excessivamente estéril, como se fosse um cômodo de hospital ou clínica particular, e ele era isso mesmo: ficava no Woodshead Hospital, que se situava em seu pequeno, porém exclusivo, terreno nos arredores de um pequeno, porém bem cuidado, vilarejo na região de Cotswolds.

O homem estava acordado, mas preferiria não estar.

Sua pele era velha e delicada, como se tivesse sido esticada até ficar muito fina, como um pergaminho translúcido, além de levemente sardenta. As mãos frágeis estavam um pouco fechadas sobre os lençóis de linho branco e tremiam de forma quase imperceptível.

Seu nome variava entre Sr. Odwin, Wodin ou Odin. Ele era – é – um deus, o tipo menos favorável de deus que você poderia encontrar: um deus zangado. Seu olho solitário faiscava.

Estava zangado por conta da matéria que falava que outro deus estava à solta, causando um tremendo estrago. Isso não era dito no jornal, é claro. Ele não alardeava “Deus está à solta e causa tremendo estrago em aeroporto”. Limitava-se a descrever a devastação resultante desse fato, sem conseguir concluir nada.

A matéria fora extremamente insatisfatória por vários motivos, por sua inconclusividade desconcertante, sua tendência a não chegar a lugar nenhum e pela irritante (do ponto de vista do jornal) falta de uma boa e sólida carnificina. É claro que havia um mistério atrelado à ausência de carnificina, mas todo e qualquer jornal preferiria um belo e polpudo massacre a um mero mistério.

Odin, por sua vez, não tinha a mesma dificuldade em saber o que estava acontecendo. Os relatos praticamente traziam “Thor” escrito em letras garrafais para que qualquer outro deus pudesse ver. Ele havia jogado o jornal longe com irritação e agora tentava se concentrar em seus exercícios de relaxamento para evitar ficar transtornado demais com tudo aquilo. Eles envolviam inspirar de certa forma e expirar de outra, o que era bom para sua pressão sanguínea e tal. Não que estivesse à beira da morte ou coisa parecida – rá! –, mas sem dúvida, àquela altura da sua vida – rá! –, preferia pegar leve e cuidar melhor de si.

Acima de tudo, gostava de dormir.

Era uma atividade muito importante. Ele gostava de dormir por grandes períodos de tempo, com uma duração razoável. Só dormir de um dia para outro não contava. Apreciava uma boa noite de sono e não a trocava por nada deste mundo, mas não considerava isso nem remotamente suficiente. Odin gostava de estar dormindo às onze e meia da manhã, se possível, e se isso viesse logo depois de um bom cochilo relaxante, melhor ainda. Tomar um café da manhã leve e ir depressa ao banheiro enquanto trocavam os lençóis de linho era o máximo de atividade que tolerava realizar, com cuidado para não sair do estado de sonolência, o que atrapalharia o sono da tarde. Às vezes ele conseguia passar uma semana inteira adormecido, o que considerava uma boa soneca. Também tinha passado o ano de 1986 inteiro dormindo, e não sentira a menor falta dele.

Mas, para seu profundo desgosto, Odin sabia que logo precisaria se levantar e assumir uma sagrada e irritante responsabilidade. Sagrada porque era divina, ou pelo menos envolvia deuses, e irritante por causa do deus em particular que estava envolvido.

Sorratamente, agitou as cortinas distantes empregando apenas sua vontade divina. Suspirou fundo. Precisava pensar e, além disso, estava na hora da sua ida matinal ao banheiro.

Ele tocou uma sineta para chamar o auxiliar, que chegou no mesmo instante com seu jaleco verde folgado e bem passado, deu um bom-dia animado para Odin e logo se pôs a localizar suas pantufas e seu roupão. Ajudou o deus a sair da cama, o que era um pouco como fazer um corvo empalhado sair rolando de dentro de uma caixa, e o conduziu devagar em direção ao banheiro. Odin andava a passos rígidos, como uma cabeça pendurada entre duas pernas de pau pesadas envolvidas em uma mescla listrada de lã e algodão e toalhas brancas. O auxiliar conhecia Odin como Sr. Odwin, e não sabia que ele era um deus, algo que o velho não costumava divulgar. Ele desejava que Thor fizesse o mesmo.

Thor era o Deus do Trovão e, para ser franco, fazia jus ao nome. Era inconveniente. Parecia indisposto, ou incapaz, ou talvez fosse apenas idiota demais para entender ou aceitar... Odin se deteve. Ele notou que estava começando a ter um ataque de nervos. Precisaria refletir com calma qual seria a próxima atitude em relação a Thor, e estava a caminho do lugar adequado para uma boa reflexão.

Assim que Odin terminou seu majestoso e cambaleante deslocamento até a porta do banheiro, duas enfermeiras entraram correndo para desfazer a cama e trocar os lençóis e as fronhas com imensa precisão, alisando o linho limpo, esticando-o até não haver um só vinco, dobrando-o e ajeitando-o nas pontas. Uma delas, claramente a mais experiente, era roliça e tinha um ar de matrona, enquanto a outra era mais jovem, de pele mais escura e, de modo geral, mais parecida com um pássaro. O jornal foi apanhado e dobrado com esmero; o chão, rapidamente limpo com um aspirador de pó; as cortinas, abertas; as frutas intocadas, substituídas por outras que, como todas as anteriores, também continuariam intocadas.

Quando o velho deus concluiu suas abluções e a porta do banheiro foi reaberta, o quarto parecia outro. As diferenças eram insignificantes, é claro, mas o efeito era o de uma transformação sutil, porém mágica, em algo mais sereno e fresco. Ao deparar com a cena, Odin assentiu com uma satisfação silenciosa. Fingiu examinar a cama, como um monarca inspecionando uma fileira de soldados.

– Os lençóis estão bem esticados? – perguntou com sua voz velha e sussurrada.

– Muito bem esticados, Sr. Odwin – respondeu a enfermeira experiente com um sorriso radiante e subserviente.

– Eles estão bem dobrados?

Claro que estavam. Isso não passava de um ritual.

– Não poderiam estar mais bem dobrados, Sr. Odwin. Eu mesma supervisionei quando minha colega os dobrou.

– Folgo em saber, irmã Bailey, folgo em saber. Você tem um olho infalível quando se trata de dobrar um lençol com perfeição. Fico aflito só de pensar o que faria sem você.

– Bem, eu não vou a lugar nenhum, Sr. Odwin – respondeu a enfermeira, radiante, sua autoconfiança restabelecida.

– Mas você não vai durar para sempre, irmã Bailey.

Essa observação sempre a intrigava, por causa da aparente frieza com que era proferida.

– Claro, nenhum de nós vai durar para sempre, Sr. Odwin – falou ela, simpática, enquanto executava, junto com a outra enfermeira, a difícil tarefa de colocar Odin de volta na cama sem macular sua dignidade.

– Você é irlandesa, não é, irmã Bailey? – perguntou ele depois que estava devidamente acomodado.

– Isso mesmo, Sr. Odwin.

– Eu conheci um irlandês certa vez. Finn alguma coisa. Ele me disse um monte de coisas de que eu não precisava saber. Nunca me falou sobre o linho. De todo modo, agora sei.

Ele meneou brevemente a cabeça diante da recordação, pousou-a de volta nos travesseiros bem afogados e correu as costas da sua mão um pouco sardenta pelo lençol de linho dobrado. Estava apaixonado pelo linho. Linho irlandês limpo, levemente engomado, então passado, dobrado e esticado – as próprias palavras eram quase uma litania de desejo para os seus ouvidos. Ao longo dos séculos, nada o havia obcecado ou comovido do modo como o linho agora fazia. Odin não conseguia sequer entender como algum dia poderia ter se importado com outra coisa.

Linho.

E dormir. Dormir e linho. Dormir no linho. Dormir.

A irmã Bailey o olhava com uma espécie de afeto possessivo. Não sabia que ele era um deus; na verdade, acreditava ser um velho produtor de cinema ou um nazista criminoso de guerra. Não conseguia determinar a origem do seu sotaque, e sua civilidade despreocupada, seu egoísmo natural

e sua obsessão com a higiene pessoal davam a impressão de um passado repleto de horrores.

Se a irmã Bailey fosse transportada para onde pudesse ver seu paciente misterioso entronado, pai guerreiro dos deuses guerreiros de Asgard, ela não se espantaria. Quer dizer, isso é mentira. Ela quase enlouqueceria de espanto. Mas pelo menos reconheceria que aquilo condizia com as qualidades que percebia nele, logo que se recuperasse do choque de descobrir que praticamente tudo em que a raça humana tinha escolhido acreditar ao longo da sua história era verdade. Ou que continuaria a sê-lo muito depois que a raça humana precisasse que fosse verdade.

Odin descartou suas ajudantes com um gesto, mas não sem antes pedir que seu assistente pessoal fosse localizado e chamado até ali mais uma vez.

A irmã Bailey crispou muito discretamente os lábios. Ela não gostava do assistente pessoal, faz-tudo, servo ou sabe-se lá o quê do Sr. Odwin. Ele tinha um olhar malévolos que a assustava, e a freira suspeitava que o assistente andava fazendo propostas indecorosas para as enfermeiras durante o intervalo para o chá.

A pele dele era daquela tonalidade que as pessoas costumavam chamar de cor de oliva, no sentido de que era extraordinariamente quase verde. A irmã Bailey tinha certeza de que aquilo não estava nada certo.

Claro que ela era a última pessoa a julgar quem quer que fosse pela cor da pele – ou, se não a última, pelo menos tinha feito isso na tarde anterior mesmo, quando um diplomata africano fora internado para tirar pedras da vesícula e ela desenvolvera uma antipatia imediata por ele. Não gostava do assistente. Não sabia dizer o que exatamente a desagradava, pois era enfermeira, não taxista, e não deixaria seus sentimentos particulares transparecerem nem por um instante. Era profissional demais, boa demais no seu trabalho e tratava todas as pessoas com mais ou menos a mesma cortesia alegre e eficiente, inclusive, pensou – um frio cruel se instalou nela –, o Sr. Rag.

Esse era o nome do assistente pessoal do Sr. Odwin, que significava “trapo”. Não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso. Não cabia à irmã Bailey criticar as decisões pessoais do Sr. Odwin. Mas, se fosse problema seu, ela teria preferido, e muito (não só para o seu bem, mas também para o bem do Sr. Odwin, o que era o mais importante), que ele contratasse alguém que não lhe desse calafrios, só isso.

A irmã Bailey desistiu de pensar no assunto e foi simplesmente procurar pelo Sr. Rag. Quando chegara para trabalhar pela manhã, ficara aliviada ao descobrir que ele tinha ido embora na noite anterior, mas então teve a grande decepção de vê-lo voltar cerca de uma hora antes.

Encontrou-o onde ele não deveria estar: agachado em um dos bancos da sala de espera, trajando o que parecia muito com um jaleco sujo e descartado, grande demais para ele. Não satisfeito, ainda tocava uma melodia um tanto dissonante usando uma espécie de tubo que, obviamente, cortara de uma grande seringa hipodérmica descartável à qual não deveria, de forma alguma, ter tido acesso.

Ele a olhou de relance com seus olhos rápidos e dançantes, sorriu e continuou a tocar sua flauta improvisada, só que bem mais alto.

A irmã Bailey repassou em sua cabeça tudo o que era completamente inútil dizer sobre o jaleco e a seringa, ou sobre o fato de ele estar naquela sala assustando, ou preparando-se para assustar, os visitantes. Sabia que não conseguiria suportar o ar de inocência ferida com que o Sr. Rag responderia, ou a natureza ridiculamente absurda das suas respostas. A única saída era fazer vista grossa, afastá-lo dali e tirá-lo do caminho o mais rápido possível.

– O Sr. Odwin está chamando você – avisou a irmã Bailey, tentando injetar um pouco da animação habitual à voz, mas era simplesmente impossível.

Queria que os olhos dele parassem de dançar daquele jeito. Além de ser muito inquietante tanto do ponto de vista médico quanto do estético, não conseguia deixar de ficar ofendida com a impressão de que havia, no mínimo, 37 coisas menos interessantes do que ela na sala.

Ele a encarou com seu olhar desconcertante por alguns instantes, então, resmungando que não havia descanso para os ímpios, nem mesmo para os extremamente ímpios, passou pela irmã Bailey e seguiu depressa pelo corredor para receber instruções de seu amo e mestre antes que ele caísse no sono.

capítulo 8

Ao fim da manhã, Kate já dera alta a si mesma. A princípio, isso foi um pouco difícil, porque primeiro a irmã responsável pela sua enfermaria e, depois, o médico encarregado do caso foram intransigentes, insistindo que ela não estava em condições de ser liberada do hospital. Acabara de despertar de um leve coma e precisava de cuidados, de...

– Pizza – insistiu Kate.

... repouso, necessitava...

– Estar na minha própria casa e respirar ar puro. O ar aqui é horrível. Parece o sovaco de um aspirador de pó.

... continuar sua medicação e, sem sombra de dúvida, permanecer sob observação por mais uns dois dias até estarem convencidos de que ela se recuperara plenamente.

Pelo menos eles tinham razão em ser intransigentes. Pela manhã, Kate exigiu que lhe trouxessem um telefone. Então, tentou pedir que entregassem uma pizza em sua enfermaria. Ligou para todos os restaurantes menos cooperativos que conhecia em Londres e discutiu com eles. Em seguida, fez algumas tentativas ruidosas e malsucedidas de convencer um motoboy a ir até o West End para lhe comprar uma pizza sabor American Hot com uma lista de pimentas, cogumelos e queijos extras que o atendente da empresa de courier não quis nem tentar decorar. Cerca de uma hora depois desse tipo de comportamento, as objeções quanto à Kate dar alta a si mesma foram caindo pouco a pouco, como pétalas de uma rosa no outono.

Logo depois do almoço, ela já estava parada em uma rua sem graça do oeste de Londres, sentindo-se fraca e trêmula, mas no controle da própria vida. Trazia consigo os resquícios vazios e destruçoados do porta-vestidos, que

ela se recusara a deixar para trás, bem como um pedaço de papel na bolsa, com um só nome rabiscado.

Chamou um táxi e se sentou no banco de trás, mantendo os olhos fechados pela maior parte do caminho até sua casa em Primrose Hill. Subiu as escadas e entrou no flat, que ficava no último andar. Havia dez mensagens na secretária eletrônica, que ela simplesmente apagou sem ouvir.

Kate abriu a janela do quarto e passou alguns instantes debruçada em um ângulo um tanto arriscado e precário, que lhe permitia ver um pedaço do parque. Era um canto pequeno, que contava apenas com dois plátanos, cercado pelos fundos de algumas das casas vizinhas, que falhavam miseravelmente em ocultá-lo, tornando-o muito pessoal e exclusivo para Kate, de uma maneira que uma vista panorâmica nunca conseguiria ser.

Certa vez, Kate havia ido até aquele canto do parque e contornado o perímetro invisível que demarcava os limites do que podia visualizar. Ao fazer isso, quase sentiu que era o seu domínio. Chegou até a afagar os plátanos de um jeito um tanto possessivo, sentando-se entre eles e observando o sol se pôr no céu de Londres – em seu horizonte arruinado pelas construções e seus restaurantes que não entregavam pizzas. Saiu dali com uma espécie de sentimento profundo, mas sem saber bem qual. De todo modo, disse para si mesma, ultimamente ela deveria ficar grata por qualquer tipo de sentimento profundo, por mais impreciso que fosse.

Kate se afastou da janela, deixando-a escancarada apesar do ar frio que vinha lá de fora. Arrastou os pés até o banheiro pequeno e colocou para encher a banheira grande, em estilo eduardiano, que ocupava uma área inacreditavelmente desigual do espaço disponível, circundando quase todo o resto do banheiro com seus canos pintados em cor de creme. As torneiras fumegaram. Assim que o recinto tinha sido preenchido com vapor suficiente para estar aquecido, Kate se despiu e abriu o armário grande do banheiro.

Sentia-se um pouco constrangida pela imensa profusão de produtos para banho, mas por algum motivo era incapaz de passar por uma farmácia ou loja de produtos naturais sem entrar e ser seduzida por um frasco com tampa de vidro, ou algo azul, verde ou laranja e oleoso que, supostamente, restauraria o equilíbrio natural de alguma substância vaga que ela nem sabia que deveria ter em seus poros.

Deteve-se, tentando optar.

Algo rosa? Algo com uma dose extra de vitamina B? Ou vitamina B12? B13? Apenas o número de produtos com algum tipo de vitamina B por si só tornava a escolha constrangedora. Havia talcos, óleos, tubos de gel e até bolsas com sementes de cheiro forte que aparentemente faziam bem para uma parte obscura do seu corpo de alguma maneira misteriosa.

Que tal cristais verdes? Já dissera a si mesma que nem tentaria mais escolher e apenas jogaria um pouquinho de cada coisa dentro da banheira quando sentisse que estava precisando. Achou que aquele era o dia e, em um arroubo de prazer revigorante, pôs-se a colocar uma ou duas gotas de cada um dos produtos do armário na água fumegante, até ficar confusa com as cores que se misturavam, turvas, formando um caldo quase pegajoso.

Fechou as torneiras e foi até sua bolsa por um instante. Ao retornar, entrou na banheira, onde ficou deitada com os olhos fechados, respirando devagar durante três minutos antes de enfim voltar sua atenção para o pedaço de papel que trouxera consigo do hospital.

Havia uma só palavra nele, que Kate conseguira arrancar da jovem enfermeira estranhamente relutante que verificara sua temperatura naquela manhã.

Kate lhe indagara sobre o homem grande. O gigante que ela havia encontrado no aeroporto, cujo corpo tinha visto em um quarto vizinho na calada da noite.

– Ah, não – respondera a enfermeira –, ele não estava morto, mas só em uma espécie de coma.

Kate perguntou se poderia vê-lo e qual era o seu nome.

Ela tentou questionar em um tom casual, como quem não quer nada, o que é um tanto difícil quando se está com um termômetro enfiado na boca, portanto não sabia ao certo se tinha obtido o efeito pretendido. A enfermeira respondeu que não podia dizer, que na verdade não deveria falar sobre outros pacientes. Além disso, o homem não estava mais ali, uma ambulância viera buscá-lo e ele fora transferido para outro lugar.

Isso pegou Kate de surpresa.

Para onde o haviam levado? Onde ficava esse lugar especial? A enfermeira se recusou a dizer muito mais do que isso e, passados alguns instantes, foi chamada pela madre superiora e saiu do quarto. A única palavra útil que Kate extraiu da mulher estava escrita no pedaço de papel para o qual olhava agora.

Woodshead.

Agora que estava mais relaxada, tinha a sensação de que o nome não lhe era assim tão estranho, embora não conseguisse se lembrar onde o havia escutado.

Assim que se recordou, não conseguiu mais ficar deitada na banheira. Levantou-se e foi direto para o telefone, parando apenas por um instante para enxaguar toda aquela gosma do corpo.

capítulo 9

O homenzarrão acordou e tentou erguer os olhos, mas não conseguia levantar a cabeça. Procurou se sentar, também em vão. Era como se estivesse grudado no chão com uma supercola. Alguns segundos depois, descobriu, estupefato, por quê.

Ele lançou a cabeça para cima com violência, perdendo grandes tufo de cabelo louro, que ficaram presos ao chão, e olhou à sua volta. Estava no que parecia ser um armazém abandonado, talvez em um andar superior, a julgar pelo céu de inverno que via se arrastar pelas janelas sujas e quebradas.

O pé-direito era alto e coberto de teias tecidas por aranhas que não pareciam se importar com o fato de que a maior parte do que capturavam consistia em farelos de reboco e poeira. Era sustentado por pilares de aço verticais, nos quais a tinta velha cor de creme exibia bolhas e estava descascando, fixados em um chão de carvalho antigo e gasto, ao qual Thor tinha sido claramente colado. Em volta do seu corpo nu, em um raio de 60 centímetros, o chão emitia um brilho opaco. Vapores suaves e descongestionantes emanavam dele. Não conseguia acreditar. Urrou de raiva, debatendo-se para se desvencilhar, mas conseguiu apenas repuxar dolorosamente a própria pele nas partes em que ela estava grudada às tábuas de carvalho.

Aquilo só podia ser obra do velho.

Bateu a cabeça com força contra o chão num golpe que partiu as tábuas e fez seus ouvidos zumbirem. Urrou mais uma vez e, em sua fúria, ficou satisfeito de fazer o máximo de barulho inútil e estúpido possível. Continuou a rugir até os pilares de metal retinirem e o que restava dos vidros das janelas se estilhaçarem em cacos ainda menores. Então, enquanto sacudia a cabeça, indignado, vislumbrou seu martelo apoiado na parede a

poucos metros. Dizendo uma só palavra, ergueu-o no ar e o lançou pelo espaço amplo, fazendo-o bater e ressoar em cada um dos pilares até todo o edifício reverberar como um gongo ensandecido.

Mais uma palavra e o martelo voou de volta para ele, errou sua cabeça por um palmo e atravessou o chão, despedaçando a madeira e o reboco debaixo dela.

No espaço mais escuro sob Thor, o martelo girava em uma parábola lenta e pesada, à medida que pedaços de reboco caíam ao seu redor e iam atingir ruidosamente ao chão de concreto. Então tomou um impulso violento, lançou-se para cima e varou o teto, atirando para o alto lascas de madeira ao abrir um buraco em outra tábua de carvalho a um palmo de distância dos pés do homenzarrão.

O martelo se ergueu no ar, ficou suspenso por alguns instantes como se tivesse perdido seu peso de repente e, em seguida, girando o cabo curto para cima e colocando-se de ponta-cabeça, mergulhou com força e tornou a varar o chão. Então subiu outra vez, desceu outra vez, abrindo rombos que formavam um anel lascado em volta do seu mestre, até que, com um rangido longo e sonoro, toda a seção de chão perfurado cedeu e despencou, rodopiando no ar. Ela se estilhaçou contra o chão debaixo de uma chuva de destroços de reboco, da qual Thor emergiu, cambaleante, abanando as mãos no ar poeirento e tossindo. Seus braços, costas e pernas continuavam cobertos de grandes lascas de carvalho, mas pelo menos ele conseguia se mexer. Espalmou as mãos na parede e tossiu com força para expelir a poeira dos pulmões.

Quando se virou, o martelo veio dançando pelo ar em sua direção, então desviou de repente, evitando que ele o agarrasse, e deslizou alegremente pelo chão, tirando faíscas do concreto com sua cabeça grande, dando uma cambalhota e parando junto a um pilar próximo em um ângulo mirabolante.

À sua frente, o vulto de uma máquina de Coca-Cola surgia em meio à nuvem de poeira que assentava. Ele a encarou com grande desconfiança e receio. A máquina estava parada ali com um ar um tanto vidrado e impassível, e um bilhete do seu pai colado no painel frontal dizia para ele parar o que quer que estivesse fazendo. A assinatura original era “Você-sabe-quem”, mas fora riscada e substituída primeiro por “Odin” e, depois, em letras maiores, “Seu pai”. Odin nunca se cansava de deixar bem clara sua

opinião sobre a capacidade intelectual do filho. O homenzarrão arrancou o papel e o fitou, enfurecido. Um P.S. acrescentava em tom grave: “Lembre-se do País de Gales. Você não vai querer passar por aquilo tudo de novo.” Ele amassou o bilhete e o atirou pela janela mais próxima, onde o vento o apanhou e levou embora. Por um instante, pensou ter ouvido um guincho estranho, mas devia ser apenas o soprar do vento assobiando pelos edifícios abandonados das redondezas.

Thor se virou, andou até a janela e olhou para fora com uma expressão beligerante. Colado ao chão. Naquela idade. Que diabo seu pai queria dizer com isso? “Mantenha a cabeça baixa”, era o que supunha. “Se não fizer isso, eu farei por você.” Era esse o sentido. “Mantenha os pés no chão”.

Ele se lembrava agora de quando o velho lhe falara essas mesmas palavras, na ocasião daquele episódio lamentável com o jato de caça Phantom. “Por que você não consegue manter os pés no chão?” Ele conseguia imaginar o velho, com sua malícia tola e inofensiva, divertindo-se horrores ao tornar a lição tão literal.

A fúria começou a retumbar dentro de Thor, que se empenhou em reprimi-la. Ultimamente coisas muito preocupantes aconteciam quando ele ficava com raiva e, olhando para a máquina de Coca-Cola, ele tinha um mau pressentimento de que outra dessas coisas muito preocupantes tivesse acabado de acontecer. Encarou-a, aflito.

Sentia-se mal.

Vinha se sentindo mal com muita frequência. Parecia-lhe impossível desempenhar o que restava de suas obrigações divinas enquanto sofria de uma espécie de gripe de quinta categoria que não passava nunca. Sentia dores de cabeça, tonturas, culpa e todos os tipos de incômodo que apareciam bastante nos comerciais de TV. Sofria, inclusive, de terríveis apagões sempre que era acometido por uma grande fúria.

Antigamente, costumava se divertir à beça com seus ataques de raiva. Grandes erupções de uma ira maravilhosa eram o que o impulsionavam pela vida. Ele se sentia colossal. Cheio de força, luz e energia. Sempre havia muitos motivos incríveis para enfurecê-lo: provocações ou traições descomunais, pessoas escondendo o oceano Atlântico em seu elmo, derrubando continentes em cima dele ou ficando bêbadas e fingindo ser árvores. O tipo de coisa que justificava ficar furioso e quebrar tudo. Em suma, adorava ser o Deus do Trovão. Agora, de repente, vivia com dor de

cabeça, tensão nervosa, ansiedade generalizada e culpa. Essas eram sensações novas para um deus, e nada agradáveis.

– Você está ridículo!

Foi o que disse uma voz aguda e irritante, que afetou Thor como unhas arranhando um quadro-negro afixado no fundo do seu cérebro. Era uma voz cruel, rancorosa, zombeteira, típica de camisa branca de náilon barata, calças brilhosas e bigode fininho. Em suma, uma voz que Thor odiava. Ele reagia muito mal a ela até nas ocasiões mais propícias e sentiu-se especialmente incomodado por ter que ouvi-la quando se via nu no meio de um armazém decrepito com grandes pedaços de um piso de carvalho ainda grudados às suas costas.

Ele se virou, furioso. Queria poder se virar com calma, exibindo uma dignidade esmagadora, mas tal estratégia nunca havia funcionado com aquela criatura. Além do mais, como Thor acabaria se sentindo humilhado e ridículo fosse qual fosse a postura adotada, preferia se valer daquela com a qual se sentia mais confortável.

– Toe Rag! – rosnou, girando seu martelo no ar e atirando-o com uma força extraordinária contra a criatura agachada tranquilamente nas sombras, em cima de um pequeno amontoado de escombros, um pouco inclinada para a frente.

Toe Rag pegou o martelo no ar e o depositou ao seu lado na pilha com as roupas de Thor. Ele sorriu, permitindo que um raio de sol errante refletisse num dos seus dentes. Isso não aconteceu por acaso. Enquanto Thor estava inconsciente, Toe Rag tinha passado um bom tempo estimando quanto tempo levaria para ele se recuperar. Em seguida, se deu o trabalho de mover a pilha de destroços para aquele exato local, verificar a altura e calcular o ângulo exato de inclinação. Em matéria de provocação, ele se considerava um profissional.

– Foi você que fez isso comigo? – rugiu Thor. – Foi você que...

Thor tentou encontrar uma maneira diferente de dizer “me colou no chão”, mas logo a pausa se tornou longa demais e ele teve que desistir.

– ... me colou no chão? – exigiu saber enfim. Na mesma hora, desejou não ter feito uma pergunta tão idiota. – Não responda! – acrescentou com raiva, desejando não ter dito isso também.

Ele pisou firme, abalando um pouco as fundações do edifício para causar o efeito que pretendia. Não sabia que efeito era esse, mas tinha a

sensação de que precisava causá-lo. A poeira assentou lentamente ao seu redor.

Toe Rag o observava com seus olhos dançantes e reluzentes.

– Apenas segui as instruções que me foram dadas por seu pai – disse ele com uma simulação grotesca de subserviência.

– Ao que me parece, as instruções que meu pai tem lhe dado desde que você passou a trabalhar para ele têm sido muito estranhas. Acredito que tenha uma influência maligna sobre ele. Não sei que tipo de influência maligna é essa, mas é sem dúvida uma influência, e sem dúvida... – ele não conseguia encontrar sinônimos – ... maligna.

Toe Rag reagiu como uma iguana a quem alguém tivesse reclamado do vinho.

– Eu? Como eu poderia ter qualquer influência sobre o seu pai? Odin é o maior dos deuses de Asgard e eu sou seu fiel servo em tudo. Se ele diz “faça isso”, eu obedeco. Se Odin manda “vá para tal lugar”, eu vou. Se Odin ordena “vá buscar meu filho grandalhão e idiota no hospital antes que ele cause mais problemas e então, sei lá, cole-o no chão ou algo parecido”, eu sigo à risca. Sou apenas o mais humilde dos seus servos. Não importa se a tarefa é pequena ou braçal: estou aqui para executar as ordens de Odin.

Thor não tinha um conhecimento tão sutil da natureza humana (ou, melhor dizendo, da natureza divina ou dos *goblins*) para poder argumentar que isso na verdade era ter uma influência muito poderosa sobre qualquer pessoa, especialmente sobre um velho deus falível e mimado. Apenas sabia que tudo aquilo estava errado.

– Se é assim, entregue a seguinte mensagem para o meu pai, Odin! Diga-lhe que eu, Thor, o Deus do Trovão, exijo me encontrar com ele. Mas não naquele maldito hospital! Eu me recuso a ficar por ali lendo revistas e olhando para frutas enquanto espero que troquem a roupa de cama! Diga-lhe que eu, Thor, o Deus do Trovão, encontrarei Odin, o Pai dos Deuses de Asgard, esta noite, na Hora da Contestação nos Salões de Asgard!

– Outra vez? – perguntou Toe Rag, olhando de esguelha para a máquina de Coca-Cola.

– Ahn, sim. Sim! – repetiu ele, enfurecido. – Outra vez!

Toe Rag bufou de leve, como se estivesse resignado a executar as ordens de um bocó.

– Bem, vou transmitir a mensagem. Duvido que ele fique muito satisfeito ao ouvir isso.

– Não é problema seu se ele vai ficar satisfeito ou não! – gritou Thor, tornando a abalar as fundações do edifício. – Isso é entre mim e meu pai! Você pode se achar muito esperto e pode achar também que eu não sou...

Toe Rag arqueou uma sobrancelha. Havia se preparado para aquele momento. Ficou calado e deixou o raio de sol errante se refletir em seus olhos dançantes. Era um silêncio da mais profunda eloquência.

– Posso não saber o que você está tramando, Toe Rag, e posso não saber de muitas coisas, mas de uma eu sei. Eu sei que sou Thor, o Deus do Trovão, e não serei enganado por um *goblin*!

– Bem – disse Toe Rag com um ligeiro sorriso –, quando você souber duas coisas, imagino que será duas vezes mais inteligente. Não se esqueça de vestir as roupas antes de sair.

Ele gesticulou de forma casual para a pilha que havia ao seu lado e foi embora.

capítulo 10

O problema das lojas de lupas e canivetes é que costumam vender vários outros itens fascinantes, como o dispositivo extraordinário com o qual Dirk acabou saindo de lá depois de não conseguir se decidir entre o canivete com a chave de fenda Phillips, palito de dente e caneta esferográfica embutidos, ou o que tinha uma faca de serra com treze dentes e rebites com soldagem TIG.

Chegou a ficar seduzido por alguns instantes pelas lupas, especialmente o modelo com lente de 25 dioptrias, de alto índice, revestida de ouro, com deposição a vácuo e alça integrada, suporte e vedação hermética, sem ranhuras, mas então Dirk viu por acaso uma pequena e irresistível calculadora eletrônica de I Ching.

Nunca tinha imaginado que isso pudesse existir. E ser capaz de passar da total ignorância a respeito de algo a um desejo irreprimível de possuí-lo, para então de fato tê-lo, tudo isso em um espaço de cerca de quarenta segundos, foi para Dirk uma espécie de epifania.

A calculadora era malfeita. Provavelmente fora fabricada em qualquer um daqueles países do Sudoeste Asiático que se empenhavam em ter a capacidade industrial necessária para fazer com a Coreia do Sul o que a Coreia do Sul vinha tentando fazer com o Japão. No entanto, a tecnologia das colas não tinha evoluído ao ponto de permitir que as coisas pudessem ser coladas umas às outras com sucesso. A parte de trás já havia descolado e precisou ser presa de novo com fita adesiva.

O objeto era muito semelhante a uma calculadora de bolso, exceto pela tela de LCD, que era um pouco maior do que o habitual, de modo a acomodar uma versão resumida das interpretações do rei Wen de cada um dos 64 hexagramas, bem como os comentários do seu filho, o duque de

Chou, sobre cada uma das linhas de todo hexagrama. Não era muito comum ver esse tipo de texto passando pelo visor de uma calculadora de bolso, em especial quando tinha sido traduzido do chinês passando pelo japonês e, conseqüentemente, parecia ter vivido muitas aventuras pelo caminho.

O dispositivo também funcionava como uma calculadora comum, mas apenas até certo ponto. Conseguia processar qualquer cálculo cujo resultado não ultrapassasse o número “4”.

“1+1” ele conseguia calcular (“2”), bem como “1 + 2” (“3”) e “2 + 2” (“4”) ou “tan 74” (“3,4874145”), mas qualquer coisa acima de “4” era representada simplesmente como “Uma Sufusão de Amarelo”. Dirk não sabia se era um erro de programação ou um insight que ultrapassava sua capacidade de entendimento, mas isso não o impediu de ficar louco pelo dispositivo, a ponto de pagar 20 libras à vista.

– Obrigado, senhor – falou o dono da loja. – Trata-se de uma bela peça. Creio que ficará muito satisfeito com ela.

– Já esdou – respondeu Dirk.

– Folgo em saber, senhor. A propósito, o senhor sabe que está com o nariz quebrado?

– Zim – disse ele, irritado –, óbvio que zim.

O homem assentiu, satisfeito.

– É que muitos dos meus clientes nem sempre perceberiam uma coisa dessas – explicou-se.

Dirk agradeceu de forma seca e apressou-se a sair da loja com sua compra. Poucos minutos depois, estava acomodado em uma pequena mesa de canto em uma cafeteria em Islington, onde pediu um café pequeno, porém incrivelmente forte, e tentou avaliar seu dia até ali. Após alguns instantes de reflexão, estava quase convencido de que precisaria também de uma cerveja pequena, porém incrivelmente forte, e tentou acrescentá-la ao seu pedido.

– Cuméquié? – disse o garçom.

Ele ostentava um cabelo muito preto e empapado de brilhantina. Estava em ótima forma e era alto e afoito demais para ouvir os clientes ou acrescentar pausas entre as palavras.

Dirk repetiu o pedido, mas, tendo que competir com a música ambiente do café, um nariz quebrado e a atitude do garçom, de uma afobação

insuperável, ele achou mais simples escrevê-lo em um guardanapo com um toco de lápis. O garçom olhou para o papel com um ar ofendido e se afastou.

Dirk trocou um aceno de cabeça amigável com a garota sentada à mesa ao lado, que se dividia entre ler e assistir à cena com um quê de solidariedade. Ele então espalhou suas aquisições da manhã em cima da mesa: o jornal, a calculadora e o envelope que havia tirado de trás do disco de ouro no banheiro de Geoffrey Anstey. Passou uns dois minutos mexendo no nariz com um lenço, cutucando-o de leve para ver quanto doía e descobrindo que a resposta era “bastante”. Suspirou e voltou a guardar o lenço no bolso.

Alguns segundos depois, o garçom retornou trazendo uma omelete de ervas e um *grissini* solitário. Dirk explicou que aquele não era o seu pedido. O garçom deu de ombros e falou que não era culpa dele.

Dirk não sabia como responder àquilo e foi exatamente isso que disse. Continuava com muita dificuldade em falar. O garçom lhe perguntou se sabia que estava com o nariz quebrado, ao que Dirk respondeu que zimbuido oprigado. O garçom então contou que seu amigo Neil tinha quebrado o nariz certa vez e o detetive replicou que esberava gue divesse doído bra gazete, o que encerrou a conversa. O garçom apanhou a omelete e foi embora, jurando nunca mais retornar.

Quando a garota sentada à mesa ao lado desviou brevemente o olhar, Dirk se inclinou na direção dela e pegou seu café. Sabia que era seguro fazer isso, pois ela não conseguiria acreditar no que havia acontecido. Ele ficou sentado ali, bebericando o líquido morno da xícara e repassando os acontecimentos do dia.

Antes de consultar o I Ching, mesmo a sua versão eletrônica, deveria organizar seus pensamentos e permitir que eles se assentassem calmamente.

Isso era difícil.

Por mais que tentasse esvaziar a mente e pensar de forma calma e serena, não conseguia impedir que a cabeça de Geoffrey Anstey continuasse a girar sem parar em sua mente. Ela rodava com um ar de reprovação, como se apontasse um dedo acusador para Dirk. O fato de não ter um dedo acusador com o qual apontar servia apenas para deixar ainda mais claro quanto estava decidida a acusá-lo.

Ele revirou os olhos e tentou se concentrar no problema da Srta. Pearce, que desaparecera misteriosamente, mas não conseguiu chegar a grandes conclusões. Quando trabalhava para ele, era comum que desaparecesse misteriosamente por dois ou três dias seguidos, mas os jornais não faziam nenhum alarde. Tudo bem que não havia nada explodindo perto dela nessas ocasiões, pelo menos não que ele soubesse. A ex-secretária nunca tinha mencionado nenhuma explosão em especial.

Além disso, sempre que ele se detinha em seu rosto, que vira pela última vez na TV na casa de Geoffrey Anstey, seus pensamentos tendiam a voltar no mesmo instante para a cabeça que se ocupava em girar 33 vezes por minuto três andares abaixo do televisor. Isso não o ajudava a alcançar o estado de espírito calmo e contemplativo que estava buscando. O mesmo poderia ser dito da música muito alta que vinha dos alto-falantes do café.

Ele bufou e olhou para a calculadora.

Se queria colocar algum tipo de ordem nos pensamentos, então talvez uma ordem cronológica fosse tão boa quanto qualquer outra. Decidiu voltar sua mente para o começo do dia, antes de qualquer uma daquelas coisas terríveis ter acontecido, ou pelo menos antes de terem acontecido com ele.

A primeira tinha sido a questão da geladeira.

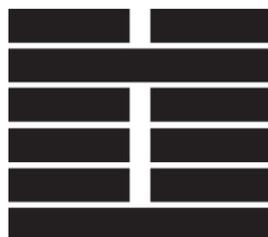
Se comparada a todo o resto, ela lhe parecia agora reduzida a proporções bastante administráveis. Ainda causava uma sensação perceptível de medo e culpa, mas esse era um problema que poderia encarar com relativa tranquilidade.

O pequeno manual de instruções da calculadora sugeria que ele simplesmente se concentrasse “com toda a sua alma” na questão que o “afligia”, colocasse-a no papel, refletisse sobre ela, aproveitasse o silêncio e, depois que tivesse alcançado harmonia e serenidade, pressionasse o botão vermelho.

Não havia um botão vermelho, mas um azul onde se lia “Vermelho”. Dirk supôs que esse fosse o botão certo.

Concentrou-se na questão por alguns instantes, então vasculhou os bolsos em busca de um pedaço de papel, sem sucesso. No fim das contas, escreveu a pergunta “devo comprar uma geladeira nova?” na beirada do guardanapo. Em seguida, concluiu que, se fosse esperar até conseguir alcançar harmonia e serenidade, poderia ficar por ali a noite inteira, de modo que pressionou de uma vez o botão azul onde estava escrito

“Vermelho”. Um símbolo se acendeu no canto da tela – um hexagrama com o seguinte aspecto:



3 : CHUN

A calculadora de I Ching fez o seguinte texto rolar pelo seu pequeno visor de LCD:

A INTEPRETAÇÃO DO REI WEN:

Chun significa dificuldades iniciais, como a folha da relva que tenta crescer contra uma pedra. O tempo é repleto de irregularidades e incertezas: o homem superior ajustará suas medidas como se escolhesse os fios que compõem urdidura e trama. A retidão implacável trará, enfim, o sucesso. Primeiros avanços devem ser feitos com cautela. Nomear príncipes feudais trará vantagens.

ALTERAÇÕES NA LINHA 6:

O COMENTÁRIO DO DUQUE DE CHOU:

Os cavalos e o carro de guerra forçados a recuar.

Lágrimas de sangue correrão em abundância.

Dirk refletiu um pouco sobre a mensagem, então decidiu que, no cômputo geral, ela parecia ser um voto a favor da compra de uma nova geladeira, o que, por uma incrível coincidência, era a abordagem que ele mesmo preferia.

Havia um telefone público num dos cantos escuros em que os garçons ficavam olhando uns para os outros com os ombros curvados e um ar taciturno. Dirk passou por eles, perguntando-se quem o faziam lembrar. Concluiu que era o pequeno grupo de homens nus reunidos atrás da

Sagrada Família no *Tondo Doni*, de Michelangelo, que, aparentemente, estavam ali pelo simples motivo de o pintor gostar deles.

Telefonou para um conhecido seu chamado Nobby Paxton – ou que pelo menos dizia se chamar assim –, que transitava pelo lado sombrio do setor de utensílios domésticos. Dirk foi direto ao ponto.

– Dobby, preciso de u'a geladeira.

– Dirk, eu estava guardando uma justamente para o dia em que você fosse me pedir.

O detetive achava isso muito improvável.

– Mas, Dobby, eu guero u'a geladeira de gualidade.

– Esta é a melhor que há, Dirk. Japonesa. Controlada por microprocessador.

– O gue vaz um migrobrozezador nu'a geladeira, Dobby?

– Ele se mantém refrigerado, Dirk. Vou mandar meus rapazes a levarem para você imediatamente. Preciso que ela esteja fora das minhas instalações bem rápido, por motivos que não vêm ao caso.

– Oprigado, Dobby. Zó dem um broblema, dão esdou em gasa a'ora.

– Obter acesso a casas na ausência de seus donos é apenas uma das diversas habilidades com as quais meus rapazes são abençoados. Se achar que alguma coisa está faltando depois, é só me falar.

– Gom zerdeza, Dobby. A brobósito, ze zeus rabazes esdiverem disbosdos a levar alguma goisa, zeria ótimo ze budessem gomezar bela binha geladeira antiga. Breciso me livrar dela urgendemente.

– Deixe comigo, Dirk. Não é difícil achar uma ou outra caçamba de lixo na sua rua. Agora, você tem alguma intenção de pagar por isso ou devo mandar atirarem nos seus joelhos de uma vez para poupar tempo e aborrecimento para todos os envolvidos?

Dirk nunca tinha certeza se as ameaças de Nobby eram brincadeiras, mas não estava nem um pouco interessado em fazer um teste. Garantiu que ia pagar logo no encontro seguinte dos dois.

– Então até breve, Dirk. A propósito, sabia que você está falando exatamente como se alguém tivesse quebrado o seu nariz?

Fez-se uma pausa.

– Alô, Dirk? Você está aí?

– Zim. Esdava abenas ouvindo um disgo.

“Batata quente!”, urrava o sistema de som do café. *“Não pegue, não, não pegue, não, não pegue, não. Rápido, passe adiante, passe adiante, passe adiante.”*

– Eu disse: “Sabia que você está falando exatamente como se alguém tivesse quebrado o seu nariz?”

Dirk respondeu que sim, agradeceu a Nobby pela constatação, despediu-se, deu mais alguns telefonemas rápidos e então voltou em meio ao amontoado de garçons que faziam pose. Percebeu que a garota cujo café havia surrupiado estava sentada à mesa dele.

– Olá – falou ela em um tom bastante expressivo.

Dirk foi tão galante quanto sabia ser: fez uma mesura muito educada, tirou o chapéu (pois isso lhe dava mais alguns segundos para se recompor) e pediu permissão para sentar à mesa.

– Vá em frente – disse a garota –, a mesa é sua.

Ela fez um gesto magnânimo. Era uma mulher pequena, de uns 25 anos, com o cabelo bem penteado e escuro, e olhava intrigada para a xícara de café meio vazia sobre a mesa.

Dirk sentou-se diante dela e se inclinou para a frente com um ar conspiratório.

– Ibagino gue vozê esdeja guriosa a resbeido do zeu gafé – falou baixinho.

– Pode apostar que sim.

– Vaz buido mal bara vozê, zapia?

– Ah, é?

– Zim, zim. Gaveína. Golesderol do leite.

– Entendi. Então você estava apenas pensando na minha saúde.

– Eu esdava bensando em buidas goisas – falou Dirk alegremente.

– Você me viu sentada à mesa ao lado e pensou: “Que pecado, uma garota tão bonita arruinando a própria saúde. Preciso salvá-la.”

– Em liãs gerais, zim.

– Você sabia que está com o nariz quebrado?

– Zim, glaro gue zeí – retrucou Dirk, irritado. – Bor gue dodo bundo...

– Há quanto tempo você o quebrou?

– Alguém o gueprou bara bim uns vinde binudos adrás.

– Eu bem desconfiava. Feche os olhos um instante.

Dirk a encarou, desconfiado.

– Bor guê?

– Não se preocupe – disse ela com um sorriso –, não vou machucá-lo. Agora feche os olhos.

Franzindo a testa, intrigado, Dirk obedeceu. A garota estendeu a mão e o agarrou firme pelo nariz, torcendo-o com força. Ele quase explodiu de dor e urrou tão alto que por pouco não chamou a atenção de um dos garçons.

– Zua drabazeira! – gritou, cambaleando para trás e afastando-se alucinadamente da mesa enquanto agarrava o próprio rosto. – Zua drabazeira desgrazada!

– Ah, pare com isso e venha se sentar. Tudo bem, eu menti quando disse que não ia machucar você, mas pelo menos seu nariz deve estar no lugar agora, o que vai lhe poupar bastante trabalho mais tarde. Você deveria ir direto a um hospital para colocarem uma tala e tampões de gaze. Sou enfermeira, sei o que estou fazendo. Ou pelo menos acho que sei. Deixe-me dar uma olhada em você.

Ofegante e balbuciando, Dirk tornou a se sentar, as mãos em concha em volta do nariz. Depois de alguns longos segundos, ele voltou a cutucá-lo devagar e, em seguida, deixou que a garota o examinasse.

– Meu nome é Sally Mills, aliás. Geralmente tento me apresentar às pessoas antes de ter contatos íntimos com elas, mas às vezes – ela bufou –, às vezes não dá tempo.

Dirk tornou a correr os dedos pelos dois lados do nariz.

– Ajo gue esdá no lugar zerdo aõra.

– No lugar certo. Diga “no lugar certo” direito. Você vai se sentir melhor.

– No lugar certo. Zim. Vozê dem razão.

– Ainda?

– Você tem razão.

– Ah, ótimo – falou ela, suspirando aliviada. – Que bom que funcionou. De manhã meu horóscopo dizia que praticamente tudo que eu decidisse hoje estaria errado.

– Bem, é melhor não acreditar naquela palhaçada – rebateu Dirk, ríspido.

– Eu não acredito.

– Especialmente no Grande Zaganza.

– Ah, então você também leu?

– Não. Quer dizer, sim, mas não pelo mesmo motivo.

– Meu motivo é que um paciente me pediu para ler o horóscopo para ele hoje de manhã logo antes de morrer. Qual foi o seu?

– Ahn, é muito complicado.

– Entendo – disse Sally, sem levar fé. – O que é isto?

– É uma calculadora. Olha, não quero tomar mais o seu tempo. Estou em dívida com você, minha cara dama, pelo seu gentil auxílio e por ter me emprestado o seu café, mas já está ficando tarde, e você certamente tem um longo expediente repleto de lesões corporais terríveis pela frente.

– Nada disso. Saí do plantão noturno às nove da manhã e agora só preciso me manter acordada durante o dia para conseguir ter uma noite de sono normal. Não tenho nada melhor a fazer além de ficar sentada conversando com estranhos em cafés. Você, por outro lado, deveria ir a uma emergência o mais rápido possível. Logo depois que pagar a minha conta, na verdade.

Sally se inclinou até a mesa em que estava sentada antes e apanhou a conta ao lado do seu prato. Olhou para ela, balançando a cabeça com um ar de reprovação.

– Temo que sejam cinco xícaras de café. Foi uma longa noite na enfermaria, com doentes indo e vindo o tempo todo. Inclusive um paciente em coma que precisou ser transferido para um hospital particular de madrugada. Só Deus sabe por que teve que ser àquela hora da noite. Se eu fosse você, não pagaria pelo segundo croissant. Eu o pedi, mas ele não veio.

Sally empurrou a conta para Dirk, que a segurou com um suspiro relutante.

– Um roubo – falou ele –, um verdadeiro roubo. E, diante das circunstâncias, acrescentar quinze por cento de gorjeta pelo serviço só pode ser gozação. Aposto que não vão me trazer nem uma faca.

Ele se virou e tentou, sem esperança de sucesso, chamar qualquer um dos vários garçons que estavam à toa em meio aos açucareiros nos fundos do café.

Sally pegou sua conta e a de Dirk e tentou somá-las na calculadora dele.

– O total parece ser “Um Sufusão de Amarelo”.

– Obrigado, agora me dê isto – falou Dirk, contrariado, enquanto se virava para ela e tirava a calculadora das suas mãos, guardando-a no bolso.

Ele voltou a acenar inutilmente para o quadro vivo de garçons.

– Para que você quer uma faca, afinal? – perguntou Sally.

– Para abrir isto – respondeu Dirk, sacudindo para ela o envelope grande fechado com várias camadas de fita adesiva.

– Deixe que eu pego uma para você.

Um jovem sentado sozinho em uma mesa próxima estava olhando para outra direção, assim Sally se inclinou rapidamente para apanhar sua faca.

– Eu lhe devo esta – falou Dirk, esticando a mão para pegar o talher.

Sally o afastou dele.

– O que tem no envelope?

– Você é uma jovem extremamente enxerida e presunçosa.

– E você é muito esquisito.

– Sou apenas tão estranho quanto preciso ser.

– Humpf – fez Sally. – O que tem no envelope?

Ela ainda se recusava a lhe dar a faca.

– O envelope não é seu – proclamou Dirk –, de modo que o conteúdo dele não é da sua conta.

– Mas parece muito interessante. O que tem dentro?

– Ora, não vou saber enquanto não o abrir!

Ela o encarou, desconfiada, então arrancou o envelope das mãos dele.

– Eu insisto que... – começou Dirk.

– Como você se chama?

– Eu me chamo Gently. Sr. Dirk Gently.

– E não Geoffrey Anstey, ou qualquer um desses nomes que foram riscados? – disse ela, franzindo brevemente a testa enquanto olhava para os nomes.

– Não. É claro que não.

– Quer dizer que este envelope também não é seu.

– Eu... isto é...

– Arrá! Então você também está sendo extremamente... Como foi mesmo que você disse?

– Enxerido e presunçoso. Sim, não nego. Mas sou um detetive particular. Sou pago para ser enxerido e presunçoso. Não com tanta frequência ou tão generosamente quanto gostaria, mas ainda assim sou enxerido e presunçoso em virtude do meu trabalho.

– Que triste. Acho muito mais divertido ser enxerida e presunçosa como hobby. Então você é um profissional, já eu sou uma simples amadora de

nível olímpico. Você não parece um detetive particular.

– Nenhum detetive particular parece um detetive particular. Essa é uma das primeiras regras do nosso ofício.

– Mas se nenhum detetive particular parece um detetive particular, como um detetive particular sabe como ele não deve parecer? Isso é um problema.

– É, mas não do tipo que me faça perder o sono – falou Dirk, exasperado. – Enfim, não sou como os outros detetives particulares. Meus métodos são holísticos e, no sentido mais respeitável da palavra, caóticos. Meu modus operandi consiste em investigar a interconexão fundamental de todas as coisas.

Sally se limitou a pestanejar.

– Cada partícula do universo – prosseguiu Dirk, empolgando-se com o tema e começando a fitá-la com um olhar penetrante – afeta toda e qualquer outra partícula, ainda que de forma sutil e indireta. Tudo está interconectado. O bater das asas de uma borboleta na China pode afetar a trajetória de um furacão no Atlântico. Se eu pudesse interrogar a perna desta mesa de uma maneira que fizesse sentido para mim, ou para a perna da mesa, ela poderia me dar a resposta para qualquer pergunta sobre o universo. Eu poderia fazer qualquer pergunta aleatória que me viesse à cabeça a qualquer pessoa, escolhida totalmente ao acaso, e a resposta dela, ou a ausência de resposta, influenciaria de alguma forma o problema para o qual estou buscando solução. Basta saber como interpretá-la. Mesmo você, que eu conheci sem querer, provavelmente sabe de coisas que são fundamentais para a minha investigação, se ao menos eu soubesse o que lhe perguntar, mas não sei, ou se estivesse minimamente interessado em fazê-lo, mas não estou.

Ele fez uma pausa, então indagou:

– Agora, pode me dar o envelope e a faca?

– Você fala como se a vida de alguém dependesse disso.

Dirk baixou os olhos por alguns instantes.

– De fato acredito que a vida de alguém dependa disso – disse ele de tal forma que pareceu que uma nuvem passou momentaneamente acima dos dois.

Sally acabou cedendo. Uma fagulha pareceu se apagar dentro dela.

A faca era rombuda demais e as camadas de fita adesiva, muito numerosas. Dirk se esforçou durante alguns segundos, mas não conseguiu

cortá-las. Recostou-se em sua cadeira, cansado e irritadiço.

– Vou perguntar se eles não têm nada mais afiado – informou ele, levantando-se com o envelope nas mãos.

– Você deveria é dar um jeito nesse nariz – falou Sally baixinho.

– Obrigado – disse Dirk, fazendo uma ligeira mesura.

Ele pegou as contas e foi visitar a exposição de garçons montada nos fundos do café. Deparou com certa frieza ao se recusar a acrescentar qualquer tipo de colaboração adicional à taxa de serviço obrigatória de quinze por cento, e disseram-lhe que não, aquele era o único tipo de faca que tinham e não havia nada que pudessem fazer a respeito.

Dirk lhes agradeceu e voltou a cruzar o café.

Sentando em seu lugar e conversando com Sally estava o jovem cuja faca ela havia surrupiado. Dirk meneou a cabeça para a enfermeira, mas ela estava envolvida demais na conversa com seu novo amigo para notar:

– ... em coma que precisou ser transferido para um hospital particular de madrugada. Só Deus sabe por que teve que ser àquela hora da noite. Só mesmo para criar complicações desnecessárias. Desculpe a minha tagarelice, mas o paciente tinha a própria máquina de Coca-Cola e um martelo, o que pode ser perfeitamente aceitável em um hospital particular, mas, na enfermaria de um hospital público com carência de funcionários, só me deixa cansada, e eu falo muito quando estou cansada. Se eu cair desmaiada no chão de repente, será que você faria a gentileza de me avisar?

Dirk seguiu andando e, então, notou que Sally tinha deixado o livro que estava lendo em sua primeira mesa, e algo no exemplar chamou a atenção dele.

Era um volume grande, chamado *Corra feito o diabo*. Na verdade, era enorme e tinha algumas páginas com a ponta dobrada, parecendo mais um gigantesco doce folheado do que um livro. A metade inferior da capa trazia a imagem habitual de uma mulher de vestido elegante enquadrada pela mira de uma arma, enquanto a metade de cima era totalmente ocupada pelo nome do autor, Howard Bell, impresso em relevo prateado.

Dirk não conseguiu determinar de imediato o que chamara sua atenção naquele livro, mas sabia que algum detalhe na capa lhe parecia familiar. Lançou um olhar sorrateiro para a garota cujo café tinha surrupiado, e por cujos cinco cafés e dois croissants – sendo que um não fora servido –, ele

havia pagado. Ela não estava olhando, então Dirk também surrupiou o livro, enfiando-o no bolso do seu sobretudo de couro.

Em seguida, saiu para a rua, onde foi atacado por uma águia que veio do céu em um voo rasante, quase jogando-o na frente de um ciclista, que se pôs a xingá-lo do alto do elevado patamar moral que só os ciclistas parecem capazes de galgar.

capítulo 11

Um carro não muito bem cuidado chegou ao terreno bem cuidado que ficava nos arredores de uma vila bem cuidada na bem cuidada região de Cotswolds.

Era um Citroën 2CV amarelo velho, que tivera um dono cuidadoso, mas depois outros três cuja imprudência chegava às raias do suicídio. Subiu a entrada para carros com um ar de relutância, como se tudo o que quisesse da vida fosse ser capotado em uma vala sossegada numa das campinas das redondezas, onde pudesse ficar tranquilamente abandonado, em vez de ser obrigado a se arrastar por todo aquele longo caminho de cascalho, pelo qual sem dúvida teria que voltar depois, sem que pudesse sequer imaginar o motivo.

Parou diante da elegante entrada de pedra do edifício principal, então começou a deslizar para trás até o motorista puxar o freio de mão, o que fez o carro produzir um “eek” estrangulado.

Uma porta se abriu precariamente, oscilando na única dobradiça que restava, e então duas pernas saíram do veículo. Eram o tipo de pernas que editores de som não conseguiam ver sem sentirem a necessidade de acrescentar um solo de saxofone desavergonhado ao fundo, por motivos que ninguém além dos editores de som jamais conseguiu entender. Nesse caso, entretanto, o saxofone teria sido preterido em favor do *kazoo*, que o mesmo editor de som quase certamente escolheria para acompanhar todo o trajeto.

Como era de se esperar, a dona das pernas surgiu logo depois delas, fechou a porta do carro com cuidado e entrou no edifício.

O automóvel continuou estacionado diante dele.

Passados alguns minutos, um recepcionista saiu e o examinou, fechou a cara e, como não tinha nada melhor para fazer, voltou para dentro do

prédio.

Logo em seguida, Kate foi levada até o consultório do Sr. Ralph Standish, chefe do setor de psicologia e um dos diretores do Woodshed Hospital, que estava encerrando um telefonema.

– Sim, é verdade – dizia ele –, às vezes crianças normalmente inteligentes e sensíveis podem parecer idiotas. Mas, Sra. Benson, crianças idiotas às vezes também podem parecer idiotas. A senhora precisa ter isso em mente. Sim, eu sei que é muito doloroso. Tenha um bom dia, Sra. Benson.

Ele guardou o telefone em uma das gavetas da sua mesa e passou alguns segundos organizando os pensamentos antes de erguer os olhos.

– Gostaria de ter sido avisado com mais antecedência do nosso encontro, Srta... ahn... Schechter.

Na verdade, o que ele disse foi “Gostaria de ter sido avisado com mais antecedência do nosso encontro, senhorita... ahn”, então fez uma pausa para olhar dentro de outra de suas gavetas antes de falar “Schechter”.

Kate achou muito estranho que o psicólogo guardasse os nomes de seus visitantes dentro de uma gaveta, mas estava claro que ele não gostava que nada entulhasse sua bela mesa de freixo negro, pois não havia nada em cima dela. Todas as demais superfícies em seu consultório estavam igualmente vazias. Não havia nada na pequena e elegante mesa de centro de aço e vidro que ficava precisamente entre duas cadeiras Barcelona; tampouco em cima dos dois arquivos de metal de aparência cara nos fundos da sala.

Não se viam estantes – se existissem livros naquele cômodo, deviam estar escondidos atrás das portas brancas dos grandes armários embutidos –, e a presença de uma moldura preta simples pendurada na parede provavelmente era uma aberração temporária, pois não havia quadro algum nela.

Kate olhou ao redor, perplexa.

– O senhor não tem uma peça de decoração sequer aqui, Sr. Standish?

Ele ficou um tanto espantado com a franqueza transatlântica de Kate, mas, passados alguns instantes, respondeu:

– É claro que tenho – respondeu, abrindo outra gaveta.

Tirou lá de dentro um bibelô de porcelana de um gatinho brincando com uma bola de lã e o depositou com firmeza à sua frente.

– Como psicólogo, tenho plena consciência da importância da decoração para nutrir o espírito humano.

Em seguida, guardou o ornamento na gaveta e fechou-a com um clique suave.

– Muito bem.

Ele juntou as mãos sobre a mesa, fitando-a com um olhar inquisitivo.

– Obrigada por me receber tão em cima da hora...

– Sim, sim, já passamos dessa parte.

– ... mas estou certa de que o senhor sabe o que os jornais estão dizendo.

– Eu sei até onde me importo em saber no que diz respeito aos jornais, Srta... ahn... – Ele tornou a abrir a gaveta. – Srta. Schechter, mas...

– Bem, isso é parte do motivo que me fez buscar o senhor – mentiu Kate, jogando charme. – Sei que a sua instituição foi vítima de, digamos, má publicidade ultimamente e achei que o senhor poderia gostar da oportunidade de falar sobre alguns dos aspectos positivos do trabalho realizado aqui no Woodshed Hospital.

Ela sorriu com toda a doçura.

– É só porque a senhorita chegou a mim muito bem recomendada pelo meu inestimável amigo e colega, o senhor... ahn...

– Franklin, Alan Franklin – adiantou-se Kate, para evitar que o psicólogo precisasse abrir a gaveta de novo.

Alan Franklin era o terapeuta com quem Kate tinha se consultado durante algumas sessões depois da morte do marido, Luke. Ele lhe alertara que Standish, apesar de brilhante, era também estranho, até para os padrões elevados estabelecidos por sua profissão.

– ... Franklin – continuou Standish –, que eu concordei em recebê-la. Quero avisá-la desde já que, se eu vir qualquer menção a essa calúnia de que “há algo de podre no Woodshed” nos jornais por causa desta entrevista, eu farei...

– “Farei tais coisas – quais, ainda o ignoro – que hão de ser os terrores de toda a terra” – falou Kate com animação.

Standish estreitou os olhos.

– *Rei Lear*, Ato II, Cena IV. E creio que o correto é “o terror”, não “os terrores”.

– Sabe de uma coisa, acho que o senhor tem razão.

Obrigado, Alan, pensou ela. Sorriu para Standish, que relaxou, satisfeito em assumir uma posição de superioridade. Era curioso, refletiu Kate, como

as pessoas que sentiam necessidade de intimidar você eram as mais manipuláveis.

– Então, o que exatamente a senhorita gostaria de saber?

– Vamos supor que eu não sei nada.

Standish sorriu, como se nenhuma outra suposição pudesse lhe dar mais prazer.

– Muito bem. O Woodhead é um hospital de pesquisa. Nós nos especializamos no tratamento e no estudo de pacientes que sofrem de distúrbios incomuns ou nunca antes observados, em especial nos campos da psicologia ou da psiquiatria. Um de nossos principais métodos é simplesmente receber pacientes particulares cobrando valores exorbitantes, que eles ficam felizes em pagar, ou pelo menos dos quais gostam de reclamar. Na verdade, não há motivo para reclamar, pois são plenamente informados da razão dos nossos preços elevados. Por outro lado, levando em conta o dinheiro que pagam, têm todo o direito de reclamar; inclusive, o direito de reclamar é um dos privilégios pelos quais pagam. Em alguns casos, fazemos um acordo especial estipulando que, se o paciente concordar em nos tornar os únicos donatários do seu patrimônio, nós nos comprometemos em cuidar dele pelo resto da sua vida.

– Então, para todos os efeitos, o negócio é oferecer bolsas de incentivo a pessoas com doenças de alto nível?

– Exatamente. Excelente maneira de colocar a questão. O nosso negócio é oferecer bolsas de incentivo a pessoas com doenças de alto nível. Preciso anotar isso. Srta. Mayhew!

Ele havia aberto outra gaveta, que continha o sistema de comunicação interna do consultório. Em resposta à sua chamada, um dos armários se abriu, revelando ser uma porta para uma sala lateral – uma solução que teria agradado um arquiteto que houvesse desenvolvido uma antipatia ideológica por portas. Do outro cômodo surgiu, obediente, uma mulher magra e de expressão um tanto impassível de uns 45 anos.

– Srta. Mayhew – continuou o Sr. Standish –, o nosso negócio é oferecer bolsas de incentivo a pessoas com doenças de alto nível.

– Muito bem, Sr. Standish – falou ela, retornando para a sua sala e fechando a porta ao sair.

Kate ficou na dúvida se não seria um armário, afinal de contas.

– E de fato temos alguns pacientes com doenças extraordinárias no momento – prosseguiu o psicólogo, entusiasmado. – A senhorita não estaria interessada em ver algumas das estrelas que temos conosco agora?

– Sem dúvida. Seria muito interessante, Sr. Standish, é muita gentileza sua.

– A gentileza é fundamental neste ramo – afirmou ele, dando-lhe um breve sorriso.

Kate se esforçava para não deixar transparecer a impaciência. Não simpatizava com o Sr. Standish e começava a achar que havia algo de marciano nele. Além do mais, a única coisa que lhe interessava era descobrir se o hospital tinha ou não recebido um novo paciente de madrugada e, se sim, onde ele estava e se poderia vê-lo.

Tentara primeiro uma abordagem direta, mas que fora refutada por uma telefonista sob o argumento de que ela não tinha um nome de paciente para informar. Perguntar apenas se algum homem alto, musculoso e louro estava internado no hospital parecia criar a impressão totalmente errada. Bastou um breve telefonema para Alan Franklin e ela arranjava essa abordagem muito mais sutil.

– Ótimo! – exclamou o Sr. Standish.

Por um momento, ele exibiu uma expressão desconfiada, e tornou a convocar a Srta. Mayhew de dentro do seu armário.

– A última coisa que eu acabei de lhe dizer...

– Sim, Sr. Standish?

– Suponho que tenha percebido que eu queria que você a anotasse para mim, não é?

– Não, Sr. Standish, mas terei grande prazer em fazê-lo.

– Obrigado – disse ele com certa tensão no olhar. – E arrume isto aqui, por favor. Este consultório está uma...

Ele queria dizer que o consultório estava uma bagunça, mas ficou frustrado ao perceber como o ambiente parecia estéril.

– Dê uma arrumada de forma geral – concluiu.

– Sim, Sr. Standish.

O psicólogo assentiu, seco, afastou com a mão uma poeira inexistente de cima da mesa e abriu outro breve sorriso para Kate. Então, a escoltou até o corredor, cujo piso era imaculadamente coberto pelo tipo de carpete bege que dava choques de estática em qualquer pessoa que andasse por ele.

– Aqui, como pode ver... – falou Standish, indicando com um gesto preguiçoso parte da parede pela qual passavam, mas sem deixar de forma alguma claro o que queria que Kate visse ou o que ela deveria entender com isso. – E aqui também – continuou, aparentemente apontando para a dobradiça de uma porta. – Ah – acrescentou ele, à medida que a porta se abria na direção dos dois.

Kate ficou alarmada ao notar que, sempre que qualquer porta se abria naquele lugar, ela dava um pulinho de expectativa. Esse não era o tipo de comportamento que se esperava de uma jornalista nova-iorquina experiente e viajada, ainda que não morasse em Nova York e só escrevesse matérias de viagem para revistas. Mesmo assim, não fazia sentido esperar ver homens altos e louros sempre que uma porta era aberta.

Não havia nenhum homem alto e louro ali, mas apenas uma menina ruiva de uns 10 anos, empurrada numa cadeira de rodas. Ela estava muito pálida, doente e retraída, e murmurava algo para si mesma que parecia lhe causar angústia e agitação. A garota se deixava cair de um lado para outro em sua cadeira, como se tentasse escapar das palavras que lhe saíam da boca. Kate ficou imediatamente comovida ao vê-la e, cedendo a um impulso, pediu que a enfermeira que a empurrava parasse.

Ela se agachou e olhou com ternura para o rosto da garota. A atitude pareceu agradar um pouco à enfermeira, mas nem tanto ao Sr. Standish.

Kate tentou não exigir a atenção da menina, limitando-se a abrir um largo sorriso amigável para ver se ela reagiria, mas a paciente parecia relutante ou incapaz de fazê-lo. Sua boca continuava a trabalhar sem descanso, como se levasse uma existência independente do restante do rosto.

Agora que Kate olhava mais de perto, em vez de doente e retraída, ela dava a impressão de estar cansada, aborrecida e completamente de saco cheio. Precisava de um descanso, de paz, mas sua boca não parava de se mexer.

Por um instante fugaz, seus olhos cruzaram com os de Kate, e a mensagem que transmitiu foi algo como “Sinto muito, mas você vai ter que me perdoar enquanto tudo isso está acontecendo”. A garota respirou fundo, quase fechou os olhos, resignada, e continuou com seus murmúrios incansáveis.

Kate se inclinou um pouco para a frente numa tentativa de pescar alguma palavra, mas não conseguia discernir nada que fizesse sentido.

Lançou um olhar inquisitivo para Standish, que disse apenas:

– Cotações da bolsa de valores.

Uma expressão de espanto tomou conta do semblante de Kate.

– De ontem, infelizmente – acrescentou Standish, dando de ombros, com ironia.

Kate se sobressaltou ao ver sua reação ser tão ridiculamente mal interpretada, apressando-se a encarar a garota para disfarçar seu constrangimento.

– Quer dizer que ela está sentada aqui recitando as cotações de ontem da bolsa de valores?

A garota revirou os olhos, afastando-os dos de Kate.

– Exato – confirmou Standish. – Tivemos que chamar um leitor de lábios para determinar o que estava acontecendo. Ficamos bastante entusiasmados, naturalmente, mas ao examinarmos melhor os números descobrimos que eram do dia anterior, o que foi um pouco decepcionante. Não é um caso muito significativo, na verdade. Comportamento aberrante. Seria interessante saber por que ela faz isso, mas...

– Espere um momento – interrompeu Kate, tentando soar muito interessada, em vez de totalmente horrorizada –, o senhor está me dizendo que ela recita... o quê? As cotações no fechamento do pregão, uma vez atrás da outra, ou...

– Não. Esse é um detalhe interessante, é claro. Ela basicamente acompanha as oscilações do mercado ao longo de todo o dia, mas com 24 horas de atraso.

– Mas isso é extraordinário, não acha?

– Ah, sim. Uma façanha e tanto.

– Uma *façanha*?

– Bem, como cientista, sou forçado a assumir a perspectiva de que, como a informação está disponível para todos, ela a está adquirindo por meio dos veículos tradicionais. Não há necessidade, neste caso, de inventar qualquer dimensão sobrenatural ou paranormal. É o princípio da navalha de Occam. Não é preciso multiplicar as entidades envolvidas.

– Mas alguém já a viu analisando os jornais ou grudada ao telefone para copiar os números?

Ela olhou para a enfermeira, que balançou a cabeça em silêncio.

– Não, nunca foi flagrada fazendo isso – respondeu Standish. – Como eu disse, uma façanha e tanto. Estou seguro de que um mágico ou mnemonista poderia lhe explicar como ela consegue.

– O senhor já perguntou a algum?

– Não. Não me misturo com esse tipo de gente.

– Mas o senhor acha mesmo que ela pode estar fazendo isso de propósito? – insistiu Kate.

– Acredite, senhorita... Ahn... Se você entendesse as pessoas tanto quanto eu, acreditaria em qualquer coisa – falou Standish, empregando seu tom de voz mais profissionalmente tranquilizador.

Kate fitou o rosto cansado e infeliz da jovem e ficou calada.

– A senhorita tem que entender – continuou Standish – que precisamos ser racionais. Se fossem as cotações do dia seguinte, seria bem diferente, um fenômeno de natureza muito distinta que mereceria e exigiria a investigação mais rigorosa possível. Além do mais, creio que teríamos muita facilidade em encontrar patrocínio para a pesquisa. Não haveria nenhum problema nesse sentido.

– Entendo – disse Kate com sinceridade.

Ela se levantou, um pouco tensa, e alisou a blusa.

– Então – falou, envergonhada –, quem é seu paciente mais recente? O último que foi internado no hospital?

Foi uma mudança de assunto muito brusca, mas então lembrou a si mesma que estava ali como jornalista, logo não pareceria estranho.

Standish dispensou com um gesto a enfermeira e a cadeira de rodas com sua ocupante infeliz. Kate olhou para a garota uma última vez, depois seguiu o psicólogo pelas portas vaivém até a seção seguinte do corredor, que era idêntica à anterior.

– Aqui, como pode ver... – repetiu Standish, dessa vez referindo-se, aparentemente, ao caixilho de uma janela. – E aqui também – acrescentou, apontando para uma luminária.

Era óbvio que ele não tinha ouvido sua pergunta, ou a ignorara. Talvez, pensou Kate, apenas tratasse a questão com o desprezo que ela merecia.

Foi então que percebeu o que Standish queria dizer com todos aqueles *Aqui, como pode ver...* e *E aqui também*. Ele lhe pedia que admirasse a qualidade dos acabamentos. As janelas eram em estilo guilhotina, os

caixilhos feitos com primor e muito bem pintados; as luminárias eram de um metal pesado e fosco, provavelmente niqueladas – e assim por diante.

– Tudo muito refinado – comentou ela, condescendente, mas então percebeu que isso soava pomposo demais para uma americana. – As instalações são excelentes – acrescentou, achando que isso o agradaria.

E agradeceu. Standish se permitiu abrir um sorriso não muito radiante de prazer.

– Gostamos de pensar que oferecemos nossos cuidados em um ambiente da mais alta qualidade.

– Muitas pessoas devem querer vir para cá – prosseguiu Kate, insistindo no seu tema. – Com que frequência vocês recebem novos pacientes? Quando foi que o último...

Com a mão esquerda, ela segurou sua direita, que queria estrangulá-la nesse exato momento.

Eles passaram por uma porta entreaberta e Kate tentou olhar discretamente para dentro.

– Muito bem, vamos ver o que temos aqui – apressou-se a falar Standish, escancarando a porta e revelando um quarto bastante pequeno. – Ah, sim – disse o psicólogo, reconhecendo o ocupante do quarto.

Ele a conduziu para o interior do cômodo. A pessoa que estava ali não era grande nem loura. Kate começava a achar aquela visita uma experiência emocionalmente desgastante e tinha a sensação de que as coisas não iriam melhorar nesse sentido.

Enquanto os lençóis eram trocados por um assistente hospitalar, um homem se sentava na poltrona ao lado da cama. Era uma das pessoas mais profunda e perturbadoramente desgrenhadas que Kate já vira na vida. Na verdade, apenas seu cabelo estava desgrenhado, mas a ponto de dar a impressão de que contaminava o rosto longo com seu caos angustiante.

Ele parecia bastante contente em estar sentado ali, porém havia algo de muito vago em seu contentamento, como se não estivesse contente com nada. Um espaço totalmente vazio pairava no ar 45 centímetros à frente do seu rosto, e seu contentamento, considerando que tivesse origem em algum lugar, originava-se dali.

Kate tinha a sensação de que ele estava à espera de algo. Era impossível saber se era algo prestes a acontecer a qualquer momento, algo que aconteceria mais adiante na semana ou mesmo que ocorreria pouco depois

do dia de São Nunca e de a British Telecom consertar as linhas telefônicas danificadas, pois não parecia fazer a menor diferença. Se acontecesse, ele estava preparado; caso contrário, ficaria contente assim mesmo.

Tamanho contentamento a perturbava de uma forma quase insuportável.

– Qual é o problema com ele? – perguntou baixinho, dando-se conta no mesmo instante de que estava falando como se o paciente não estivesse ali, embora fosse bem provável que ele pudesse perfeitamente falar por si mesmo.

E, de fato, nesse exato momento, ele falou:

– Ah, ahn, oi. Ok, tudo bem, obrigado.

– Ahn, olá – respondeu ela, embora não parecesse muito adequado. Ou melhor, o que ele tinha dito não parecia muito adequado.

Standish gesticulou para Kate como se a desencorajasse a falar.

– Ahn, sim, um *bagel* está ótimo – continuou o homem, contente, mas ao mesmo tempo num tom de voz inexpressivo, como se repetisse algo que tivessem lhe orientado a falar. – Isso, e talvez um suco. Ok, obrigado.

Ele relaxou, voltando a vigiar atentamente o vazio.

– O distúrbio dele é muito incomum – explicou Standish –, a tal ponto que somos obrigados a crer que é um caso único. Nunca ouvi falar de nada nem um pouco parecido. Também foi quase impossível verificar de forma incontestável que se trata daquilo que parece ser, então tenho a satisfação de dizer que fomos poupados do constrangimento de tentar dar um nome ao distúrbio.

– O senhor quer que eu ajude o Sr. Elwes a voltar para a cama? – perguntou o auxiliar para Standish, que assentiu. O psicólogo não se dava ao trabalho de desperdiçar saliva com subordinados.

O auxiliar se inclinou para falar baixinho com o paciente:

– Sr. Elwes?

O homem pareceu emergir de um devaneio.

– Hummm? – falou ele, olhando ao redor de repente, parecendo confuso. – Ah! Ah? O quê? – disse enfim, com a voz fraca.

– Quer que eu o ajude a voltar para a cama?

– Ah. Ah, obrigado, sim. Seria muito gentil da sua parte.

Embora desnorteado e perplexo, o Sr. Elwes era perfeitamente capaz de voltar sozinho para a cama, logo tudo o que o auxiliar precisava fazer era

oferecer apoio moral e incentivo. Depois que o paciente já estava bem acomodado, o auxiliar assentiu educadamente para Standish e Kate e saiu.

Em questão de instantes, o Sr. Elwes estava de volta ao seu transe, recostado em uma esarpa de travesseiros. Sua cabeça pendia um pouco para a frente e ele olhava para um dos joelhos, que sobressaía, ossudo, de baixo das cobertas.

– Quero falar com Nova York – disse ele.

Kate lançou um olhar intrigado para Standish, aguardando algum tipo de explicação, mas não recebeu nenhuma.

– Ah, está bem – prosseguiu o Sr. Elwes –, é 541 alguma coisa.

Ele falou mais quatro dígitos de um número com sua voz apagada e inexpressiva.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Kate finalmente.

– Demoramos um bom tempo para entender. Foi por puro acaso que alguém descobriu. Aquela televisão ali estava ligada – ele apontou para o televisor portátil que se encontrava em um dos cantos do quarto – em um programa de entrevistas, que por acaso era ao vivo. Uma coisa extraordinária. O Sr. Elwes estava sentado ali resmungando sobre quanto odiava a BBC... não sei se era a BBC, talvez fosse algum desses outros canais que eles têm agora... e expressando sua opinião sobre o apresentador do programa, qualquer coisa sobre como o considerava um bundão ou algo parecido. Disse ainda que desejava que aquilo acabasse de uma vez e que, sim, está bem, ele já estava indo, e de repente o que ele falava e o que passava na TV começou incrivelmente a ficar quase sincronizado.

– Como assim?

– Eu ficaria surpreso se a senhorita entendesse. Tudo que Elwes dizia era logo em seguida repetido na TV por um senhor chamado Dustin Hoffman. Parece que o nosso Sr. Elwes sabe tudo o que esse Sr. Hoffman vai falar cerca de um segundo antes. Devo dizer que isso não é algo que o Sr. Hoffman ficaria muito feliz em saber. Já tentamos alertá-lo desse problema, mas tem sido um tanto difícil contatá-lo.

– Que porra é esta aqui? – perguntou o Sr. Elwes tranquilamente.

– Acreditamos que o Sr. Hoffman esteja fazendo um filme numa locação em algum lugar da costa oeste dos Estados Unidos. – Ele conferiu o relógio.

– Deve ter acabado de acordar no hotel e está fazendo seus telefonemas matinais.

Estupefata, Kate olhava de Standish para o extraordinário Sr. Elwes.

– Há quanto tempo este pobre homem está assim?

– Ah, há uns cinco anos, se não me engano. Começou do nada. Um belo dia, estava jantando com a família e, de repente, se pôs a resmungar sobre o seu trailer. Então, logo em seguida, passou a reclamar do ângulo em que estava sendo filmado. Depois, ficou a noite inteira falando enquanto dormia, repetindo sem cessar frases aparentemente sem sentido, dizendo ainda que não gostava muito de como elas tinham sido escritas. Foi um período muito desgastante para a família, como a senhorita pode imaginar, viver dessa forma com um ator tão perfeccionista sem ao menos saber. Pensando agora, me parece muito surpreendente que eles tenham demorado tanto para identificar o que estava acontecendo. Especialmente depois que o Sr. Elwes os acordou a altas horas da madrugada para agradecer a eles, ao produtor e ao diretor pelo Oscar.

Sem saber que o dia apenas a preparava para o que estava por vir, Kate cometeu o erro de achar que ele havia chegado ao ápice no que dizia respeito a revelações chocantes.

– Pobre homem – sussurrou. – Que estado patético. Está vivendo como a sombra de outra pessoa.

– Ele não me parece sofrer de modo algum.

O Sr. Elwes estava envolvido em uma discussão acalorada que parecia girar em torno das definições das palavras “pontos”, “lucro”, “bruto” e “limusine”.

– Mas as implicações disso são *extraordinárias*, não? – indagou Kate. – Ele está dizendo essas coisas segundos *antes* de Dustin Hoffman?

– Bem, tudo não passa de conjecturas, é claro. Temos apenas algumas ocorrências claras de correlação total e não tivemos a oportunidade de conduzir um estudo mais aprofundado. Além disso, é preciso reconhecer que essas poucas ocorrências de correlação total não foram rigorosamente documentadas e poderiam ser explicadas de forma mais simples como coincidências. O restante, talvez, seja só fruto de uma fantasia elaborada.

– Mas, se comparamos este caso com o da garota que acabamos de ver...

– Ah, bem, não podemos fazer isso, entende? Devemos julgar cada caso por seus próprios méritos.

– Mas os dois estão no mesmo mundo...

– Sim, mas há outras questões a levar em conta. Obviamente, se o Sr. Elwes aqui demonstrasse um precognição significativa a respeito, por exemplo, do líder da União Soviética ou, melhor ainda, do presidente dos Estados Unidos, então é claro que haveria importantes questões de defesa envolvidas. Nesse caso, talvez estivéssemos dispostos a abrir uma exceção para determinar o que é ou não coincidência e fantasia, mas, para um mero ator de cinema que não parece ter nenhum envolvimento com a política, acredito que não: devemos nos ater aos princípios do rigor científico.

Ele se virou para ir embora e puxou Kate consigo.

– Assim sendo – acrescentou –, creio que, tanto no caso do Sr. Elwes quanto no daquela encantadora menina na cadeira de rodas... como ela se chama mesmo?, talvez já não possamos ajudá-los muito e o espaço e as instalações que eles ocupam tenham que ser dedicados a casos mais merecedores da nossa atenção.

Kate não conseguiu pensar em nada para dizer a respeito disso, portanto apenas o seguiu, fervendo de raiva em silêncio.

– Ah, aqui temos um caso muito mais interessante e promissor – falou Standish, atravessando as portas duplas seguintes.

Kate tentava manter suas reações sob controle, mas até mesmo alguém tão frio e marciano quanto o Sr. Standish não deixou de perceber que não agradava totalmente sua plateia. Um pouco mais de rispidez e impaciência se somou à sua conduta, juntando forças com a enorme quantidade de rispidez e impaciência que já havia ali.

Atravessaram o corredor em silêncio por alguns instantes. Kate buscava outras maneiras de retomar casualmente o tema das interações recentes, mas foi obrigada a admitir para si que não é possível tentar introduzir o mesmo assunto três vezes seguidas sem perder a tão importante casualidade. Ela olhava da forma mais sorradeira possível para cada porta pela qual passavam, mas a maioria estava fechada, e as que estavam abertas não revelavam nada de interessante.

Olhou por uma janela no caminho e notou que uma van chegava ao pátio dos fundos. O veículo lhe chamou a atenção durante o breve momento em que permaneceu em seu campo de visão porque claramente não era de uma padaria ou de uma lavanderia. Veículos desse tipo fazem propaganda do seu negócio e costumam ter palavras como “Padaria” e “Lavanderia” pintadas na lataria. Já a van em questão não trazia nada

escrito. Não tinha nada a dizer a ninguém e informava isso em alto e bom som.

Era um automóvel grande, pesado, de aparência sisuda, que estava muito perto de ser um caminhão, com um tom uniforme de cinza-escuro metálico. A van fazia Kate pensar nos gigantescos caminhões de carga cinzentos que saíam da Albânia e atravessavam, tonitruantes, a Bulgária e a Iugoslávia sem nada além da palavra “Albânia” gravada com estêncil em suas laterais. Kate tentava imaginar o que a Albânia poderia exportar de forma tão anônima e, quando decidiu pesquisar a respeito, descobriu que a única coisa que o país exportava era eletricidade – que, se ela ainda se lembrava direito das aulas de física no ensino médio, provavelmente não era transportada em caminhões.

A van deu meia-volta e começou a seguir de ré para uma entrada nos fundos do edifício. O veículo estava prestes a fazer a coleta ou a entrega do que quer que transportasse normalmente, pensou Kate. Ela prosseguiu.

Pouco depois, Standish bateu de leve numa porta e olhou com ar inquisitivo para dentro do quarto. Em seguida, gesticulou para que Kate entrasse com ele.

Tratava-se de um quarto bem diferente dos outros. Logo além da porta havia uma antessala com uma janela enorme, que dava para o quarto principal. Estava claro que os dois espaços eram isolados acusticamente um do outro, pois a antessala continha vários aparelhos de monitoramento e computadores que emitiam um zumbido alto, mas no quarto principal uma mulher estava deitada na cama, adormecida.

– Sra. Elspeth May – falou Standish, convencido de que apresentava sua atração principal.

O quarto dela era excelente: espaçoso, mobiliado com peças confortáveis e caras. Flores frescas adornavam cada superfície e a mesa de cabeceira em que o bordado da Sra. May estava pousado era de mogno.

Ela era uma senhora de cabelos grisalhos mais para o fim da meia-idade, e sua própria figura irradiava conforto enquanto dormia meio recostada em uma pilha de travesseiros, vestindo um cardigã de lã rosa. Kate precisou de apenas alguns instantes para notar que, embora dormisse, ela não estava de forma alguma inativa. Sua cabeça se inclinava para trás com serenidade, mas a mão direita segurava uma caneta que escrevia furiosamente em um grande bloco de papel que havia ao lado. A mão, como a boca da garota da cadeira

de rodas, parecia não só ter vida própria como estar atarefadíssima. Pequenos eletrodos rosados encontravam-se colados à testa da Sra. May logo abaixo da linha do couro cabeludo. Kate supôs que a função deles fosse fornecer algumas das leituras que dançavam pelas telas dos computadores na antessala em que ela e Standish estavam. Havia dois homens de jaleco branco e uma mulher sentados ali, monitorando o equipamento, e uma enfermeira de pé, olhando pela janela. Standish trocou algumas breves palavras com eles sobre o estado da paciente, que todos concordaram ser excelente.

Kate não conseguia se livrar da impressão de que deveria conhecer a Sra. May, mas não a conhecia e foi obrigada a perguntar.

– Ela é uma médium – explicou Standish, um pouco contrariado –, como imaginei que você soubesse. Uma médium com poderes extraordinários. No momento, está em transe, psicografando. Uma mensagem está sendo ditada para ela. Praticamente todas as mensagens que a Sra. May recebe têm um valor inestimável. Você nunca ouviu falar a seu respeito?

Kate admitiu que não.

– Bem, você sem dúvida conhece a mulher que afirmava que Mozart, Beethoven e Schubert ditavam música para ela, não?

– Sim, ouvi falar disso. Sempre havia matérias sobre ela nos jornais alguns anos atrás.

– As afirmações dela eram, bem, intrigantes, se você tivesse algum interesse pelo assunto. A música era mais condizente com o que cada um dos senhores que citei seria capaz de produzir rapidamente antes do café da manhã do que com o que você esperaria de uma dona de casa de meia-idade sem habilidades musicais.

Esse esnobismo em especial Kate não conseguiu deixar passar:

– Essa é uma maneira muito sexista de ver a questão. George Eliot era uma dona de casa de meia-idade.

– Sim, sim – concordou Standish, relutante –, mas o falecido Wolfgang Amadeus não estava ditando músicas para ela. É disso que estou falando. Tente seguir a lógica da argumentação em vez de acrescentar comentários irrelevantes. Se eu achasse por um só instante que o exemplo de George Eliot fosse esclarecer de alguma forma nosso atual problema, pode ter certeza de que eu seria o primeiro a apresentá-lo. Agora, onde eu estava mesmo?

– Sei lá.

– Mabel. Doris? Como ela se chamava mesmo? Vamos chamá-la de Mabel. A questão é que a maneira mais simples de lidar com o problema de Doris foi ignorá-lo. Nada de muito importante dependia dele, afinal. Alguns concertos, talvez. Material de segunda categoria. Mas, aqui, temos algo bem diferente.

Standish falou essas últimas palavras em um tom sussurrado e se virou para analisar o televisor disposto em meio ao aglomerado de telas de computador. Ele exibia um close da mão da Sra. May, que escrevia rapidamente no bloco e ocultava grande parte do que ela tinha escrito, mas parecia ser algum tipo de cálculo matemático.

– A Sra. May está recebendo mensagens ditadas de alguns dos maiores físicos da humanidade, ou pelo menos é o que ela diz. Einstein, Heisenberg e Planck. E é muito difícil contestar suas afirmações, pois a informação que está sendo gerada aqui, por meio da psicografia, por essa... senhora não instruída, é realmente física da mais profunda ordem. Do falecido Einstein, estamos recebendo detalhes cada vez mais refinados sobre como o tempo e o espaço operam no nível macroscópico, enquanto, com Heisenberg e Planck, aprimoramos nossa compreensão das estruturas fundamentais da matéria no nível quântico. Além disso, não há a menor dúvida de que essas informações têm nos aproximado cada vez mais da meta fugaz de uma Teoria do Campo Unificado, também chamada de Teoria de Tudo. Ora, isso apresenta uma situação muito interessante, para não dizer constrangedora, para os cientistas, pois a maneira como a informação está chegando a nós parece contradizer totalmente o próprio significado da informação.

– É como a piada do tio Henry – falou Kate de repente.

Standish a encarou, confuso.

– O tio Henry, que acha que é uma galinha – explicou ela.

Standish continuava sem entender.

– O senhor já deve ter ouvido – insistiu Kate. – “Coitado do tio Henry. Ele acha que é uma galinha.” “Ora, por que vocês não o levam ao médico?” “É, nós até pensamos nisso, mas precisamos dos ovos.”

Standish olhou para Kate como se um pequeno porém perfeito sabugueiro tivesse brotado de repente do nariz dela.

– Repita o que disse – falou com um fiapo de voz, chocado.

– O quê, tudo?

– Sim, tudo.

Kate plantou o punho no quadril e repetiu a piada, com mais emoção e imitando um sotaque do sul dos Estados Unidos.

– Genial – sussurrou Standish depois que ela terminou.

– Tem certeza de que nunca ouviu essa piada? – perguntou Kate, um pouco surpresa. – Ela é bem antiga.

– Não, nunca. “Precisamos dos ovos.” “Precisamos dos *ovos*.” “*Precisamos dos ovos*.” Não podem levá-lo ao médico *porque precisam dos ovos*. Que insight extraordinário sobre os maiores paradoxos da condição humana e nossa capacidade inesgotável para construir racionalizações adaptáveis para justificá-la. Meu Deus!

Kate deu de ombros.

– E a senhorita diz que é uma *piada*? – questionou Standish, incrédulo.

– Sim. E muito antiga, por sinal.

– E elas são todas assim? Nunca percebi.

– Bem...

– Estou chocado – disse Standish –, totalmente chocado. Achei que piadas fossem aquelas coisas que gente gorda diz na TV e nunca lhes dei atenção. É como se tivessem escondido algo de mim esse tempo todo. Enfermeira!

A mulher que vigiava a Sra. May pela janela levou um susto ao ser chamada de forma tão inesperada.

– Ahn, sim, Sr. Standish? – Ele claramente a deixava nervosa.

– Por que você nunca me contou nenhuma piada?

A enfermeira o encarou, estremecendo diante da impossibilidade de sequer imaginar como responder a tal pergunta.

– Ahn, bem...

– Tome nota, sim? Daqui para a frente, exigirei que você e todos os outros funcionários deste hospital contem para mim todas as piadas de que tenham conhecimento, entendido?

– Ahn, perfeitamente, Sr. Standish...

O psicólogo a encarou com um ar de dúvida e suspeita.

– Você conhece algumas piadas, não conhece, enfermeira? – perguntou ele, desafiando-a.

– Ahn, sim, Sr. Standish, acredito que sim.

- Conte uma para mim.
- Como? Agora, Sr. Standish?
- Neste exato momento.

- Ahn, bem, hum... tem aquela do paciente que acorda depois de ter, bem, quer dizer, ele tinha feito uma, ahn, cirurgia, daí ele acorda e... não é muito boa, mas enfim, ele tinha feito uma cirurgia e, quando acorda da anestesia, pergunta para o médico: “Doutor, doutor, o que aconteceu, não consigo sentir minhas pernas.” Então o médico responde: “Sim, infelizmente tivemos que amputar seus dois braços.” É isso. Ahn, é por isso que ele não conseguia sentir as pernas, entendeu?

O Sr. Standish lhe lançou um olhar firme por alguns instantes.

- Considere-se advertida, enfermeira.
- Sim, Sr. Standish.

Ele se virou para Kate.

- Não há uma piada sobre uma galinha atravessando a rua ou algo parecido?

- Ahn, sim – respondeu Kate, insegura. Parecia ter se metido em uma situação delicada ali.

- E como é essa?
- Bem, é assim: “Por que a galinha atravessou a rua?”
- Muito bem. E depois?
- A resposta é: “Para chegar do outro lado.”

- Entendo. – Standish ponderou sobre o assunto por alguns instantes. – E o que essa galinha faz quando chega ao outro lado da rua?

- A piada não registra esse fato – apressou-se a responder Kate. – Creio que isso faz parte do conceito dela, que só está interessada na jornada da galinha e nos seus motivos para empreendê-la. Nesse sentido, é um pouco como um haicai.

De repente, Kate percebeu que estava se divertindo. Conseguiu dar uma piscadela sorrateira para a enfermeira, que não fazia ideia de como interpretar nada daquilo.

- Entendo – repetiu Standish, franzindo a testa. – E essas, ahn, piadas exigem o uso prévio de qualquer tipo de estimulante artificial?

- Depende da piada e de quem a está ouvindo.

- Humm, devo dizer que sem dúvida foi aberto um novo mundo de possibilidades para mim, senhorita... ahn. Parece-me que todo esse campo

do humor poderia se beneficiar de uma análise minuciosa e oportuna. Está claro que precisamos discernir as piadas que têm algum tipo de valor psicológico daquelas que simplesmente incentivam o abuso de substâncias e deveriam ser proibidas. Excelente.

Ele se virou para falar com o pesquisador de jaleco branco que analisava o monitor em que a escrita da Sra. May era acompanhada.

– Alguma novidade valiosa do Sr. Einstein?

Sem desgrudar os olhos da tela, o pesquisador respondeu:

– A mensagem diz: “Como prefere o ovo: pochê ou cozido?”

Standish ficou em silêncio.

– Interessante – disse por fim –, muito interessante. Continue a registrar detalhadamente tudo o que ela escreve. Venha – falou em seguida para Kate, saindo da sala.

Assim que voltaram ao corredor, ele comentou:

– Os físicos são pessoas muito estranhas. Pela minha experiência, os que ainda não morreram estão de alguma forma muito doentes. Bem, está ficando tarde e tenho certeza de que está ansiosa para ir embora e escrever seu artigo, senhorita... ahn. Já eu tenho assuntos urgentes que exigem minha atenção e pacientes para tratar. Então, se não tem mais nenhuma pergunta...

– Só mais uma coisa, Sr. Standish – decidiu arriscar Kate, mandando a cautela às favas. – Precisaremos enfatizar que as informações em nosso artigo são as mais atualizadas possível. O senhor acha que poderia me conceder mais alguns minutos para dar uma olhada no último paciente que foi internado?

– Creio que isso seria um pouco difícil. A última paciente que recebemos chegou cerca de um mês atrás e morreu de pneumonia duas semanas depois da internação.

– Ah, que pena. Bem, essa não me parece uma informação muito empolgante. Então não houve nenhuma nova internação nos últimos dois dias? Nenhum paciente especialmente grande, louro ou nórdico, com um casaco de pele e um martelo, talvez? Só por desincargo de consciência. – Ela inspirou fundo, tendo uma ideia: – Alguma reinternação, por exemplo?

Standish a encarou com uma desconfiança crescente.

– Senhorita... ahn...

– Schechter.

– Srta. Schechter, estou ficando com a impressão de que seu interesse no hospital não é...

Nesse instante, foram abertas as portas vaivém atrás dos dois. O Sr. Standish olhou para ver quem era e, de repente, sua postura mudou.

Afastou Kate para o lado com um gesto brusco enquanto uma maca grande era empurrada por uma auxiliar de enfermagem. Uma irmã e outra enfermeira vieram logo em seguida, dando a impressão de participarem de uma procissão em vez de apenas fazerem seu trabalho habitual.

O paciente era um velho de aspecto frágil e delicado, com a pele fina como um pergaminho coberto de veias.

A parte de trás da maca estava ligeiramente inclinada para cima, de modo que o homem pudesse observar o mundo, algo que ele fazia com uma espécie de horror silencioso e benevolente. Sua boca estava entreaberta, a cabeça meio caída, oscilando um pouco de um lado para outro sempre que a maca passava pelo menor desnível ao longo do caminho. Contudo, apesar de toda essa apatia e fragilidade, ele tinha a aura de alguém que dominava, com serenidade e gentileza, tudo ao redor.

Era o seu olho solitário que transmitia essa impressão. Tudo em que ele o pousava, quer fosse a vista do outro lado da janela, ou a enfermeira que segurava a porta para que a maca pudesse atravessá-la sem impedimento, ou o Sr. Standish, que adotara uma postura de total servilismo e reverência, parecia cair imediatamente sob seu domínio.

Kate se perguntou como era possível que os olhos comunicassem tanta informação sobre os seus donos. Afinal, não passavam de esferas cartilaginosas. Quase não mudavam à medida que envelheciam, apenas ficavam um pouco mais vermelhos e lacrimosos. A íris se contraía e dilatava um pouco, mas isso era tudo. De onde vinha toda aquela enxurrada de informações? Especialmente em se tratando de um homem que tinha apenas um deles, já que o outro ficava oculto por um tapa-olho de couro.

Seu raciocínio foi interrompido pelo fato de que, nesse exato instante, o olho em questão se afastou de Standish para se fixar nela. A atração que exercia era tão forte que Kate quase soltou um gritinho.

Com um gesto singelo, o velho pediu que a auxiliar se detivesse. A maca estacionou e, quando o barulho das rodinhas cessou, por um instante foi como se nenhum outro som pudesse ser ouvido além do zumbido distante do elevador.

Então o elevador parou.

Kate retribuiu o olhar do paciente com um sorriso um pouco carrancudo, como se perguntasse “Desculpe, mas nós nos conhecemos?”, então ficou na dúvida se não o conhecia mesmo. Havia algo vagamente familiar em seu rosto, mas não conseguia determinar o quê. Espantou-se ao notar que, embora ele estivesse deitado em uma simples maca, os lençóis em que suas mãos estavam pousadas eram de puro linho, recém-lavados e passados.

O Sr. Standish tossiu de leve e disse:

– Senhorita, ahn, este é um dos nossos mais importantes e, ahn, estimados pacientes, o senhor...

– Está confortável, Sr. Odwin? – interrompeu a freira, prestativa.

Mas não havia necessidade: aquele era um paciente cujo nome Standish certamente sabia.

Odin a silenciou com o mais discreto dos gestos.

– Sr. Odwin – falou Standish –, esta é a senhorita, ahn...

Kate estava prestes a se apresentar outra vez quando foi pega de surpresa.

– Eu sei exatamente quem ela é – retrucou Odin em voz baixa porém clara, e por um instante seu olho assumiu o ar de uma lata de inseticida fitando ameaçadoramente uma vespa.

Ela tentou ser muito formal e britânica:

– Assim sendo, o senhor tem uma vantagem sobre mim.

– Sim – disse Odin.

Ele gesticulou para a auxiliar, e juntos retomaram seu passeio pelo corredor. Standish e a freira trocaram olhares, então Kate ficou surpresa ao notar que havia outra pessoa ali.

Supostamente, ele não surgira no corredor em um passe de mágica. Tinha apenas permanecido parado quando a maca voltou a se mover, e sua altura, ou melhor, a falta dela, era tal que ele simplesmente ficara oculto até aquele momento.

Estava tudo muito melhor antes de ele aparecer.

De algumas pessoas você gosta imediatamente, de outras você acha que pode aprender a gostar com o tempo, mas existem também aquelas que lhe dão vontade de mantê-las afastadas com uma vara pontuda. Para Kate, ficou logo claro a qual dessas categorias Toe Rag pertencia. Ele sorriu e olhou

para ela, ou melhor, pareceu olhar para uma mosca invisível que voava ao redor da cabeça dela.

Em seguida, veio correndo para cima de Kate, e, antes que pudesse impedi-lo, o homem agarrou sua mão direita e pôs-se a agitá-la animadamente para cima e para baixo.

– Eu também tenho uma vantagem sobre você, Srta. Schechter.

Então se afastou, saltitante, corredor afora.

capítulo 12

A van grande e cinza, de aparência sisuda, desceu suavemente a entrada para carros, atravessou os portões de pedra e inclinou-se como se estivesse sedada ao fazer a curva para sair do caminho de cascalho e ganhar o asfalto. A estrada era sinuosa e ladeada pelas silhuetas invernais de carvalhos sem folhas e olmos mortos. Nuvens cinzentas empilhavam-se no céu como travesseiros. A van seguiu majestosamente e logo se perdeu em suas curvas distantes.

Poucos minutos depois, o Citroën amarelo surgiu de forma menos majestosa entre os portões. O veículo subiu o declive da pista e avançou a um ritmo lento, árduo, na mesma direção.

Kate estava perturbada.

Os últimos minutos tinham sido bastante desagradáveis. Standish era um homem de comportamento estranho, na melhor das hipóteses, mas, depois do encontro com o paciente chamado Odwin, ele se tornara abertamente hostil. Era o tipo de hostilidade assustadora de uma pessoa que estivesse assustada – com o quê, Kate não fazia ideia.

Quem era ela?, exigira saber ele. Como tinha conseguido uma referência de Alan Franklin, um homem respeitado em sua profissão? O que ela queria? O que, e essa parecia ser a pergunta mais importante, ela havia feito para merecer a desaprovação do Sr. Odwin?

Kate manteve o carro na estrada enquanto ele negociava as curvas com considerável dificuldade, e as retas com apenas um pouco menos. O carro a levara aos tribunais certa vez, quando uma das rodas da frente resolvera sair em uma pequena aventura por conta própria e quase causara um acidente. O policial que testemunhara no julgamento se referira ao seu adorado Citroën como “o suposto carro”, e o apelido acabou pegando. Kate tinha um

carinho especial pelo suposto carro por vários motivos. Se, por exemplo, uma de suas portas caísse, ela poderia colocá-la de volta sozinha, o que não era possível fazer com um BMW.

Imaginou se estaria tão pálida e abatida quanto se sentia, mas o retrovisor sacolejava sob o banco, de modo que preferiu deixar para lá.

O próprio Standish tinha ficado bastante pálido e abalado diante da ideia de que alguém pudesse irritar o Sr. Odwin, descartando imediatamente as tentativas de Kate de negar que o conhecia. Se fosse assim, exigira saber o psicólogo, então por que o Sr. Odwin havia deixado claro que sabia quem era ela? Estaria Kate acusando o Sr. Odwin de ser mentiroso? Caso estivesse, seria bom ela tomar bastante cuidado.

Kate não sabia. O encontro com o Sr. Odwin fora totalmente inexplicável. Mas não podia negar que o homem tinha um enorme magnetismo. Quando ele encarava uma pessoa, ela ficava presa àquele olhar fixo e incômodo. No entanto, algo ainda mais perturbador se ocultava por trás. E era mais perturbador por um motivo: parecia fraqueza e medo.

E, quanto à outra criatura...

Estava claro que ele era a origem das histórias que tinham surgido recentemente nos setores mais detestáveis da imprensa marrom sobre como “há algo de podre no Woodhead”. Obviamente, as matérias haviam sido ofensivas e caluniosas, e tinham sido ignoradas por todos no país, exceto pelos poucos milhões que gostavam de coisas ofensivas e caluniosas.

Elas diziam que pessoas no hospital tinham sido “aterrorizadas” por uma criatura repulsiva e deformada, “como um *goblin*”, que saía de tempos em tempos do Woodhead para cometer uma impressionante variedade de atos indecorosos.

Como a maioria das pessoas, Kate supusera (ainda que não tivesse pensado muito no assunto) que algum pobre paciente transtornado conseguira sair do hospital e assustara algumas senhoras; o resto havia sido obra dos picaretas que escreviam para os tabloides. Agora, ela estava um pouco mais abalada e um pouco menos segura disso.

Ele – aquela coisa – sabia o nome dela.

O que faria com essa informação?

O que ela fez foi perder a curva que a levaria até a estrada principal e de volta para Londres, pois estava imersa em pensamentos. Agora, precisava

encontrar uma maneira de resolver esse problema. Poderia dar marcha a ré, mas havia tempos não fazia isso e, sinceramente, estava um pouco apreensiva quanto à reação do carro.

Tentou pegar as duas curvas seguintes à direita para ver se funcionaria, mas não tinha grandes esperanças – e com toda a razão. Seguiu em frente por mais uns 5 quilômetros, sabendo que estava na estrada errada, mas, a julgar pela posição da mancha mais clara entre as nuvens cinzentas, ainda na direção certa.

Decidiu, então, que seguiria nesse novo trajeto. Passou por algumas placas que deixaram claro que Kate estava apenas pegando a rota B de volta para Londres, o que por ela estava ótimo. Se tivesse pensado nisso antes, provavelmente teria escolhido ir por aquele caminho de qualquer maneira, para evitar o tráfego pesado na estrada com acesso para caminhões.

A viagem fora um fracasso total. Teria sido muito melhor se tivesse ficado a tarde inteira de molho na banheira. Toda a experiência havia sido perturbadora, quase apavorante, e ela continuava de mãos vazias no que dizia respeito ao seu verdadeiro objetivo. Já era ruim o suficiente ter um objetivo que mal conseguia admitir para si mesma sem que ele também desmoronasse diante dos seus olhos. Pouco a pouco, uma sensação de futilidade se acercava dela, assim como o céu acinzentado.

Imaginou se não estaria ficando um pouco maluca. Sua vida parecia ter fugido totalmente do controle nos últimos dias e era desesperador perceber quanto esse controle era frágil se podia ser estilhaçado por um raio ou meteorito (ou sabe-se lá o quê) de proporções um tanto modestas.

A palavra “raio” parecia ter brotado de repente nos seus pensamentos, sem que Kate soubesse como interpretá-la, de modo que a deixou ficar ali, no fundo da sua mente, como uma toalha largada no chão do banheiro que ela não se dera o trabalho de recolher.

Quem dera o sol despontasse em meio às nuvens. Os quilômetros passavam debaixo das suas rodas, o céu carregado a oprimia e ela se via pensando cada vez mais em pinguins. Por fim, Kate sentiu que não aguentava mais aquilo e decidiu que precisava de alguns minutos de caminhada para espairecer.

Parou o carro no acostamento e o Jaguar velho que a vinha seguindo ao longo dos últimos 27 quilômetros bateu em cheio na sua traseira, o que foi a cereja no topo do bolo.

capítulo 13

Com um delicioso ataque de fúria, Kate saltou, sentindo-se revigorada, e foi correndo bater boca com o motorista do outro carro, que, por sua vez, saltou para bater boca com ela.

– Por que você não olha por onde anda? – gritou Kate.

Tratava-se de um homem um tanto acima do peso, que dirigia vestido com um sobretudo de couro longo e um chapéu vermelho muito feio, apesar do desconforto que isso obviamente acarretava. Kate simpatizou com ele por isso.

– Por que você não olha por onde *eu* ando? – retrucou ele, indignado. – Por acaso não olha pelo retrovisor?

– Não – falou Kate, fincando os punhos nos quadris.

– Ah é? Posso saber por quê?

– Porque ele está debaixo do meu banco.

– Entendo – respondeu ele, carrancudo. – Obrigado pela sinceridade. Você tem um advogado?

– Sim, na verdade tenho – falou Kate com energia e arrogância.

– Ele é bom? – perguntou o homem de chapéu. – Vou precisar de um. O meu foi passar uma temporada na cadeia.

– Bem, você certamente não pode ficar com o meu.

– Por que não?

– Não seja ridículo: é óbvio que haveria conflito de interesses.

O adversário de Kate cruzou os braços e se recostou no capô do próprio carro. Ele parou para avaliar os arredores. A penumbra se adensava sobre a estrada à medida que uma noite de inverno precoce começava a cair. Ele se inclinou para dentro do automóvel a fim de ligar o pisca-alerta. As luzes traseiras cor de âmbar piscaram, bonitas, sobre a grama rala do acostamento.

As luzes da frente estavam enterradas na traseira do Citroën de Kate e sem nenhuma condição de piscar.

Ele voltou a se recostar e a olhou de cima a baixo, avaliando-a.

– Você é uma motorista, e uso a palavra no sentido mais genérico possível, ou seja, alguém que ocupa o banco do motorista do que chamarei por enquanto... embora use o termo sem nenhum preconceito... de um carro em movimento pela estrada. Uma motorista da mais estupenda, e eu diria até quase sobre-humana, falta de habilidade. Está me entendendo?

– Não.

– Quero dizer que você dirige mal. Sabia que passou os últimos 27 quilômetros zanzando de uma pista para outra?

– Vinte e sete quilômetros! – exclamou Kate. – Você estava me seguindo?

– Até certo ponto, sim – respondeu Dirk. – Eu tentei me manter deste lado da estrada.

– Entendo. Obrigada pela sinceridade. Mas nem preciso dizer que isso é uma afronta. É melhor arranjar um ótimo advogado, porque o meu vai enfiar um espeto de carne em brasa no seu você--sabe-o-quê.

– Então talvez eu devesse arranjar um kebab.

– Pelo visto, você já comeu mais kebabs do que devia. Posso saber por que estava me seguindo?

– Você parecia saber para onde estava indo. Pelo menos no começo. Durante os primeiros 90 metros, mais ou menos.

– Desde quando o lugar para onde estou indo é da sua conta?

– É um método de condução que eu tenho.

Kate estreitou os olhos.

Ela estava prestes a exigir que esse comentário absurdo fosse explicado imediatamente quando um Ford Sierra branco veio desacelerando até parar ao lado deles.

O motorista baixou a janela e se debruçou para fora.

– Acidente? – gritou o homem para os dois.

– É.

– Rá! – exclamou ele, e foi embora.

Segundos depois, um Peugeot parou ao lado deles.

– O que foi isso? – perguntou o motorista, referindo-se ao carro que havia parado logo antes dele.

– Sei lá – respondeu Dirk.

- Ah. Parece que vocês tiveram algum tipo de acidente.
- É.
- Bem que desconfie – arrematou o motorista, e foi embora.
- Já não se fazem pessoas que param na estrada para ver um acidente como antigamente, não é verdade? – falou Dirk para Kate.
- Isso sem falar nos imbecis que batem na sua traseira – retrucou ela. – Ainda quero saber por que você estava me seguindo. Você deve entender que é muito difícil não vê-lo como uma pessoa extremamente sinistra.
- Isso é fácil de explicar. Em geral eu sou extremamente sinistro. Desta vez, no entanto, só me perdi. Fui forçado a tomar medidas evasivas por conta de uma grande van cinza que veio na minha direção, achando-se a dona da estrada. Só consegui evitá-la dobrando para uma estrada secundária, na qual me vi impossibilitado de fazer o retorno. Algumas curvas depois, estava completamente perdido. Há uma escola de pensamento que defende que você deveria consultar um mapa em situações como essa, mas para esse tipo de pessoa eu digo apenas: “Rá! E se você não tiver um mapa para consultar? Ou se tiver um mapa, mas ele for da Dordonha?” Minha estratégia, por sua vez, é encontrar um carro, ou o equivalente mais próximo, que pareça saber aonde está indo e segui-lo. Raramente chego ao destino pretendido, mas muitas vezes acabo em algum lugar em que precisava estar. O que você me diz disso?
- Conversa fiada.
- Bela resposta. Meus cumprimentos.
- Eu ia dizer que faço a mesma coisa às vezes, mas ainda não tinha me decidido a admitir isso.
- Muito sensato. Você não quer entregar muita coisa por enquanto. Meu conselho é que se faça de enigmática.
- Não quero seu conselho. Para onde você estava indo antes de resolver que me seguir por 27 quilômetros na direção oposta o ajudaria a chegar lá?
- Para um lugar chamado Woodshead.
- Ah, o manicômio.
- Você o conhece?
- Estou me afastando de lá há 27 quilômetros e gostaria de estar mais longe. Em qual enfermaria você deveria estar internado? Preciso saber para onde enviar a conta do conserto.

– Eles não têm enfermarias. E acho que ficariam incomodados se a ouvissem usar a palavra “manicômio”.

– Qualquer coisa que os incomode está ótimo para mim.

Dirk olhou ao redor.

– Belo fim de tarde.

– Não, não é.

– Entendo. Se me permite dizer, você tem o ar de alguém cujo dia não trouxe alegria ou enriquecimento espiritual.

– Pode apostar que não – confirmou Kate. – Eu tive o tipo de dia que faria São Francisco de Assis chutar bebês. Principalmente se você incluir a terça-feira nessa conta; inclusive, foi a última vez em que estive consciente. E agora olhe o meu lindo carro. A única coisa que posso dizer a favor de toda essa história é que pelo menos não estou em Oslo.

– Entendo que isso possa alegrá-la.

– Eu não disse que me alegra. Só impede que eu me mate. De qualquer forma, talvez eu nem devesse me preocupar com isso, com pessoas como você tão dispostas a fazer o serviço no meu lugar.

– Você me ajudou bastante nesse sentido, Srta. Schechter.

– *Pare com isso!*

– Parar com quê?

– Meu nome! De repente, todos os estranhos que encontro sabem o meu nome. Será que vocês não podem parar de saber meu nome só por um instante? Como uma garota pode ser enigmática nessas condições? A única pessoa que eu encontrei que não parecia saber meu nome foi a única para a qual eu me apresentei. Muito bem – falou ela, apontando um dedo acusador para Dirk –, você não tem poderes sobrenaturais, então diga como sabe o meu nome. Não vou largar sua gravata enquanto você não me explicar.

– Você não agarrou minha...

– Estou agarrando agora, espertinho.

– Me solte!

– Por que você estava me seguindo? – insistiu Kate. – Como sabe meu nome?

– Eu estava seguindo você pelos motivos que expus. Quanto ao seu nome, minha cara dama, você mesma praticamente o falou para mim.

– Não falei nada.

– Garanto que falou, sim.
– Ainda estou com sua gravata na mão.
– Você deveria estar em Oslo, mas estive inconsciente desde terça-feira, então imagino que tenha estado no balcão de check-in que, incrivelmente, explodiu no Terminal 2 do Heathrow. A imprensa não parava de falar no assunto. Suponho que não tenha visto, pois estava inconsciente. Eu mesmo não acompanhei por pura apatia, mas os acontecimentos de hoje me obrigaram a dar atenção ao assunto.

Kate soltou a contragosto sua gravata, mas continuou a encará-lo com desconfiança.

– Ah, é? Que acontecimentos?

– Acontecimentos perturbadores – respondeu Dirk, alisando as próprias roupas. – Se o que você me contou não tivesse bastado para identificá-la, o fato de também ter vindo aqui hoje visitar o Woodshead eliminou qualquer dúvida que eu pudesse ter. Pelo seu ar de desânimo hostil, suponho que o homem que veio procurar não estava lá.

– *O quê?*

– Pode agarrá-la – falou Dirk, estendendo sua gravata para ela. – Eu topei por acaso com uma enfermeira do seu hospital hoje mais cedo. Por vários motivos, fiquei ansioso para encerrar abruptamente meu primeiro encontro com ela. Foi só quando eu estava parado na calçada, uns dois minutos depois, tentando me proteger da fauna local, que uma das palavras que a ouvi dizer me voltou à cabeça, digamos, como um raio. A ideia era fantástica e loucamente improvável. Mas, como a maioria das ideias fantásticas e loucamente improváveis, merecia no mínimo ser considerada na forma de uma ideia mais ordinária em que os fatos tivessem sido enfiados à força para fazerem sentido. Eu voltei para interrogá-la mais a fundo, e ela confirmou que, nas primeiras horas da madrugada, um paciente bastante incomum tinha sido transferido do hospital, aparentemente para o Woodshead. Ela também me confidenciou que outra paciente ficara curiosa, de maneira quase indecente, para descobrir o que havia acontecido com ele. A paciente em questão era uma tal Srta. Schechter, portanto, imagino que você vá concordar que meu método de condução tem suas vantagens. Posso não ter chegado ao destino pretendido, mas acredito ter acabado no lugar onde precisava estar.

capítulo 14

Cerca de meia hora depois, um homem parrudo do guincho mais próximo chegou com uma picape, um cabo de reboque e um filho. Após avaliar a situação, despachou o filho e a picape para cuidar de outro serviço, prendeu o cabo de reboque ao carro agora falecido de Kate e o rebocou para a oficina por conta própria.

Kate ficou calada por alguns instantes, então disse:

– Ele não teria feito isso se eu não fosse americana.

O homem recomendou um pequeno pub da região em que poderiam esperar enquanto ele fazia o diagnóstico do Citroën. Como o Jaguar tinha perdido apenas a seta direita da frente e Dirk insistiu que, de qualquer maneira, raramente virava à direita, e já que o pub era perto, foram no carro dele até lá. Ao entrar com alguma relutância no carro de Dirk, Kate notou o livro furtado de Howard Bell e mergulhou nele. Poucos minutos depois, quando chegaram ao pub, ela ainda tentava decidir se já o havia lido ou não.

O pub combinava todas as qualidades tradicionalmente britânicas, como enfeites de parede de latão, fórmica e rabugice. O lamento intermitente do lava-louças se misturava com uma música de Michael Jackson vindo do outro bar, criando uma ambientação que combinava perfeitamente com a pintura antiga, de aspecto sujo.

Dirk pediu uma bebida para Kate e outra para si e, então, foi se juntar a ela na pequena mesa de canto que Kate havia escolhido, bem longe da hostilidade barriguda de camiseta que rondava o bar.

– Já li este livro – anunciou ela, tendo folheado a maior parte de *Corra feito o diabo*. – Ou, pelo menos, li os primeiros capítulos. Alguns meses atrás, na verdade. Não sei por que ainda leio os livros desse autor. Está na

cara que o editor dele não os lê. – Ela olhou para Dirk. – Não esperava que gostasse desse tipo de literatura. Pelo pouco que conheço de você.

– Mas não gosto. Eu, ahn, o comprei por engano.

– É o que todo mundo diz. Ele costumava ser ótimo, se você gostasse do gênero. Meu irmão trabalha no mercado editorial em Nova York e, segundo ele, Howard Bell anda muito estranho ultimamente. Tenho a sensação de que todos têm um pouco de medo dele, o que o agrada bastante. Sem dúvida ninguém tem coragem de lhe dizer que ele deveria cortar tudo do capítulo 10 ao 27, inclusive. E toda aquela história sobre o bode, também. A teoria é que ele vende tantos milhões de exemplares porque ninguém o lê de fato. Se todos os que comprassem os livros dele os lessem de verdade, nunca mais comprariam outro e seria o fim da sua carreira.

Kate afastou o livro.

– Enfim, você me contou por que visitei o Woodshead, o que foi muito inteligente da sua parte, mas não me contou o que você pretendia fazer lá.

Dirk deu de ombros.

– Queria ver como era – respondeu ele, evasivo.

– Ah, é? Vou lhe poupar o trabalho: o lugar é horrível.

– Descreva-o. Na verdade, comece pelo aeroporto.

Kate deu um gole generoso no seu Bloody Mary e removeu-se em silêncio por alguns instantes enquanto a vodca marchava dentro dela.

– Você quer saber sobre o aeroporto também.

– Quero.

Kate sugou o resto da sua bebida.

– Então vou precisar de outro destes – falou, empurrando o copo vazio na direção dele.

Dirk enfrentou os olhos esbugalhados do barman e voltou alguns minutos depois com um novo drinque para Kate.

– Ok, vou começar pela gata.

– Que gata?

– Precisei pedir à minha vizinha de porta que cuidasse dela.

– Que vizinha de porta?

– A que morreu.

– Entendo – falou Dirk. – Vamos fazer assim: por que eu não calo a boca e deixo você me contar sua história?

– Sim, seria ótimo.

Kate relatou os acontecimentos dos últimos dias ou, pelo menos, os que testemunhara consciente, então passou a dar suas impressões sobre o Woodhead.

Apesar da aversão com que ela o descrevia, aquele lhe parecia exatamente o tipo de lugar em que ele adoraria passar sua aposentadoria, se possível a partir do dia seguinte. O hospital combinava uma dedicação ao inexplicável, que era o seu vício mais persistente (Dirk só conseguia interpretá-lo dessa forma, e às vezes aquilo se debatia contra ele com a fúria de um viciado), a uma espécie de boa vida autoindulgente, que era um vício que ele adoraria ter, mas nunca tivera dinheiro para tanto.

Kate finalmente começou a relatar seu encontro perturbador com o Sr. Odwin e seu laiaio repulsivo, e foi por isso que Dirk manteve um silêncio carrancudo durante um minuto inteiro depois que ela terminou. Grande parte desse minuto foi consumido por um conflito interno, para decidir se cederia ou não à vontade de fumar um cigarro. Como deixara de fumar havia pouco, essa era uma luta que acontecia com regularidade, e frequentemente Dirk era derrotado, muitas vezes sem notar.

Ele resolveu, triunfante, que não fumaria, então tirou um cigarro do maço assim mesmo. Fisgar o isqueiro do bolso espaçoso do seu sobretudo envolvia primeiro sacar o envelope que ele removera do banheiro de Geoffrey Anstey. Depositou-o na mesa, ao lado do livro, e acendeu o cigarro.

– A garota do balcão de check-in no aeroporto... – começou enfim.

– Ela me deixou louca – completou Kate sem pestanejar. – Fazia o seu trabalho no piloto automático, como se fosse uma máquina sem alma. Não ouvia, não pensava. Não sei onde encontram esse tipo de gente.

– Ela era minha secretária, na verdade. Parece que eles não sabem onde encontrá-la agora, também.

– Ah, sinto muito – apressou-se a dizer Kate, então refletiu por alguns instantes. – Imagino que você vá dizer que ela, na verdade, não era assim. Bem, é possível. Suponho que estivesse apenas se protegendo das frustrações do emprego. Trabalhar em um aeroporto deve deixar a pessoa insensível. Acho que teria até me solidarizado com ela se eu não estivesse tão frustrada. Desculpe, eu não sabia. Então é isso que você está tentando descobrir.

Dirk meneou a cabeça de modo evasivo.

– Entre outras coisas – falou, acrescentando em seguida: – Sou um detetive particular.

- Ah, é? – perguntou Kate, surpresa, então fez uma expressão intrigada.
- Isso incomoda você?
- É só que eu tenho um amigo que toca contrabaixo.
- Entendo – falou Dirk.

– Sempre que alguém o encontrava e ele estava pensando para carregar o instrumento para lá e para cá, ele ouvia a mesma coisa, o que o deixava maluco. “Aposto que nessas horas você queria tocar um flautim.” Ninguém se mancava que todo mundo diz isso. Eu estava só tentando descobrir se existe algo que as pessoas sempre falam para detetives particulares para poder evitar.

– Não. O que acontece é que todo mundo fica bastante desconfiado durante um tempo, e isso você fez direitinho.

– Entendo. – Kate pareceu decepcionada. – Bem, você tem alguma pista, ou seja, tem alguma ideia do que aconteceu com a sua secretária?

– Não, nenhuma ideia. Apenas uma imagem vaga que não sei como interpretar.

Dirk brincou com seu cigarro, pensativo, então deixou seu olhar vagar pela mesa outra vez até o livro. Ele o apanhou e deu uma olhada no exemplar, perguntando-se que tipo de impulso o levara a pegá-lo, para início de conversa.

– Não sei nada a respeito de Howard Bell.

Kate ficou surpresa com a maneira como ele mudou de assunto, mas também um pouco aliviada.

– Só sei – continuou Dirk – que ele vende muitos livros e que todos são mais ou menos como esse. O que mais eu deveria saber?

– Bem, circulam algumas histórias bem estranhas sobre ele.

– Como o quê?

– Como as coisas que ele faz em suítes de hotel espalhadas por todos os Estados Unidos. Ninguém sabe os detalhes, é claro, só recebem as faturas e as pagam porque não gostam de perguntar. Sentem-se mais seguros não sabendo. Especialmente no que diz respeito às galinhas.

– Galinhas? Que galinhas?

– Bem, aparentemente – respondeu Kate, baixando a voz e inclinando-se um pouco para a frente –, ele sempre pede que galinhas vivas sejam entregues no seu quarto.

Dirk franziu a testa.

– E para quê?

– Ninguém sabe. Ninguém sabe o que acontece com elas. Ninguém nunca mais as vê. Nem... – continuou ela, inclinando-se ainda mais adiante e baixando ainda mais a voz – ... uma só pena.

Dirk se perguntou se estava sendo ridiculamente inocente e ingênuo.

– Então as pessoas não sabem o que ele faz com elas?

– Ninguém tem a menor ideia – insistiu Kate. – Eles *nem querem* ter a menor ideia. Não sabem mesmo.

Ela deu de ombros e tornou a pegar o livro.

– Outro aspecto que David, o meu irmão, diz a respeito do Howard Bell é que ele tem um nome de autor best-seller absolutamente perfeito.

– É mesmo? Como assim?

– Segundo David – disse Kate –, é a primeira coisa que todo editor observa em um novo autor. Não “o material presta?” ou “o material presta depois que você se livra de todos os adjetivos?”, mas “o sobrenome dele soa bem e é curto, enquanto o nome próprio é só um pouco mais longo?”. Está vendo? “Bell” aparece em letras prateadas garrafais e “Howard” se encaixa perfeitamente em cima com as letras só um pouco mais estreitas. É uma marca registrada instantânea. Pura magia editorial. Quando você tem um nome desses, o fato de escrever bem ou não é um mero detalhe. O que, no caso de Howard Bell, é agora um grande bônus. Mas é um nome muito comum se você o escrever normalmente, como está escrito aqui, está vendo?

– O quê?

– Aqui neste seu envelope.

– Onde? Deixe-me ver.

– É o nome dele que está ali, não é? Riscado.

– Meu Deus, você tem razão – falou Dirk, olhando para o envelope. – Não o reconheci sem o formato da marca registrada.

– Quer dizer que isso tem algo a ver com ele? – perguntou Kate, pegando o envelope para analisá-lo.

– Não sei o que é exatamente. Tem algo a ver com um contrato, e talvez com um disco.

– Faz sentido que tenha a ver com um disco.

– Por que você acha isso? – perguntou Dirk, incisivo.

– Ora, é Dennis Hutch que está escrito aqui, não é? Está vendo?

– Ah, sim. Sim, estou vendo – confirmou Dirk, examinando também o envelope. – Ahn, eu deveria conhecer este nome?

– Bem – falou Kate devagar –, depende se você está vivo ou não. Ele é o presidente do Aries Rising Record Group. Menos famoso do que o papa, isso com certeza, mas... Você sabe quem é o papa, certo?

– Sim, sim – respondeu Dirk, impaciente –, aquele sujeito de cabelos brancos.

– Esse mesmo. Ele parece ser a única pessoa famosa para a qual este envelope não foi endereçado em algum momento. Temos aqui Stan Dubcek, presidente da Dubcek, Danton, Heidegger, Draycott. Sei que eles têm a conta da ARRGH!.

– Da o quê...

– Da ARRGH!: Aries Rising Record Group Holdings. A agência ficou rica depois de conseguir essa conta. – Ela olhou para Dirk. – Você me parece saber bem pouco sobre a indústria fonográfica ou a área de publicidade.

– Eu tenho essa honra – retrucou Dirk, inclinando graciosamente a cabeça.

– Então o que está fazendo com esse envelope?

– Saberei assim que conseguir abri-lo. Você por acaso teria uma faca?

Kate fez que não com a cabeça.

– Quem é Geoffrey Anstey? É o único nome que não está riscado. Amigo seu?

Dirk empalideceu um pouco e não respondeu de imediato. Então, falou:

– Essa pessoa estranha que você mencionou, a criatura que seria o tal “algo de podre no Woodshead”. Pode repetir para mim o que ela lhe disse?

– “Eu também tenho uma vantagem sobre você, Srta. Schechter” – lembrou Kate, tentando não dar importância.

Dirk ponderou por alguns instantes, incerto.

– Creio ser possível – falou ele por fim – que você esteja correndo algum tipo de perigo.

– Você quer dizer que talvez um lunático possa bater em meu carro na estrada? Esse tipo de perigo?

– Talvez algo pior.

– Ah, é?

– É.

– E o que o faz achar isso?

– Ainda não está claro para mim – respondeu Dirk, franzindo a testa. – A maioria das ideias que tenho no momento está relacionada a situações completamente impossíveis, logo prefiro não compartilhá-las com você. Elas são, no entanto, a única coisa em que consigo pensar.

– Então, se eu fosse você, arranjaria outros tipos de ideias. Como era mesmo o princípio de Sherlock Holmes? “Quando eliminamos tudo o que é impossível, aquilo que permanece, ainda que improvável, deve ser a verdade.”

– Rejeito terminantemente essa hipótese – rebateu Dirk com rispidez. – O impossível tem um tipo de integridade que falta ao apenas improvável. Quantas vezes já não lhe apresentaram uma explicação que parecia racional para algo que funciona em todos os sentidos, exceto por um, completamente improvável? Diante disso, o seu instinto é dizer: “Sim, mas ele ou ela jamais faria isso.”

– Bem, na verdade, isso aconteceu comigo hoje mesmo.

– Ah, sim – concordou Dirk, dando um tapa na mesa que fez os copos saltarem –, a garota na cadeira de rodas é um exemplo perfeito. A ideia de que ela tivesse recebido do nada as cotações da bolsa de valores do dia anterior é impossível, portanto *deve* ser verdade, pois a ideia de que ela tenha elaborado um esquema extremamente complexo e trabalhoso que não a beneficia em nada é improvável. A primeira hipótese apenas supõe que existe algo que nós ignoramos nisso tudo, e Deus sabe como isso é comum. A segunda, no entanto, vai de encontro a algo fundamentalmente humano que nós conhecemos muito bem. Portanto, deveríamos suspeitar e muito dela e de sua racionalidade ilusória.

– Mas você não quer me contar o que está pensando.

– Não.

– Por quê?

– Porque parece ridículo. Mas acredito que você esteja em perigo. Acredito que esteja correndo um perigo terrível.

– Ótimo. E o que você sugere que eu faça? – questionou Kate, bebericando seu segundo drinque, que até então permanecera quase intocado.

– Eu sugiro – falou Dirk, sério – que você volte para Londres e passe a noite na minha casa.

Kate soltou uma gargalha estrondosa e teve que pegar um lenço para limpar o suco de tomate que espirrou em si mesma.

– Desculpe, mas o que há de tão extraordinário nisso? – exigiu saber Dirk, um tanto surpreso.

– Essa é a cantada mais incrivelmente fuleira que eu já ouvi na vida. – Kate sorriu para ele. – Sinto dizer que a resposta é um “não” retumbante.

Kate o achava interessante, divertido de um jeito um tanto excêntrico, mas nem um pouco atraente, muito pelo contrário.

Dirk ficou bastante constrangido.

– Acredito que tenha havido um grande mal-entendido. Permita-me explicar que...

Ele foi interrompido pela chegada repentina do mecânico da oficina com notícias sobre o carro de Kate:

– Está consertado. Na verdade, não havia nada para consertar além do para-choque. Quer dizer, nada de novo. O barulho estranho que você mencionou era o motor. Mas ele vai andar. Você só precisa acelerar o motor, manter o pé na embreagem e esperar um pouco mais do que o normal.

Kate agradeceu de forma um pouco seca pelo conselho, então insistiu que Dirk pagasse as 25 libras que o mecânico cobrara.

Do lado de fora, no estacionamento, ele repetiu seu apelo, mas ela não se deixou convencer, garantindo que tudo o que precisava era de uma boa noite de sono e que a situação lhe pareceria mais simples, clara e fácil de lidar pela manhã.

Dirk insistiu que deveriam ao menos trocar números de telefone. Kate concordou, com a condição de que ele não a seguisse e encontrasse outro trajeto para voltar a Londres.

– Tenha muito cuidado! – exclamou Dirk enquanto o carro dela resmungava em direção à estrada.

– Pode deixar! – gritou Kate – E se algo impossível acontecer, prometo que você será o primeiro a saber.

Por um breve instante, o carro amarelo emitiu um brilho fraco sob a luz que se irradiava das janelas do pub, destacando-se contra o cinza opressivo do céu noturno que logo o engoliu.

Dirk tentou segui-la, mas seu carro não quis pegar.

capítulo 15

As nuvens pesavam ainda mais sobre a terra, cerrando-se na forma de torres enormes e sombrias, enquanto Dirk, em um repentino ataque de pânico, teve que chamar outra vez o homem do reboque. Ele demorou mais para chegar com a picape dessa vez e ostentava um mau humor alcoólico quando enfim apareceu.

Soltou algumas gargalhadas destemperadas, rindo da desgraça de Dirk, então abriu o capô do carro e sujeitou o detetive a um ramerrame interminável sobre coletores, bombas, alternadores e estorninhos, recusando-se terminantemente a deixar claro se conseguiria ou não colocar o carro para funcionar de novo ainda aquela noite.

Dirk não conseguiu obter uma resposta satisfatória, ou pelo menos uma resposta satisfatória para ele, quanto ao que causava o barulho no alternador, qual era o problema da bomba de gasolina, de que forma o funcionamento do motor de arranque estava sendo interrompido e por que o sistema de distribuição ficara desregulado.

Por fim, entendeu que o mecânico também afirmava que uma família de estorninhos tinha em algum momento feito seu ninho numa parte sensível do motor e sofrido uma morte terrível, levando partes importantes do motor consigo, o que fez Dirk começar a se perguntar em desespero o que fazer.

Notou que a picape do mecânico estava parada perto dali, o motor ainda ligado, e decidiu que precisaria fugir com ela. Como conseguia correr um pouco menos lento e desengonçado do que o mecânico, foi capaz de colocar esse plano em prática sem grande dificuldade.

Pegou a estrada, seguiu noite adentro e parou 5 quilômetros mais à frente. Deixou as luzes da picape acesas, esvaziou os pneus e se escondeu atrás de uma árvore. Cerca de dez minutos depois, seu Jaguar fez a curva

voando, passou pela picape, parou de forma abrupta e voltou de ré na direção dela. O mecânico escancarou a porta, saltou e foi correndo recuperar sua propriedade, oferecendo a Dirk a oportunidade de que ele precisava para saltar de trás da árvore e recuperar seu veículo.

As rodas giraram em falso e ele afundou o pé no acelerador, cantando pneu, sentindo uma espécie de triunfo, ainda assombrado, entretanto, pela ansiedade que não conseguia nomear ou definir.

Enquanto isso, Kate tinha se juntado à faixa amarela que brilhava suavemente, acabando por conduzi-la pelos subúrbios de Acton e Ealing e, por fim, até o coração de Londres. Atravessou o viaduto da Westway e, logo em seguida, virou para o norte em direção a Primrose Hill e à sua casa.

Sempre gostava de passar de carro ao longo do parque; os vultos noturnos das árvores a acalmavam e a faziam ansiar pelo sossego da cama.

Estacionou o carro na vaga mais próxima do seu prédio que conseguiu encontrar, a cerca de 30 metros. Saltou e fez questão de não trancá-lo. Nunca deixava nada de valor dentro do automóvel e achava que era mais vantajoso se um eventual ladrão não precisasse quebrar nada para descobrir isso. O carro tinha sido roubado duas vezes, mas em ambas as ocasiões fora encontrado abandonado a 20 metros do local.

Kate não foi direto para casa, mas seguiu primeiro na direção oposta a fim de comprar leite e sacos de lixo na mercearia da rua seguinte. O paquistanês de semblante gentil que administrava a loja comentou que ela parecia cansada e deveria dormir cedo. Ela concordou, mas no caminho de volta fez outro pequeno desvio para se apoiar nas grades do parque, fitar sua escuridão por alguns minutos e respirar um pouco do ar noturno frio e carregado. Por fim, rumou para o apartamento. Dobrou a esquina na sua rua e, quando passou pelo primeiro poste, a lâmpada piscou e se apagou, deixando-a em uma pequena poça de escuridão.

Esse é o tipo de coisa que sempre faz uma pessoa sentir calafrios.

Há quem diga que não existe nada de surpreendente no fato de uma pessoa pensar de repente em alguém em quem não pensava havia anos, para então descobrir no dia seguinte que essa pessoa acabara de morrer. Sempre há muita gente se lembrando de conhecidos em quem não pensava fazia tempo, e pessoas morrem a todo momento. Em uma população tão grande quanto, digamos, a dos Estados Unidos, a lei das probabilidades afirma que

esse tipo de situação deve acontecer pelo menos dez vezes por dia. Mas isso não significa que seja menos assustador para quem quer que passe por ela.

Da mesma forma, lâmpadas queimam em postes a todo o momento e uma quantidade considerável deve pifar bem quando alguém está passando debaixo delas. Ainda assim, isso não impede a pessoa afetada de sentir calafrios, ainda mais se o mesmo ocorre com a lâmpada do poste seguinte pelo qual ela passa.

Kate ficou petrificada.

Se uma coincidência pode acontecer, pensou com os seus botões, então uma segunda coincidência também pode. E, se uma coincidência acontece logo depois da primeira, isso não passa de uma coincidência. Não havia motivo para ficar alarmada só porque as lâmpadas de dois postes queimaram uma atrás da outra. Ela se encontrava em uma rua perfeitamente normal e segura, e todas as casas ao redor estavam com as luzes acesas. Kate ergueu os olhos para a casa ao lado, no exato instante em que as luzes da janela da frente se apagaram. Os moradores deviam ter escolhido justo aquele momento para sair da sala, mas, embora esse fato apenas demonstrasse como as coincidências podem ser extraordinárias, não ajudou em nada a melhorar o seu estado de espírito.

O restante da rua continuava banhado por um suave brilho amarelado. Apenas os poucos metros imediatamente à sua volta tinham ficado escuros de repente. A poça de luz seguinte estava a poucos passos. Respirou fundo, se recompôs e andou para lá, chegando ao seu centro no exato momento em que ela também se extinguiu.

Os moradores das duas casas pelas quais passara também pareciam ter optado por aquele instante para sair de suas respectivas salas, bem como os vizinhos do outro lado da rua.

Talvez um programa de TV muito popular tivesse acabado. Só podia ser isso. Todos estavam se levantando do sofá e desligando os televisores e luzes ao mesmo tempo, e o pico de energia resultante queimava as lâmpadas de alguns postes. Ou algo parecido. O mesmo pico de energia também fazia o pulso de Kate latejar um pouco. Ela seguiu em frente, tentando manter a calma. Assim que chegasse em casa, iria consultar o jornal para ver qual programa tinha feito as lâmpadas de três postes estourarem.

Quatro.

Ela ficou imóvel debaixo da lâmpada queimada. Mais casas estavam escurecendo. O que lhe parecia especialmente perturbador era o fato de sempre mergulharem na escuridão bem quando Kate olhava para elas.

Uma olhadela – *escuridão*.

Ela tentou de novo.

Uma olhadela – *escuridão*.

Todas as casas para as quais olhava escureciam imediatamente.

Uma olhadela – *escuridão*.

Invadida por um medo repentino, deu-se conta de que precisava parar de olhar para as que continuavam com as luzes acesas. As explicações racionais que tentava engendrar agora corriam de um lado para outro em sua cabeça, implorando aos gritos que ela as deixasse sair. Kate procurou fitar o chão, por medo de apagar a rua inteira, mas não conseguia deixar de olhar de soslaio para ver se estava funcionando.

Uma olhadela – *escuridão*.

Ela pregou o olhar no caminho estreito à sua frente. A maior parte da rua já estava escura.

Havia três postes ainda acesos entre Kate e a porta do seu prédio. Embora evitasse olhar diretamente, achava que conseguia detectar, com a visão periférica, que as luzes do apartamento logo abaixo do seu estavam acesas.

Neil morava ali. Ela não se lembrava do seu sobrenome, mas ele era um baixista e vendedor de antiguidades que costumava lhe dar conselhos de decoração indesejáveis, além de roubar seu leite. Portanto, o relacionamento entre os dois se mantivera sempre em um nível relativamente gélido. Agora, no entanto, estava rezando para que ele estivesse em casa para lhe dizer o que havia de errado com o seu sofá, e para que a luz dele não se apagasse enquanto seus olhos se erguiam, hesitantes, das três poças de luz simetricamente espaçadas ao longo do caminho que precisava tomar.

Por um instante, experimentou se virar e olhar para o caminho pelo qual tinha vindo. O breu era total, confundindo-se com a escuridão do parque que já não lhe dava uma sensação de tranquilidade, mas de ameaça, com raízes grossas e retorcidas de pesadelos e detritos sorrateiros, sombrios, putrefatos.

Ela se virou de volta, mantendo o olhar grudado no chão.

Três poças de luz.

As lâmpadas dos postes não se apagaram quando Kate fitou-as, só quando passou debaixo do foco de luz.

Fechou os olhos com força e visualizou exatamente onde a lâmpada do próximo poste estava, logo acima e diante dela. Levantou a cabeça e tornou a abrir os olhos com cuidado, fitando o clarão alaranjado que se irradiava através do vidro grosso.

Ele brilhava sem vacilar.

Os olhos estavam tão fixados nela que a luz queimava formas curvas em sua retina, e ela seguiu em frente com cautela, passo a passo, tentando fazer que a lâmpada permanecesse acesa com a força do pensamento enquanto se aproximava. Continuava a brilhar.

Deu outro passo à frente. A lâmpada permanecia acesa. Mais um passo, ainda acesa. Agora Kate estava quase debaixo do foco de luz, torcendo o pescoço para não perdê-lo de vista.

Quando deu um último passo, viu o filamento dentro do vidro piscar e morrer depressa, a imagem gravada em sua retina, dançando alucinadamente diante dos seus olhos.

Baixou a cabeça e tentou olhar firme para a frente, mas formas inquietas saltavam por toda parte e ela sentia que estava perdendo o controle. Lançou-se numa corrida até a lâmpada seguinte e, de novo, foi cercada por uma escuridão repentina ao chegar. Parou, ofegante e pestanejando, tentando se acalmar outra vez e focar sua visão. Ao olhar para o último poste, pensou ter visto um vulto parado debaixo dele. Era uma figura grande, recortada contra sombras alaranjadas que se agitavam. Chifres imensos despontavam no topo de sua cabeça.

Kate olhou com uma intensidade febril para a escuridão oscilante, depois gritou para o vulto:

– Quem é você?

Fez-se uma pausa, então uma voz gutural respondeu:

– Você tem alguma coisa que possa arrancar estas lascas de assoalho das minhas costas?

capítulo 16

Fez-se outra pausa, dessa vez um pouco desorientada.

Foi uma pausa longa, que ficou pairando, nervosa, sem saber de que lado viria o som que iria quebrá-la. A rua escura assumiu um ar retraído, como se ficasse na defensiva.

– O quê?! – gritou Kate enfim para o vulto. – Eu disse... *O quê?!*

O vulto corpulento se mexeu. Kate ainda não conseguia vê-lo direito, pois sombras azuis continuavam a dançar diante dos seus olhos, gravadas pela luz laranja.

– Eu estava colado ao chão – explicou a silhueta. – Meu pai...

– Quer dizer que *você*... Foi *você* quem... – Kate tremia de raiva, sem nem conseguir se expressar. – Você é responsável... por tudo *isto*?

Ela se virou e fez um arco com o braço ao redor, irritada, indicando o pesadelo que acabara de atravessar.

– É importante que você saiba quem eu sou.

– Ah, é? Bem, então diga seu nome agora mesmo para que eu possa ir direto à polícia denunciá-lo por uma infração qualquer. Intimidação. Perturbação da...

– Eu sou Thor. O Deus do Trovão. O Deus da Chuva. O Deus das Altíssimas Nuvens Imponentes. O Deus do Relâmpago. O Deus das Correntes de Vento. O Deus das Partículas. O Deus das Forças que Formam e Unem a Matéria. O Deus da Borrasca. O Deus das Colheitas Abundantes. O Deus do Martelo Mjölfnir.

– Ah, é? – retrucou Kate, possessa. – Bem, se você tivesse escolhido uma ocasião mais propícia para mencionar tudo isso, talvez eu até pudesse ter me interessado, mas neste exato momento só estou com muita raiva. Acenda as malditas luzes!

– Eu sou...

– Eu disse: acenda as malditas luzes!

Com um brilho um tanto acanhado, as luzes dos postes voltaram a se acender e as janelas de todas as casas se iluminaram de novo, serenamente. A lâmpada acima de Kate estourou quase no mesmo instante. Ela fuzilou Thor com um olhar de advertência.

– Era uma lâmpada antiga e debilitada – alegou ele.

Kate continuou a encará-lo.

– Veja bem – continuou –, eu tenho seu endereço.

Thor estendeu o pedaço de papel que ela lhe dera no aeroporto, como se isso explicasse tudo e resolvesse todos os problemas.

– Eu...

– Para trás! – gritou ele, lançando os braços à frente.

– O quê?

Com uma forte rajada de vento, uma águia veio mergulhando do céu noturno, as garras estendidas para apanhá-lo. Thor se debateu e lutou contra ela até o grande pássaro recuar adejando. A ave deu meia-volta, quase se chocou contra o chão, se recuperou, batendo as asas com força e lentidão, e subiu de novo para se empoleirar no poste, onde se firmou. Ela se endireitou, fazendo o poste inteiro estremecer um pouco.

– Vá embora! – gritou Thor para o pássaro.

A águia permaneceu lá, olhando para ele. Uma criatura monstruosa tornada ainda mais monstruosa pelo efeito da luz alaranjada, projetando sombras gigantescas e oscilantes nas casas ao redor. Suas asas exibiam estranhas marcas circulares. Kate achou que já as vira antes, mesmo que em um pesadelo, mas, pensando melhor, não tinha certeza se estava ou não em um pesadelo naquele exato momento.

Não restava dúvida de que encontrara o homem que procurava. O mesmo corpo gigantesco, os mesmos olhos gélidos, a mesma expressão irritada, arrogante e ligeiramente desconcertada, só que dessa vez calçava botas de couro enormes, vestia grandes peles, alças e tiras pendiam dos seus ombros, um elmo de aço com chifres lhe enfeitava a cabeça e a irritação estava voltada não para a garota do balcão de check-in, mas para uma águia colossal empoleirada em um poste no meio de Primrose Hill.

– Vá embora! – tornou a berrar ele. – A questão está fora do meu alcance! Não há mais nada que eu possa fazer! O futuro de sua família está

garantido! Por você, não posso fazer mais nada! Eu mesmo estou fraco e doente.

Kate ficou chocada ao ver que havia sulcos profundos no antebraço esquerdo do homem, onde a águia enterrara as garras, rasgando sua pele. Sangue brotava deles como massa de pão transbordando de uma assadeira.

– Vá embora! – gritou Thor uma terceira vez.

Com uma das mãos, ele tirou o sangue do outro braço e jogou as gotas pesadas em direção à águia, que recuou batendo as asas, mas manteve as garras firmes. De repente, o homem saltou e se agarrou ao topo do poste, que começou a balançar perigosamente sob o peso dos dois. Com grasnados altos, a águia pôs-se a bicá-lo, furiosa, enquanto ele tentava tirá-la dali com golpes do braço livre.

A porta do prédio de Kate se abriu e um homem com óculos de armação cinza e um bigode bem aparado saiu. Era Neil, o vizinho de baixo de Kate, e estava aborrecido.

– Olha, eu acho que... – começou a falar.

No entanto, logo ficou claro que simplesmente não sabia o que achar e voltou para dentro do prédio, levando seu aborrecimento consigo, contrariado.

Thor tomou impulso e, com um salto poderoso, se lançou pelo ar e aterrissou com um bambolear leve e controlado em cima do poste seguinte, que vergou um pouco sob o seu peso. Ele se agachou e os dois oponentes se fulminaram com o olhar.

– Vá embora! – gritou de novo, brandindo o braço.

– Gaarh! – grasnou o pássaro.

Com um movimento desenvolto do braço, sacou de dentro das peles o grande martelo de cabo curto, passando-o de uma mão para a outra de forma significativa. A cabeça dele era um bloco de ferro forjado grosseiramente, mais ou menos do tamanho e formato de um caneco de cerveja grande; o cabo era um pedaço curto e grosso de carvalho ancestral, com uma alça de couro presa a ele.

– Gaaarrh! – fez a águia mais uma vez, mas olhou para o martelo com uma desconfiança atenta.

Quando Thor se pôs a girá-lo devagar, a ave começou a passar o peso do corpo de uma pata para a outra, tensa, sincronizando-se com o ritmo das voltas do martelo.

– Vá embora – repetiu Thor, mais baixo, porém em um tom mais ameaçador.

Ele ficou de pé, girando a arma cada vez mais rápido em um círculo mais amplo. Então o atirou de repente na direção da águia. No mesmo instante, um raio de eletricidade de alta voltagem irrompeu da lâmpada em que o pássaro estava empoleirado, fazendo-o saltar no ar e grasnir alucinadamente. O martelo zuniu inofensivo por debaixo da lâmpada, fez uma curva para cima e desapareceu na escuridão do parque. Libertado do peso da arma, Thor oscilava para recuperar o equilíbrio. Debatendo-se no ar com suas asas imensas, a águia também se recompôs, voou para cima e mergulhou para desferir um último ataque contra Thor. O deus saltou para trás a fim de evitá-la, saindo de cima do poste. Por fim, o pássaro tornou a subir rumo ao céu noturno, logo se tornando um ponto minúsculo ao longe, para então enfim sumir.

O martelo voltou a toda a velocidade do céu, arrancou faíscas das pedras da calçada com o bloco de ferro, girou duas vezes no ar e aterrissou de cabeça para baixo no chão ao lado de Kate, repousando o cabo suavemente em sua perna.

Uma senhora de idade que esperava com o cão nas sombras debaixo do poste apagado pressentiu, com toda a razão, que a balbúrdia tinha acabado e pôs-se a passar tranquilamente por eles. Thor aguardou com educação a dupla se afastar e então se aproximou de Kate, que o observava de braços cruzados. Depois de todo o ocorrido nos últimos dois ou três minutos, de repente ele não fazia a menor ideia do que dizer. Assim, por ora, limitava-se a olhar pensativo para algum ponto entre os dois.

Kate teve a clara impressão de que, para ele, pensar era uma atividade separada de todo o resto, uma tarefa que exigia um espaço só para ela. Não era fácil combiná-la com outras atividades, como andar, falar ou comprar passagens de avião.

– É melhor cuidarmos desse seu braço – falou Kate, subindo na frente os degraus para a sua casa. Ele a seguiu, obediente.

Quando ela abriu a porta do prédio, deram com Neil no hall, recostado na parede e olhando com uma concentração sisuda a máquina de Coca-Cola à sua frente, ocupando um espaço considerável do corredor.

– Não sei o que vamos fazer a respeito disso, sinceramente – falou ele.

– O que essa máquina está fazendo aqui? – perguntou Kate.

– Bem, isso que eu ia lhe perguntar. Não sei como pretende subi-la pelas escadas. Não vejo como seria possível, para dizer a verdade. E, convenhamos, duvido que vá gostar do resultado quando ela estiver no seu apartamento. Sei que é uma peça muito moderna e americana, mas, pense bem, você tem aquela linda mesa de cerejeira francesa, o sofá que ficaria ótimo caso se livrasse daquela capa horrível da Collier Campbell, como eu vivo dizendo, só que você não ouve, e eu simplesmente não vejo como ela iria se encaixar ali, em nenhum sentido. E nem sei se deveria permitir, afinal, é um objeto muito pesado e eu já lhe falei sobre os pisos deste prédio. Eu pensaria melhor no caso, se fosse você.

– Ok, Neil, mas como isso veio parar aqui?

– Ora, esse seu amigo veio deixá-la mais ou menos uma hora atrás. Não sei onde ele anda malhando, mas devo dizer que eu bem que gostaria de fazer uma visita à academia dele. Falei que tinha dúvidas sobre tudo isso, mas ele insistiu e, no fim das contas, precisei dar uma ajudinha. Mas precisamos pensar muito seriamente nesse assunto. Perguntei ao seu amigo se ele gostava de Wagner, mas ele não reagiu muito bem à pergunta. Então, sei lá, o que você quer fazer a respeito?

Kate respirou fundo. Sugeriu que seu convidado gigantesco fosse para o andar de cima e garantiu que se juntaria a ele em instantes. Thor passou pelos dois a passos pesados; aquela figura de porte gigantesco subindo as escadas era um espetáculo absurdo.

Neil fitou os olhos de Kate com muita atenção em busca de uma pista sobre o que exatamente estava acontecendo, mas Kate se mostrava tão inexpressiva quanto era capaz.

– Sinto muito, Neil – falou ela em seu tom trivial. – A máquina de Coca-Cola não vai ficar aqui. Tudo não passa de um mal-entendido. Amanhã eu resolvo isso.

– Ok, muito bem, mas como eu fico nessa história? Você entende o meu problema, não entende?

– Não, Neil, não entendo.

– Ora, você tem esta... coisa aqui fora, tem aquela... pessoa lá em cima, e é tudo um grande transtorno.

– Existe algo que eu possa fazer para melhorar a situação?

– Bem, não é tão simples assim, compreende? Acho que você deveria parar para pensar um pouco nisso tudo. Quero dizer, em tudo o que está

acontecendo. Você me disse que iria embora. Mas ouvi a torneira da banheira ligada à tarde. O que eu deveria pensar? E isso depois de vir me falar sobre a gata, e você sabe que eu não me dou bem com gatos.

– Eu sei, Neil. É por isso que pedi à minha vizinha de porta, a Sra. Grey, para cuidar dela.

– Pois é, e veja o que aconteceu com ela: morreu de um ataque cardíaco. O Sr. Grey está muito abalado, sabia?

– Não acredito que o fato de eu ter lhe pedido para cuidar da gata tenha alguma coisa a ver com isso.

– Bem, tudo o que posso dizer é que ele está *muito* abalado.

– Claro, Neil. A mulher dele morreu.

– Ora, não estou falando que não deveria ficar. Só estou dizendo que você deveria parar para pensar um pouco. E o que vamos fazer com isto aqui? – acrescentou ele, tornando a voltar sua atenção para a máquina de refrigerante.

– Já disse que vou providenciar para que ela não esteja mais aqui amanhã de manhã, Neil. Eu teria o maior prazer em ficar aqui e gritar bem alto se você acha que vai ajudar de alguma forma, mas...

– Veja bem, querida, só estou dando o recado. E espero que vocês não façam muito barulho lá em cima, pois tenho que praticar com meu contrabaixo hoje à noite e você sabe que preciso de silêncio para me concentrar.

Ele fitou Kate por sobre os óculos com um olhar expressivo e desapareceu no interior do apartamento.

Kate ficou parada e contou mentalmente de um a dez da melhor forma que pôde se lembrar no momento. Por fim, subiu a passos firmes atrás do Deus do Trovão, convencida de que não estava a fim de conversas sobre o clima ou sobre teologia. O prédio começou a vibrar e estremecer ao som da “Cavalgada das Valquírias” tocada em um contrabaixo Fender Precision.

capítulo 17

Enquanto Dirk abria caminho pela Euston Road, preso num engarrafamento que havia começado em meados dos anos 1970 e até agora, às quinze para as dez daquela quinta-feira, não dava sinais de diminuir, achou ter visto algo que não lhe era estranho.

Era o seu inconsciente que lhe dizia isso – aquela parte irritante do cérebro de uma pessoa que nunca responde às perguntas que fazemos, mas apenas nos dá cutucadinhas sugestivas e fica cantarolando baixinho para si mesma, sem falar nada.

“Ora, é claro que eu vi algo que não me era estranho”, balbuciou Dirk mentalmente para o seu inconsciente. “Eu passo de carro por esta bendita estrada vinte vezes por mês. Imagino que conheça cada palito de fósforo caído nas sarjetas dela. Será que você não pode ser mais específico?” O inconsciente, no entanto, não estava disposto a ser intimidado e ficou quieto. Não tinha mais nada a acrescentar. A cidade devia estar cheia de vans cinza, de qualquer maneira. Não era nada de especial.

“Onde?”, murmurou Dirk intensamente para os seus botões, virando-se de um lado para outro no banco do motorista. “Onde você viu uma van cinza?”

Nada.

Ele estava cercado pelo tráfego, sem condições de manobrar para lado algum, muito menos seguir em frente. Saiu do carro e pôs-se a ziguezaguear na direção contrária, entre os automóveis engarrafados, tentando ver se conseguia encontrar uma van cinza. Se de fato tinha visto uma, não conseguia mais achá-la. O inconsciente ficou sentado, sem falar nada.

O trânsito continuava parado, então ele tentou ir um pouco mais longe a pé, porém foi bloqueado por um motoboy que vinha na direção oposta em

uma Kawasaki grande e suja. Dirk bateu boca com o homem por alguns instantes, mas perdeu a discussão porque o outro não conseguia ouvir seus argumentos. Dirk acabou por recuar pela maré de veículos, que começavam a se mover lentamente em todas as pistas, exceto naquela em que seu carro estava, sem motorista, imóvel e alvo de um buzinaço.

De repente, sentiu-se eufórico em meio ao clamor das buzinas e, enquanto zanzava pelas filas de automóveis emaranhados, surpreendeu-se pensando nos loucos que tinha visto em Nova York, indo para o meio das ruas explicar aos motoristas que passavam por eles sobre o Dia do Juízo Final, invasões alienígenas iminentes e incompetência e corrupção no Pentágono. Ergueu as mãos acima da cabeça e começou a gritar:

– Os deuses estão andando pela terra! Os deuses estão andando pela terra!

Isso incendiou ainda mais os ânimos dos motoristas que buzinaavam, e logo o protesto se intensificou até se tornar uma majestosa cacofonia, com a voz de Dirk ressoando acima de tudo:

– Os deuses estão andando pela terra! Os deuses estão andando pela terra! Os deuses estão andando pela terra! Obrigado!

Entrou no carro, engatou a marcha e começou a andar, permitindo que a massa de veículos congestionados enfim seguisse adiante.

Ele se perguntou por que tinha tanta certeza. Um “ato divino”. Uma expressão trivial, impensada, que as pessoas usavam para descartar convenientemente qualquer fenômeno estranho que não admitisse uma explicação mais racional. Mas era justo seu caráter trivial e irrefletido que agradava a Dirk, pois palavras usadas de forma impensada, como se não tivessem verdadeira importância, muitas vezes permitiam que verdades normalmente bem guardadas viessem à tona.

Um desaparecimento inexplicável. Oslo e um martelo: uma coincidência muito, muito pequena que despertava um alerta muito, muito discreto em sua mente, como uma nota musical. Mas, ainda assim, uma nota que se fazia ouvir em meio ao burburinho do dia a dia, junto com outras que soavam na mesma frequência. Um ato divino, Oslo, um martelo. Um homem com um martelo é impedido de chegar à Noruega, perde a paciência e, assim, temos um “ato divino”.

Se um ser fosse imortal, ele ainda estaria vivo nos dias de hoje. Afinal, isso era justamente o que “imortal” significava.

Como um ser imortal teria um passaporte?

Pois bem, como? Dirk tentou imaginar o que aconteceria se (para escolher um nome ao acaso) o deus Thor, que era de origem norueguesa e possuía um grande martelo, fosse tirar um passaporte e precisasse explicar quem era e por que não tinha uma certidão de nascimento. Não haveria espanto, expressões horrorizadas, exclamações de surpresa, mas apenas pura impossibilidade burocrática. O problema não seria acreditar ou não nele, mas só a falta de uma certidão de nascimento válida. Ele poderia operar todos os milagres que quisesse, mas, no fim das contas, se não a tivesse, seria convidado a ir embora.

Isso sem falar em cartões de crédito.

Se – para sustentar por um instante a mesma hipótese – o deus Thor existisse e se, por algum motivo, estivesse à solta na Inglaterra, então provavelmente seria a única pessoa no país a não receber uma enxurrada constante de ofertas de cartões American Express, bem como cartas grosseiras no mesmo malote de correspondência ameaçando tirar os cartões dele, ou catálogos com capas revestidas do mesmo plástico marrom de mau gosto, cheios de produtos esteticamente desagradáveis.

Dirk ficou pasmo diante dessa ideia.

E isso se ele fosse o único deus à solta – e, uma vez que você aceitasse a primeira hipótese extravagante, muito provavelmente esse não era o caso.

Mas imagine por um instante que uma pessoa como essa tentasse sair do país, sem passaporte, sem cartões de crédito, armada só do poder de lançar raios com as mãos ou sabe-se lá mais o quê. Você seria obrigado a imaginar uma cena muito parecida com a que de fato ocorrera no Terminal 2 do Heathrow.

Mas por que, quando se é um deus nórdico, você precisaria sair do país em um voo comercial? Será que não havia outros meios? Dirk achava que uma das vantagens de ser uma divindade imortal era a capacidade de voar por conta própria. Pelo que ele se lembrava das lendas nórdicas que tinha lido muitos anos antes, os deuses estavam sempre voando de um lado para outro, e nunca se comentou que ficavam zanzando por áreas de embarque comendo pães doces de má qualidade. Tudo bem que, naquela época, o mundo não estava cheio de controladores de tráfego aéreo, radares, sistemas de alerta de mísseis e coisas do gênero. Mesmo assim, atravessar o mar do Norte com um rápido salto não deveria ser muito problemático para um

deus, especialmente se o clima estivesse a seu favor. E, se você fosse o Deus do Trovão, era de se esperar que estivesse, ou pelo menos você saberia por que não estava. Certo?

Outra breve nota musical ressoou no fundo da mente de Dirk, para então se perder no burburinho.

Ele se perguntou por alguns instantes como seria estar na pele de uma baleia. Fisicamente, refletiu, Dirk achava ter as condições favoráveis para chegar a alguns bons insights, embora baleias estivessem mais bem adaptadas para levar suas vidas deslizando pela vasta imensidão azul oceânica do que ele tentando vencer o engarrafamento na Pentoville Road em um velho Jaguar. Mas ele estava pensando, na verdade, nas canções das baleias. No passado, elas tinham sido capazes de cantar umas para as outras através de oceanos inteiros, e até mesmo de um oceano para outro, pois o som se desloca por enormes distâncias pela água. Mas agora, também por conta da maneira como o som se desloca, não havia nenhuma parte do oceano que não estivesse constantemente reverberando com o barulho de motores de navios, tornando quase impossível para as baleias ouvirem as canções ou mensagens umas das outras.

E eu com isso?, é como as pessoas no geral costumam encarar esse problema, o que é bastante compreensível, pensou Dirk. Afinal, quem quer ouvir um bando de peixes, quer dizer, mamíferos, arrotando entre si?

No entanto, ele teve uma sensação momentânea de perda e tristeza infinitas ao perceber que, em algum ponto em meio ao frenesi de informações ruidosas que agitava a vida cotidiana dos homens, talvez tivesse ouvido algumas notas musicais que indicavam a passagem de deuses por ali.

Enquanto virava na direção norte para Islington e iniciava o longo trajeto pelas pizzarias e agências imobiliárias, sentia-se irrequieto ao pensar como a vida dos deuses deveria ser agora.

capítulo 18

Relâmpagos se irradiavam como dedos magros das nuvens grandes, carregadas, que pendiam do céu como uma barriga flácida. O leve ribombar de um trovão impaciente as atiçou e arrancou delas algumas gotas mesquinhas de uma garoa suja.

Sob o céu, estendia-se uma ampla variedade de torres hostis e pináculos retorcidos que aguilhoavam e instigavam as nuvens, até parecer que elas iriam rebentar e afogá-los em um dilúvio de horrores.

Nas alturas da escuridão cintilante, figuras silenciosas montavam guarda por detrás de escudos longos, e dragões agachados fitavam boquiabertos o céu fechado enquanto Odin, pai dos deuses de Asgard, aproximava-se dos grandes portões de ferro que conduziam ao seu reino e aos corredores abobadados de Valhalla. O ar estava repleto dos rosnados surdos de grandes cães alados, que davam as boas-vindas ao seu mestre, convidando-o a reassumir seu trono.

O grande, ancestral e imortal deus de Asgard estava voltando ao seu reino de uma forma que teria surpreendido inclusive a ele mesmo alguns séculos atrás, no auge da sua existência – sim, deuses imortais também têm seu auge, quando os poderes são descomunais e eles ao mesmo tempo protegem e dominam o mundo dos homens, o mundo cujas necessidades os fez nascer. Ele estava voltando em uma grande van Mercedes sem identificação.

O carro parou em uma área isolada.

A porta do carona se abriu e um homem de aparência banal e estúpida saiu do veículo, trajando um uniforme cinza sem identificação. Ele estava encarregado do trabalho que lhe cabia na vida porque não era o tipo de homem que fazia perguntas – nem tanto por qualquer tipo de discricção

natural, mas porque simplesmente nunca conseguia pensar em nenhuma pergunta para fazer. Movendo-se com um gingado lento e arrastado, como um remo sendo puxado em uma tigela de mingau, ele deu a volta até a traseira da van e abriu as portas; era um procedimento complexo que envolvia manipular de forma coordenada vários trincos deslizantes e alavancas.

As portas se escancararam e, se Kate estivesse ali, talvez tivesse pensando por um instante que a van estava afinal transportando eletricidade albanesa. Hillow (esse era o nome do homem) foi recebido por uma névoa de luz, mas nada disso lhe pareceu estranho. Era exatamente o que esperava ver sempre que abria aquela porta. Na primeira vez em que a abria, tinha apenas pensado com os seus botões: “Ah. Uma névoa de luz. Puxa.” Mas deixara o assunto morrer, o que lhe garantiria um emprego estável por toda a vida.

A névoa de luz se dissipou, aglutinando-se na forma de um homem muito, muito velho em uma maca, assistido por uma figura diminuta. Hillow provavelmente a teria achado a pessoa de aparência mais vil que conhecera se estivesse disposto a lembrar das outras que já vira e analisá-las uma a uma para comparar. No entanto, ele nunca faria algo tão trabalhoso. Seu único interesse no momento era ajudar a tal criatura a descer a maca para o chão.

Isso foi muito fácil. As pernas e rodas da maca eram um milagre da tecnologia de aço inoxidável de operação suave. Destravavam, rodavam e giravam com movimentos integrados que tornavam toda a tarefa de atravessar degraus ou desníveis um só movimento fluido e deslizante.

À direita daquela área, havia uma vasta antecâmara – que dava num amplo hall abobadado – coberta de painéis de madeira talhada com requinte e grandes suportes de mármore para tochas que despontavam orgulhosos da parede. À esquerda de onde estavam, via-se a entrada para os aposentos internos majestosos em que Odin se prepararia para os encontros da noite.

Ele odiava tudo aquilo. *Ser arrancado da minha cama...*, balbuciou para si mesmo, embora na verdade estivesse trazendo a cama consigo. Obrigado a ouvir mais uma vez toda sorte de baboseiras autoindulgentes do filho trovejante e cabeça-dura, que não aceitava, não era capaz de aceitar, simplesmente não tinha a inteligência para aceitar as novas realidades da vida. Portanto, ele precisava ser extinto. Naquela noite, Asgard

testemunharia a extinção de um deus imortal. Tudo isso era demais para qualquer um àquela altura da vida, pensou Odin, irascível: uma vida extremamente avançada, mas em nenhum sentido especial.

Tudo o que queria era ficar no hospital, que ele adorava. O acordo que o levara até aquele lugar fora uma grande gentileza e, embora houvesse tido seu preço, era um custo com que simplesmente precisava arcar, logo não havia do que reclamar. Ele aprendera a se conformar com as novas realidades. Os que não eram capazes disso teriam que sofrer as consequências. Nada vinha do nada, nem mesmo para um deus.

Depois daquela noite, Odin poderia voltar à sua vida no Woodshed indefinidamente, e isso seria ótimo. Foi o que falou para Hillow.

– Lençóis brancos limpos – acrescentou para o assistente, que se limitou a assentir, inexpressivo. – Lençóis de linho. Lençóis novos todos os dias.

O homem manobrou a maca, fazendo-a subir um degrau.

– Ser um deus, Hillow, ser um deus era uma tarefa suja, entende o que eu digo? Não havia ninguém para cuidar dos lençóis. Digo, cuidar de verdade deles. Quem poderia imaginar isso? Em uma posição como a minha? Pai dos deuses? E não havia ninguém, absolutamente ninguém, para vir e falar “Sr. Odwin”. – Ele deu uma risadinha. – Me chamam de Sr. Odwin lá, dá para acreditar? Não sabem com quem estão lidando. Imagino que não conseguiriam lidar com a verdade, não acha, Hillow? Enfim, a questão é que, durante todo esse tempo, não houve ninguém que me dissesse: “Sr. Odwin, troquei a roupa de cama e os seus lençóis estão limpos.” Ninguém. Falava-se o tempo todo sobre cortar as coisas com um machado, destruí-las e fazer picadinho delas. Havia muita fanfarronice sobre poder, sobre coisas sendo arrasadas e sob o jugo de outras coisas, mas agora percebo que quase não se dava atenção, por exemplo, às roupas para lavar. Deixe-me lhe dar um exemplo...

Suas reminiscências foram interrompidas momentaneamente pela chegada da maca ao grande portal guardado por uma criatura suarenta e gigantesca que bloqueava o caminho com as mãos na cintura. Toe Rag, que se obrigava a permanecer em silêncio enquanto seguia logo à frente dos dois, saiu correndo para dar uma palavrinha com a criatura, que precisou se inclinar para ouvi-lo, com o rosto vermelho. Logo em seguida, ela recuou com uma subserviência untuosa para o próprio covil. A maca sagrada

adentrou vastos saguões, câmaras e corredores, de onde rajadas de vento saíam rugindo, trazendo consigo odores fétidos.

– Deixe-me lhe dar um exemplo, Hillo – prosseguiu Odin. – Veja só este lugar, Valhalla...

capítulo 19

V irar para o norte era uma manobra que geralmente tinha o efeito de restabelecer uma sensação de racionalidade e sanidade a tudo, mas Dirk não conseguia se livrar de um mau agouro.

Além disso, começara a chover um pouco, o que poderia ter contribuído, mas a chuva que caía daquele céu carregado era tão fina e miserável que só servia para piorar o clima de claustrofobia e frustração que pairava sobre a noite. Dirk ligou os limpadores de para-brisa, que resmungaram por não terem chuva suficiente para limpar, então resolveu desligá-los. O vidro logo começou a ficar salpicado de gotas.

Tornou a ligar os limpadores, mas eles ainda não haviam se convencido de que o trabalho valia a pena e rangeram em protesto. As ruas ficaram traiçoeiramente escorregadias.

Dirk balançou a cabeça. Estava sendo patético, disse a si mesmo, e no pior sentido possível. Desprezava a forma como se permitira nutrir ideias tão extravagantes. Estava chocado com as fantasias alucinadas que havia criado com base nas mais frágeis... bem, ele nem podia chamá-las de provas, pois não passavam de meras conjecturas.

Um acidente em um aeroporto que provavelmente tinha uma explicação simples.

Um homem com um martelo. E daí?

Uma van cinza que Kate Schechter tinha visto no hospital. Nada de incomum nisso. Dirk quase batera nela, mas isso também era algo que acontecia com bastante frequência.

Uma máquina de Coca-Cola: isso ele não levava em consideração.

Como ela se encaixava nessas hipóteses absurdas envolvendo deuses antigos? A única coisa que lhe vinha à cabeça era simplesmente tão ridícula

que se recusava a aceitá-la como possibilidade.

Foi então que Dirk se viu passando pela casa onde, na manhã daquele mesmo dia, havia encontrado um cliente cuja cabeça decepada fora espetada numa vitrola por uma figura demoníaca de olhos verdes que brandia uma foice e um contrato assinado com sangue e, depois, desaparecera em pleno ar.

Dirk ficou olhando para a residência, o carro ainda em movimento. Quando um BMW azul-escuro saiu do acostamento logo à sua frente, ele bateu com tudo na sua traseira e, pela segunda vez no dia, teve que saltar já aos berros.

– Pelo amor de Deus, será que você não enxerga por onde anda?! – exclamou, na esperança de se apropriar das melhores frases do seu adversário logo de cara. – Que gente imbecil! – continuou, sem parar para respirar. – Ocupando a pista inteira, dirigindo sem o menor cuidado e atenção! É muita imprudência!

Confunda seu inimigo, pensou. Era um pouco como ligar para alguém e falar “Sim? Alô?” com uma voz irritada quando a pessoa atendia – era uma de suas maneiras preferidas de passar o tempo nas longas tardes de verão. Dirk se agachou e examinou o amassado proeminente na traseira do BMW, que, obviamente (cacete!), era novinho em folha. Maldição, pensou o detetive.

– Olhe o que você fez com o meu para-choque! – exclamou Dirk. – Espero que tenha um bom advogado!

– Eu sou um bom advogado – retrucou uma voz baixa, seguida por um clique discreto.

O detetive ergueu a cabeça, momentaneamente apreensivo. Mas o clique discreto fora apenas o som da porta se fechando.

O homem vestia um terno italiano, também discreto. Usava óculos discretos, tinha um corte de cabelo discreto e, embora gravatas-borboleta não sejam, por sua própria natureza, peças de vestuário discretas, a de bolinhas que ele usava era, não obstante, um exemplo bastante discreto do gênero. Retirou uma carteira fina do bolso e um lápis prateado igualmente fino. Sem alarde, contornou o Jaguar de Dirk até a traseira.

– Você tem um cartão? – perguntou o homem enquanto anotava a placa, sem erguer os olhos. – Tome o meu – acrescentou, tirando-o do bolso e fazendo uma anotação no verso. – Este é o número da minha placa e o

nome da minha companhia de seguros. Você poderia fazer a gentileza de me dar o nome da sua? Se não o tiver à mão, posso pedir à minha garota para telefonar para você.

Dirk suspirou e decidiu que não fazia sentido comprar briga com aquele sujeito. Pegou a carteira e vasculhou os vários cartões de visita que pareciam se acumular ali, vindos do nada. Cogitou por um instante fingir ser Wesley Arlott, um consultor de navegação de iates oceânicos que era, aparentemente, do Arkansas, mas logo desistiu da ideia. Afinal de contas, o homem tinha anotado a sua placa e, embora Dirk não se lembrasse de ter pagado qualquer seguro, também não se lembrava de não tê-lo feito, o que era um sinal razoavelmente promissor. Por fim, entregou um cartão legítimo com uma expressão de dor. O homem olhou para o cartão.

– Sr. Gently. Detetive particular. Ah, desculpe, detetive particular *holístico*. Está bem.

Ele guardou o cartão, sem demonstrar mais interesse. Dirk nunca tinha se sentido tão menosprezado na vida. Foi então que um segundo clique discreto veio do outro lado do carro. Dirk olhou na direção do som e viu uma mulher de pé com óculos vermelhos, encarando-o com um meio sorriso. Era a mulher com quem havia falado por sobre o muro do jardim de Geoffrey Anstey naquela manhã; o homem, supôs, era seu marido. Ele se perguntou por um instante se deveria derrubá-los no chão e interrogá-los com rigor e violência, mas, de repente, sentiu-se terrivelmente cansado e abatido.

Dirk cumprimentou a mulher inclinando levemente a cabeça.

– Pronto, Cynthia – falou o homem, lançando um brevíssimo sorriso para ela. – Já está tudo resolvido.

A mulher assentiu de forma débil, os dois entraram no BMW e logo em seguida foram embora sem alarde, desaparecendo estrada afora. Dirk olhou para o cartão em sua mão: Clive Draycott. Trabalhava para uma renomada empresa de procuradores municipais. Guardou o cartão na carteira, voltou com desânimo para dentro do carro e retornou para casa, onde deparou com uma enorme águia dourada que esperava pacientemente na soleira da sua porta.

capítulo 20

Kate foi para cima do seu convidado assim que os dois estavam dentro do apartamento com a porta fechada e ela pôde ter certeza de que Neil não iria sair de fininho do apartamento dele e subir sorrateiramente até metade das escadas para escutá-los com ar de reprovação. Ao menos o pulsar contínuo do seu contrabaixo era garantia de privacidade.

– Muito bem – falou Kate, agressiva –, que porcaria foi aquela com a água? E que porcaria foi aquela com as lâmpadas dos postes? Hein?

O Deus do Trovão a encarou, sem jeito. Ele teve que tirar o grande elmo com chifres porque ficava batendo no teto e riscando a pintura. Enfiou-o debaixo do braço.

– Que porcaria de máquina de Coca-Cola é aquela? – continuou Kate. – Que porcaria de martelo é esse? Em suma, que porcaria é essa porcaria toda? Hein?

Thor continuou calado. Ele fechou a cara por alguns instantes com uma irritação arrogante, assumiu em seguida um ar de algo que poderia ser chamado de constrangimento e, por fim, manteve-se inexpressivo, sangrando diante dela.

Kate resistiu por alguns segundos ao colapso interno da sua atitude marrenta, mas então percebeu que estava tudo indo para o inferno de qualquer forma e era melhor entrar na dança.

– Está bem – balbuciou –, vamos limpar esses ferimentos. Vou buscar um antisséptico.

Kate foi revirar o armário da cozinha e, quando voltou com um frasco, Thor disse apenas “Não”.

– Não o quê? – questionou ela, irritada, colocando o remédio na mesa com certa força.

- Isto – respondeu Thor, empurrando o frasco de volta para ela. – Não.
- Qual é o problema?

Thor se limitou a dar de ombros e fitar, emburrado, o canto da sala. Não havia nada de remotamente interessante ali, portanto ele estava olhando para lá por pura birra.

– Olha aqui, amigão – falou Kate –, se é que posso chamar você de amigão, o que...

– Thor, Deus do...

– Sim, você já me disse de quais coisas você é deus. Estou tentando desinfetar o ferimento.

– Sedra – falou Thor, esticando o braço sanguinolento, que ele encarava com ansiedade, mas longe do alcance dela.

– O quê?

– Folhas de sedra esmagadas. Óleo de sementes de damasco. Infusão de flores de bergamoteira. Óleo de amêndoas. Sálvia e confrei. Não isso.

Ele derrubou o remédio da mesa, emburrado.

– Essa é boa! – exclamou Kate, recolhendo o frasco e jogando-o nele.

O antisséptico ricocheteou em sua bochecha, deixando imediatamente uma marca vermelha. Thor se lançou para a frente, furioso, mas Kate se manteve firme, com um dedo apontado para ele.

– Fique paradinho aí, amigão – falou ela, e Thor se deteve. – Quer alguma coisa especial para isso aí?

Thor pareceu confuso por alguns instantes.

– Isso aí! – repetiu Kate, apontando para a marca que se espalhava pela bochecha.

– Vingança.

– Vamos ver o que posso fazer.

Kate deu meia-volta e saiu da sala. Passados dois minutos, voltou, acompanhada por espirais de fumaça.

– Muito bem, venha comigo.

Ela o conduziu até o banheiro. Thor a seguiu, exibindo sua relutância o máximo possível. O banheiro estava todo esfumaçado. A banheira transbordava de bolhas e gosma.

Frascos e potes, a maioria vazia, alinhavam-se ao longo de uma pequena prateleira acima da banheira. Kate os apanhou um a um e pôs-se a mostrá-los para ele.

– Óleo de sementes de damasco – falou, virando o frasco de cabeça para baixo para enfatizar que estava vazio. – Tudo ali dentro – acrescentou, apontando para a banheira fumegante. – Óleo de néroli – continuou, pegando o recipiente seguinte –, que é destilado de flores de bergamoteira. Tudo ali dentro. – Ela apanhou outro frasco. – Gel de banho de creme de laranja. Contém óleo de amêndoas. Também ali dentro.

Então ela passou para os potes.

– Sálvia e confrei, e óleo de sedra. Um é creme para as mãos, o outro condicionador de cabelos, mas estão todos ali dentro, junto com um tubo de protetor labial de babosa, leite de limpeza para pele de pepino, cera de abelha e óleo de jojoba, argila Rhassoul, xampu de algas e bétula, creme hidratante noturno com vitamina E e bastante óleo de fígado de bacalhau. Infelizmente, não tenho nada chamado Vingança, mas vou colocar um pouco de obsessão da Calvin Klein.

Ela destampou um frasco de perfume Obsession e despejou o conteúdo na banheira.

– Depois que você terminar, é só ir para o quarto ao lado.

Com essas palavras, saiu, batendo a porta com força. Esperou lendo um livro muito concentrada.

capítulo 21

Dirk permaneceu cerca de um minuto sentado no carro a poucos metros da porta de entrada do seu prédio. Perguntou-se qual deveria ser o próximo passo. Seria melhor que fosse um passo pequeno e cauteloso, pensou. A última coisa que gostaria de fazer no momento era brigar com uma águia assustada.

Ele a observou com atenção. A ave estava parada com um ar majestoso e insolente, as garras fincadas na beirada do degrau. De vez em quando limpava as penas, então lançava um olhar incisivo de um lado para outro da rua, arrastando uma de suas grandes garras pela pedra de maneira profundamente desconcertante. Dirk admirava muito a criatura por seu porte, sua plumagem e sua atitude de extrema dignidade alada, mas, se alguém lhe perguntasse se ele gostava da forma como a luz do poste se refletia no seu olho grande e vidrado ou na enorme curvatura do seu bico, Dirk seria obrigado a admitir que não.

O bico era uma verdadeira arma de guerra, que assustaria qualquer animal na Terra, mesmo que ele já estivesse morto e enterrado. As garras pareciam capazes de rasgar a lataria de um pequeno Volvo. E a águia esperava na soleira do prédio de Dirk, olhando para lá e para cá com uma feição ao mesmo tempo expressiva e malévola.

Dirk se perguntou se poderia apenas continuar dirigindo e sair do país. Ele trouxera o passaporte? Não, estava em casa. Do outro lado da porta, atrás da águia, numa gaveta ou, mais provavelmente, perdido.

Ele podia vender a casa. A proporção entre agentes imobiliários e casas na vizinhança era quase de um para um. Um deles poderia cuidar do seu imóvel. Dirk já não aguentava mais morar ali, com suas geladeiras, animais

selvagens e endereço impossível de ser removido das malas diretas da American Express.

Ou podia, supôs com um leve arrepio, ver o que a águia queria. Era uma ideia. Ratos, provavelmente, ou um cão de pequeno porte. Até onde se lembrava, tudo o que Dirk tinha era um pouco de cereal de arroz e um muffin velho. Achava que nada disso agradaria à imperiosa criatura alada. Por um instante, pensou ter visto sangue fresco coagulando nas garras da ave, mas disse a si mesmo para deixar de ser ridículo.

Ele teria que sair do carro e enfrentar a criatura, explicar que não tinha nenhum rato para oferecer e lidar com as consequências.

Tentando fazer o mínimo de barulho, abriu a porta do automóvel e saiu sorrateiramente, mantendo a cabeça abaixada. Olhou para a águia por sobre o capô. Ela não tinha se movido. Quer dizer, não saíra daquele ponto em especial, mas continuava a olhar para lá e para cá com uma atenção redobrada. Dirk não sabia em qual ninho isolado no topo de uma montanha a criatura poderia ter aprendido a discernir o som das dobradiças de um Jaguar, mas ele claramente não escapara aos seus ouvidos.

Com cautela, Dirk seguiu encurvado atrás da fileira de carros que o haviam impedido de estacionar em frente à própria casa. Poucos segundos depois, tudo o que o separava da criatura extraordinária era um pequeno Renault azul.

E agora?

Poderia se empertigar e declarar sua presença, por assim dizer. Na prática, seria como falar: “Aqui estou, faça de mim o que quiser.” Em todo caso, o Renault provavelmente suportaria a maior parte do impacto.

Sempre havia a possibilidade, é claro, de que a águia ficasse feliz em vê-lo, que todas as vezes em que mergulhara do céu em sua direção tivessem sido apenas a maneira dela de se mostrar amigável. Supondo, é claro, que fosse a mesma águia. Essa não era uma suposição muito descabida. Dirk calculava que o número de águias-reais à solta no norte de Londres ao mesmo tempo fosse bastante reduzido.

Ou talvez ela estivesse descansando em sua soleira por puro acaso, aproveitando um breve intervalo antes de voar novamente pelo céu para perseguir seja lá o que fosse que águias perseguissem pelo céu.

Qualquer que fosse a explicação, percebeu Dirk, agora era o momento de pagar para ver. Criou coragem, respirou fundo e saiu de trás do Renault,

como um espírito erguendo-se das profundezas.

A águia estava olhando para outro lado e demorou alguns instantes antes de notá-lo, guinchando alto e recuando uns 5 centímetros. Dirk se sentiu um tanto desconfortável. Ela piscou rapidamente algumas vezes e adotou uma expressão meio petulante que ele não soube de forma alguma interpretar.

Dirk esperou mais alguns segundos até sentir que a situação havia voltado ao normal depois de toda aquela agitação, então contornou, titubeante, a frente do Renault. Uma série de grasnados baixinhos e interrogativos pairavam no ar; Dirk logo percebeu que era ele que estava fazendo e se obrigou a parar. Era com uma águia que precisava lidar, não com um papagaio.

Foi nesse momento que ele cometeu seu erro.

Com a mente ocupada por águias, suas possíveis intenções e as várias maneiras como poderiam ser consideradas diferentes de filhotes de gatos, não se concentrou o suficiente ao sair da rua para a calçada, que estava escorregadia por conta da garoa recente. Quando deu um passo à frente, o pé ficou agarrado no para-choque do carro. Cambaleou, derrapou e então fez exatamente o que ninguém deveria fazer com uma águia enorme de temperamento incerto: jogou-se para cima dela com os braços estendidos à frente.

A reação da águia foi imediata.

Sem um instante de hesitação, ela saltou para o lado e abriu o espaço necessário para Dirk cair de cara no degrau de entrada do prédio. A ave o encarou com um desdém que teria arrasado um homem de menor envergadura, ou pelo menos um homem que estivesse olhando para cima naquele momento.

Dirk grunhiu.

Tinha batido com a têmpora na beirada do degrau e achava que poderia muito bem ter passado sem isso naquela noite. Ficou estendido por alguns instantes, ofegando, então rolou de barriga para cima, pressionando uma das mãos à testa e a outra ao nariz. Olhou, apreensivo, para o grande pássaro, refletindo com amargura sobre as condições em que se esperava que ele fizesse o seu trabalho.

Quando ficou claro que, por ora, não parecia haver nada a temer da águia, que se limitava a encará-lo com uma expressão intrigada, Dirk se

sentou e pôs-se lentamente de pé, limpando parte da sujeira do seu sobretudo. Em seguida, vasculhou os bolsos em busca da sua chave e abriu a porta da frente, que lhe pareceu meio frouxa. Esperou para ver o que a águia faria em seguida.

Farfalhando ligeiramente as asas, ela adentrou o hall. Olhou ao redor e pareceu considerar o que via com certa aversão. Dirk não sabia o que as águias esperavam dos halls dos humanos, mas precisava admitir a si mesmo que não era só a ave que reagia daquela forma. A desordem não era tão grande, mas a atmosfera pesada costumava encher os visitantes de desânimo, e a águia claramente não era imune a esse efeito.

Dirk pegou um envelope grande que estava caído no capacho, olhou dentro dele para conferir que era exatamente o que esperava e, então, notou que um quadro desaparecera. Nada extraordinário, apenas uma pequena gravura chinesa que tinha encontrado na Camden Passage e de que gostara bastante, mas a questão era que não estava mais ali, apenas o gancho na parede. E havia uma cadeira faltando também.

De repente, deu-se conta do possível significado disso e foi correndo para a cozinha. Muitos dos utensílios também tinham sumido. O conjunto de facas Sabatier que mal usara, o processador de alimentos e o toca-fitas se evaporaram, mas ele tinha uma geladeira nova. Obviamente, fora entregue pelos capangas de Nobby Paxton e ele teve apenas que fazer a listinha de sempre.

Mesmo assim, tinha uma geladeira nova, o que era uma grande preocupação a menos. A atmosfera na cozinha já parecia menos carregada. A tensão se dissipara. Havia uma nova sensação de leveza e alegria no ar, que parecia ter contagiado até mesmo as velhas caixas de pizza, que agora estavam inclinadas em um ângulo brincalhão, e não opressivo.

Animado, Dirk escancarou a porta da nova geladeira e ficou em êxtase ao vê-la totalmente vazia. A luz interna rebrilhava nas paredes azuis e brancas limpíssimas e nas prateleiras cromadas. Gostou tanto do que viu que resolveu na mesma hora mantê-la daquele jeito. Não colocaria nada dentro. A comida teria que ficar à vista.

Excelente. Tornou a fechar a porta.

Um guincho e um farfalhar de asas atrás dele lhe fez lembrar que havia recebido a visita de uma águia. Virou-se e viu-a encarando-o de cima da mesa da cozinha.

Agora que Dirk começava a se habituar à ave – e não tinha sido atacado com violência como imaginara –, ela parecia um pouco menos apavorante do que antes. Ainda era um pássaro de tamanho considerável, mas talvez uma águia fosse algo ligeiramente mais administrável do que ele supunha. Relaxou um pouco, tirou o chapéu, o casaco e os jogou em cima de uma cadeira.

A águia pareceu achar que Dirk estivesse tendo uma ideia errada a seu respeito, pois exibiu uma das garras. Alarmado, o detetive viu que de fato havia algo muito parecido com sangue coagulado ali e se apressou a recuar. A ave se empertigou e começou a abrir as asas grandes, estendendo-as cada vez mais, batendo-as muito devagar e inclinando-se à frente para manter o equilíbrio. Dirk fez a única coisa em que pôde pensar diante das circunstâncias e saiu correndo da cozinha, batendo a porta e escorando a mesa do hall contra ela.

Uma terrível cacofonia de grasnados, garras arranhando e golpes pesados soaram imediatamente de trás dela. Dirk se sentou com as costas apoiadas na mesa, tentando recuperar o fôlego. Passados alguns instantes, começou a ficar preocupado, perguntando-se o que o pássaro estaria tramando agora.

Parecia-lhe que a águia estava se atirando contra a porta. De poucos em poucos segundos, o padrão se repetia: primeiro um sonoro bater de asas, depois um barulho de vento, então uma pancada terrível. Dirk não achava que ela fosse conseguir arrombar a porta, mas teve medo de que acabasse se matando de tanto tentar. A criatura parecia histérica em relação a algo, mas o detetive não conseguia imaginar o quê. Tentou se acalmar e pensar com clareza, decidir o que fazer em seguida.

Devia telefonar para Kate e se certificar de que ela estava bem.

Vuush, blam!

Ele devia enfim abrir o envelope que tinha carregado o dia inteiro e examinar seu conteúdo.

Vuush, blam!

Para isso, precisaria de uma faca afiada.

Vuush, blam!

Três pensamentos muito estranhos vieram à sua cabeça sucessivamente.

Vuush, blam!

Primeiro: as únicas facas afiadas que havia na casa, supondo que os carregadores de Nobby tivessem deixado alguma para ele, estavam na cozinha.

Vuush, blam!

Isso por si só não tinha muita importância, pois ele provavelmente conseguiria encontrar algo na casa para quebrar o galho.

Vuush, blam!

Segundo: o envelope estava no bolso do sobretudo que ele havia largado na cadeira na cozinha.

Vuush, blam!

O terceiro era muito parecido com o segundo e tinha a ver com a localização do pedaço de papel em que o número de Kate estava anotado.

Vuush, blam!

Ai, meu Deus.

Vuush, blam!

Dirk começou a se sentir muito, muito cansado por conta da maneira como o dia estava se desenrolando. Era assombrado pelo presságio de uma calamidade iminente, mas ainda não conseguia determinar o que estava por trás dela.

Vuush, blam!

Bem, ele sabia o que precisava fazer agora...

... então não havia motivo para não continuar o que tinha começado.

Ele arrastou a mesa sem fazer barulho.

Vuush...

Dirk se agachou e escancarou a porta, passando debaixo da águia enquanto ela se atirava pelo hall afora e colidia com a parede oposta. Uma vez dentro da cozinha, bateu a porta, tirou o sobretudo da cadeira e encaixou o espaldar dela debaixo da maçaneta.

Vuush, tum!

O dano causado àquele lado da porta era ao mesmo tempo considerável e impressionante. Dirk começou a ficar seriamente preocupado com o que aquele comportamento dizia sobre o estado de espírito da ave, ou qual seria ele se mantivesse aquele comportamento por muito mais tempo.

Vuush... scratch...

O mesmo pensamento deve ter ocorrido ao pássaro naquele instante, pois, depois de guinchar e arranhar mais um pouco a porta, ele caiu em um silêncio contrariado e derrotado, que, mais ou menos após um minuto, tornou-se quase tão perturbador quanto as pancadas de antes.

Dirk se perguntou o que a águia estava tramando.

Ele se aproximou da porta, afastou com muito, muito cuidado a cadeira e se agachou para poder ver através do buraco da fechadura. A princípio, achou que não conseguia enxergar nada por ali, como se algo bloqueasse sua visão. Então uma pequena cintilação muito próxima do outro lado revelou de repente uma verdade perturbadora: a águia também estava com o olho colado ao buraco da fechadura e o fitava. Dirk quase caiu para trás ao perceber isso, recuando com uma ligeira sensação de horror e repulsa.

Esse era um comportamento inteligente demais para uma águia, não? Ou ele estava enganado? Como poderia ter certeza? Não tinha o telefone de nenhum ornitólogo. Todos os seus livros de referência estavam empilhados nos outros cômodos da casa e ele duvidava que seria capaz de fazer o mesmo truque impunemente; não agora que lidava com um águia que havia descoberto para que servem os buracos de fechadura.

Recuou até a pia da cozinha e pegou um pano de prato. Enroscou-o, molhou-o e pressionou-o primeiro contra a sua têmpora que sangrava e começava a inchar bastante, depois contra o nariz que continuava muito sensível e passara a maior parte do dia também intumescido. Talvez a águia fosse muito suscetível e tivesse reagido mal ao ver o rosto castigado de Dirk, perdendo a cabeça. Ele suspirou e se sentou.

Ligou para Kate, mas caiu na secretária eletrônica. A voz dela lhe disse, com muita doçura, que Dirk poderia deixar uma mensagem depois do bipe, mas alertou-o de que ela quase nunca as ouvia e que seria muito melhor tentar falar com ela diretamente, mas, como ele não podia fazer isso porque ela não estava em casa, seria melhor tentar de novo mais tarde.

Muito obrigado, pensou, recolocando o telefone no gancho.

Dirk se deu conta de que a questão era a seguinte: havia passado a maior parte do dia adiando abrir o envelope porque tinha medo do que poderia encontrar lá dentro. Não porque a ideia fosse assustadora – embora fosse de fato assustador que um homem pudesse vender a alma para uma criatura de olhos verdes com uma foice, algo que as circunstâncias vinham se empenhando bastante em sugerir que acontecera. Era apenas muito

deprimente que o homem pudesse ter vendido a alma para uma criatura de olhos verdes com uma foice em troca de parte dos royalties de um disco campeão de vendas.

À primeira vista, era isso que parecia ter acontecido. Não era?

Dirk pegou o outro envelope, o que esperava por ele em seu capacho, entregue pelo serviço de boys de uma grande livraria londrina em que Dirk possuía uma conta. Retirou o conteúdo do envelope, que consistia em uma cópia da partitura da canção “Batata quente”, composta por Colin Paignton, Phil Mulville e Geoff Anstey.

A letra era bastante direta, com uma série de versos básicos em estilo de funk que se repetiam, dando uma sensação de ameaça e frieza irônica que tinha capturado o clima do verão anterior. Dizia o seguinte:

Batata quente!

Não pegue, não, não pegue, não, não pegue, não.

Rápido! Passe adiante, passe adiante, passe adiante.

Você não quer ser pego, quer ser pego, quer ser pego.

Jogue para alguém! Mas quem? Mas quem? Qualquer um!

É melhor não estar com ela quando a hora chegar!

Eu disse: é melhor não estar com ela quando a hora chegar!

Batata quente!

E assim por diante. As frases repetidas eram revezadas pelos dois membros da banda, a bateria eletrônica ficava cada vez mais pesada e um videoclipe tinha sido produzido.

Isso era tudo? Grande coisa. Uma boa casa na Lupton Street com piso revestido de poliuretano e um casamento falido?

As coisas haviam degradingado desde a época de Fausto e Mefistófeles, quando um homem podia ganhar todo o conhecimento do universo, alcançar todas as ambições da sua mente e todos os prazeres da carne ao vender a alma. Agora eram apenas alguns royalties por um disco, um punhado de móveis chiques, uma quinquilharia para pendurar na parede do banheiro e, *vapt*, lá se vai sua cabeça.

Então qual fora o acordo? O que dizia o contrato? Quem estava ganhando o que e por quê?

Dirk revirou uma gaveta em busca da faca de pão, tornou a se sentar, tirou o envelope do bolso do sobretudo e rasgou as camadas endurecidas de fita adesiva que fechavam uma de suas pontas.

Um maço grosso de papel caiu lá de dentro.

capítulo 22

N o exato momento em que o telefone tocou, a porta da sala de estar de Kate se abriu. O Deus do Trovão tentou atravessá-la a passos firmes, mas acabou só deslizando. Tinha se banhado meticulosamente na mistura que Kate despejara na banheira, se vestido e rasgado uma das camisolas dela para enfaixar o antebraço. Ele jogou um punhado de lascas de carvalho amolecidas no canto da sala como quem não quer nada. Por ora, Kate decidiu ignorar tanto aquela provocação quanto o telefone. Podia lidar com a primeira e tinha uma secretária eletrônica para lidar com o segundo.

– Tenho lido sobre você – falou, desafiando o Deus do Trovão. – Cadê a sua barba?

Thor pegou o volume de enciclopédia das suas mãos e deu uma olhada nele antes de largá-lo de lado com desdém.

– Rá, eu a raspei. Quando estava no País de Gales.

Ele fez uma careta diante da recordação.

– E que diabo você foi fazer no País de Gales?

– Contar as pedras – respondeu, dando de ombros, então foi olhar pela janela.

Sua postura transmitia uma ansiedade imensa e sombria. Ocorreu a Kate, com um arrepio parecido com medo, que às vezes, quando as pessoas ficavam assim, costumava-se dizer que o humor delas fora afetado pelo clima. Com um Deus do Trovão, supostamente acontecia o contrário. O céu lá fora sem dúvida tinha um aspecto aflito e contrariado.

De repente, as reações dela começaram a ficar muito confusas.

– Desculpe se isso parece uma pergunta idiota, mas estou um pouco perdida. Não estou habituada a passar a noite com alguém que tenha um

dia da semana batizado em sua homenagem em vários idiomas. Quais pedras você estava contando no País de Gales?

– Todas elas – rosnou Thor. – Todas as que fossem entre este tamanho... – ele separou a ponta do indicador e o polegar uns 6 milímetros – ... e este. – Ele separou as duas mãos cerca de um metro uma da outra, então as deixou pender.

Kate o encarou, atônita.

– Bem... quantas havia? – perguntou, por educação.

Thor se virou para ela, furioso.

– Conte-as você se quiser saber! Que sentido faz passar anos e anos contando-as para ser a única pessoa que sabe e saberá isso, se for para simplesmente falar para qualquer um? Hein?

Ele se virou de volta para a janela.

– Enfim, já não tenho tanta certeza. Acho que perdi a conta em algum lugar do condado de Mid Glamorgan. Mas não vou contar tudo de novo! – gritou.

– Ora, por que diabo você faria uma coisa tão absurda, para começo de conversa?

– Foi uma tarefa ordenada por meu pai. Uma punição. Um castigo – respondeu ele, possesso.

– Seu pai? Você quer dizer Odin?

– O Pai de Todos. O Pai dos Deuses de Asgard.

– Isso quer dizer que ele está vivo?

Thor se virou para encará-la como se ela fosse idiota.

– Nós somos imortais – limitou-se a dizer.

No andar de baixo, Neil escolheu esse momento para concluir sua tonitruante performance no contrabaixo e um silêncio misterioso pareceu cair sobre o prédio.

– Imortais é o que vocês queriam – falou Thor com uma voz grave e baixa. – Imortais é o que receberam. É um pouco difícil para nós. Vocês quiseram que vivêssemos para sempre, então vivemos para sempre. Depois se esqueceram de nós. Mas ainda vivemos para sempre. Agora, enfim, muitos estão mortos ou moribundos – acrescentou, falando ainda mais baixo –, mas é preciso um esforço especial.

– Não consigo nem começar a entender do que você está falando. Quer dizer que eu, que nós...

– Você *pode* começar a entender – falou Thor, irritado. – É por isso que vim até você. Sabia que a maioria das pessoas mal consegue me ver? Que mal nota a minha presença? E não é porque estamos escondidos. Estamos por aqui. Andamos entre vocês. Meu povo. Seus deuses. Vocês nos criaram, nos tornaram aquilo que não ousaram ser. E, mesmo assim, não nos reconhecem. Se eu andar pelas ruas deste... mundo que vocês criaram para si mesmos sem nós, ninguém sequer olhará na minha direção.

– Isso quando você está usando o elmo?

– Especialmente se eu estiver usando o elmo!

– Bem...

– As pessoas zombam de mim! – rugiu Thor.

– Você também facilita bastante. Não sei o que...

De repente, a sala pareceu estremecer e então parar para recuperar o fôlego. Todas as entranhas de Kate se agitaram com violência e, então, ficaram totalmente imóveis. No terrível silêncio que se seguiu, um pequeno abajur de porcelana azul caiu da mesa e se arrastou pelo chão até um canto escuro da sala, onde ficou encolhido em uma postura aflita e defensiva.

Kate olhou para lá e tentou não perder a calma. Tinha a sensação de que uma geleia fria e mole escorria por sua pele.

– Foi você quem fez isso? – perguntou, trêmula.

Thor estava lívido e confuso.

– Não me faça ficar com raiva. Você teve muita sorte – balbuciou, desviando o olhar.

– Do que você está *falando*?

– Estou falando que quero que você venha comigo.

– O quê? E quanto àquilo *ali*?

Ela apontou para o gatinho perplexo que estava debaixo da mesa e que, poucos instantes antes, tinha sido um abajur de porcelana azul.

– Não há nada que eu possa fazer por ele.

Kate ficou tão cansada, confusa e assustada de repente que se viu à beira das lágrimas. Mordeu o lábio e tentou se enfurecer o máximo possível.

– Ah, é? Pensei que você fosse um deus. Espero que não tenha vindo à minha casa sob falsos pretextos, pois eu... – Ela se deteve, então voltou a falar, com um fiapo de voz: – Quer dizer que você esteve aqui, em nosso mundo, *esse tempo todo*?

- Aqui e em Asgard.
- Asgard... O lar dos deuses?

Thor ficou calado. Fez-se um silêncio sombrio que parecia repleto de algo que o incomodava profundamente.

- Onde fica Asgard? – exigiu saber Kate.

Thor continuou mudo. Ele era um homem de muito poucas palavras e pausas gigantescas. Quando enfim respondeu, não ficou claro se tinha passado todo aquele tempo pensando no assunto ou apenas parado ali:

- Asgard também está aqui. Todos os mundos estão aqui.

Ele tirou de baixo das peles um grande martelo e analisou sua cabeça com grande atenção e estranha curiosidade, como se houvesse algo de muito intrigante nele. Kate se perguntou por que tal gesto lhe parecia familiar. Percebeu que ele a fazia querer se abaixar instintivamente. Recuou um pouco, em estado de alerta.

Quando Thor voltou a erguer os olhos, eles irradiavam uma nova energia e determinação, como se o deus se preparasse para atacar.

– Devo estar em Asgard esta noite. Devo confrontar meu pai Odin no grande salão de Valhalla e chamá-lo a prestar contas pelo que fez.

- Por ele ter feito você contar pedras no País de Gales?

– Não! Por ter feito com que contar as pedras do País de Gales fosse inútil!

Kate balançou a cabeça, exasperada.

– Simplesmente não sei o que pensar de você. Acho que estou cansada demais. Volte amanhã. Explique tudo de manhã.

– Não. Você deve ver Asgard com os próprios olhos, então entenderá. Deve ver Asgard esta noite.

Ele a agarrou pelo braço.

– Não quero ir para Asgard – insistiu Kate. – Não quero ir para lugares míticos com desconhecidos. Vá você. Me ligue amanhã para contar como foi. Faça Odin pagar caro por ter feito você contar pedras.

Ela se desvencilhou. Ficou muito, muito claro que só conseguiu fazer isso porque Thor deixou.

– Agora, por favor, me deixe dormir! – exclamou, fuzilando-o com o olhar.

Nesse exato instante, o prédio pareceu entrar em erupção quando Neil começou sua estrondosa versão para contrabaixo da “Siegfrieds Rheinfahrt”,

do Ato I do *Crepúsculo dos Deuses*, só para mostrar que podia ser feito. As paredes tremeram, as janelas vibraram. Ouvia-se ao longe o som do abajur miando pateticamente debaixo da mesa.

Kate tentou manter o olhar fulminante, mas não conseguiu sustentá-lo por muito tempo naquelas circunstâncias.

– Está bem – falou por fim –, como fazemos para chegar lá?

– Há tantas maneiras quanto coisinhas pequenas.

– Como é que é?

– Coisinhas pequenas. – Thor separou o polegar e o indicador novamente para indicar algo muito pequeno. – Moléculas – acrescentou, parecendo desconfortável com a palavra. – Mas primeiro devemos sair daqui.

– Vou precisar de um casaco em Asgard?

– Se preferir.

– Bem, vou levar um de qualquer maneira. Espere um instante.

Kate decidiu que a melhor maneira de lidar com o extraordinário imbróglio que havia se tornado a sua vida era de forma prática e sistemática. Buscou seu casaco, penteou os cabelos, deixou uma mensagem na secretária eletrônica e colocou um pires com leite debaixo da mesa.

– Pronto – falou, saindo, seguida por Thor.

Trancou a porta com cuidado e fez “shhh” enquanto passavam em frente ao apartamento de Neil. Apesar de toda a barulheira que fazia, era quase certo que estava atento ao menor som e, se os ouvisse passar, surgiria em um instante para reclamar sobre a máquina de Coca-Cola, o horário tardio da saída deles, sobre como o homem é desumano com o próprio homem, sobre o clima, o barulho e a cor do casaco de Kate, cujo tom de azul, por algum motivo, Neil desaprovava com veemência. Conseguiram passar despercebidos e fecharam a porta do prédio com o mais discreto clique.

capítulo 23

As folhas que caíram sobre a mesa da cozinha de Dirk eram feitas de um papel grosso e pesado, estavam dobradas e tinham sido muito manuseadas.

Ele as separou uma a uma, alisando-as e organizando-as em fileiras na mesa da cozinha. Abriu espaço conforme a necessidade, afastando jornais velhos, cinzeiros e vasilhas de cereais sujas que Elena, a faxineira, sempre deixava exatamente onde estavam – ela achava que Dirk as havia colocado ali por algum motivo especial, essa era a alegação.

Ele se debruçou sobre os papéis por vários minutos, analisando-os sucessivamente, comparando-os uns com os outros, página por página, parágrafo por parágrafo, linha por linha.

Não conseguia entender uma só palavra deles.

Já deveria ter imaginado que o gigante de olhos verdes, peludo e que portava uma foice diferiria dele não só na aparência em geral e nos hábitos pessoais, como também em questões como o alfabeto que preferia usar.

Dirk se recostou na cadeira, decepcionado e frustrado, e fez menção de pegar um cigarro, mas o maço em seu sobretudo já estava vazio. Então apanhou um lápis e pôs-se a dar pancadinhas com ele como se fosse um cigarro, mas o efeito não era o mesmo.

Cerca de dois minutos depois, teve consciência de que a águia devia estar observando-o através da fechadura, tornando quase impossível se concentrar no problema à sua frente, especialmente sem um cigarro. Praguejou. Sabia que ainda tinha um maço no andar de cima, ao lado da cama, mas não seria capaz de lidar com os aspectos ornitológicos que precisaria enfrentar para buscá-lo.

Tentou analisar os papéis mais um pouco. Além de ser escrito em algum tipo de caligrafia rúnica hermética, com letras miúdas, indecifráveis, o texto pendia para a esquerda, como se varrido por uma maré. O lado direito estava praticamente vazio, exceto por um ou outro grupo de caracteres empilhados. Fora uma sensação indefinível de familiaridade em relação ao layout do texto, nada fazia o menor sentido para Dirk.

Ele tornou a fitar o envelope para examinar alguns dos nomes que tinham sido riscados com força.

Howard Bell, o autor best-seller incrivelmente rico que escrevia livros ruins que vendiam aos borbotões apesar (ou por causa) do fato de ninguém lê-los.

Dennis Hutch, magnata da indústria fonográfica. Agora que tinha um contexto para atrelar ao nome, Dirk percebeu que o conhecia muito bem. O Aries Rising Record Group – que fora fundado com base nos ideais dos anos 1960, ou pelo menos no que se passava pelos ideais dos anos 1960, crescera na década de 1970 e então abraçara o materialismo dos anos 1980 sem titubear – era agora um gigantesco conglomerado de entretenimento que abarcava os dois lados do Atlântico. Dennis Hutch assumira a liderança da empresa depois que o fundador morrera por conta de uma overdose de muro de tijolos sob a influência de uma Ferrari e uma garrafa de tequila. O ARRGH! também era o selo pelo qual o single *Batata quente* tinha sido lançado.

Stan Dubcek, sócio sênior da agência de publicidade de nome idiota que agora era dona da maioria das outras empresas britânicas e americanas do ramo com nomes nem tão idiotas e que, por isso mesmo, foram engolidas pela primeira.

E, de repente, lá estava outra pessoa que Dirk reconheceu de imediato, agora que atentava ao tipo de nomes que deveria procurar: Roderick Mercer, o maior editor do mundo dos jornais mais sórdidos do planeta. A princípio, Dirk não tinha notado o nome porque estranhara um “erick” depois de “Rod”. Ora, ora, ora...

Essas, sim, eram pessoas que haviam conseguido coisas na vida, pensou Dirk. Certamente mais do que uma casinha simpática na Lupton Street com flores secas espalhadas por todo lado. Elas também tinham a grande vantagem de continuarem com as respectivas cabeças ligadas aos ombros, a

não ser que Dirk houvesse perdido alguma novidade dramática nos noticiários. O que significava tudo aquilo? O que era aquele contrato? Por que todos que o tiveram nas mãos eram tão bem-sucedidos, com exceção de Geoffrey Anstey? Todos se beneficiaram dele, exceto a pessoa que o tivera por último.

Era uma batata quente...

É melhor não estar com ela quando a hora chegar!

De repente, Dirk começou a acalantar a hipótese de que o próprio Geoffrey Anstey tinha entre ouvido uma conversa sobre uma batata quente, sobre se livrar dela, passá-la adiante. Se bem se lembrava da entrevista com Pain, ele não dizia que ouvira a conversa.

É melhor não estar com ela quando a hora chegar!

A hipótese era terrível e consistia no seguinte: Geoffrey Anstey fora ridiculamente ingênuo. Entre ouvira essa conversa – entre que pessoas? Dirk apanhou o envelope e percorreu a lista de nomes – e pensara que as palavras tinham um agradável ritmo dançante. Anstey não desconfiara nem por um instante que estava escutando um diálogo que resultaria na própria morte horrenda. Conseguira emplacar um disco de sucesso e, quando a verdadeira batata quente chegara às suas mãos, teve que pegá-la.

Não pegue, não, não pegue, não, não pegue, não.

Em vez de seguir o conselho que havia gravado na letra da canção...

Rápido! Passe adiante, passe adiante, passe adiante.

... ele a guardou atrás do disco de ouro pendurado na parede do banheiro.

É melhor não estar com ela quando a hora chegar!

Dirk franziu a testa e deu uma longa e pensativa tragada em seu lápis.

Isso era ridículo.

Precisava arranjar cigarros se quisesse pensar sobre o assunto com algum rigor intelectual. Vestiu o casaco, colocou o chapéu e foi em direção à janela.

A janela não era aberta desde... bem, certamente nunca durante o tempo em que ele morava ali, portanto resistiu e gritou diante daquela invasão repentina e inaudita de seu espaço e privacidade. Assim que conseguiu forçá-la a abrir o suficiente, Dirk se empoleirou no peitoril, puxando a ponta do sobretudo de couro para fora. Dali de cima, era um salto considerável até a calçada, já que a casa se elevava sobre um lance de escada estreito. Um

corrimão de ferro a separava da calçada e Dirk precisava pular por cima dele.

Sem hesitar nem por um instante, saltou e, no meio do pulo, lembrou que não tinha apanhado as chaves do carro na mesa da cozinha.

Enquanto planava graciosamente no ar, ele se perguntou se deveria ou não dar uma pirueta em pleno voo e se esticar para trás em direção à janela a fim de agarrar o peitoril, mas então decidiu, refletindo com maturidade, que um erro àquela altura poderia muito bem matá-lo. E a caminhada lhe faria bem.

Caiu pesadamente do outro lado do corrimão, mas a ponta do sobretudo ficou enroscada nele e Dirk teve que puxá-la, rasgando parte do forro. Depois que a dor latejante nos joelhos diminuiu e ele conseguiu recuperar a pouca compostura que lhe restava após os acontecimentos do dia, percebeu que já passava muito das onze e os pubs estariam fechados, o que o obrigaria a fazer uma caminhada mais longa do que tinha pensado para conseguir os cigarros.

Refletiu sobre o que fazer.

A situação e o estado de espírito atuais da águia eram fatores cruciais a serem levados em conta. A única maneira de resgatar as chaves do carro agora seria voltar pela porta da frente e atravessar o hall dominado pela ave.

Movendo-se com grande cautela, retornou na ponta dos pés até os degraus da porta da frente, agachou-se e, torcendo para aquela criatura maldita não grasnar, abriu devagarinho a tampa da caixa de correio e olhou através dela.

No instante seguinte, uma garra se enganchava nas costas da sua mão e um enorme bico avançava aos guinchos contra o seu olho, errando-o por pouco, mas abrindo um corte profundo ao longo do nariz já castigado.

Dirk urrou de dor e se jogou para trás, sem conseguir ir muito longe, pois a garra ainda estava presa na mão. Ele se pôs a golpeá-la alucinadamente, o que apenas o machucou bastante, fazendo a ponta dela se enterrar ainda mais em sua carne. Houve um alvoroço infernal do outro lado da porta, puxando com força sua mão.

Dirk agarrou a grande garra com a mão livre e tentou arrancá-la da carne. A força dela era incrível, estremecendo com a fúria da águia, que estava tão presa quanto ele. Por fim, tremendo de dor, o detetive conseguiu se soltar e recolheu a mão ferida, aninhando-a e afagando-a.

A águia puxou a garra de volta com força e Dirk a ouviu voar hall afora, soltando grasnados e guinchos terríveis, suas grandes asas batendo contra as paredes e raspando nelas.

Dirk brincou com a ideia de incendiar a casa, mas, assim que o latejar na mão começou a diminuir um pouco, ele se acalmou e tentou, na medida do possível, enxergar a situação do ponto de vista da águia.

Não conseguiu.

Não fazia a menor ideia de como as coisas se afiguravam para águias em geral, e muito menos para aquela em especial, que parecia ser um exemplar gravemente perturbado da espécie.

Depois de afagar a própria mão por alguns minutos, a curiosidade, aliada a uma forte sensação de que a águia tinha recuado para a outra extremidade do hall e permanecera lá, foi mais forte do que ele. Dirk se agachou outra vez diante da caixa de correio. Dessa vez, usou o lápis para empurrar a tampa, vasculhando o hall na segurança de uns bons centímetros de distância.

A ave estava bem no centro do seu campo de visão, empoleirada na beirada do corrimão da escada, encarando-o com uma expressão ressentida e ignominiosa, o que Dirk achou no mínimo engraçado, vindo de uma criatura que poucos instantes antes havia tentado arrancar sua mão.

Assim que teve certeza de que atraíra a atenção de Dirk, lentamente a águia se empertigou e abriu as grandes asas, balançando-as e batendo-as para manter o equilíbrio. Era esse gesto que tinha feito o detetive fugir da cozinha por precaução. Dessa vez, no entanto, ele estava protegido por uns belos 5 centímetros de madeira e manteve-se firme. A águia também esticou o pescoço para cima, estendendo a língua para fora e soltando grasnados lamuriosos, o que surpreendeu Dirk.

Ele, então, notou algo inesperado no pássaro: as asas tinham símbolos estranhos, que você não costuma ver em águias comuns. Eram grandes círculos concêntricos.

A coloração do traçado deles era praticamente uniforme e só se destacavam com tanta clareza por conta da perfeita regularidade geométrica. Dirk teve a nítida impressão de que a ave estava mostrando esses círculos para ele, e que era para isso que tentava chamar sua atenção desde o início. Todas as vezes que o pássaro havia mergulhado para cima dele, lembrou Dirk, tinha começado com um estranho bater de asas, que envolvia abri-las

ao máximo. Entretanto, sempre que isso acontecia, Dirk estava muito ocupado tratando de dar meia-volta e sair correndo para prestar a devida atenção àquele espetáculo.

– Tem um trocado para uma xícara de chá, amigo? – ouviu-se uma voz atrás.

– Ahn, sim, obrigado – falou Dirk. – Estou bem.

Sua atenção estava totalmente voltada para a águia, logo ele não se virou.

– Não, estou perguntando se você pode me arranjar um trocado, só para uma xícara de chá.

– O quê?

Dessa vez Dirk se voltou, irritado.

– Ou então um cigarrinho, amigo. Posso filar um cigarro?

– Não, estava indo comprar um maço para mim agora mesmo.

O homem na calçada atrás dele era um mendigo de idade indeterminada. Estava um pouco cambaleante, com uma expressão de frustração alucinada no olhar.

Como não obteve uma resposta imediata de Dirk, o homem fitou o chão cerca de um metro à sua frente, oscilando um pouco para a frente e para trás. Seus braços estavam um pouco afastados do corpo. Então, de repente, fechou a cara e olhou para outra parte do chão. Em seguida, tentando manter o equilíbrio enquanto realinhava bruscamente a cabeça, seguiu andando pela rua com a testa franzida.

– Você perdeu alguma coisa? – perguntou Dirk.

O homem se voltou para ele.

– Se eu *perdi* alguma coisa? – exclamou, em tom de espanto e lamúria. – Se eu *perdi* alguma coisa?

Essa parecia ser a pergunta mais chocante que ele tinha ouvido na vida. O homem afastou o olhar por alguns instantes, como se tentasse equilibrar a pergunta na balança geral das coisas. Isso o fez cambalear um pouco mais e franzir um pouco mais a testa. Por fim, pareceu pensar em algo que talvez servisse como resposta.

– O céu? – falou, desafiando Dirk a achar essa uma boa explicação.

O mendigo olhou em direção ao céu, tomando cuidado para não perder o equilíbrio. Não gostou da tonalidade opaca, alaranjada, que a luz dos

postes emprestava às nuvens, logo baixou os olhos até fitar um ponto bem diante dos seus pés.

– O chão? – indagou, com um enorme e evidente desgosto, então um pensamento repentino lhe veio à cabeça. – Sapos? – Ele ergueu os olhos vacilantes para fitar os de Dirk, que estavam um tanto perplexos. – Eu costumava gostar... de sapos – afirmou o mendigo, deixando seu olhar pousar no detetive como se isso fosse tudo o que tinha para dizer, e todo o resto fosse Dirk quem precisasse decidir.

O detetive estava totalmente desconcertado. Sentiu saudades da época em que a vida era simples, sem preocupações, dos bons tempos que havia passado com uma simples águia homicida, que agora parecia uma companhia muito tranquila e amigável. Com ataques aéreos ele conseguia lidar, mas não com aquela culpa inominável que vinha gritando para cima dele do nada.

– O que você quer? – perguntou Dirk com a voz embargada.

– Só um cigarro, amigo – falou o mendigo –, ou um trocado para uma xícara de chá.

Dirk colocou uma moeda de 1 libra na mão do homem e saiu correndo em pânico pela rua, passando, 20 metros mais à frente, por uma caçamba de lixo de onde o vulto da sua geladeira antiga assomava, encarando-o ameaçadoramente.

capítulo 24

Enquanto descia os degraus de entrada do seu prédio, Kate percebeu que a temperatura havia caído um tanto. As nuvens carregadas pesavam no céu, dando a tudo um aspecto sombrio. Thor seguiu a passos rápidos na direção do parque, com Kate em seu encalço, andando depressa.

Mesmo que o deus fosse uma figura extraordinária nas ruas de Primrose Hill, Kate não pôde deixar de pensar que ele tinha razão. Os dois passaram por três pessoas diferentes no caminho e ela notou claramente como evitavam olhá-lo, mesmo quando precisavam abrir caminho para o seu físico corpulento. Não que ele fosse invisível, longe disso. Apenas não se encaixava ali.

O parque estava fechado, mas Thor saltou depressa por sobre as grades pontudas e ergueu Kate por cima delas com facilidade, como se ela fosse um ramalhete de flores.

A grama estava úmida e esponjosa, mas ainda era capaz de exercer sua magia em pés citadinos. Kate fez o de sempre ao entrar no parque: agachou-se e pousou as mãos no chão por alguns instantes. Nunca tinha pensado muito sobre por que agia assim, e com frequência ajeitava o calçado ou pegava algum lixo do chão para justificar o movimento, mas tudo o que queria de fato era sentir a grama e a terra úmida nas palmas.

Daquele ponto de vista, o parque era apenas uma massa sombria que se erguia diante deles, obscurecendo a si mesma. Subiram a colina e pararam no topo dela, olhando para a escuridão do restante do parque até onde ia ficando gradativamente mais claro em direção às luzes nebulosas do coração de Londres, que ficava ao sul. Torres e blocos feios despontavam hostis no horizonte, dominando o parque, o céu e a cidade.

Um vento frio e úmido soprava, fazendo ondular o verde de tempos em tempos como o rabo de um cavalo negro taciturno. Havia um quê de irritação e ansiedade. Na verdade, o céu noturno parecia a Kate uma manada de cavalos agitados, indóceis, os arreios se debatendo contra o vento, irradiando-se de um só centro, muito próximo dela. Repreendeu-se por ser tão ridiculamente impressionável, mas, ainda assim, continuava com a sensação de que todos esses fenômenos meteorológicos tinham se concentrado ali e circulavam ao redor deles, à espera.

Thor voltou a sacar o martelo, segurando-o diante de si com o mesmo ar contemplativo e compenetrado que Kate presenciara poucos minutos antes no apartamento. Ele franziu a testa e pareceu pegar partículas de poeira minúsculas, invisíveis. Era como um chimpanzé catando parasitas do seu companheiro ou... Era isso! A analogia era doida, mas explicava por que ela havia ficado tão tensa e atenta quando o vira fazer aquilo da última vez: era como Jimmy Connors ajustando minuciosamente as cordas da sua raquete antes do saque.

Thor tornou a fitar o martelo com um olhar intenso, jogou o braço para trás, deu uma, duas, três voltas completas, girando os calcanhares com força na lama, e então atirou a arma para o céu com uma força descomunal.

O martelo desapareceu quase no mesmo instante na névoa densa do céu. Lampejos úmidos espocaram no interior das nuvens, indicando a longa parábola que ele descrevia, oculto, ao longo do céu noturno. No ponto mais distante da trajetória, a arma ressurgiu, um ponto minúsculo e distante que se movia devagar agora, concentrando e redirecionando seu impulso para o voo de retorno. Kate ficou observando, atônita, enquanto o ponto luminoso despontava de trás do domo da Catedral de São Paulo. Ele pareceu quase se deter em pleno voo, pairando de forma silenciosa e improvável no ar antes de começar a aumentar microscopicamente de tamanho, acelerando de volta na direção deles.

Então, à medida que voltava, o martelo virou para o lado, deixando de descrever uma simples parábola, mas traçando um novo caminho que parecia acompanhar o perímetro de uma gigantesca fita de Moebius, dando a volta na Telecom Tower. De repente, ele deu outra guinada e começou a vir direto para cima deles, zunindo pela noite com um peso e velocidade impossíveis, como um pistão em um eixo de luz. Kate cambaleou e quase

caiu desmaiada para sair do seu caminho, e foi então que Thor deu um passo à frente e o apanhou de volta com um grunhido.

O impacto enviou um forte tremor em direção à terra, depois o martelo repousou serenamente no punho cerrado de Thor. Seu braço estremeceu um pouco e ficou firme.

Kate estava zonzona. Não sabia o que havia acontecido, mas tinha certeza de que aquele não era o tipo de experiência que a mãe teria aprovado em um primeiro encontro.

– Isso tudo é parte do que precisamos fazer para irmos a Asgard? Ou você só está se exibindo?

– Nós iremos para Asgard... agora – falou Thor.

Nesse exato momento, ele ergueu a mão como se fosse pegar uma maçã, mas, em vez disso, girou-a com firmeza, porém de forma quase imperceptível. Foi como se tivesse girado o planeta inteiro uma bilionésima fração de uma bilionésima fração de um grau. Tudo mudou e ficou fora de foco por um instante, então voltou a reaparecer como um mundo repentinamente distinto.

Um mundo muito mais escuro e ainda mais frio do que o anterior.

Um vento cortante soprava, azedo e pútrido o suficiente para fazer qualquer um ter ânsia de vômito. O chão sob os pés deles já não era a grama macia e lamacenta da colina, mas um lodaçal malcheiroso. A escuridão cobria todo o horizonte, com exceção de algumas poucas chamas salpicadas ao longe e de uma grande labareda cerca de 2,5 quilômetros dali na direção sudeste.

Ali, torres fantásticas apunhalavam a noite; pináculos gigantescos tremeluziam sob a luz do fogo que brotava de mil janelas. Era uma construção que zombava da razão, ridicularizava a realidade e escarnecia alucinadamente da noite.

– O palácio do meu pai – apresentou Thor –, o Grande Salão de Valhalla, para onde nós vamos.

Kate estava prestes a dizer que havia algo de estranhamente familiar naquele lugar, quando o vento trouxe o som de cascos de cavalos pisoteando a lama. Ao longe, entre o lugar onde estavam e o Grande Salão, eles viram um pequeno número de tochas cintilantes vindo em sua direção.

Thor voltou a analisar a cabeça do martelo com interesse, limpou-a com o indicador e alisou-a com o polegar. Olhou devagar para cima, deu uma,

duas, três voltas de novo e disparou o míssil para o céu. Mas, dessa vez, continuou a segurar o cabo do martelo com a mão direita, enquanto com a esquerda agarrava firme a cintura de Kate.

capítulo 25

Os cigarros estavam claramente dispostos a se tornarem um grande problema para Dirk naquela noite.

Durante a maior parte do dia, exceto quando tinha acordado, exceto logo após acordar, exceto depois de encontrar a cabeça de Geoffrey Anstey girando na vitrola – o que era compreensível –, exceto quando estava no pub com Kate, ele não fumara um cigarro sequer.

Nem unzinho. Ele os tirara da sua vida, jurava que sim. Não precisava deles. Podia muito bem ficar sem cigarros. A ideia de fumá-los o importunava a todo o momento e tornava sua vida um inferno, mas Dirk decidiu que era capaz de lidar com isso.

Porém, logo agora que tinha resolvido de forma fria, racional, com uma decisão clara e objetiva, e não por ter meramente cedido a uma vontade incontrolável, que iria, afinal de contas, fumar um cigarro, por acaso conseguia arranjar um? Claro que não.

Àquela hora da noite, os pubs estavam fechados havia tempos. A loja da esquina que ficava aberta até mais tarde obviamente tinha um conceito de “até mais tarde” bem diferente do de Dirk. Com certeza conseguiria convencer o proprietário da retidão da sua causa valendo-se apenas do virtuosismo linguístico e das bravatas silogísticas, porém o desgraçado não estava mais lá para ser persuadido.

A cerca de 1,5 quilômetro de distância, havia um posto de gasolina 24 horas, mas que acabara de sofrer um assalto à mão armada. A vitrine estava estilhaçada e trincada em volta de um pequeno buraco, e havia policiais por todo lado. O atendente não parecia gravemente ferido, mas ainda sangrava no braço, estava histérico e recebia tratamento por conta do choque.

Portanto, não tinha ninguém para vender cigarros a Dirk. Eles não estavam no clima.

– Você conseguia comprar cigarros durante os ataques aéreos na Segunda Guerra – protestou Dirk. – As pessoas se orgulhavam disso. Mesmo com as bombas caindo do céu e a cidade em chamas, você ainda conseguia ser atendido. Um pobre-diabo que tivesse acabado de perder duas filhas e uma perna ainda diria “Com ou sem filtro?” se você lhe perguntasse.

– Imagino que você fosse fazer o mesmo – murmurou um jovem policial de rosto pálido.

– Era o espírito da época.

– Suma daqui.

E aquele, pensou Dirk com seus botões, era o espírito da nossa época. Ele foi embora, ofendido, e decidiu vagar pelas ruas com as mãos nos bolsos por um tempo.

Camden Passage. Relógios antigos. Roupas antigas. Nenhum cigarro.

Upper Street. Prédios antigos sendo demolidos. Nem sinal de uma tabacaria para substituí-los.

Chapel Market, desolado àquela hora da noite. Lixo molhado sendo soprado pelo vento. Caixas de papelão e de ovos, sacos de papel e maços de cigarro – vazios.

Pentonville Road. Monólitos de concreto sombrios, fitando os espaços vazios da Upper Street onde eles esperavam fazer brotar sua prole horrenda.

King’s Cross. Eles devem ter cigarros, não é possível. Dirk saiu correndo na direção dela.

A velha fachada da estação se agigantava à frente, sua grande parede de tijolos amarelos com uma torre de relógio e dois arcos enormes que ocultavam as duas grandes plataformas atrás de si. Diante disso tudo havia o saguão moderno, que já estava muito mais deteriorado do que o edifício, apesar deste ser cem anos mais velho, obscurecendo-o e estragando-o de forma geral. Dirk imaginou que, quando o projeto do novo saguão fora desenhado, os arquitetos tivessem explicado que ele estabeleceria um diálogo empolgante e ousado com a parte mais antiga do edifício.

King’s Cross era uma área em que coisas terríveis aconteciam com pessoas, prédios, carros e trens, geralmente enquanto você estava esperando e, se não tivesse cuidado, acabaria se envolvendo em um diálogo empolgante e ousado. Poderia ter um rádio barato instalado no carro e, se virasse as

costas por alguns minutos, ele também poderia ser roubado. Outros alvos de roubo eram a carteira, a mucosa do estômago, a mente e a vontade de viver. Os assaltantes, os traficantes, os cafetões e os vendedores de hambúrgueres, em nenhuma ordem específica, poderiam arranjar tudo isso para você.

Mas será que conseguiriam me arranjar um maço de cigarros?, pensou Dirk, com uma tensão crescente. Ele atravessou a York Way, ignorou dois estranhos que tentaram lhe oferecer algo, uma vez que à primeira vista não parecia envolver cigarros, passou depressa pela livraria fechada e atravessou as portas principais do saguão, afastando-se da vida das ruas e adentrando os domínios mais seguros da British Rail.

Dirk olhou ao redor.

Tudo parecia um tanto estranho ali e ele se perguntou por quê, mas apenas por alguns instantes, pois também estava se perguntando se havia algum lugar aberto que vendesse cigarros – e não havia.

Sucumbiu a um desânimo profundo. Dirk sentia que passara o dia inteiro disputando corrida com o mundo. A manhã começara da maneira mais desastrosa possível e, desde então, o dia insistia em lhe escapar por entre os dedos. Era como se tentasse cavalgar um cavalo em disparada com um pé no estribo e o outro ainda sendo arrastado pelo chão. E, agora, mesmo algo tão simples quanto arranjar um cigarro parecia estar além das suas capacidades.

Suspirou e procurou um lugar para sentar. Isso não foi tão fácil. A estação estava mais cheia do que ele esperava a... Que horas eram? Ele conferiu o relógio... Uma da madrugada. O que, em nome de Deus, estava fazendo na King's Cross a uma da madrugada, sem cigarros e sem uma casa em que pudesse entrar sem ser bicado e arranhado até a morte por uma ave homicida?

Ele decidiu sentir pena de si mesmo. Ajudaria a passar o tempo. Olhou à sua volta e, passados alguns instantes, o impulso de autopiedade começou a diminuir à medida que assimilava o ambiente.

Estranho ver um lugar tão familiar lhe parecer tão diferente do habitual. Lá estava a bilheteria, ainda aberta e vendendo passagens, mas com um ar taciturno e contrariado, como se preferisse estar fechada.

Lá estava a W.H. Smith, fechada até o dia seguinte. Ninguém precisaria de mais jornais ou revistas naquela noite, exceto para se acomodarem melhor, já que periódicos velhos serviam muito bem para dormir em cima.

Os cafetões e as prostitutas, bem como os traficantes e os vendedores de hambúrguer, estavam todos nas ruas e nas hamburguerias. Se você quisesse uma rapidinha, uma droga qualquer ou, Deus me livre, um hambúrguer, aquele era o lugar certo.

Ali dentro estavam as pessoas de quem ninguém queria absolutamente nada. Ali era onde elas buscavam abrigo até serem periodicamente enxotadas. Era isso que se queria delas, na verdade: sua ausência. Essa era a grande demanda, mas nada fácil de suprir. Todo mundo precisa estar em algum lugar.

Dirk olhou para os homens e as mulheres que arrastavam os pés pelo saguão ou estavam encurvados nos assentos ou tentavam dormir em bancos que eram feitos justamente para impedir que se fizesse isso.

– Tem um cigarro, amigo?

– O quê? Não, desculpe. Não, não tenho um cigarro – respondeu Dirk, tateando sem jeito os bolsos do sobretudo, para dar a impressão de que fazia uma busca que sabia ser infrutífera.

Ele ficou surpreso ao ser arrancado do seu devaneio dessa forma.

– Então tome aqui.

O homem lhe ofereceu um cigarro amassado de um maço igualmente amassado.

– O quê? Ah. Nossa, obrigado. Obrigado.

Embora perplexo com a oferta, Dirk aceitou de bom grado e acendeu o cigarro com a brasa do que o próprio velho estava fumando.

– O que você veio fazer aqui, afinal? – perguntou o velho sem hostilidade, apenas intrigado.

Dirk tentou olhar para ele sem dar a impressão de que o avaliava dos pés à cabeça. Os dentes do homem estavam em petição de miséria, seus cabelos, arrepiados e desgrenhados, e as roupas velhas envolviam seu corpo como matéria orgânica em torno das raízes de uma planta, mas os olhos caídos pareciam bastante tranquilos. Ele não esperava que nada pior do que era capaz de suportar fosse lhe acontecer.

– Bem, vim aqui só para isso, na verdade – respondeu Dirk, girando o cigarro nos dedos. – Obrigado. Não conseguia achar cigarros em lugar nenhum.

– Aham.

– Estou com uma criatura louca em casa. Não para de me atacar.

- Aham – falou o homem, assentindo com resignação.
- Quero dizer, um pássaro, uma águia.
- Aham.
- Com asas enormes.
- Aham.
- Ela me pegou com uma de suas garras pela caixa de correio.
- Aham.

Dirk se perguntou se valia a pena insistir naquela conversa. Ele caiu em silêncio e olhou ao redor.

- Sorte sua que ela não atacou você com o bico também – disse o velho alguns instantes depois. – Águias costumam fazer isso quando você mexe com elas.

- Ela atacou! Atacou, sim! Olhe aqui, bem no meu nariz. Foi pela caixa de correio também. Inacreditável! Que pegada que ela tem! Que alcance! Olhe só o que ela fez com a minha mão!

Ele a estendeu em busca de compaixão. O velho a fitou, analisando-a.

- Aham – disse por fim, retraindo-se em seguida para os próprios pensamentos.

Dirk recolheu a mão ferida.

- Sabe bastante a respeito de águias, hein?

O homem não respondeu, mas pareceu se retrair ainda mais.

- Muita gente por aqui esta noite – tentou Dirk outra vez, passados alguns momentos.

O homem deu de ombros. Tragou lentamente o cigarro, semicerrando os olhos para protegê-los da fumaça.

- É sempre assim? Quero dizer, sempre tem tanta gente por aqui à noite?

O mendigo se limitou a baixar a vista, soltando a fumaça devagar pela boca e pelas narinas.

Dirk tornou a olhar ao redor. Um homem a poucos metros de distância, que não parecia tão velho quanto o companheiro do detetive, mas com uma postura bastante transtornada, passara todo aquele tempo assentindo freneticamente sobre um conhaque vagabundo. Ele foi parando de assentir bem devagar, enroscou com dificuldade a tampa da garrafa e a guardou no bolso do casaco puído. Uma velha gorda que vinha revolvendo o interior do saco de lixo preto que continha seus pertences começou a torcer a parte de cima dele e amarrá-lo.

- Parece até que tem alguma coisa prestes a acontecer – continuou Dirk.
- Aham – falou o mendigo.

Ele pousou as mãos nos joelhos, se inclinou para a frente e se colocou de pé com dificuldade. Embora fosse corcunda e vagaroso, embora suas roupas estivessem imundas e esfrangalhadas, ainda restava um pouco de vigor e autoridade em sua postura.

O ar que ele agitava ao se levantar, que emanava das dobras da pele e das roupas, era demasiado pungente até para as narinas entorpecidas de Dirk. Era um cheiro que nunca parava de afetar você – sempre que o detetive achava que o fedor não poderia ficar mais forte, ele tornava a atacar com furor renovado, até Dirk ter a impressão de que seu cérebro seria vaporizado.

Tentou não engasgar, mas abriu um sorriso cortês sem deixar que os olhos lacrimejassem, quando o homem se virou para ele e disse:

– Faça uma infusão de flores de bergamoteira. Acrescente algumas pitadas de sálvia enquanto ela estiver quente. Isso é muito bom para feridas causadas por águias. Há quem adicione óleo de damasco, de amêndoas e até, Deus me livre, sedra. Mas sempre vai ter alguém que gosta de exagerar. E, às vezes, precisamos de pessoas desse tipo. Aham.

Com essas palavras, ele se voltou outra vez, juntando-se ao fluxo crescente de corpos patéticos, corcundas e maltratados que seguiam para a saída principal da estação. Cerca de vinte ou até trinta estavam indo embora. Cada qual parecia sair separadamente, por suas próprias razões, sem seguir rápido demais a pessoa à frente, mas, ainda assim, não era difícil notar, para qualquer um que se interessasse em observar aqueles indivíduos que ninguém se importava em observar, que partiam em um fluxo contínuo.

Dirk acalentou seu cigarro por cerca de um minuto enquanto os via ir embora. Assim que teve certeza de que não havia mais nenhum para sair, e que os últimos dois ou três estavam diante da porta, largou o cigarro no chão e o amassou com o calcanhar. Então notou que o velho deixara para trás o maço amassado. Dirk espiou dentro e viu que ainda havia dois cigarros enrugados ali. Guardou-os no bolso, levantou-se e seguiu discretamente o grupo a uma distância que considerava respeitosa.

Lá fora, na Euston Road, o ar noturno resmungava, angustiada. O detetive matou tempo diante da porta, observando para que lado o grupo

estava indo – na direção oeste. Sacou um dos cigarros e o acendeu, então foi também para lá, contornando a fila de táxis rumo à St. Pancras Street.

No lado oeste dessa rua, poucos metros ao norte da Euston Road, um lance de escadas conduzia ao átrio do velho Midland Grand Hotel, um prédio enorme e sombrio, que parecia ter saído de uma fantasia gótica e se erguia, vazio e desolado, sobre a fachada da estação de trem de St. Pancras.

Acima do topo das escadas, em letras douradas de ferro forjado, via-se o nome da estação. Controlando seus passos, Dirk seguiu os retardatários do grupo de velhos mendigos, subindo os degraus que terminavam bem ao lado de um edifício de tijolos atarracado, que costumava ser um estacionamento. À sua direita, o grande vulto escuro do hotel antigo se espalhava pela noite; seu telhado era composto por uma ampla variedade de torres hostis e pináculos retorcidos que pareciam aguilhoar e instigar o céu noturno.

Nas alturas da escuridão opaca, figuras silenciosas de pedra montavam guarda por detrás de escudos longos, agrupadas ao redor de pilastras atrás de balaustradas de ferro batido. Esculturas de dragões agachados fitavam boquiabertos o céu enquanto Dirk Gently e seu sobretudo de couro farfalhante se aproximavam dos grandes portões de ferro que conduziam ao hotel e à imponente plataforma abobadada da estação de St. Pancras. Vultos de pedra de cães alados empoleiravam-se no topo de pilares.

Ali, na passarela que conectava a entrada do hotel e o saguão da bilheteria, encontrava-se estacionada uma van Mercedes cinza sem identificação. Só de olhar para ela, Dirk teve certeza de que era a mesma que quase o forçara a sair da estrada horas antes em Cotswolds.

Ele foi até o saguão, um espaço amplo com grandes paredes apaineladas, ao longo das quais se erguiam espaçadamente grossas colunas de mármore em forma de suportes para tochas.

Àquela hora da noite, a bilheteria estava fechada (o serviço de trens não funcionava a noite inteira na St. Pancras) e, além dela, envolvida em escuridão, estendia-se a vasta câmara da estação propriamente dita, a grande plataforma em estilo vitoriano.

Dirk se manteve calado e oculto junto à entrada da bilheteria. Observava os velhos mendigos e mendigas, que tinham vindo do átrio e entraram na estação pela porta principal, se misturarem na penumbra. Agora já havia bem mais de vinte, talvez até cem, e um ar de entusiasmo e tensão contidos pairava sobre o grupo.

À medida que andavam de um lado para outro, a quantidade parecia cada vez menor, embora Dirk tivesse ficado surpreso com o número quando chegara ali. Ele fitou a penumbra, tentando entender o que estava acontecendo. Saiu do esconderijo e adentrou a câmara principal, mas ainda se manteve o mais próximo possível da parede lateral enquanto avançava.

Sem dúvida o número de pessoas diminuía bastante; restavam poucas agora. Teve a nítida impressão de que deslizavam em direção às sombras para não mais voltar.

Dirk estreitou os olhos.

As sombras eram escuras, mas nem tanto. Correu à frente, abandonando toda a cautela para alcançar o pequeno grupo remanescente. Mas, quando chegou ao centro do recinto em que tinham se reunido, já não restava ninguém. Dirk ficou ali, girando, perplexo, no meio daquela grande estação de trem escura e vazia.

capítulo 26

A única coisa que impedia Kate de gritar era a pressão do ar que soprava para dentro dos seus pulmões à medida que ela se lançava rumo ao céu.

Quando, alguns segundos depois, a aceleração diminuiu um pouco, Kate se viu engolindo em seco e engasgando, os olhos ardendo e lacrimejando de tal forma que mal conseguia enxergar. Quase todos os músculos do seu corpo gaguejavam de pavor, fustigados pelas ondas de ar, que ameaçavam arrancar seus cabelos e roupas e faziam seus joelhos e dentes baterem uns contra os outros.

Kate teve que lutar para conter o instinto de resistir. Por um lado, tinha absoluta certeza de que não queria que Thor a largasse. Até onde conseguia entender o que estava acontecendo, desejava que ele continuasse a segurá-la firme. Por outro lado, o choque físico provocado pela situação competia, de forma aguerrida, com a raiva que ela sentia pela afronta de ter sido atirada para o céu de repente, sem nenhum aviso. Assim, Kate resistia sem muito empenho, o que a deixava ainda mais irritada consigo mesma. Por fim, agarrou-se ao braço de Thor da maneira mais humilhante e indigna possível.

A noite estava escura e, se havia algo de bom nisso, pensou Kate, era que ela não conseguia ver o solo. As luzes que vira salpicadas à distância agora oscilavam vertiginosamente muito abaixo dela, mas seus instintos não lhe permitiam identificá-las como representações do solo. Os feixes tremeluzentes que brilhavam da construção absurda repleta de torres, que ela avistara poucos segundos antes daquela afronta, já se perdiam ao longe, cada vez mais distantes.

Os dois continuavam a subir.

Kate não conseguia resistir, não conseguia falar. Se tentasse, provavelmente morderia o braço daquele brutamontes estúpido, mas se contentou com a simples ideia em vez de colocar em prática.

O ar era hostil e irritava seus pulmões. O nariz e os olhos escorriam, tornando quase impossível enxergar alguma coisa. Quando resolveu fazer um teste, vislumbrou por um instante a cabeça do martelo zunindo através do ar escuro diante deles, o braço de Thor agarrado ao seu cabo curto e sendo puxado para a frente. O outro braço estava em volta da sua cintura, segurando-a firme. Sua força desafiava a imaginação de Kate, mas não diminuía nem um pouco a raiva dela.

Kate tinha a sensação de que agora deslizavam logo abaixo das nuvens. De vez em quando, eram fustigados pela umidade pegajosa, e respirar se tornava uma tarefa ainda mais árdua e nociva. O ar úmido era amargo e frio como a morte, e os cabelos encharcados dela batiam no seu rosto.

Sem dúvida o frio ia matá-la, pensou, e depois de algum tempo ficou convencida de que começava a perder a consciência. Então percebeu que, na verdade, estava tentando perder a consciência, sem sucesso. A noção de tempo, no entanto, ficou nebulosa, logo ela não sabia bem quanto aquela jornada já tinha durado.

Kate enfim sentiu que desaceleravam e descreviam uma curva para baixo. Isso lhe causou novas ondas de náusea e desorientação, e ela teve a sensação de que o estômago estava sendo lentamente vergado por uma prensa.

Mas o ar só piorava: um cheiro mais degradável, um gosto mais amargo, muito mais turbulento. Não havia mais dúvidas sobre a desaceleração; o deslocamento se tornava cada vez mais custoso. O martelo estava claramente apontado para baixo agora, tentando encontrar o caminho em vez de apenas zunir adiante.

Eles continuaram descendo, lutando para atravessar as nuvens mais espessas que se agitavam à sua volta até parecer que iriam despencar de encontro ao solo.

A velocidade diminuiu a ponto de Kate achar que conseguiria olhar para a frente, mas o ar era tão acre que ela só obteve um breve vislumbre. E foi então que Thor largou o martelo. Kate não conseguiu acreditar. Mas foi apenas por uma fração de segundo, só para mudar o jeito como o segurava, de modo que agora pendiam do cabo, em vez de serem puxados por ele.

Enquanto redistribuía seu peso nessa nova posição, Thor içou Kate com força, como se puxasse uma meia para cima. Continuaram descendo, voando cada vez mais baixo.

Ouviu-se um som estrondoso, trazido pelo vento que soprava acima deles, e de repente Thor estava correndo, saltando por sobre um terreno rochoso e coberto de areia, zigzagueando pelos tufo de grama, até finalmente fincar os pés no chão e se deter.

Eles enfim pararam, cambaleando, mas o chão sob os pés era sólido.

Kate apenas respirou por alguns instantes, dobrando-se à frente para recuperar o fôlego. Ela se empertigou e estava prestes a expressar a plenos pulmões todos os seus sentimentos em relação ao ocorrido quando, de repente, deu-se conta, alarmada, de onde estava.

Embora a noite estivesse escura, o cheiro pungente trazido pelo vento que a fustigava lhe dizia que havia alguma espécie de mar perto dali. O som de ondas quebrando com violência lhe informava ainda que, na verdade, o mar em questão estava mais ou menos abaixo dela e que os dois se encontravam muito próximos da beira de um precipício. Ela fincou as unhas no braço do deus insuportável que a trouxera até ali, na vã esperança de conseguir machucá-lo.

À medida que seus sentidos abalados começavam a se acalmar, Kate notou que uma luz fraca se irradiava diante dela. Passados alguns instantes, percebeu que emanava do mar.

Todo o mar estava rubro, como uma infecção. Ele se erguia na noite, agitado e turbulento, jogando-se para a frente até se desfazer em um frenesi doloroso contra as rochas do litoral. Mar e céu esbravejavam um com o outro em uma fúria diabólica.

Kate ficou observando a cena, incapaz de falar, então percebeu que Thor estava parado ao seu lado.

– Eu encontrei você em um aeroporto – falou ele, sua voz entrecortada pelo vento. – Estava tentando pegar um avião para a Noruega, a fim de voltar para casa. – Ele apontou para o mar. – Queria mostrar para você por que não pude vir por este caminho.

– Onde nós estamos? Onde fica isto? – perguntou Kate, temerosa.

– No seu mundo, este é o mar do Norte – disse Thor, virando-se para a terra firme, andando a passos pesados, arrastando o martelo atrás de si.

Kate apertou o casaco molhado em volta do corpo e correu atrás dele.

– Ora, por que você não voltou para casa do jeito que acabamos de fazer, só que... bem, no nosso mundo.

A raiva que ela sentia fora reduzida a uma vaga preocupação com o vocabulário.

– Eu tentei – respondeu Thor, ainda se afastando.

– E o que aconteceu?

– Não quero falar sobre isso.

– Como assim?

– Não vou falar sobre o assunto.

Kate estremeceu de irritação.

– Esse por acaso é um comportamento digno de um deus? – gritou ela. – Só porque está incomodado, você se recusa a falar sobre o assunto?

– Thor! Thor! É você? – veio até eles um fiapo de voz que o vento carregara.

Kate estreitou os olhos. Uma lanterna oscilava no escuro, aproximando-se por detrás de uma pequena elevação.

– É você, Thor? – Uma velhinha surgiu diante dos dois, segurando uma lanterna sobre a cabeça, mancando com animação. – Bem que achei ter visto o seu martelo. Bem-vindo – chilreou ela. – Ah, mas você escolheu uma época terrível para vir. Eu estava justamente colocando a chaleira para ferver e pensando em tomar uma xícara de alguma coisa para depois talvez me matar, mas então falei para mim mesma: espere só mais alguns dias, Tsuliwa..., Tsuwila..., Swuli..., Tsuliwaënsis. Não consigo nem pronunciar meu próprio nome direito quando estou falando comigo mesma, e isso me deixa louca, como você pode imaginar, você que eu sempre defendi ser um rapaz muito inteligente; não ligue para o que as outras pessoas dizem. Então eu falei para mim mesma: Tsuliwaënsis, espere para ver se alguém aparece e, se ninguém der as caras, bem, talvez seja uma boa hora para pensar em se matar. E olhe só! Aqui está você! Ah, mas você é bem-vindo, muito bem-vindo! E vejo que trouxe uma amiga. Não vai me apresentar? Olá, minha querida, olá! Eu me chamo Tsuliwaënsis e não vou me ofender nem um pouco se você gaguejar.

– Eu... eu sou, ahn, Kate – falou ela, totalmente desconcertada.

– Muito bem, muito bem. Então vamos andando. Se vocês pretendem ficar aqui a noite inteira, prefiro me matar de uma vez e deixar vocês prepararem o próprio chá quando estiverem prontos. Venham!

A velha seguiu em frente e, poucos metros depois, eles chegaram a uma estrutura de madeira e barro bastante decrepita que parecia ter conseguido permanecer inexplicavelmente presa no lugar antes de desmoronar em parte. Kate olhou para Thor, esperando obter algum tipo de reação para saber como interpretar a situação, mas ele estava ocupado com os próprios pensamentos e nada disposto a compartilhá-los. No entanto, algo parecia ter mudado na maneira como se movia. Pela breve experiência de Kate com ele, Thor dava a impressão de lutar constantemente contra uma raiva contida; agora, era como se isso tivesse diminuído. Não desaparecido, mas diminuído. Ele se afastou para deixá-la passar, indicando com um gesto brusco que ela deveria entrar na cabana de Tsuliwaënsis. Thor ficou parado por alguns instantes do lado de fora para analisar o pouco que se podia ver dos arredores, então a seguiu, inclinando-se absurdamente.

O interior da cabana era minúsculo. Algumas tábuas cobertas de palha faziam as vezes de cama, uma chaleira fervente estava pendurada sobre uma fogueira e havia uma caixa encostada em um canto, servindo de banco.

– E esta aqui é a faca que eu estava pensando em usar, estão vendo? – disse Tsuliwaënsis, atarantada. – Acabei de amolá-la. Fica ótima depois de uma boa raspada na pedra, e eu estava pensando que aqui seria um bom lugar. Posso encaixar o cabo nesta fenda aqui na parede para ela ficar bem firme e daí, *zip!* É só eu me jogar contra ela. *Zip!* Estão vendo? Se bem que talvez devesse ser um pouco mais baixo... O que você acha, minha querida? Entende dessas coisas, por acaso?

Kate respondeu que não, não entendia, conseguindo soar relativamente calma.

– Tsuliwaënsis – falou Thor –, nós viemos até aqui não para ficar, mas... Tsuli, largue essa faca, por favor.

A mulher os encarava com bastante animação, mas ainda segurando a faca, com a lâmina grande e pesada, sobre o próprio punho esquerdo.

– Não liguem para mim, meus caros. Estou muito tranquila. Posso simplesmente dar cabo da minha vida quando bem entender. Seria um prazer. Isso não é época para se viver. De jeito nenhum. Você bate as botas e acabam-se os seus problemas. Não vou perturbar a felicidade de vocês com meus gritos. Mal vou fazer barulho com a minha faca quando vocês estiverem indo embora.

Ela permaneceu parada, trêmula e desafiadora.

Com cuidado, de forma quase gentil, Thor estendeu o braço e retirou a faca da mão de Tsuliwaënsis. A velha pareceu murchar quando se viu sem a arma e toda a sua bravata também se dissipou. Ela se deixou sentar em sua caixa, apática. Thor se agachou diante da mulher, trouxe-a devagar para junto de si e a abraçou. Pouco a pouco, ela pareceu voltar à vida e, passado algum tempo, o empurrou para longe, dizendo para ele deixar de ser bobo. Por fim, alisou com agitação o vestido preto irremediavelmente esfarrapado e sujo.

Já recomposta, voltou sua atenção para Kate e a olhou de cima a baixo.

– Você é uma mortal, não é, minha querida?

– Ahn... sou.

– Estou vendo pelo seu vestido chique. Ah, sim. Bem, agora você já viu como é o mundo do outro lado, não viu, querida? O que está achando até agora?

Kate explicou que ainda não sabia o que pensar. Thor se sentou no chão e apoiou a cabeça grande na parede, semicerrando os olhos. Kate teve a sensação de que ele se preparava para algo.

– Antigamente, as coisas eram tão diferentes... – continuou a velha. – Aqui era maravilhoso, sabe, de fato maravilhoso. A gente se desentendia às vezes. Havia grandes discussões, é claro, brigas terríveis, mas no fim das contas era uma maravilha. Mas agora? – Ela deu um suspiro longo e cansado, raspando a parede. – Ah, agora as coisas vão mal, muito mal. Tudo é afetado por tudo. O nosso mundo afeta o seu mundo, e vice-versa. Às vezes é complicado saber qual exatamente é o efeito. Muitas vezes é difícil gostar dele também. Nos últimos tempos, os dias têm sido quase todos ruins. Mas nossos mundos são quase idênticos em muitos sentidos. Onde em seu mundo existe um edifício, aqui também haverá uma estrutura. Pode ser um pequeno monte lamacento, uma colmeia ou uma casa como esta. Talvez seja algo um pouco mais grandioso, mas sempre será algo. Thor, você está bem, querido?

O Deus do Trovão fechou os olhos e assentiu. Seus cotovelos se apoiavam, relaxados, nos joelhos. As tiras rasgadas da camisola de Kate amarradas em volta do antebraço esquerdo estavam frouxas e úmidas. Ele as tirou lentamente.

– E, quando algo não é resolvido da forma adequada no seu mundo – prosseguiu a velha –, é muito provável que vá aparecer no nosso. Nada desaparece. Nenhum segredo cheio de culpa. Nenhum pensamento reprimido. Essas coisas podem se tornar um novo e poderoso deus no nosso mundo, ou apenas um mosquito, mas sempre estarão aqui. Devo acrescentar que, ultimamente, temos tido muito mais mosquitos do que novos e poderosos deuses. Ah, muito mais mosquitos e menos deuses imortais do que já houve no passado.

– Como pode haver menos imortais? – perguntou Kate. – Não quero soar pedante, mas...

– Bem, querida, existem imortais e imortais. Quero dizer, se eu conseguisse deixar esta faca bem firme e depois me jogasse em cima dela para valer, você logo veria quem é imortal e quem não é.

– Tsuli... – ralhou Thor, sem abrir os olhos.

– Um a um, estamos partindo. Estamos, sim, Thor. Você é um dos poucos que se importa com isso. A esta altura, são poucos os que não sucumbiram ao alcoolismo e ao onx.

– Onx? O que é isso? Algum tipo de doença? – perguntou Kate.

Ela começara a ficar contrariada outra vez. Depois de ter sido arrastada a contragosto do apartamento e carregada por toda a Ânglia Oriental, Kate estava irritada por ter sido largada à própria sorte em uma conversa com uma velha louca e suicida enquanto Thor apenas se sentava, parecendo muito contente. Ela precisava fazer esforço sem estar no clima para isso.

– É um mal que só acomete os deuses, querida. Significa que você não aguenta mais ser uma divindade, e é por isso que só os deuses sofrem dele, entende?

– Entendo.

– Nos estágios finais, você deita no chão e, passado algum tempo, uma árvore cresce da sua cabeça, e acabou-se. Você volta para a terra, infiltra-se em suas entranhas, escorre por suas artérias vitais e, por fim, brota como um grande e puro curso de água, para provavelmente ter um monte de resíduos químicos despejados em cima de você. É duro ser um deus hoje em dia, mesmo depois de morto. Bem... – disse Tsuliwaënsis, afagando os joelhos.

Ela desviou a atenção para o Deus do Trovão, que abriu os olhos, mas apenas para fitar os próprios dedos.

– Ouvi dizer que você tem um compromisso hoje à noite, Thor.

– Humm – grunhiu ele, sem se mexer.

– Ouvi dizer que você convocou uma assembleia no Grande Salão para a Hora da Contestação, não foi?

– Humm.

– A Hora da Contestação, hein? Bem, sei que há muito tempo as coisas não andam bem entre você e seu pai. Não é verdade?

Thor se recusava a ser atraído para aquela conversa. Ele permaneceu calado.

– Achei lamentável toda aquela história do País de Gales – continuou Tsuliwaënsis. – Não sei por que você aturou aquilo. Sei que o fato de ele ser seu pai e o Pai de Todos dificulta as coisas, é claro. Mas Odin, Odin... Eu o conheço há tanto tempo... Sabia que ele fez um acordo para sacrificar um de seus olhos em troca de sabedoria? É claro que sim, querido, afinal, você é filho dele. Sempre falei a Odin que ele deveria pisar firme e contestar esse acordo, exigir o olho de volta. Entende o que estou dizendo, Thor? Isso sem falar em Toe Rag, aquele estrupício. Eu tomaria cuidado com ele, Thor, muito cuidado. Bem, suponho que saberei de tudo amanhã de manhã, não é verdade?

Thor deslizou suas costas pela parede, colocando-se de pé. Segurou as mãos da velha nas suas com ternura e abriu um sorriso tenso, mas não falou nada. Meneando de leve a cabeça, indicou a Kate que estava na hora de ir embora. Como era o que mais queria na vida, ela resistiu à tentação de dizer “Não me diga” e fazer um escândalo por estar sendo tratada daquela forma. Obediente, despediu-se educadamente de Tsuliwaënsis e saiu em direção à noite sombria.

Uma vez lá fora, cruzou os braços e o questionou:

– E agora? Para onde vamos? Que outros grandes eventos sociais você tem para mim hoje à noite?

Thor andou um pouco para lá e para cá, examinando o chão. Sacou o martelo e pesou-o nas mãos. Olhou para a noite e o girou algumas vezes preguiçosamente. Tornou a rodá-lo mais duas vezes, ainda sem muita força. Soltou o martelo, que saiu quicando noite adentro até partir uma pedra situada uns 10 metros à frente, para então vir saltando de volta. Ele o segurou com facilidade, jogou-o para cima e tornou pegá-lo sem nenhum esforço.

Por fim, virou-se para Kate e olhou nos seus olhos pela primeira vez.

- Quer ver uma coisa?

capítulo 27

Uma rajada de vento soprou pelas câmaras gigantescas da estação e quase fez Dirk urrar de frustração por ter perdido o rastro daquela pista.

O luar frio incidia sobre as longas extensões de painéis de vidro que cobriam o telhado da estação de St. Pancras. Iluminava os trilhos vazios, o painel de partidas com os horários dos trens e a placa que explicava que, naquele dia, os preços eram mais baratos.

Os arcos formados pela extremidade oposta do teto abobadado emolduravam as formas fantásticas de cinco grandes gasômetros, cujas superestruturas de sustentação pareciam, na penumbra, impossivelmente entrelaçadas, como argolas em um truque de mágica. O luar também iluminava tudo isso, mas não iluminava Dirk.

Ele acabara de ver mais de cem pessoas evaporarem. Essa situação propriamente não era problema. O impossível não o preocupava muito. Se algo não podia ser feito de forma possível, então obviamente fora feito de forma impossível. A questão era como.

Andou pela área da estação em que todas aquelas pessoas tinham desaparecido, analisando o que podia ser analisado do seu respectivo ponto de vista, procurando por qualquer pista ou anomalia, por qualquer coisa que o permitisse passar por seja lá o que fosse que cem pessoas haviam atravessado. Era como se uma grande festa estivesse acontecendo bem perto, mas ele não tivesse sido convidado. Desesperado, começou a rodopiar com os braços abertos, então decidiu que isso era totalmente inútil e acendeu um cigarro.

Ao sacar o maço, Dirk notou que um pedaço de papel caiu do bolso. Assim que o cigarro estava bem aceso, agachou-se para pegá-lo.

Não era nada de mais, apenas a conta que tinha pagado para aquela enfermeira teimosa no café. “Um absurdo”, pensou ao analisar cada um dos itens. Estava prestes a amassá-la e jogá-la fora quando algo no layout geral do documento chamou sua atenção.

Como sempre, os itens eram listados no canto esquerdo, enquanto os preços figuravam no canto direito.

Nas faturas que ele mesmo emitia, quando as emitia, ou seja, quando tinha clientes, o que era raro no momento (e os que tinha pareciam incapazes de se manterem vivos por tempo suficiente para receberem as faturas e ficarem indignados), Dirk costumava ser um pouco mais cuidadoso em relação aos itens cobrados. Redigia ensaios, pequenos parágrafos para descrevê-los. Gostava de que o cliente tivesse a sensação de que estava recebendo um bom retorno pelo dinheiro, pelo menos nesse sentido.

Em suma, as faturas que Dirk emitia eram quase iguais, em seu layout, ao maço de papéis com caligrafia rúnica indecifrável que fora incapaz de compreender algumas horas antes. Isso ajudava em alguma coisa? Ele não sabia. Se os papéis fossem não um contrato, mas faturas, a que se referiam? Quais serviços tinham sido prestados? Certamente serviços muitos complexos. Ou, pelo menos, descritos de forma muito complexa. A que profissões isso poderia se aplicar? Era no mínimo algo a se pensar. Amassou a conta do café e foi jogá-la em uma lixeira.

Isso acabou se mostrando uma ótima decisão.

Ele se afastou do espaço aberto central da estação e pôde se recostar discretamente em uma parede, onde ouviu de repente o som de dois pares de pés atravessando o pátio lá fora.

Em poucos segundos, entraram na zona principal da estação, e a essa altura Dirk já estava totalmente fora de vista, ocultado pela quina de uma das paredes.

Estar totalmente fora de vista era menos útil para ele em outro sentido: durante algum tempo, não via quem eram os donos dos pés. Quando conseguiu, tinham chegado ao mesmo local onde, poucos minutos antes, uma pequena horda desaparecera sem nenhum alarde.

Surpreendeu-se ao deparar com os óculos de armação vermelha e com o discreto terno italiano sob medida do homem, e também se espantou com a velocidade com que eles imediatamente sumiram.

Dirk ficou pasmo. As mesmas duas pessoas que haviam tornado sua vida um verdadeiro inferno o dia inteiro (ele se permitiu esse pequeno exagero diante daquela provocação extrema) haviam acabado de sumir descaradamente bem diante dos seus olhos.

Assim que teve certeza de que os dois tinham de fato desaparecido, e não estavam apenas escondidos um atrás do outro, voltou a se aproximar do local misterioso.

Era desconcertantemente ordinário. O macadame alcatroado, o ar, tudo ali era ordinário. Ainda assim, uma série de pessoas que teria feito a alegria da indústria do Triângulo das Bermudas por uma década inteira acabara de desaparecer ali em um espaço de cinco minutos.

Dirk ficou profundamente transtornado.

Tão profundamente transtornado que chegou a pensar em telefonar para alguém e compartilhar essa sensação transtornando outra pessoa – sem dúvida isso daria certo, já que era uma e vinte da madrugada.

Esse não foi um pensamento arbitrário: continuava preocupado com a segurança da garota americana, Kate Schechter, e o fato de sua última chamada para ela ter sido atendida pela secretária eletrônica não o acalmava nem um pouco. Àquela altura, a mulher já deveria estar em casa, dormindo, e ficaria tranquilizadamente furiosa ao ser acordada por uma ligação tão tarde.

Encontrou algumas moedas e um telefone que funcionava e discou o número dela. Foi atendido pela secretária eletrônica de novo.

A mensagem dizia que ela passaria a noite fora, pois tinha ido dar um pulinho em Asgard. Não sabia bem quais regiões de Asgard iria visitar, mas provavelmente passaria por Valhalla mais tarde, se desse tempo. Se quisesse deixar uma mensagem, ela a ouviria pela manhã se ainda estivesse viva e no clima. Alguns bipes vieram em seguida e ficaram ecoando por vários segundos no ouvido de Dirk.

– Ah – falou ele, dando-se conta de que a máquina estava gravando o seu silêncio –, minha nossa. Bem, achei que tínhamos combinado que você me ligaria antes de fazer qualquer coisa impossível.

Largou o telefone, sua cabeça em um turbilhão de raiva. Valhalla, é? Era para lá que todos iam naquela noite menos ele? Dirk estava quase decidido a voltar para casa, ir para a cama e, ao acordar no dia seguinte, trocar de profissão e investir no setor de comércio.

Valhalla.

Olhou ao redor outra vez, com Valhalla ecoando nos ouvidos. Sem dúvida um espaço daquele tamanho daria um belo salão de banquete para deuses e heróis mortos, e o Midland Grand Hotel vazio quase faria valer a pena transferir toda a tralha da Noruega para lá.

Dirk se perguntou se faria alguma diferença saber onde estava se metendo.

Aflito, titubeante, atravessou o espaço em questão. Nada aconteceu. E agora? Ele se virou e ficou analisando o recinto por alguns instantes enquanto dava duas lentas tragadas no cigarro que tinha filado do mendigo. O espaço lhe parecia exatamente o mesmo.

Tornou a atravessá-lo, hesitando um pouco menos dessa vez, com passos lentos e assertivos. Mais uma vez, nada aconteceu, porém assim que estava se afastando, pensou ter ouvido muito ao longe, por uma fração de segundo, uma espécie de ruído estridente, como a explosão de estática de quando se gira o dial de um rádio. Ele se voltou outra vez, retornando ao espaço vazio, girando a cabeça com muito cuidado para tentar detectar qualquer som, por menor que fosse. Durante algum tempo, não teve sucesso, então, de repente, um pequeno trecho de estática estourou ao seu redor e sumiu. Quando se moveu, ouviu de novo. Moveu-se muito, muito devagar, com todo o cuidado. Procurando captar o som com o menor e mais sutil dos movimentos, virou a cabeça pelo que pareceu ser uma bilionésima fração de uma bilionésima fração de um grau, deslizou para trás de uma molécula e sumiu.

No mesmo instante, teve que se agachar para evitar uma grande águia que veio mergulhando em sua direção do vasto espaço à sua frente.

capítulo 28

Era outra águia. A seguinte também era diferente, e a próxima também. O ar parecia estar carregado de águias e era impossível entrar em Valhalla sem ser atacado por no mínimo meia dúzia delas. As próprias águias estavam sendo atacadas por outras.

Dirk jogou os braços sobre a cabeça para se proteger da revoada, deu meia-volta, tropeçou e caiu atrás de uma mesa enorme em um chão de palha pesada, úmida e terrosa. O chapéu rolou para debaixo da mesa. Engatinhou atrás dele, enfiou-o com força na cabeça e olhou devagar por cima da mesa.

O salão era escuro, mas ganhara vida com grandes fogueiras.

Sons e fumaça de lenha enchiam o ar, assim como os cheiros de porcos, carneiros e javalis assando, suor, vinhos pungentes e asas de águia chamuscadas.

A mesa atrás da qual estava agachado era feita de incontáveis tábuas de carvalho apoiadas em cavaletes que se estendiam em todas as direções, tomada por postas fumegantes de animais mortos, pães enormes, grandes taças de ferro transbordando de vinho e velas que mais pareciam formigueiros de cera. Vultos gigantescos e suados esbravejavam em torno disso tudo, em cima disso tudo, bebendo, brigando pela comida, brigando no meio da comida, brigando com a comida.

A cerca de um metro de Dirk, um guerreiro estava de pé em cima da mesa lutando contra um porco que vinha assando havia seis horas. Claramente perdia, mas com entusiasmo e vigor enquanto era instigado por outros guerreiros que o molhavam com vinho que tiravam de um cocho.

Até onde conseguia enxergar daquela distância e na escuridão quebrada apenas pela luz inconstante das fogueiras, o teto era feito de escudos encaixados uns nos outros.

Dirk agarrou o chapéu, manteve a cabeça abaixada e saiu correndo, tentando chegar à lateral do salão. Sentindo-se praticamente invisível pelo fato de estar sóbrio e, do seu ponto de vista, vestido com roupas normais, passou por exemplos de toda sorte de funções fisiológicas imagináveis, exceto por qualquer forma de limpeza de dentes.

O cheiro, como o do mendigo na estação King's Cross, que certamente estava ali participando do banquete, era do tipo que nunca parecia parar de chegar até você. Ele se intensificava e intensificava até parecer que sua cabeça também precisava crescer cada vez mais para acomodá-lo. O barulho de espada contra espada, espada contra escudo, espada contra carne, carne contra carne fazia os tímpanos cambalearem, estremecerem e terem vontade de chorar. Dirk foi esmurrado, acotovelado, empurrado e ensopado de vinho enquanto abria caminho às pressas pela multidão alucinada, mas chegou enfim à parede lateral: placas de madeira e pedra cobertas com grandes extensões de couro de vaca fedorento.

Ofegante e perplexo, parou por um instante e olhou para trás a fim de analisar a cena.

Aquilo era Valhalla.

Disso não havia a menor dúvida. O que estava ali não era algo que pudesse ser simulado por um serviço de bufê. E todo aquele aglomerado de deuses e guerreiros tempestuosos que gritavam e farreavam, e as mulheres com quem gritavam e farreavam, com seus escudos, fogueiras e javalis, parecia ocupar um espaço que deveria ser aproximadamente do mesmo tamanho que a estação de St. Pancras. O calor intenso que emanava daquilo tudo parecia capaz de sufocar o bando de águias desnorteadas que se debatiam no ar acima deles.

E talvez fosse isso mesmo. Ele duvidava que um bando de águias enfurecidas que achassem que estavam sufocando fosse se comportar de forma muito diferente do que as várias que observava no momento.

Dirk tinha adiado pensar em qualquer coisa enquanto abria caminho pela multidão, mas agora não havia mais escapatória.

Que fim tinham levado os Draycotts?

O que poderiam estar fazendo ali? E onde, naquela confusão, os Draycotts poderiam estar metidos?

Estreitou os olhos e fitou a massa pulsante, tentando localizar os óculos de armação vermelha ou o terno italiano discreto socializando com peitorais

de armaduras e couro suado, sabendo que era uma tentativa vã, mas sentindo que precisava empreendê-la.

Não, decidiu, não conseguia vê-los. Não era o tipo de festa para eles. Reflexões mais aprofundadas sobre o tema foram interrompidas por um machado de cabo curto atirado pelo ar que se enterrou com um baque estarrecedor na parede a cerca de 10 centímetros da sua orelha esquerda, apagando todos os pensamentos por alguns instantes.

Quando se recuperou do choque e soltou a respiração, Dirk achou que o machado não tivesse sido jogado para cima dele com más intenções, mas apenas em um momento de euforia guerreira. De todo modo, não estava no clima para festas e decidiu seguir em frente. Acompanhou a parede na direção que – se estivesse na estação de St. Pancras, e não no salão de Valhalla – teria levado à bilheteria. Não sabia o que encontraria lá, mas calculava que deveria ser diferente do que via, o que já seria bom.

Ali, na periferia da festa, a impressão era que a situação estava, de modo geral, mais tranquila.

Pelo jeito, toda a diversão se concentrava no meio do salão, enquanto as mesas pelas quais passava agora pareciam povoadas pelos que tinham chegado ao estágio de suas vidas imortais em que preferiam relembrar a época em que costumavam lutar contra porcos mortos e trocar comentários sobre os pormenores técnicos do esporte, em vez de propriamente se engajarem.

Dirk entreouviu um dos integrantes desse outro grupo comentar que a pegada de três dedos com a mão esquerda espalmada no esterno do oponente era o mais importante naquela hora em que você estava prestes a desabar no mais completo estupor, ao que seu companheiro respondeu com um afável “Aham”.

Dirk parou e voltou atrás.

Encurvado em uma postura compenetrada sobre o prato de ferro, vestido com peles afiveladas emaranhadas e cheias de manchas que pareciam mais sujas e fétidas do que as roupas que trajava quando Dirk o encontrara pela última vez, estava o homem do saguão da King's Cross.

Dirk se perguntou como abordá-lo. Um rápido tapinha nas costas seguido de “Ei! Grande festa. Muito animada” era uma estratégia, mas ele não achava que fosse a mais adequada.

Enquanto se perguntava, uma águia mergulhou de repente e, batendo as asas com grande estardalhaço, aterrissou na mesa em frente ao velho, dobrou as asas e foi para cima dele, exigindo ser alimentada. Com facilidade, o homem puxou um pedaço de carne de um osso e o estendeu para o grande pássaro, que o apanhou com uma bicada incisiva porém precisa.

Dirk pensou que esse talvez fosse o segredo para uma aproximação amistosa. Inclinou-se sobre a mesa, pegou um naco de carne e o ofereceu também à águia, que o atacou, mirando o seu pescoço. O detetive foi obrigado a afugentar a criatura com o chapéu, mas pelo menos tinha conseguido quebrar o gelo.

– Aham – falou o homem, enxotando a águia e abrindo alguns centímetros de espaço no banco.

Embora não fosse um convite explícito, pelo menos era um convite. Dirk passou as pernas por sobre o banco e se sentou.

– Obrigado – falou, ofegante.

– Aham.

– Não sei se você se lembra, mas nós...

Nesse momento, um estrondo clamoroso ecoou por todo o salão de Valhalla. Era o som de um tambor sendo tocado, mas parecia um tambor de proporções colossais, como não poderia deixar de ser para se fazer ouvir acima da barulheira que tomava o salão. O ruído soou três vezes, em batidas lentas e pesadas, como se fosse o próprio coração do salão.

Dirk ergueu os olhos para ver de onde aquilo poderia estar vindo. Então notou que, na extremidade sul do salão, para onde ele estava indo antes, um grande balcão ou passarela se estendia quase de ponta a ponta. Havia alguns vultos ali, difíceis de visualizar por causa das águias e da névoa produzida pelo calor, mas Dirk teve a sensação de que qualquer pessoa que estivesse lá em cima governava todos os que estivessem embaixo.

Odin, pensou Dirk. Odin, o Pai de Todos.

Os sons festivos cessaram rapidamente, embora as reverberações da algazarra ainda tenham demorado vários segundos para desaparecerem por completo.

Quando se fez um silêncio sepulcral, carregado de expectativa, uma grande voz ressoou do balcão, espalhando-se pelo recinto:

– A Hora da Contestação está chegando ao fim. Ela foi convocada pelo grande deus Thor. Pela terceira vez pergunto: onde está Thor?

Um burburinho percorreu o salão, sugerindo que ninguém sabia a resposta e o motivo para Thor não ter vindo apresentar sua contestação.

– Essa é uma afronta muito grave à dignidade do Pai de Todos – continuou a voz. – Se não houver nenhuma contestação antes do fim desta hora, o castigo para Thor será igualmente grave.

O tambor voltou a tocar três vezes, intensificando a apreensão que pairava no salão.

– Ele está com uma garota – falou uma voz acima de todas as outras, o que causou gargalhadas escandalosas e fez retornar o burburinho anterior.

– É – disse Dirk baixinho –, imagino que esteja mesmo.

– Aham.

Dirk falava consigo mesmo e ficou surpreso ao provocar uma resposta no homem, embora não estivesse exatamente espantado com a reação dele.

– Foi Thor quem convocou esta reunião? – perguntou-lhe Dirk.

– Aham.

– Um pouco indelicado da parte dele não aparecer.

– Aham.

– Imagino que estejam todos bastante chateados.

– Não enquanto houver porcos suficientes para comer.

– Porcos?

– Aham.

Dirk não sabia muito bem como continuar a conversa a partir desse ponto.

– Aham – falou, resignado.

– É só Thor quem se importa, entende? – comentou o velho. – Vive convocando essa contestação, mas nunca consegue justificá-la. Não consegue argumentar. Fica confuso e irritado, faz alguma idiotice, se embanana todo e acaba recebendo uma punição. O resto das pessoas só aparece por causa dos porcos.

– Aham.

Dirk estava aprendendo toda uma nova técnica de conversação e ficou impressionado ao ver como era eficiente. Passou a encarar o homem com um respeito renovado.

– Sabe quantas pedras existem no País de Gales? – perguntou o homem de repente.

– Aham... – falou Dirk, desconfiado. Não conhecia essa piada.

– Eu também não. Ele não conta para ninguém. Manda você mesmo contar e vai embora emburrado.

– Aham. – Dirk não viu muita graça na piada.

– Então desta vez ele nem apareceu. Eu não o culpo. Mas é uma pena, porque acho que ele pode ter razão.

– Aham.

O homem caiu em silêncio. Dirk esperou.

– Aham – tornou a dizer, esperançoso.

Nada.

– Ahn, quer dizer que... – começou Dirk, tentando uma abordagem mais cautelosa – você acha que ele pode ter razão, certo?

– Aham.

– Entendo. O velho Thor pode ter razão, certo? A história é essa – insistiu Dirk.

– Aham.

– Em que sentido – perguntou Dirk, enfim perdendo a paciência – você acha que ele pode ter razão?

– Ah, em todos os sentidos.

– Aham – falou Dirk, derrotado.

– Não é segredo que os deuses estão passando por tempos difíceis – comentou o velho, taciturno. – Está claro para quem quiser ver, até mesmo para aqueles que só se importam com porcos, ou seja, a maioria. Quando você tem a sensação de que não é mais necessário, pode ser difícil pensar em outra coisa além do próximo porco, mesmo quando você costumava ter o mundo inteiro do seu lado. Todos simplesmente aceitam isso como algo inevitável. Quer dizer, todos exceto Thor. E agora ele desistiu. Nem se deu o trabalho de vir dividir um porco conosco. Abandonou sua contestação. Aham.

– Aham – fez Dirk.

– Aham.

– Então, ahn, essa contestação de Thor... – começou Dirk, hesitante.

– Aham.

– Do que se trata?

– Aham.

Dirk perdeu totalmente a paciência e partiu para a ignorância, furioso:

– Qual era a contestação que Thor queria apresentar a Odin?

O homem o encarou com uma surpresa vagarosa, examinando-o de cima a baixo com seus olhos grandes e caídos.

– Você é mortal, não é?

– Sim – respondeu Dirk com irritação –, eu sou mortal. É claro que sou. O que o fato de eu ser mortal tem a ver com isso?

– Como veio parar aqui?

– Eu segui você. – Ele sacou o maço de cigarro vazio e amassado do bolso e o colocou em cima da mesa. – Obrigado. Fico devendo essa.

Era um tipo bem medíocre de desculpa, pensou, mas foi o melhor que pôde fazer.

– Aham.

O homem desviou o olhar.

– Qual era a contestação que Thor queria apresentar a Odin? – insistiu Dirk, esforçando-se para que a impaciência não transparecesse em sua voz.

– Por que você quer saber? – questionou o velho com amargura. – Não passa de um mortal. Por que se importa? Já conseguiram o que queriam do acordo, você e sua raça, por menos que isso valha agora.

– Que acordo?

– Ora, o contrato que Thor afirma que Odin firmou.

– Contrato? Que contrato?

O homem assumiu uma expressão de raiva vagarosa. As fogueiras de Valhalla dançavam em seus olhos enquanto ele fitava Dirk.

– A venda de uma alma imortal – respondeu com um ar sombrio.

– O quê? – perguntou Dirk. Ele já havia cogitado essa ideia e a descartara. – Quer dizer que um homem vendeu a alma para ele? Que homem? Isso não faz sentido.

– Não, isso não faria o menor sentido. Eu falei uma alma *imortal*. Thor disse que Odin vendeu a alma ao Homem.

Dirk o encarou, horrorizado, então ergueu os olhos para o balcão. Algo estava acontecendo ali. O grande tambor voltou a bater e o salão de Valhalla caía em silêncio outra vez. Mas não houve uma segunda ou terceira batida. Algo inesperado devia ter ocorrido, pois as figuras no balcão se moviam de

forma um tanto confusa. A Hora da Contestação chegava ao fim, mas alguma espécie de contestação parecia ter chegado.

Dirk espalmou as mãos na testa e oscilou no banco à medida que a compreensão era absorvida.

– Não ao Homem, mas a *um* homem e a *uma* mulher. Um advogado e uma publicitária. Eu disse que tinha sido tudo culpa dela assim que a vi. Mas não me dei conta de que poderia ter razão. – O detetive se voltou para o seu companheiro e pediu em tom de urgência: – Tenho que ir lá para cima. Você precisa me ajudar, pelo amor dos deuses.

os pés no chão como um boxeador, mas como um boxeador que poderia estar prestes a causar um grande terremoto. Quando o martelo chegou ao alto da sua trajetória, Thor projetou o braço para baixo como um sinalizador de aviões e a arma despencou em direção ao mar revoltoso.

Isso pareceu acalmar o mar por alguns instantes, da mesma maneira que um tapa na cara acalma uma pessoa histérica. O momento passou. Uma imensa coluna líquida irrompeu de dentro d'água e, poucos segundos depois, o martelo se lançou para cima do seu centro em uma explosão, puxando consigo outra enorme coluna de água do meio da primeira.

O martelo deu uma cambalhota ao chegar à altura máxima, virou-se, girou e voltou depressa para o seu dono como um cãozinho eufórico. Thor o apanhou, mas, em vez de detê-lo, permitiu que o carregasse para trás. Juntos, os dois saíram rolando para trás pelas rochas por uns 100 metros até pararem em um monte de terra fofa.

No mesmo instante, Thor se pôs de pé. Começou a correr em círculos, saltando de uma perna à outra com passadas de quase 3 metros, girando o martelo ao seu redor com o braço esticado. Quando tornou a soltá-lo, ele zuniu em direção ao mar de novo, mas dessa vez rasgou a superfície em um semicírculo gigante, fazendo-o se erguer em torno da sua circunferência para formar por alguns instantes um gigantesco anfiteatro. Quando todo aquele volume de água desabou, ele quebrou como uma onda gigante, atingindo, enfurecido, a parede baixa do penhasco.

O martelo voltou para Thor, que o atirou novamente com o braço elevado acima do ombro. Voou em direção a uma rocha, produzindo uma faísca furiosa. Ricocheteou mais adiante e tirou uma faísca de outra rocha, e depois de outra. Thor se jogou para a frente, caindo de joelhos, e a cada rocha que o martelo atingia ele golpeava o chão com o punho para fazê-la se erguer de encontro à arma. As pedras soltavam faísca atrás de faísca. O martelo acertava-as com mais e mais força, até que uma das faíscas provocou um breve relâmpago de alerta nas nuvens.

Então o céu começou a se mover, devagar, como um grande animal enfurecido se desenroscando da toca. As faíscas continuavam a saltar do martelo, cada vez mais rápidas e intensas, fazendo relâmpagos descerem do céu para encontrá-las, e toda a terra começava a tremer com algo muito parecido com uma agitação temerosa.

Thor ergueu os cotovelos acima da cabeça e então os golpeou para baixo com força, soltando mais um urro retumbante em direção ao céu:

– O... *diiiiiiiiiiiiiiiiin!!!!*

O céu parecia prestes a rachar ao meio.

– Toe *Raaaaaaaaaag!!!!!!!!!!*

Thor se jogou no chão, levantando o equivalente a duas caçambas de terra rochosa. Tremia com uma raiva crescente. Com um gemido profundo, toda a lateral do penhasco começou a pender para a frente em direção ao mar à medida que ele empurrava e abalava o terreno. Poucos segundos depois, ela caiu pesadamente no mar revolto e tempestuoso abaixo, enquanto Thor escalava de volta, apanhava uma rocha do tamanho de um piano de cauda e a erguia sobre a cabeça.

Tudo pareceu ficar em suspenso por um breve instante.

Thor atirou a pedra no mar.

Ele recuperou o martelo.

– O... *diiiiiiiiiiiiiiiiin!!!!!!!!!!*

Uma torrente de água brotou do chão e o céu explodiu. Relâmpagos lampejavam como uma muralha de luz branca por quilômetros ao longo da costa em ambas as direções. Trovões rimbombavam como mundos em colisão e as nuvens vomitavam uma chuva que estilhaçava o solo. Thor se mantinha de pé em meio à tormenta, exultante.

Alguns minutos depois, a violência diminuiu. Uma chuva forte e constante continuava a cair. O céu clareava e os raios fracos da aurora começavam a atravessar a camada de nuvens dispersas.

Thor pôs-se a voltar, arrastando os pés e batendo as mãos uma na outra para limpar a lama delas. Pegou o martelo quando ele veio voando em sua direção.

Ao alcançar Kate, viu-a encarando-o, tremendo de espanto, medo e raiva.

– Que *droga* foi essa? – gritou ela.

– Eu só precisava perder as estribeiras decentemente – explicou. Como essa resposta não pareceu satisfazê-la, acrescentou: – Um deus tem todo o direito de se exibir de vez em quando, não tem?

A figura encolhida de Tsuliwaënsis veio correndo pela chuva na direção deles.

– Você é um menino bagunceiro, Thor. Muito bagunceiro.

Porém, Thor não estava mais ali. Quando elas olharam, imaginaram que ele fosse o pontinho que voava para o norte pelo céu que clareava.

capítulo 30

De cima do balcão, Cynthia Draycott olhava com repulsa para a cena que se desenrolava abaixo deles.

– Odeio isso. Não quero ter que aturar esse tipo de coisa na minha vida.

– E não precisa, minha querida – sussurrou Clive Draycott atrás dela, com as mãos pousadas nos seus ombros. – Vai ser tudo resolvido agora, e tudo vai dar certo. A situação não poderia ser melhor, na verdade. É exatamente o que queríamos. Sabia que você fica ótima com esses óculos? Combinam mesmo com você. Sério. São *muito* chiques.

– Clive, isso deveria ter sido resolvido desde o início. Não era para termos problemas; iríamos fazer o que precisava ser feito, lidar com as consequências e esquecer o assunto. Já tive aborrecimentos demais na vida. Agora só desejo que ela seja boa, cem por cento boa. Não quero nada disso.

– Exatamente. É por isso que o que está acontecendo é tão bom para nós. Tão perfeito. Trata-se de uma quebra de contrato. Vamos ter tudo o que sempre quisemos agora e estamos liberados de todas as obrigações. *Perfecto*. Vamos sair incólumes desta, com uma vida cem por cento boa. Cem por cento. E acima de qualquer suspeita. Bem como você queria. Sério, não poderia ser melhor. Confie em mim.

Cynthia abraçou o próprio corpo, contrariada.

– E quanto a essa nova... pessoa? É mais uma coisa que precisamos resolver.

– Isso vai ser fácil. *Muito* fácil. Ouça, não é nada. Temos duas opções: ou o colocamos na jogada ou o *tiramos* da jogada. Já estará resolvido antes de sairmos daqui. Podemos comprar algo para ele. Um sobretudo novo. Talvez uma casa nova. Sabe quanto vai nos custar? – Clive deu uma risada

charmosa. – Nada. Você nem vai precisar pensar no assunto. Não vai precisar nem pensar em não pensar no assunto. É... simples... assim. Ok?

– Hum.

– Já volto.

Ele se virou e foi para a antecâmara do salão do Pai de Todos, sorrindo por todo o caminho.

– Então, senhor... – ele fez toda uma cena para olhar o cartão de novo – ... Gently. Você está pensando em defender essas pessoas, correto?

– Esses deuses imortais – corrigiu Dirk.

– Está bem, deuses. Muito bem. Talvez você faça um trabalho melhor do que aquele maníaco vigarista com quem eu tive que lidar da primeira vez. Que figura pitoresca, esse tal de Sr. Rag, Sr. *Rag*. Realmente incrível. Ele fez tudo que podia, tentou todos os truques possíveis e imagináveis para me assustar e frustrar meus planos. Sabe como eu lido com pessoas assim? Simples: eu as ignoro. Se ele quiser jogar sujo, me ameaçar, fazer escândalo e incluir 517 subcláusulas que acha que pode usar para me pegar, tudo bem. Ele só está gastando meu tempo, mas e daí? Eu tenho tempo. Tenho todo o tempo do mundo para pessoas como o Sr. Rag. Porque sabe o que é mais louco? Sabe o que é o *mais* louco de tudo? O sujeito não conseguiria redigir um contrato de verdade nem que a vida dele dependesse disso. Sério. Nem que a vida... dele... dependesse... disso. E vou lhe dizer uma coisa, por mim tudo bem. Ele pode espernear quanto quiser, pois, depois que ele se cansar, eu o terei na palma da mão. Veja bem, eu redijo contratos para a indústria fonográfica. Perto disso, esses caras são fichinha. São selvagens primitivos. Você já esteve com eles. Já lidou com eles. São selvagens primitivos. São ou não são? Como os peles-vermelhas. Nem sabem o que têm nas mãos. Sabe de uma coisa? São sortudos de não terem encontrado um tubarão de verdade. Estou falando sério. Você sabe quanto custam os Estados Unidos? Você sabe quanto *custa* todo o país? Não sabe, nem eu. E posso lhe dizer por quê? O valor é tão irrisório que, se alguém nos contasse, dois minutos depois já teríamos esquecido. Sumiria completamente das nossas cabeças.

Clive fez uma pausa, então prosseguiu:

– Agora vou lhe dizer o que estou fazendo. Eu estou *provendo*. Provendo *de verdade*. Uma suíte privativa no Woodshed Hospital? Cuidados de primeira linha, comida e uma quantidade exorbitante de linho. *Exorbitante*.

Você poderia praticamente comprar os Estados Unidos pelos valores atuais de tudo isso. Mas sabe de uma coisa? Eu falei: se ele quer linho, que tenha linho. Vamos lhe dar. Não tem problema. Ele fez por merecer. Pode ter todo... o linho... que quiser. Só não venha foder comigo, isso não. Vou lhe contar uma coisa: esse cara tem uma vida boa. Uma vida *boa*. E acho que isso é o que todos nós queremos, não é? Uma vida boa. Ele sem dúvida queria. E não sabia como conseguir. Nenhum desses caras aqui sabia. Ficam meio perdidos no mundo moderno. É difícil para eles, e só estou tentando ajudar. São muito ingênuos... *realmente* ingênuos. Minha mulher, Cynthia... Você a conheceu... Ela é a melhor. Meu relacionamento com a Cynthia é *tão bom...*

– Não quero saber disso.

– Ok, muito justo. Nenhum problema. Só acho que vale a pena você saber de algumas coisas. Mas, se você prefere assim, tudo bem. Ok. Cynthia trabalha com publicidade. Você já sabe disso. Ela é sócia sênior de uma grande agência. Grande mesmo. Eles fizeram uma campanha famosa, muito famosa, uns anos atrás, em que um ator representa um deus em um comercial, vendendo uma coisa, sei lá o quê, um refrigerante qualquer, desses que fazem os dentes das crianças apodrecerem. Nessa época, Odin estava na pior. Morando nas ruas. Não conseguia dar um jeito na própria vida, pois não estava adaptado ao nosso mundo. Tanto poder, mas não sabia como usá-lo a seu favor aqui e agora. Lá vem a parte maluca. Odin vê essa propaganda na TV e pensa: “Ei, eu poderia fazer isso, sou um deus.” Ele acha que poderia ganhar um trocado fazendo um comercial. E você sabe quanto esse tipo de coisa paga: menos do que o valor dos Estados Unidos, se é que você me entende. Pense só nisso. Odin, o líder e a fonte de todo o poder de todos os deuses nórdicos, *acha que poderia ganhar um trocado fazendo um comercial de refrigerante*. E esse cara, esse *deus*, vai atrás de alguém que possa colocá-lo em uma propaganda. *Pateticamente* ingênuo. Mas também ganancioso... não nos esqueçamos disso.

O advogado pigarreou e continuou:

– Enfim, ele acabou indo parar nas mãos de Cynthia. Ela era uma simples executiva de contas na época, não lhe deu muita atenção, achou que fosse só um maluco, mas então ficou meio fascinada com a estranheza dele e me apresentou o sujeito. E sabe de uma coisa? A gente se deu conta de que

ele era o que afirmava ser: um deus de verdade com direito a todo o arsenal de poderes divinos. E não um qualquer, mas o maior dos deuses. Aquele de quem todos dependem para obter seus poderes. E queria fazer um comercial. Vamos repetir só para deixar bem claro: um *comercial*. Era inacreditável. Será que ele não sabia o que tinha nas mãos? Não fazia ideia do que conseguiria com seu poder? Pelo jeito, não. Vou lhe contar uma coisa, esse foi o momento mais extraordinário das nossas vidas. Ex... tra... ordinário. Cynthia e eu sempre soubemos que éramos, bem, especiais, e que algo especial aconteceria conosco, e lá estava a prova. Algo especial. Mas, veja bem, não somos gananciosos. Não queremos todo esse poder, toda essa riqueza. Quer dizer, estamos falando do mundo. Da porra... do mundo... inteiro. Poderíamos ser donos do mundo se quiséssemos. Mas quem quer ser dono do mundo? Pense só no trabalho que dá. Não queremos nem mesmo ser podres de ricos e ter que lidar com todos aqueles advogados e contadores. E olha que *eu* sou advogado. Ok, você pode contratar pessoas para lidar com os advogados e contadores para você, mas quem serão elas? Mais advogados e contadores. E, quer saber, nem queremos ter toda essa responsabilidade. É demais.

Clive balançou a cabeça e prosseguiu:

– Então eu tive uma ideia. É como quando você compra uma grande propriedade e vende o que não quer nela. Desse jeito, você consegue o que quer e um monte de outras pessoas também. Só que elas obtêm o que desejam através de você e se sentem um pouco em dívida e são lembradas disso porque assinaram um pedaço de papel que diz quanto devem se sentir em dívida. Então temos o dinheiro de volta para pagar pelos cuidados médicos particulares muito, muito, muito caros do Sr. Odin. Não temos muita coisa, Sr. Gently. Duas boas casas. Dois bons carros. Uma vida muito boa. Muito boa mesmo. Não precisamos de muito porque tudo de que necessitamos é sempre disponibilizado para nós. Os desejos são providenciados. Tudo o que exigimos... e me parece uma exigência muito razoável levando em conta as circunstâncias... é não saber mais nada a respeito do assunto. Recolhemos nossos modestos requisitos e nos despedimos com uma mesura. Tudo o que queremos é a mais absoluta paz e sossego, e uma boa vida, porque Cynthia às vezes fica um pouco nervosa. Ok.

O advogado fez uma pausa e continuou:

– E então o que aconteceu esta manhã? Bem no nosso quintal? *Bum*. É repugnante. Uma tramoia francamente repugnante. E sabe como foi? Vou lhe contar. Foi o seu amigo Sr. Rag outra vez. Ele tentou bancar o advogado para fazer um pequeno truque de vodu. Patético. Ele se diverte tentando desperdiçar meu tempo com todos esses truques, joguinhos e trapaças, então procura me intimidar apresentando uma fatura pelos serviços prestados. Isso não é nada. É trabalho inventado. Todos os advogados fazem o mesmo. Ok. Eu disse: “Vou aceitar sua fatura. Não importa o que seja. Me dê sua fatura que vou providenciar o pagamento. Não tem problema.” Então ele obedeceu.

Clive deu uma risadinha.

– Só mais tarde percebi que ela tem uma espécie de subtotal traiçoeiro incluído. E daí? Ele está tentando ser esperto. Me deu uma batata quente. Veja bem, a indústria fonográfica é cheia de batatas quentes. Você só precisa mandar alguém cuidar delas. Enquanto houver pessoas querendo subir na hierarquia da empresa, vai haver alguém disposto a resolver esse tipo de coisa. E, se merecerem o lugar que ocupam nessa hierarquia, bem, vão pedir para outra pessoa resolvê-la. Você recebe uma batata quente e passa adiante. Eu a passei adiante. Olha, conheço muita gente que ficaria *encantada* em cuidar desse tipo de coisa para mim. Foi muito engraçado ver como essa batata em especial foi passada adiante e como ela chegou longe. Aprendi muito sobre quem era inteligente e quem não era. Mas então ela veio parar bem no meu quintal, e sinto dizer que isso se enquadra na cláusula de penalização. O esquema que arranjamos com o Woodshhead é *muito* caro de manter e acho que os seus clientes acabaram de mandá-lo por água abaixo. Estamos com a faca e o queijo na mão. Podemos simplesmente cancelar tudo. Acredite, agora tenho tudo o que *já* poderia querer. Mas ouça, Sr. Gently, acho que você entende a minha situação. Nós fomos muito francos um com o outro, e fico feliz por isso. A questão é delicada, é claro, mas também estou em posição de fazer muitas coisas acontecerem. Então talvez possamos chegar a algum tipo de compensação. Qualquer coisa que você quiser, Sr. Gently, eu posso providenciar.

– Só quero ver você morto, Sr. Draycott – falou Dirk –, só quero ver você morto.

– Ora essa, vá se foder você também.

Dirk Gently deu meia-volta para sair dali e foi contar ao seu novo cliente que achava que eles talvez tivessem um problema.

capítulo 31

Pouco depois, um BMW azul-escuro se afastou discretamente do pátio deserto da estação de St. Pancras e seguiu pelas ruas silenciosas.

Um tanto desanimado, Dirk Gently colocou o chapéu e deixou seu recém-adquirido e recém-abandonado cliente, que disse que gostaria de ficar sozinho agora e talvez se transformar em um rato ou coisa parecida, como outras pessoas que ele conhecia.

Fechou as grandes portas atrás de si e foi devagar em direção ao balcão que dava vista para o salão abobadado de deuses e heróis chamado Valhalla. Chegou assim que os últimos retardatários das festividades começavam a partir, supostamente para ressurgir no mesmo instante na grande plataforma da estação de St. Pancras. Ficou olhando por algum tempo para o salão vazio, onde as fogueiras agora não passavam de brasas moribundas.

Precisou apenas girar minimamente a cabeça para fazer ele próprio a mesma transição e se viu parado em um corredor bagunçado e assolado pelo vento do Midland Grand Hotel vazio. Lá fora, no grande saguão sombrio da estação, avistou de novo os últimos retardatários arrastando os pés em direção às ruas frias de Londres para encontrar bancos feitos para ninguém dormir neles, e tentar dormir neles mesmo assim.

Dirk suspirou e tentou sair do hotel abandonado, tarefa que se mostrou mais difícil do que o esperado, pois ele era imenso, escuro e labiríntico. Por fim, achou a grande escada gótica em espiral que descia até os arcos gigantescos do saguão de entrada, decorado com esculturas de dragões e grifos e ornamentos pesados de ferro. A porta da entrada principal estava trancada havia anos e Dirk acabou descobrindo um corredor lateral e seguiu por ele até uma saída guardada por um homem suarento, que era o vigia da noite. Ele exigiu saber como Dirk tinha conseguido entrar no hotel e se

recusou a aceitar qualquer uma de suas explicações. No fim das contas, simplesmente o deixou ir embora, já que não havia muito mais a fazer.

Dirk andou até a entrada da bilheteria, depois até a estação propriamente dita. Ficou apenas parado por um tempo, olhando ao redor. Em seguida, saiu da St. Pancras e desceu os degraus que conduziã à rua. Ficou tão surpreso ao não ser atacado imediatamente por uma águia em voo rasante que tropeçou, cambaleou e foi atropelado pelo primeiro entregador de encomendas da manhã que passava de moto por ali.

capítulo 32

Com um grande estrondo, Thor atravessou a parede na extremidade oposta do grande salão de Valhalla e estava pronto para proclamar aos deuses e heróis ali reunidos que finalmente conseguira chegar à Noruega e encontrara uma cópia do contrato que Odin assinara enterrada bem fundo na encosta de uma montanha, mas não pôde fazer isso porque todos tinham ido embora.

– Não há mais ninguém aqui – disse para Kate, soltando-a.

Ele deixou os ombros caírem, desapontado.

– O qu... – começou a falar Kate.

– Vamos tentar os aposentos do velho – falou Thor, atirando o martelo para cima em direção ao balcão, com eles dois a reboque.

Cruzou os grandes aposentos, andando a passos firmes e arrogantes, ignorando os pedidos, protestos e xingamentos de Kate.

Odin não estava lá.

– Ele está aqui em algum lugar – disse Thor, furioso, arrastando o martelo atrás.

– O qu...

– Vamos atravessar de volta para o outro mundo – falou, pegando Kate novamente.

Eles giraram para fazer a travessia. De repente, viram-se em uma grande suíte de hotel.

Lixo e pedaços de carpete apodrecidos cobriam o chão, as janelas estavam imundas, negligenciadas havia anos. Cocô de pombo se espalhava por toda parte e a pintura descascada dava a impressão de que várias pequenas famílias de estrelas-do-mar tinham explodido nas paredes.

Em uma maca abandonada no meio do recinto, um velho estava deitado envolto em belos lençóis de linho recém-lavados, chorando do único olho que lhe restava.

– Eu encontrei o contrato, seu desgraçado! – vociferou Thor, brandindo o dito-cujo para ele. – Encontrei o acordo que você fez. Você *vendeu* todo o seu poder para... para um advogado, uma... uma publicitária e um monte de outras pessoas. Você roubou nosso poder! Não pôde roubar todo o meu porque sou forte demais, mas me manteve desnorteado e confuso e fez coisas ruins acontecerem todas as vezes que eu ficava com raiva. Me impediu de voltar para a Noruega usando todos os artifícios ao seu alcance porque sabia que eu encontraria *isto*! Você e aquele anão peçonhento, Toe Rag. Vocês abusam de mim e me humilham há anos e...

– Sim, sim, já sabemos disso tudo – interrompeu Odin.

– Ah... Que bom!

– Thor... – disse Kate.

– Bem, mas eu já tirei tudo isso do meu peito! – gritou Thor.

– Sim, entendo...

– Fui até um lugar onde eu pudesse extravasar minha raiva em paz, quando eu sabia que você estaria ocupado com outras coisas e esperando que eu estivesse aqui, então gritei à beça, causei um pouco de destruição e estou bem agora! E vou começar rasgando isto!

Foi o que o Deus do Trovão fez, jogando os pedaços no ar e os queimando com um olhar.

– Thor... – tentou de novo Kate.

– E vou consertar tudo o que você fez para que eu tivesse medo de ficar com raiva. A pobre garota do balcão de check-in que foi transformada em uma máquina de refrigerante. *Pá, pum!* Pronto, ela está de volta. O caça que tentou me abater quando eu estava voando para a Noruega! *Pá, pum!* Pronto, ele está de volta. Está vendo? Recuperei o controle sobre mim mesmo.

– Que caça? – perguntou Kate. – Você não me contou sobre caça nenhum.

– Ele tentou me abater quando eu atravessava o mar do Norte. Nós nos enfrentamos e, no calor do momento, eu... bem, eu o transformei em uma águia que tem me incomodado desde então. Agora isso já está resolvido.

Não me olhe assim. Eu fiz o que pude. Cuidei da mulher dele fazendo-a ganhar aquela tal de loteria. Olha – acrescentou, irritado –, tudo isso tem sido muito difícil para mim, sabia? Muito bem, o que mais?

– Meu abajur – disse Kate baixinho.

– E o abajur de Kate! Que ele deixe de ser um gatinho! *Pá, pum!* O desejo de Thor é uma ordem! Que barulho é esse?

Um brilho avermelhado se espalhava pelo horizonte londrino.

– Thor, acho que tem algo errado com o seu pai.

– Espero muito que sim. Ah. O que houve? Pai? Você está bem?

– Eu tenho sido muito, muito tolo e insensato – falou Odin aos prantos.

– Tenho sido cruel, perverso e...

– Sim, é o que eu acho também – interrompeu Thor, sentando-se na beirada da cama. – Então, o que você vai fazer a respeito?

– Não sei se conseguiria viver sem meu linho, sem a irmã Bailey e... Faz tanto, tanto tempo, e eu estou muito, mas muito velho... Toe Rag disse que eu deveria matar você, mas eu... eu preferiria me matar antes. Ah, Thor...

– Ah. Entendo. Bem, não sei o que fazer agora. Destruir. Mandar tudo pelos ares.

– Thor...

– O que foi?

– Thor, é muito simples o que você precisa fazer a respeito do seu pai e do Woodshead – falou Kate.

– Ah, é? O quê?

– Vou lhe contar, mas com uma condição.

– É mesmo? Que condição?

– Que você me diga quantas pedras existem no País de Gales.

– O quê?! – exclamou Thor, indignado. – Jamais! Estamos falando de anos e anos da minha vida!

Kate deu de ombros.

– Não! – gritou Thor. – Tudo menos isso! Além do mais – acrescentou, emburrado –, eu já lhe contei.

– Não, não contou.

– Conte, sim. Eu disse que perdi a conta em algum lugar no condado de Mid Glamorgan. Ora, você acha eu iria começar tudo de novo? Pense, garota, pense!

capítulo 33

Duas figuras seguiam pelo território hostil ao nordeste de Valhalla – um emaranhado de trilhas que pareciam apenas conduzir a outras trilhas e, por fim, de volta às primeiras para tentar outra vez. A primeira era uma criatura grande, estúpida e violenta com olhos verdes e uma foice presa ao cinto que muitas vezes impedia seriamente seu avanço; a segunda era uma criaturinha alucinada que ia agarrada às costas da maior, instigando-a a seguir em frente enquanto, na verdade, o impedia ainda mais de avançar.

Elas chegaram enfim à construção longa, baixa e fedorenta em que entraram correndo e gritando por cavalos. O velho mestre do estábulo apareceu, reconheceu-os e, por já ter sido informado do seu infortúnio, a princípio se recusou a ajudá-los. A foice lampejou no ar e a cabeça do mestre saltou para cima, surpresa ao ver o corpo dar um passo para trás, cambaleiar e, por falta de qualquer instrução em contrário, cair para trás sozinho. A cabeça saiu quicando em direção ao feno.

Os agressores se apressaram a atrelar dois cavalos a uma carroça e saíram com estardalhaço do pátio do estábulo rumo à pista mais ampla que seguia na direção norte.

Durante cerca de 1,5 quilômetro, progrediram bem pela estrada; Toe Rag instigava os cavalos freneticamente com um chicote longo e cruel. Alguns minutos depois, no entanto, os animais começaram a desacelerar e olhar à sua volta, aflitos. Toe Rag os açoitou com mais força, porém eles ficaram ainda mais ansiosos. De repente, perderam o controle e se empinaram, aterrorizados, virando a carroça e derrubando os ocupantes. Os dois saltaram de pé imediatamente, enfurecidos.

Toe Rag gritou com os cavalos apavorados e, com o canto do olho, viu o que os perturbava.

Não era tão aterrorizante assim. Era apenas uma caixa de metal grande e branca, caída em cima de um monte de lixo à beira da estrada, sacudindo.

Os cavalos se empinavam e tentavam se afastar correndo da grande coisa chacoalhante, mas estavam totalmente embolados em seus arreios. O máximo que conseguiam fazer era se debater e se emaranhar ainda mais. Toe Rag logo percebeu que não conseguiria acalmá-los se não resolvesse a questão da caixa antes.

– Seja lá o que for essa coisa – guinchou para a criatura de olhos verdes –, mate-a!

Olhos Verdes soltou a foice do cinto e escalou o monte de lixo. Ele chutou a caixa, mas isso só fez com que ela chacoalhasse ainda mais. Apoiou o pé atrás dela e, fazendo força, a empurrou de cima do monte. Ela deslizou cerca 30 centímetros, tombou e rolou até o chão. Ficou caída lá por alguns instantes até que a porta, finalmente desimpedida, se escancarou. Os cavalos relincharam de medo.

Toe Rag e o capanga se aproximaram da coisa com uma curiosidade ansiosa, então cambalearam para trás, horrorizados, quando um grande e poderoso novo deus emergiu das entranhas.

capítulo 34

Na tarde seguinte, a uma distância confortável de todos esses acontecimentos, e também a uma distância confortável de uma janela de boas proporções que a luz da tarde atravessava, um velho caolho estava deitado em uma cama branca. Um jornal podia ser visto caído no chão como uma tenda meio desarmada, no exato ponto onde tinha sido atirado dois minutos antes.

O homem estava acordado, mas preferiria não estar. Suas mãos frágeis se fechavam um pouco sobre os lençóis de linho branco e tremiam de forma quase imperceptível.

Seu nome variava de acordo com a ocasião: Sr. Odwin, Wodin ou Odin. Ele era – é – um deus, um deus confuso e alarmado.

Estava confuso e alarmado por conta da matéria que falava que outro deus estava à solta, causando um tremendo estrago. Isso não era dito no jornal, é claro, mas apenas o que acontecera na noite anterior, quando um caça desaparecido misteriosamente irrompera a toda a velocidade de dentro de uma casa em que nunca poderia ter cabido, no norte de Londres. A aeronave perdera as asas de imediato e entrara em queda livre, colidindo com o meio da rua principal e explodindo. O piloto conseguira se ejetar durante os poucos segundos em que estivera no ar e aterrissara, abalado, contundido, mas no geral ileso, balbuciando sobre homens estranhos com martelos voando sobre o mar do Norte.

Felizmente, por causa do horário em que o desastre inexplicável acontecera, as ruas estavam quase desertas. Apesar dos grandes danos às propriedades, as únicas vítimas fatais tinham sido os ainda não identificados ocupantes de um suposto BMW supostamente azul, embora a natureza um tanto extrema do acidente não permitisse afirmar com certeza.

Odin estava muito, muito cansado e não queria pensar nisso, não queria pensar sobre a noite anterior, não queria pensar em nada que não fossem os lençóis de linho e como era maravilhoso quando a irmã Bailey os ajeitava ao seu redor como acabara de fazer, cinco minutos antes, e também dez minutos antes disso.

A garota americana, Kate Sei Lá do Quê, entrou no quarto. O deus queria que ela o deixasse dormir. A mulher falava que estava tudo resolvido. Deu-lhe os parabéns por ele ter uma pressão sanguínea extremamente elevada, altos níveis de colesterol e um coração muito debilitado, por isso o hospital ficaria muito feliz em aceitá-lo como paciente pelo resto da vida em troca de todo o seu patrimônio. Eles nem se importaram em saber qual era o valor, pois bastaria para cobrir uma estadia tão breve quanto a dele provavelmente seria.

Kate parecia esperar que Odin ficasse feliz com a notícia, portanto ele assentiu, murmurou um agradecimento e se deixou levar alegremente pelo sono.

capítulo 35

Na mesma tarde, Dirk acordou, também no hospital, vítima de uma leve concussão, arranhões, hematomas e uma perna quebrada. Ao ser internado, ele teve grande dificuldade em explicar que a maioria dos ferimentos tinha sido causada por um rapazinho e uma águia, e que, na verdade, ser atropelado por uma moto fora uma experiência relativamente tranquila, pois envolvia ficar deitado a maior parte do tempo e não ser atacado por aves de rapina de dois em dois minutos.

Passou a maior parte da manhã sedado – ou seja, dormindo – e tendo pesadelos terríveis em que Toe Rag e um gigante de olhos verdes que carregava uma foice fugiam de Valhalla na direção nordeste, onde eram subitamente abordados e devorados por um recém-criado e gigantesco Deus da Culpa, que enfim tinha escapado do que parecia, de forma muito suspeita, uma geladeira caída em uma caçamba de lixo.

Ficou aliviado ao ser acordado desse sonho por um alegre “Ah, então é você? Você roubou meu livro”.

Abriu os olhos e foi saudado pela visão de Sally Mills, a garota que o abordara bruscamente em um café no dia anterior pelo simples motivo de que ele roubara o seu café.

– Bem, fico feliz que tenha seguido o meu conselho e vindo ao hospital para cuidar do nariz – falou ela enquanto se ocupava de seus afazeres. – Você parece ter dado uma volta e tanto para chegar até aqui, mas o importante é que veio. Chegou a encontrar a garota que estava procurando? Por incrível que pareça, você está no mesmo leito em que ela ficou. Se voltar a encontrá-la, talvez possa lhe entregar esta pizza que ela pediu antes de ir embora. Já está fria, mas o entregador disse que ela insistiu muito que fosse entregue.

Sally balançou a cabeça e prosseguiu:

– Não me importo que você tenha roubado o livro. Não sei por que os compro, na verdade. Não são muito bons, mas todo mundo os compra, não é? Parece que existe um boato que o autor fez um pacto com o diabo ou coisa parecida. Não acredito nisso, prefiro outra história que ouvi a respeito. Dizem que, quando está hospedado em hotéis, ele pede que galinhas sejam entregues no seu quarto e ninguém tem coragem de perguntar por que ou para quê, pois ninguém nunca mais vê uma pena sequer. Bem, já conheci uma pessoa que sabe exatamente o motivo. Ela se dava o trabalho de apanhar as galinhas do quarto dele às escondidas. O que Howard Bell ganha com isso é a reputação de ser um homem estranho e demoníaco, então todos compram os livros. Eu faria o mesmo, se pudesse. Enfim, imagino que você não vá querer que eu fique falando no seu ouvido a tarde inteira, e mesmo que queira, tenho coisas melhores a fazer. A freira disse que você provavelmente será liberado esta noite, logo vai poder ir para casa e dormir na própria cama, o que sem dúvida deve achar muito melhor. Enfim, estimo as suas melhoras. Fique com estes jornais para você.

Dirk pegou-os, feliz por ser enfim deixado em paz.

Consultou primeiro o horóscopo para ver o que o Grande Zaganza tinha a dizer sobre o seu dia: “Você é muito gordo, burro e teimoso e usa um chapéu ridículo de que deveria se envergonhar.”

Ele grunhiu baixinho ao ler isso, então consultou o horóscopo do outro jornal: “Hoje é um dia para aproveitar o conforto do lar.”

Sim, pensou Dirk, ele ficaria feliz em voltar para casa. Continuava estranhamente aliviado por ter se livrado da velha geladeira e estava ansioso por iniciar essa nova fase como proprietário do modelo novinho em folha instalado em sua cozinha.

A questão da águia ainda estava pendente, mas ele se preocuparia com isso mais tarde, quando chegasse em casa.

Foi até a primeira página do jornal para ver se havia alguma notícia interessante.



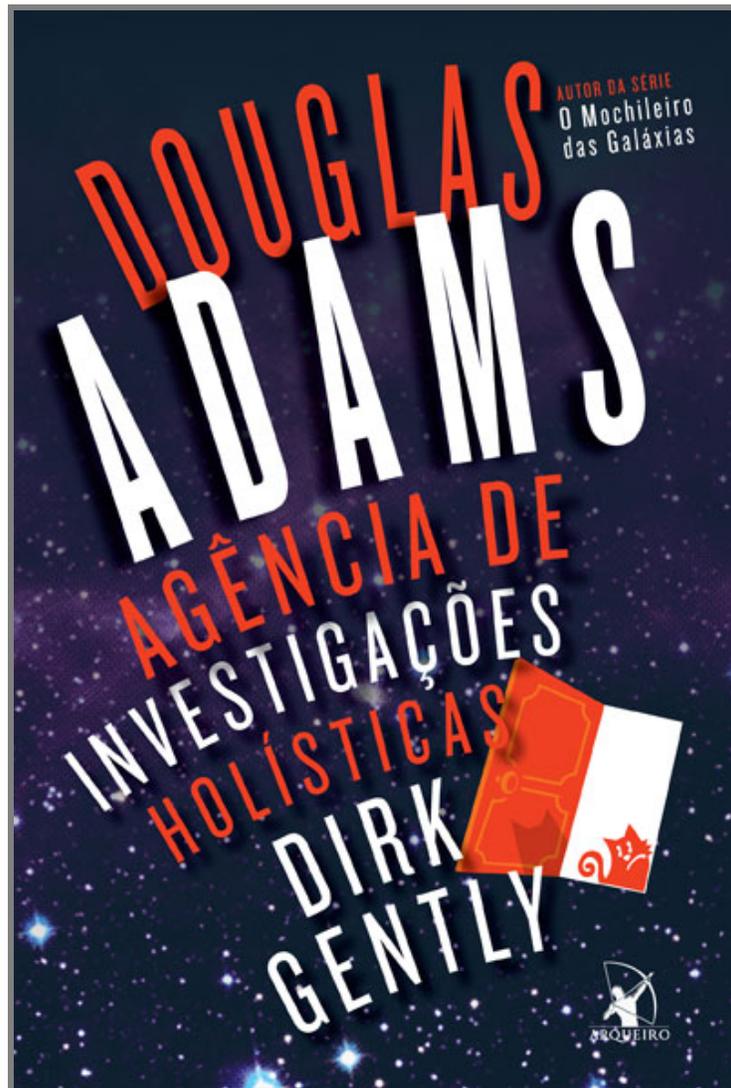
sobre o autor



DOUGLAS ADAMS é autor da famosa série O Mochileiro das Galáxias – cujos títulos incluem *O Guia do Mochileiro das Galáxias*; *O Restaurante no Fim do Universo*; *A Vida, o Universo e Tudo Mais*; *Até Mais, e Obrigado pelos Peixes!* e *Praticamente Inofensiva* –, publicada pela Arqueiro. As aventuras de seu detetive irônico se iniciam em *Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently* e, infelizmente, têm seu fim num dos textos do livro *O Salmão da Dúvida*, com a morte de Adams aos 49 anos, em 2001.

www.douglasadams.com

CONHEÇA O PRIMEIRO LIVRO DA SÉRIE



AGÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES HOLÍSTICAS DIRK GENTLY

Richard MacDuff é um engenheiro de computação perfeitamente normal que sempre se comportou muito bem, obrigado, até o dia em que deixa uma mensagem equivocada na secretária eletrônica de sua namorada, Susan Way.

Arrependido, toma a decisão mais natural possível: escalar o prédio dela e invadir seu apartamento para roubar a fita com a gravação.

Na vizinhança, Dirk Gently bisbilhota os arredores com seu binóculo quando presencia o ato tresloucado do antigo colega de faculdade e decide entrar em contato para lhe oferecer seus serviços investigativos. Depois de uma série de acontecimentos bizarros, o detetive percebe uma interconexão obscura entre a atitude estapafúrdia do amigo e o assassinato de Gordon Way – irmão de Susan e chefe de Richard, que passa a ser suspeito do crime.

De uma hora para outra, os dois veem-se envolvidos num caso incrivelmente estranho, com elementos díspares e desconexos que, no final, conseguem se encaixar de forma perfeita e construir uma trama típica de Douglas Adams.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça o primeiro livro da série](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)